



Escola de Ciências Sociais e Humanas

**Copos, corpos e afetos: Gênero, sexualidade e imigração no
contexto das Casas de Alterne**

Lira Turrer Dolabella

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Antropologia

Orientador(a):

Prof. Doutora Maria Antónia Pedroso de Lima
Professora Auxiliar, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador(a):

Prof. Doutora Adriana Gracia Piscitelli
Pesquisadora, UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

Setembro, 2015

**Copos, corpos e afetos: Gênero, sexualidade e imigração no
contexto das Casas de Alterne**

Lira Turrer Dolabella

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Antropologia

Júri:

Doutora Alexandra Maria da Silva Oliveira, Professora Auxiliar da Universidade do
Porto

Doutora Susana de Matos Viegas, Investigadora Auxiliar do Instituto de Ciências
Sociais da Universidade de Lisboa

Doutora Simone Frangela, Investigadora de Pós-Doutoramento do Instituto de Ciências
Sociais da Universidade de Lisboa

Doutor Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida, Professor Associado com
Agregação do ISCTE-IUL

Doutora Maria Antónia Pedroso de Lima, Professora Auxiliar do ISCTE-IUL
(Orientadora)

Setembro, 2015

Investigação apoiada pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – através da bolsa de Doutorado pleno no exterior. Tese realizada no âmbito do projeto “O cuidado como factor de sustentabilidade em situações de crise.” FCT PTDC/CS-ANT/117259/2010, IR Antónia Pedroso de Lima.

Resumo

Este trabalho é resultado de uma investigação etnográfica realizada entre 2010 e 2015 sobre o universo de experiências de brasileiras que trabalham em bares de alterne em Portugal. Bares de alterne são estabelecimentos direcionados ao público masculino onde o trabalho das mulheres é entreter e fazer companhia aos clientes induzindo-os ao consumo. Lanço aqui um olhar multidimensional sobre a vida de onze mulheres brasileiras envolvidas com esta atividade, prestando especial atenção: no processo migratório e na condição de imigrante em Portugal; nas relações familiares reconfiguradas pela situação transnacional; nas performances e estratégias nas interações com os clientes dentro e fora dos bares. A centralidade deste estudo está em compreender os processos de ressignificações identitárias que este campo de sociabilidades produz, sobretudo no que diz respeito às percepções e objetificações sobre a sexualidade. Desde os estereótipos calcados numa alteridade tropicalizada, passando pela desvalorização social do uso instrumental da intimidade, ao elogio da maternidade e do cuidado dedicado à família, os dilemas aqui analisados estiveram sempre relacionados com as formas com que a sexualidade da mulher é produzida, percebida e vivida no ocidente contemporâneo. Em efeito, foi fundamental compreender as maneiras pelas quais as colaboradoras são circunscritas socialmente em relação às estruturas de gênero, sexualidade, nacionalidade, raça e classe. A partir daí, foi possível evidenciar não só a influência desse posicionamento social nas vivências das mulheres mas também como elas mobilizam as desigualdades transformando-as em recursos que desestabilizam os focos de poder e abrem brechas para negociações e possibilidades de ação.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Imigração; Mercado Sexual

Abstract:

This work is the result of an ethnographic research held between 2010 and 2015 about the universe of experiences lived by Brazilian women who work in “Bares de Alterne” in Portugal. Bares de Alterne are gentleman's clubs where the woman's job is to entertain the customers and to make them to consume. This study presents a multidimensional outlook over the life of eleven Brazilian women involved in such activity paying special attention to: the migratory process and the condition of being a migrant in Portugal; the kin relations reshaped by the transnational situation; the performances and strategies employed in the interactions with the customers inside and outside the bars. The main objective of the research is to analyze and to understand the processes of identities resignification produced in this context, especially regarding the perceptions and objectifications women in this field make about sexuality. From the stereotypes based in a tropicalized otherness, passing by the social depreciation of the instrumentalization of intimacy, to the exaltation of motherhood and the care for the family, all the dilemmas analyzed here have been related with the ways that woman's sexuality is produced, understood and lived in the contemporaneous western society. Nevertheless it was very important to understand the ways the subjects of this research are socially placed within the structures of gender, sexuality, nationality, race and class. From then on it was possible to highlight not only the influence of the social positioning in the life of these women but also the ways they convert the inequalities into resources that destabilize the power and open possibilities of negotiation and agency.

Key-words: Gender; Sexuality; Immigration; Sex market.

Agradecimentos:

*É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo,
Para viver como uma,
Para escrever sobre elas (autor desconhecido).*

Não poderia deixar de abrir os agradecimentos com o meu muito obrigada às corajosas mulheres que colaboraram nesta pesquisa. Agradeço por me propiciarem um acesso privilegiado às suas vidas, à sua intimidade, por me confiarem segredos, por todos os casos contados, por compartilharem comigo momentos de trabalho, de lazer, de choro e riso. Levarei para o resto da vida tudo o que aprendi com vocês, um aprendizado tão grande que não cabe somente dentro desta tese. Agradeço especialmente a Cláudia Santos, uma super mulher que, além de ter sido peça fundamental para a realização deste trabalho, se tornou uma grande amiga por quem eu tenho enorme admiração e carinho.

Agradeço também o Rui, meu principal informante, por todo o tempo e atenção disponibilizados, pelo bom humor de sempre, pelos conhecimentos e contatos compartilhados e por ter me apresentado às amigas e aos amigos que também participaram nesta pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, Doutora Antónia Pedroso Lima, pelo excelente trabalho de orientação, pela gentileza, paciência e generosidade durante o longo processo de realização desta pesquisa. Foi realmente um grande privilégio poder contar com a competência profissional da Antónia e, ao mesmo tempo, com suas qualidades pessoais tão admiráveis, entre elas, a simpatia, a simplicidade, a sensibilidade e um otimismo muito reconfortante que me salvou de verdadeiros ataques de pânico e ansiedade. Obrigada!

Agradeço também imensamente a Doutora Adriana Piscitelli por todas as críticas e considerações que foram de suma importância na conclusão deste trabalho. É um privilégio enorme ter como co-orientadora e responsável pelo meu projeto no Brasil uma autoridade internacional na área de estudos em que esta tese se enquadra.

Este trabalho nunca teria sido possível sem o apoio incondicional de duas

peessoas muito importantes nesta fase e em todas as outras que vivi: minha mãe, Jane das graças Turrer e minha irmã, Kali Turrer Dolabella. Elas são minhas melhores amigas, companheiras de vida, de luta, de feminismos, de questionamentos, de polêmicas e de filosofias de bar. Obrigada pela amizade e pela energia positiva inesgotável, por serem minhas leitoras assíduas, por terem contribuído ativamente em todo este processo, por sempre acreditarem em mim e nunca me deixarem duvidar de minhas capacidades. Agradeço também o meu pai, Max Machado Dolabella, meus irmãos, Pedro Barros e Jean Dolabella, minha eterna “boadrasta” Juliana Caldeira, e minha sobrinha Amanda Dolabella, porque tudo o que sou hoje tem um pouquinho de cada um de vocês.

Do lado de cá do oceano eu formei uma pequena família a quem eu não poderia deixar de agradecer. Rodrigo Saturnino, Suzana Maciel, Daiane Lopes e Marcelo Valadares, que estiveram comigo desde o início desta aventura, e Camila Teles, Juliana Souza e Kelly Tonaco que entraram nela um pouco depois. Obrigada pela amizade, companheirismo, diversão, generosidade, suporte emocional, partilha e amor. Vocês fizeram dessa experiência uma viagem divertida e inesquecível e somaram forças para que os momentos de dor, angústia e dificuldades pudessem ter sido superados. Vocês são demais! Agradeço também todo o apoio e as necessárias “puxadas de orelha” da minha grande amiga Alice Lima, que sempre esteve incrivelmente presente, mesmo de longe.

Agradeço os amigos e colegas do ISCTE, em especial, Pedro Pombo, Andrea Moreira e Paula Togni (*in memoriam*). O trabalho é muito mais prazeroso e leve quando temos a companhia de gente fixe e interessante como vocês, obrigada! Gostaria ainda de dizer que a partida precoce da Paulinha deixou um vazio imenso entre nós.

Agradeço também a todo o pessoal do CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia – e o Departamento de Antropologia do ISCTE-IUL.

Agradeço a todos os pesquisadores do projeto "O cuidado como fator de sustentabilidade em situações de crise", financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia, PTDC/CS-ANT/117259/2010 pelas produtivas discussões que contribuíram imensamente não só para a realização deste trabalho mas para a minha trajetória acadêmica como um todo.

E, finalmente, agradeço imensamente o meu companheiro, Xavier Rigaux, que acompanhou de perto todos estes anos da pesquisa, me apoiando nos momentos de angústia, ansiedade e estresse e celebrando comigo cada pequena vitória. Obrigada pelo amor, amizade e companheirismo. Foi muito reconfortante tê-lo ao meu lado durante todo esse processo. Devo dizer ainda que sua presença deixou tudo mais bonito e mais feliz.

Índice

INTRODUÇÃO.....	3
1.A construção do campo de pesquisa e as condições de produção de conhecimento científico.....	3
1.1.Meu encontro com o terreno e a pesquisa exploratória.....	3
1.2.As meninas que ganham bebendo copos.....	6
1.3.O retorno ao campo, a reconstrução do mesmo e algumas considerações sobre as metodologias adotadas.....	9
2.Algumas considerações sobre termos, conceitos e categorias.....	16
2.1.Alteres: prostitutas disfarçadas?.....	16
2.2.Raça, etnicidade e nacionalidade.....	21
2.3.Gênero, sexualidade e poder no terreno do trabalho sexual.....	28
3.Organização da dissertação.....	32
CAPÍTULO 1 – As meninas da noite: apresentação do campo.....	36
1.O primeiro dia de Gabi: de quando as meninas “entram na noite”.....	36
2.As meninas.....	45
3.De meninas a raparigas: o projeto migratório e sua realização.....	63
4.Brasileiras e alternadeiras: entre diferença, desigualdade e poder.....	72
5.Ser brasileira em Portugal: quando a identidade nacional é racializada.....	75
6.Quando as tensões de gênero e sexualidade se intersectam ao fenômeno da imigração brasileira em Portugal: As mães de Bragança e o caso de Viviane.....	81
6.1.As mães de Bragança.....	81
6.2. O caso de Viviane.....	88
CAPÍTULO 2 - “Quem ama cuida”: Sobre a família e o cuidado transnacional.....	93
1.“Só o amor de mãe é verdadeiro”: a família transnacional e a manutenção dos laços afetivos.....	93
2.Algumas considerações teóricas sobre o cuidado.....	95
3.Sobre o cuidado transnacional.....	101
4.Maternidade e trabalho sexual em Portugal e algumas inquietações acerca da literatura existente.....	113
4.1.Por que prostituta?.....	114
CAPÍTULO 3 – Clientes e namorados: entre sexo, amor e ajuda.....	122
1.Os clientes.....	122
2.Bebem um copo, pagam um copo: o que dizem os clientes?.....	128
3.“O conto de fadas acabou, amor não enche barriga”: Sobre o cliente-namorado.....	141
3.1.Alguns breves relatos sobre as meninas e seus clientes-namorados.....	142
4.Uma questão de prioridades: quando não há mais espaço para o amor romântico..	146
5.A passagem de objeto a sujeito da troca: o tornar-se puta e a problematização desta definição.....	157

Copos, corpos e afetos

6.O intercâmbio econômico-sexual enquanto estrutura da sexualidade feminina.....	167
CAPÍTULO 4 – “Senhora na sala e puta na cama”: Feminilidades, performances, estratégias e o gerenciamento das identidades.....	174
1.O que a brasileira tem? Feminilidades em cena.....	174
2.“As brasileiras estragaram o negócio”: disputas identitárias e de poder entre colegas de nacionalidades distintas.....	183
3.Passionais ou materialistas: as noções sobre a “natureza” emocional das brasileiras.....	188
CAPÍTULO 5 – Patroas que são mães, amigas que são irmãs: O mundo social sob a lógica de família.....	196
1.Quando a patroa encarna o papel de mãe: relações laborais a partir da metáfora de família.....	196
2. “Fazemos dessa casa de alterne um pequeno mundo de coração aberto”: A casa da mãe Kikas.....	198
2.1.Sobre funcionamento, serviços e relações laborais.....	205
2.2.O modelo familiar enquanto normatizador dos espaços de sociabilidades.....	208
3.Tina, <i>the Mama</i>	211
4.“Ela era como uma irmã pra mim”: Lealdade e solidariedade como compromisso e o peso da reciprocidade entre amigas.....	221
4.1.Lealdade e fraternidade acima de tudo: a briga entre Gabi e Bela.....	222
4.2.Mariana, Bárbara e o preço da reciprocidade.....	228
5.Trabalho e amizades segundo a metáfora de família: amarrando o debate.....	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	236
1.Sexualidade e identidade: ser brasileira em Portugal.....	239
2.Sexualidade e feminilidade: beber copos e agradecer os homens.....	240
3.Sexualidade, afetividade e interesse: os clientes-namorados.....	242
4.Sexualidade e reprodução: as mulheres como cuidadoras.....	245
BIBLIOGRAFIA.....	249

INTRODUÇÃO

1. A construção do campo de pesquisa e as condições de produção de conhecimento científico.

1.1. Meu encontro com o terreno e a pesquisa exploratória.

O presente trabalho é resultado de uma investigação empírica realizada no âmbito do Doutorado em Antropologia entre 2010 e 2015 sobre o universo de experiências de brasileiras que trabalham em casas de alterne em Portugal. Bares, casas ou clubes¹ de alterne são estabelecimentos direcionados ao público masculino onde o trabalho das mulheres é entreter os clientes e induzi-los ao consumo. As mulheres ganham comissão sobre cada bebida que é paga a elas, pelos clientes, em troca de sua companhia dentro dos bares. Vale ressaltar que o sexo não está inscrito na atividade da alterne e não é permitido dentro dos clubes. A casa lucra principalmente com o superfaturamento do preço das bebidas que podem ser oferecidas às mulheres.

A centralidade deste trabalho está em compreender como o desempenho da atividade de alterne e as dinâmicas de sociabilidade produzidas neste contexto reconfiguram as maneiras com que as migrantes percebem e vivenciam suas identidades, sobretudo no que diz respeito às ressignificações e objetificações acerca da sexualidade. Em efeito, tornou-se igualmente central compreender como os sujeitos da pesquisa são circunscritos e posicionados socialmente em relação às estruturas de gênero, sexualidade, nacionalidade, raça e classe no contexto migratório.

O processo de construção desta pesquisa teve início mais cedo, em meados de 2008, um pouco após a minha chegada em Portugal, época em que comecei a realizar

1 Utilizo os termos bar, casa ou clube de alterne como sinônimos. Trata-se apenas de um recurso estético para evitar repetições no texto.

Copos, corpos e afetos

um trabalho de exploração do terreno que resultou na minha tese de Mestrado (Dolabella 2010). Guardando devidamente os receios e o cuidado em não fazer deste texto introdutório uma viagem autobiográfica, acredito que a articulação de algumas experiências pessoais ao processo de construção desta pesquisa seja relevante. É precisamente na problematização desta trajetória pessoal que se encontra o ponto de partida para discutirmos as condições de produção do conhecimento científico realizada neste trabalho.

Meus primeiros meses em Lisboa foram marcados por encontros frequentes com situações que revelavam certas tensões de gênero implicadas no fenômeno da imigração brasileira em Portugal. Comecei a perceber que a visível presença de estigmas e estereótipos associados às mulheres brasileiras era centrada na ideia de uma suposta sexualidade exacerbada – que cerca as brasileiras de atributos como sensual, aberta, quente, que gosta muito de sexo – e, no extremo destas percepções, uma sexualidade desviante – a puta.

Entretanto, já com alguma noção de que os estereótipos são produzidos por relações assimétricas de poder e que, portanto, não são responsabilidade das pessoas estereotipadas, comecei a me interessar sobre essa temática uma vez que me via diretamente implicada na mesma.

Tomei então conhecimento de um fato ao qual era totalmente alheia antes de migrar: o fato do número de brasileiras que trabalham no mercado sexual em Portugal ser bastante expressivo (cf. Santos, Gomes, Duarte, Baganha 2008; Ribeiro, Silva, Ribeiro, Sacramento, Schouten 2008; Silva, Bessa Ribeiro 2010). Num primeiro momento, essa informação chegou até a mim através de conversas informais com pessoas em diversos contextos, mas foi só depois que eu aluguei o primeiro quarto em Lisboa que eu própria tive algum contato com essa realidade. A minha nova morada localizava-se em uma zona de prostituição da cidade, o que me proporcionou um “encontro” com este cenário antes ignorado por mim.

Diariamente, ao andar pelos arredores da casa em que vivia, nas proximidades do Largo do Marquês de Pombal, eu reconhecia, pelo sotaque, as minhas conterrâneas

Copos, corpos e afetos

no entra e sai das casas noturnas, nas portas dos vários salões de beleza da região e nos telefones públicos ao desabafarem dificuldades, falarem sobre remessas de dinheiro e chorarem saudades de casa.

Ao mesmo tempo em que esse quadro se descortinava diante meus olhos, eu enfrentava, como a maioria das brasileiras que aqui chegam para viver, várias dificuldades no meu processo de estabelecimento em Portugal – dificuldades que iam desde conseguir alugar um apartamento à obtenção do número de contribuinte (equivalente ao cpf no Brasil). Quando eu confrontava os discursos claramente xenofóbicos, tais como “O proprietário prefere não alugar quartos a brasileiras” ou mesmo “Todas dizem que estão aqui para estudar mas, você sabe, a maioria não está aqui para isso”, a justificativa que ouvia era invariavelmente a mesma: “Sabemos que nem todas as brasileiras se portam mal, mas pelo erro de algumas pagam todas”. Inquietava-me, entretanto, o fato do “portar-se mal” estar, na maioria das vezes, ligado a uma ideia de sexualidade desviante e ao envolvimento de brasileiras com atividades prostitucionais.

No meu caso, dizer que era estudante e que estava em Portugal para fazer um Mestrado passou a ser quase uma extensão do meu nome quando eu me apresentava a qualquer pessoa, seja em ambientes informais ou institucionais. Minhas credenciais acadêmicas constituíam o meu passaporte de fuga ao estigma de puta, embora nem sempre eficaz.

Neste processo de buscar proteção através do meu status de estudante e de confrontar discursos xenofóbicos – antes de descobri-los racializados e machistas – eu começava a me dar conta de que os atributos de classe e raça que me posicionavam numa condição privilegiada no meu país de origem não operavam da mesma forma no contexto migratório português. Por ser brasileira, minhas identidades eram percebidas através de noções subalternizadas de alteridade. Simultaneamente, ao observar o cotidiano de um Brasil que eu não conhecia e que agora se revelava numa simples ida ao supermercado – o Brasil das “putas” em Lisboa, que parecia caber ali naquele bairro – eu me interpelava com algumas questões: Quem são essas personagens que habitam o discurso fácil de que “por causa de algumas pagam todas”? Quem são essas mulheres

Copos, corpos e afetos

capazes de servir de imagem representativa da população feminina de um país inteiro, grande e diverso como o Brasil? E, por fim, quais seriam os “passaportes” por elas utilizados para fugirem de tamanho estigma do qual eram ao mesmo tempo vítimas e “culpadas”?

Paralelamente a todo esse processo, crescia em mim uma curiosidade e um certo fascínio pelo movimento noturno que se formava na vizinhança, sobretudo em frente ao *Gallery*, ao *Elefante Branco* e ao *Maybe* (todas boates de entretenimento erótico direcionadas ao público masculino). Havia uma cabine de telefone público na avenida Duque de Loulé, endereço das boates mais badaladas da região neste segmento. Como na época eu não possuía computador, era desta cabine telefônica que eu me comunicava assiduamente com minha família e aproveitava para observar, por longos momentos, as curiosas dinâmicas que ali tomavam lugar com o cair da noite.

Entre as 9:30 e 11 da noite era possível ver as várias mulheres com seus vestidos de festa, salto alto, cabelos e unhas impecavelmente arranjados chegarem de taxi ou caminhando. Elas desfilavam pelo tapete vermelho estrategicamente posicionado na entrada do *Galery* que ia da calçada até a porta do estabelecimento. Dois seguranças de postura séria e formal recebiam as mulheres e os clientes. O cheiro adocicado de diferentes perfumes se misturava à poluição de uma avenida razoavelmente povoada por carros tanto luxuosos como populares. Do outro lado da avenida, em frente ao *Maybe*, a movimentação era diferente. Meninas vestidas com roupas do dia a dia – em fatos de treino ou jeans e camiseta, tênis esportivos e cabelos presos – entravam discretamente com suas grandes malas ou mochilas no clube concorrente. Diferentemente do *Gallery* e do *Elefante Branco*, ambas casas de saída, o *Maybe* é um bar de alterne, descoberta que só foi possível algum tempo depois.

1.2. As meninas que ganham bebendo copos.

“Meninas” foi a maneira escolhida para me referir às mulheres que trabalham em casas de alterne em Portugal e que consistem nos sujeitos de estudo desta pesquisa.

Copos, corpos e afetos

A escolha se deu a partir de desconfortos que as nomenclaturas “alterne” ou “alternadeira” causam por reduzirem suas identidades ao âmbito da atividade em questão, o que ainda é agravado pela marginalização que tal atividade sofre. Além disso, “meninas” é um termo êmico comumente usado pelas próprias mulheres e também por clientes.

“Então os clientes pagam bebidas para as mulheres e elas ainda ganham comissão para beber? Não tem que fazer sexo com eles?” Foi o que eu, bastante surpresa e desconfiada, perguntei após uma colega de trabalho ter me explicado o que faziam as meninas nas casas de alterne, no início de 2008. Ana, também brasileira, trabalhava comigo numa empresa de estudos de mercado na qual consegui o meu primeiro emprego em Lisboa, e dividia apartamento com outra conterrânea, Laís, que trabalhava num bar de alterne. “Não é bem assim”, disse Ana. “As meninas só fazem companhia aos clientes, não tem sexo, é verdade. Mas elas têm que aguentar muita coisa, os homens passando a mão e essas coisas. Eu fui uma noite pra ver como era e nunca mais quis voltar, foi horrível, não é pra mim”, completou.

Na medida em que ia me aproximando de Ana, comecei a frequentar sua casa e me aproximei igualmente de Laís. Algum tempo depois, tive a oportunidade de conhecer também algumas de suas amigas e colegas “da noite”. A decisão de transformar as experiências de brasileiras que trabalham em casas de alterne em objeto de estudo foi uma consequência desses encontros e de aspectos já citados que marcaram o início da minha trajetória de estudante e imigrante em Lisboa. Ou seja, num caminho inverso àquele que é mais comumente percorrido, nomeadamente o de sair em busca de interlocutores de pesquisa após a definição do terreno, no meu caso, a própria identificação do terreno enquanto potencialmente pertinente para a Antropologia só se deu a partir do encontro com os interlocutores e com a participação ativa dos mesmos.

Tratava-se de mulheres da minha idade ou mais novas do que eu e que haviam chegado à Portugal não há muito tempo – períodos que variavam entre poucos meses a 3 anos. Ainda que com bagagens culturais e sociais completamente diferentes, enfrentávamos, eu e elas, a tarefa de nos redefinirmos enquanto mulheres, brasileiras e imigrantes, frente a este novo contexto, o que favoreceu um clima de identificação entre

Copos, corpos e afetos

nós. Toda a colaboração das interlocutoras nesta recolha de material exploratório, no mestrado, se deu numa relação que ultrapassava a relação investigador/investigado para uma relação de amizade onde cabiam, inclusive, trocas de confidências, angústias e experiências. Em vista deste quadro e também do difícil acesso aos clubes às mulheres que não trabalham nos mesmos, este primeiro trabalho foi centrado nas relações que as meninas desenvolviam com clientes habituais fora do contexto dos bares (cf. Dolabella 2010).

É interessante notar ainda que o fato de eu trabalhar, na época, em setores menos qualificados e mal remunerados e passar por situações de certa privação e exclusão amenizava, de certa forma, diferenças econômicas, sociais e de capital escolar que poderiam ter se sobreposto às nossas interações desestabilizando as dinâmicas de identificação. Posteriormente, na minha volta ao campo enquanto doutoranda e bolsista, tal processo se deu de maneira totalmente diferente, como veremos mais à frente.

Essa trajetória pessoal inicial de tensão em relação ao povo português e a minha proximidade com as interlocutoras acarretou numa postura um tanto defensiva e denunciadora, à medida que minhas reflexões foram claramente influenciadas por sentimentos subjacentes a essas vivências e interações. As limitações evidentes deste primeiro trabalho no que diz respeito ao aprofundamento de certos aspectos do campo – que hoje considero importantíssimos – são consequências não só da inexperiência do fazer etnográfico mas também da falta de um distanciamento afetivo do terreno que hoje percebo como fundamental.

Neste primeiro trabalho, a identificação muito pessoal que ocorreu entre eu e as colaboradoras e também o fato de eu ter concentrado a pesquisa fora dos clubes – o que reforçou essa identificação pessoal visto que nossos encontros se davam em locais dos quais eu me via como fazendo parte, ao mesmo tempo em que os estranhamentos prováveis eram comuns a todas nós enquanto migrantes recentes – me permitiu um acesso a seus mundos que talvez eu jamais teria alcançado em outras condições de pesquisa. Por outro lado, do ponto de vista metodológico, foi bastante limitativo.

A minha incapacidade em produzir um olhar que deslocasse os sujeitos

Copos, corpos e afetos

estudados do âmbito da identificação e da proximidade pessoal reduziu as possibilidades de sua reinserção em categorias de análise mais amplas, reduzindo assim seu potencial analítico. Um exemplo mais concreto dessa limitação foi uma certa insistência em ressaltar o fator afetivo das relações que elas desenvolviam com clientes habituais numa tentativa de localizá-las num espaço de liminaridade entre a prostituição e o namoro. Consciente do esforço de minhas interlocutoras em se distanciarem do rótulo de prostituta, limitei-me a reproduzir este esforço sem perceber os potenciais reflexivos e analíticos contidos no mesmo. Demonstrar que tais relações são investidas de afetos é algo obviamente relevante para a etnografia, porém, faz-se também importante uma reflexão mais aprofundada sobre quais as hierarquias sociais que estão sendo acionadas quando da rejeição de um rótulo (prostituta/interesse) ou aproximação de outro (namorada/afeto), como veremos ao longo deste trabalho.

1.3. O retorno ao campo, a reconstrução do mesmo e algumas considerações sobre as metodologias adotadas.

Quase dois anos após a conclusão do mestrado era chegada a hora do retorno ao campo, mas dessa vez enquanto estudante de Doutorado, bolsista e já bastante adaptada à vida em Portugal, contando mais ou menos 4 anos vivendo em Lisboa.

Tendo realizado, como foi relatado, um trabalho exploratório do terreno, estabelecendo contatos e adquirindo conhecimentos sobre o universo a ser estudado, as expectativas de retorno ao campo eram positivas. No entanto, o primeiro grande e inesperado obstáculo foi descobrir que grande parte das meninas que colaboraram na pesquisa anterior haviam regressado ao Brasil. Das que permaneceram em Portugal, algumas abandonaram a cena dos bares de alterne por completo e algumas poucas intercalavam outros tipos de trabalho com atividades na noite.

Passei a retomar, via internet, o contato com as meninas de quem eu havia me aproximado mais. Através do Facebook encontrei Carol, uma jovem cearense que trabalhava num bar de alterne na época da minha pesquisa anterior. Carol estava

Copos, corpos e afetos

grávida, vivendo com seu companheiro e pai do bebê, e trabalhando com depilação e massagem estética numa pequena sala que dividia com uma amiga manicure. Bastante receptiva e simpática comigo ao Facebook, não foi muito difícil conseguir marcar um encontro com ela. Voltando deste encontro, eu escrevi as seguintes notas:

Saí de casa para me encontrar com Carol cheia de esperanças que ela seria uma ponte para outros contatos que permitiriam minha reaproximação com o universo das alternes. Diferentemente do que eu esperava, voltei do nosso encontro repleta de informações sobre gravidez, pré-natal, massagens estéticas, unhas de gel e algumas breves fofocas obsoletas sobre meninas da noite as quais ela já não via há muito tempo. As conversas entre nós fluíram com facilidade e espontaneidade. Ela não parece constrangida em falar de sua experiência como alterne e nem evita o assunto, o que é uma vantagem. Mas volto para casa com um sentimento de frustração porque não acho que Carol vai ser a porta de entrada que eu preciso para o campo. Mas, até agora, ela representa a oportunidade mais concreta, para não dizer a única, de me aproximar do terreno... Deixei um próximo encontro mais ou menos combinado (Notas de campo, Fevereiro de 2012).

Em nossas interações, eu sempre procurava uma maneira de perguntar sobre suas experiências como alterne e de tentar aproximar as conversas a este período específico de sua história. Casos interessantes surgiam e, ao chegar em casa, eu passava a descrever o que havia sido dito, mesmo com a sensação de estar a perder demasiado tempo e energia com algo que, no máximo, representava uma fonte “secundária” para a pesquisa. O trabalho de campo, que no mestrado havia corrido de forma fluida e relativamente tranquila, se tornava um verdadeiro pesadelo, um processo permeado por angústias constantes.

Por indicação da Carol, fui ao bar em que ela havia trabalhado na esperança de conseguir uma brecha para possíveis visitas e observações. Porém, a gerente não permitiu a minha presença permanente na casa, uma vez que era um bar de pequeno porte, com poucas meninas e ela temia o estranhamento e desconforto dos clientes. O acesso ao bar me foi permitido apenas enquanto cliente e, para isso, eu teria que pagar bebidas para conversar com as meninas, já que elas próprias não estavam interessadas

Copos, corpos e afetos

em disponibilizar seu tempo comigo gratuitamente, o que era, na minha opinião, bastante compreensível.

A imagem romântica que eu tinha a respeito da reinserção no terreno empírico, com caderninhos cheios de anotações importantes, gravações de entrevistas, e convivência contínua com interlocutoras/es, se converteu em buscas fatigantes por contatos, dinheiro gasto em bebidas caras, sensação de ser presença indesejável, interações improdutivas, chamadas perdidas nunca retornadas, indisponibilidade, falta de disponibilidade das pessoas e promessas de encontros nunca cumpridas.

A inconstância e a impossibilidade de uma rotina na recolha de material culminaram na demanda pelo uso de diferentes técnicas e ferramentas de investigação. Tratava-se de uma situação na qual eu deveria otimizar ao máximo qualquer que fosse a interação com pessoas envolvidas no terreno, seja nos bares ou fora deles, já que as possibilidades de repetidos encontros com uma mesma pessoa se mostravam reduzidas. Um dos recursos utilizados, empregado de maneira mais ou menos intuitiva, foi o alargamento dos pontos a serem desenvolvidos nas entrevistas. O objetivo era de que uma entrevista pudesse cobrir a maior quantidade de assuntos possíveis em um só encontro, sobretudo quando entrevistava meninas que já não trabalhavam mais na noite ou que não viviam mais em Portugal (estas realizadas via *skype*).

Procurei seguir um guião de entrevistas semiestruturadas formulado a partir dos seguintes tópicos: as condições e motivações por trás do projeto migratório; o processo de mudança e as vivências iniciais em Portugal; a entrada na noite; e as experiências ao longo do exercício da atividade de alterne. Isso é dizer que muitas entrevistas são relatos feitos através de buscas na memória de eventos passados, o que é diferente do falar sobre experiências recentes ou da reflexão que se faz acerca da situação em que se vive no presente. O passado vem, muitas vezes, permeado por uma memória emocional que seleciona, classifica e reinventa a narrativa na medida em que a reflexão se impõe sobre ela no ato de relembrar e descrever situações.

A recolha destes relatos, que se deu enquanto alternativa encontrada em vista da falta de outras possibilidades de interação mais efetiva no campo, passou, aos poucos, a

Copos, corpos e afetos

integrar o quadro primário do material empírico, mesmo quando não houve a possibilidade de um contato mais duradouro e consistente com as entrevistadas. Tais narrativas se converteram em contributos relevantes quando articuladas às observações feitas nos bares e aos outros instrumentos de pesquisa que posteriormente foram possíveis (entrevistas com clientes, interações informais com as meninas em espaços de lazer, pesquisas em fóruns virtuais sobre o mercado sexual em Lisboa, etc.).

Os eventos do passado, transformados em narrativa, revelaram visões gerais e particulares do mundo que eu procurava compreender. O se apropriar da própria história – algo que o ato de narrar torna possível – não é só elemento central de sustentação do Eu, como bem colocou Brandão (2007), mas constitui também um exercício reflexivo sobre a identidade e o posicionamento social do narrador no contexto do qual se fala. À medida que os sujeitos relatam e interpretam suas experiências vividas, eles projetam nas narrativas suas ideias acerca de si mesmos permitindo ressignificações identitárias, como observou Lechner

[...] os relatos de vida são eles próprios lugares e momentos de experiência para quem se relata. O saber produzido pelas narrativas biográficas fabrica pois tanto histórias como sujeitos e contextos; desenha perfis identitários e pertenças, mas também constrói subjectividades e reivindicações conscientes (Lechner 2009, p. 6).

As narrativas trazem representações acerca de ideais identitários e de status, valores de gênero, moralidades e papéis sociais que estão em permanente disputa na construção da pluralidade dos Eus da pessoa que narra. Por ser reflexivo e manipulável, o ato de narrar permite uma aproximação do pesquisador ao sujeito de pesquisa da maneira como ele próprio se dá a conhecer. Através das narrativas de si, e das apreciações pessoais acerca de determinadas experiências, falam também os discursos institucionais, morais e subjetivos que informam as construções identitárias e as práticas sociais. Vale ressaltar ainda que trata-se de um processo que não é apenas expressivo mas também constitutivo e produtivo de significados e realidades.

De fato, como coloca Brah (2006, p. 371),

[...] a identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo

Copos, corpos e afetos

qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”.

Através dos relatos individuais de experiências vividas pode-se chegar a uma compreensão de como as estruturas sociais se manifestam nas vidas dos sujeitos e nas maneiras como eles se reinterpretem e narram seu posicionamento subjetivo em determinados acontecimentos. Em outras palavras, a maneira como o interlocutor se coloca nas narrativas reflete as estruturas sociais nas quais ele se insere, as maneiras como ele lida com esse posicionamento e as interpretações que esse posicionamento se manifesta em seus diversos campos de sociabilidade. Os relatos biográficos nos permitem um acesso à realidade que se pretende estudar através da incorporação, individualização e reflexão que os sujeitos fazem sobre si nesta realidade. Comportamentos são criticados, atributos identitários são enfatizados e emoções são nomeadas num processo discursivo que, aliado a outros conhecimentos sobre o terreno, nos permite descortinar quais são os mecanismos sociais que operam na produção destas verdades no ato de sua partilha com o pesquisador.

No decorrer desta recolha de relatos outras possibilidades de acesso ao terreno foram surgindo. Através de um cliente habitual e amigo de uma de minhas informantes, eu pude conhecer e observar alguns bares, assim como me aproximar de novas colaboradoras.

A partir daí, as interações mais prolongadas com algumas das meninas, a observação participante e o fato de “estar lá” no momento em que situações, conversas e experiências aconteciam, foram obviamente fundamentais para que eu pudesse construir o meu próprio olhar sobre o terreno e colocasse em causa algumas “verdades” anteriormente relatadas sobre o mesmo. Foi através da presença *in loco* que foi possível situar as narrativas de acontecimentos aparentemente autônomos, articuladas às formas expressas de dotar esses acontecimentos de sentido, em uma rede mais ampla e complexa de relações sociais. Como observaram Lima e Sarró,

Copos, corpos e afetos

A importância atribuída a permanência no terreno, o reconhecimento de que a pesquisa afecta a experiência de vida pessoal do antropólogo e, nessa medida, condiciona o percurso da investigação e afecta os seus resultados, demonstra como o trabalho de campo e constitutivo do próprio processo de produção científica da antropologia e não apenas a estratégia metodológica que define a disciplina (Lima, Sarró 2006, p. 21).

Além disso, as repetições de comportamentos; as dinâmicas de funcionamento dos bares; as interações entre colegas e entre estas e os patrões e as patroas; os fluxos de clientes; as performances e expressões corporais; as formas com que as meninas se dividem em grupos; a alteração dos ânimos com a ingestão de álcool; as conversas com as meninas na espera entre um cliente que sai e outro que chega e os comentários e apreciações sobre os mesmos, entre outras coisas, são elementos importantíssimos para as reflexões aqui feitas aos quais eu não teria tido acesso sem a observação nos bares. Citando mais uma vez Lima e Sarró, “[...] Só o estar e o partilhar de experiências pode permitir compreender coisas que o discurso não revelaria”.

Portanto, a metodologia privilegiada neste trabalho envolveu visitas em bares de alterne e em um bar de prostituição, entrevistas semiestruturadas, relatos biográficos e conversas informais (virtuais e presenciais) com mulheres que trabalham ou trabalharam nestes locais. Onze mulheres brasileiras formam o quadro dos principais sujeitos desta pesquisa. Como fontes secundárias, realizei entrevistas e participei em conversas informais com alguns clientes que frequentam regularmente os bares de alterne. Pesquisas em fóruns e comunidades virtuais sobre a indústria do sexo em Portugal, leitura de notícias sobre o universo prostitucional e conversas com taxistas e seguranças de bares também foram utilizadas.

Visitei ao todo 9 casas de alterne, sendo 4 localizadas na região central de Lisboa; 1 na freguesia de Benfica (parte norte da capital); 2 na Amadora e 1 em Cascais (ambas sub-regiões da Grande Lisboa); e 1 no Vale do Santarém (Vila do Distrito de Santarém, localizado por volta de 70 quilômetros ao Norte de Lisboa). As visitas aconteceram sistematicamente de Março de 2012 a Fevereiro de 2013, com algumas visitas esporádicas nos dois anos seguintes.

Copos, corpos e afetos

Em Abril comecei com visitas repetidas em um mesmo bar (na região central de Lisboa) que me foi indicado por uma das interlocutoras da pesquisa. A princípio, frequentava o bar como cliente e pagava copos para conversar com as meninas. Um mês depois fui autorizada a permanecer no bar e realizar observação durante um período limitado da noite, 1 vez por semana até o fim de Julho. Neste mesmo mês passei a ter ajuda de um informante (um cliente habitual de bares de alterne) e, em sua companhia, realizei visitas nos outros bares acima citados em Lisboa e Grande Lisboa. Através deste informante, em Setembro de 2012 consegui autorização para realizar observação no bar localizado em Benfica, onde permaneci até Fevereiro do ano seguinte. Lá eu realizava observações entre 2 e três vezes por semana, durante o horário de funcionamento do bar. Visitei, entretanto, por repetidas vezes, uma discoteca no Cais do Sodré onde uma de minhas interlocutoras, Júlia, fazia diariamente seus shows de *strip*. Visitei uma única vez uma casa de saída bastante conhecida também na região central de Lisboa.

Durante este período, além das visitas nos bares, eu frequentei a casa de uma das colaboradoras nesta pesquisa, Luciana, onde frequentemente também estavam presentes duas outras meninas, Bela e Gabi. Como o apartamento de Luciana se localiza próximo da estação de metrô, eu me encontrava com elas para seguirmos juntas em seu carro até o bar. Por muitas vezes jantamos as três juntas no apartamento de Luciana ou nos arredores. Encontrei-me com a maioria das meninas em algumas ocasiões, não muito frequentes, fora do bar em espaços de lazer: compras no centro comercial, saídas nas noites de folga, almoços e jantares (algumas vezes com amigos que são clientes do bar).

Além das onze colaboradoras principais da pesquisa, realizei entrevistas semiestruturadas com: 6 mulheres que trabalham em casas de alterne (2 brasileiras, 2 romenas, 1 russa e 1 portuguesa); 1 proprietária de bar; 5 clientes regulares. Conversei informalmente com outros clientes, com algumas brasileiras de diferentes bares, com uma gerente, 1 proprietário, alguns taxistas e seguranças de bares. Durante todo o tempo

Copos, corpos e afetos

da pesquisa manteve contato, via internet (chat, skype e facebook)², com algumas das colaboradoras que regressaram ao Brasil.

E, por fim, em 3 visitas no bar do Vale de Santarém, realizei observação participante, entrevistei a proprietária e conversei informalmente com a última e com algumas meninas brasileiras e portuguesas.

2. Algumas considerações sobre termos, conceitos e categorias.

2.1. Alternes: prostitutas disfarçadas?

No início desta introdução, ao contar sobre a movimentação nos bares noturnos nos arredores da minha primeira morada em Lisboa, cheguei a me referir a um detalhe que despertava a minha curiosidade: Enquanto no *Galery* as mulheres chegavam produzidas, maquiadas, em vestidos de festa e salto alto, no *Maybe*, o concorrente logo em frente, as meninas chegavam em fatos de treino, jeans e t-shirts, tênis esportivos, cabelos presos e sem maquiagem. Eu desconfiava que este detalhe poderia indicar uma diferença no funcionamento ou tipo de serviço oferecido em cada um dos bares, o que vim a descobrir posteriormente.

As mulheres do *Galery* chegam entre as 10 e as 11 da noite e só permanecem lá dentro até angariarem um cliente. Depois disso, elas seguem para os pequenos hotéis e residenciais nos arredores a fim de prestarem seus serviços sexuais. Se elas regressam ou não ao bar, para tentar angariar outros clientes, é uma decisão pessoal de cada uma,

2 Embora eu não tenha usado as redes sociais como fontes primárias de recolha de material empírico, o Facebook, além de possibilitar a manutenção de um contato mais próximo e frequente com as meninas – sobretudo as que retornaram ao Brasil no decorrer da pesquisa – funcionou como uma ferramenta de suporte bastante útil nas análises etnográficas. Na medida em que as publicações representam uma forma de “publicidade pessoal”, ou seja, funciona como um espaço para as pessoas criarem representações de si próprias, elas permitem aos usuários a se mostrarem ao mundo virtual da maneira como querem ser vistos, o que as fazem inegavelmente ricas do ponto de vista antropológico.

Copos, corpos e afetos

já que não existe nenhum tipo de vínculo entre elas e os clubes. O único acordo feito entre as partes é de que cabe às mulheres beberem um copo, no mínimo, com cada cliente antes de saírem do bar para realizarem o programa. Segundo informações que obtive de mulheres que trabalham lá, o mais comum é fazer por volta de dois programas por noite, mas isso depende da menina e do fluxo de clientes. Obviamente as bebidas pagas a elas são superfaturadas, o que provavelmente rende um lucro considerável ao bar. O *Galery* é uma casa de saída³.

Já no *Maybe*⁴, as meninas entram às 22 horas – não há flexibilidade no horário de entrada e casos de atraso podem estar sujeitos a coima (multa) – e só saem quando o expediente termina, por volta de 4:30 da manhã. As mulheres não estão autorizadas a saírem com clientes durante o horário de funcionamento do bar. Como o público é geralmente masculino, a casa de banho feminina normalmente é usada como “camarim” pelas meninas. Lá elas guardam seus pertences, trocam de roupa e se maquilham antes da entrada dos clientes começar. Por volta das quatro horas da manhã, após copos, danças, conversas e flertes com os clientes, elas retornam ao camarim, trocam de roupa e removem a maquilhagem. E, depois de receberem suas comissões diárias, elas retornam às suas casas, normalmente com algum taxista já conhecido que lhes cobram um preço fixo e amigável. O *Maybe* é um bar de alterne.

São pouquíssimos os trabalhos científicos em Portugal que abordam as casas de alterne de uma maneira abrangente, embora muitos estudos tenham sido feitos sobre o mercado sexual. Até o momento da escrita desta tese não havia nenhuma literatura específica sobre o universo empírico dos bares de alterne. Em *As vendedoras de ilusão*, Alexandra Oliveira (2004) aborda a atividade de alterne em algumas partes do livro,

- 3 Existem diferentes tipos de casas de saída. Na mesma região em que se situa o *Galery*, há uma outra boate com o mesmo sistema mas onde as meninas podem chegar a qualquer hora durante a noite. Este clube permanece aberto para além do horário de fechamento dos concorrentes e as meninas se dirigem a ele após terem saído de outras boates onde são regulares. Trata-se de um clube de “fim de noite”, onde as meninas tentam a sorte de angariar seus últimos clientes antes de retornarem a suas casas. Há ainda diferenças de público e de trabalhadoras de cunho classista e de padrões estéticos. O *Hippopotamus*, por exemplo, é uma casa de saída, também no meso bairro, onde não é exigido o capital físico das meninas como acontece no *Galery*. Lá, os programas são mais baratos.
- 4 Este bar foi fechado durante o meu trabalho de campo e, posteriormente, reaberto com outro nome, mas com o mesmo tipo de serviço.

Copos, corpos e afetos

apresentando pontos instigantes a respeito das dinâmicas de funcionamento dos bares e das performances das mulheres que neles trabalham. No entanto, o trabalho da autora é focado mais especificamente nas complexidades envolvidas nas relações de intercâmbio entre serviços sexuais e dinheiro e, nesse sentido, toda a sua obra constitui referência largamente presente na pesquisa que aqui se apresenta.

O restante da literatura produzida sobre o mercado sexual em Portugal aborda o contexto dos bares de alterne superficialmente, incluindo-o como mais uma modalidade de prostituição abrigada (*indoor*) (Ribeiro, Silva, Ribeiro, Sacramento, Schouten 2008; Santos, Gomes, Duarte, Baganha 2008). Trata-se de abordagens cujo o objetivo central é, na maioria das vezes, tentar perceber se as alternes fazem ou não sexo com os clientes, como se a presença do sexo nessas interações automaticamente as enquadrassem na categoria da prostituição, mesmo que isso signifique ignorar e silenciar seus discursos identitários que delimitam claramente uma fronteira com tal categoria.

A vasta publicação no âmbito do projeto de investigação sobre o tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual (cf. Santos, Gomes, Duarte, Baganha 2008) traz relevantes dados sobre bares de alternes em Portugal – levantamentos detalhados sobre os bares de diversas regiões do país, sobre sua estrutura e condições de salubridade, sobre o perfil dos clientes e das mulheres que lá prestam seus serviços, entre outras coisas. Todavia, no que diz respeito ao universo de experiências das mulheres que desempenham a atividade de alterne, as questões levantadas giram em torno da existência ou não do intercâmbio entre sexo e dinheiro nas interações com os clientes. Em outras palavras, levanta-se a dúvida se as alternes exercem a prostituição. A dúvida é justificada pela limitação dos pesquisadores ao acesso às informações concretas sobre a natureza dos serviços prestados nos bares e também pela limitação em saber o que ocorre após o horário laboral, ou seja, depois que as mulheres deixam o clube.

Tal perspectiva metodológica me causou certo desconforto porque aproxima o investigador de um papel do “agente secreto”, uma vez que ele se posiciona em alerta e à espera de qualquer deslize na narrativa das mulheres que possam servir como reveladores de sua “verdadeira identidade”, nomeadamente a de prostituta. É verdade

Copos, corpos e afetos

que, no caso dos estudos sobre tráfico, este recurso metodológico pode ser justificado pelo objetivo dos investigadores em se aproximar de mulheres submetidas violentamente ao silenciamento. No entanto, a mesma postura pode ser encontrada em outros trabalhos sobre o universo prostitucional no país. Ao centralizar sistematicamente as reflexões sobre a atividade da alterne na presença ou não do sexo, sem que as próprias noções de sexo e de prostituição sejam problematizadas, as poucas abordagens deste terreno encerram a reflexão, grosso modo, na ideia de que a alterne é uma espécie de prostituta disfarçada.

Contudo é importante ressaltar que o fato dos bares de alterne serem vistos como sinônimo de bares de prostituição não é resultado da falta de estudos que abordam este contexto. Tampouco podemos dizer que a confusão seja consequência direta e única da superficialidade dos conhecimentos reproduzidos no senso comum e nos média sobre o assunto. Articulado a esses dois fatores encontramos um terceiro também bastante relevante: o de que os próprios clientes geralmente obscurecem as fronteiras entre uma e outra atividade porque, entre outras coisas, não se sentem confortáveis em serem identificados como homens que pagam por companhias femininas apenas para “estarem na conversa”, assunto que será discutido no terceiro capítulo desta tese.

Em efeito, na medida em que eu me familiarizava com a literatura científica produzida em Portugal sobre o universo do mercado sexual e, ao mesmo tempo, refletia sobre minhas observações no terreno e minhas interações com as colaboradoras desta pesquisa, as demarcações de fronteiras entre a alterne a prostituta nas falas das meninas tornavam-se, por si só, potenciais comunicadores das objetificações e racionalizações sobre a sexualidade e de como as práticas sexuais são investidas de significações identitárias.

É muito importante ressaltar, contudo, que não procuro aqui a reiteração da distinção moral entre mulheres prostitutas e não prostitutas como se a prática do sexo comercial estivesse em desvantagem em relação às atividades que não fazem uso da mesma. O que proponho é, justamente, tentar perceber quais são as hierarquias sociais acionadas pelas meninas quando esta distinção é enfatizada. Em outras palavras, a pergunta a ser feita não é se elas fazem sexo ou não com clientes em troca de benefícios,

Copos, corpos e afetos

mas sim como elas percebem e performam sua sexualidade no âmbito dessas relações e de que formas esta percepção está relacionada com a negação da atividade prostitucional.

Considero a atividade das alturnes como uma forma de entretenimento adulto que envolve vários níveis de proximidade física e emocional, seminudez e diferentes formas de interações eróticas – porque predominantemente vinculadas ao sexo –, emocionais e íntimas tais como conversas, flerte, companhia, dança e contato corporal.

Ao fazer uso dos termos trabalho sexual, entretenimento erótico e/ou adulto, e indústria do sexo, estarei me referindo a um amplo contexto que abrange vários tipos de atividades exercidas no âmbito comercial e de prestações de serviços, com significados sexuais ou eróticos, no qual a atividade das alturnes, das *strippers*, das/os prostitutas/os, entre outros, fazem parte. O termo mercado sexual abrange todas as atividades acima citadas, mas com a diferença de que engloba também as relações que envolvem intimidade, sexo e trocas financeiras sem que estas últimas sejam necessariamente explícitas ou de fácil demarcação, como é o caso dos envolvimento entre alturnes e clientes que se estendem para fora dos bares.

Pelo termo prostituição, tomando emprestada a definição utilizada por Oliveira (2011), entendo o desempenho comercial de relações sexuais (vaginais, orais, anais ou masturbatórias) com o objetivo de ganhar dinheiro e previamente combinada entre as partes. Ou, nos termos usados por Piscitelli, Gregori e Carrara (2004), “contratos que estabelecem remuneração por serviços sexuais específicos de maneira explícita”. Para a atividade prostitucional, nomeadamente a troca de serviços sexuais por dinheiro, usarei também os termos “programa”, comumente utilizado no Brasil, e “saída”, mais utilizado em Portugal.

No entanto, é preciso deixar claro que as complexidades do terreno do mercado sexual não se encerram nas definições. Diferentes tipos de trabalhos sexuais constantemente se entrecruzam na vida dos atores envolvidos nestas atividades, assim como práticas e performances consideradas privadas ou pessoais, e as consideradas comerciais, se permeiam mutuamente e com frequência. Prostitutas podem ser pagas só

Copos, corpos e afetos

para conversar; Alternes podem cobrar uma quantia previamente determinada pelo desempenho de sexo oral nos reservados⁵; Mulheres com empregos formais podem fazer programas quando o dinheiro não foi suficiente para as despesas do mês; Uma jovem pode receber uma quantia mensal em dinheiro de um homem em troca de sua disponibilidade sexual e exclusividade, entre outros exemplos da diversidade dos perfis existentes neste universo. Além disso, como pude observar, a maioria das mulheres engajadas em atividades prostitucionais estão também constantemente envolvidas em outros tipos de trabalhos, da mesma forma que é também constante o movimento de deixarem o trabalho prostitucional e depois retornarem a ele.

Trata-se, portanto, de um terreno movediço no qual as categorias devem ser lidas de forma dinâmica e flexível. À maneira de Bourdieu, acredito ser impossível renunciarmos por completo dos processos de categorização. O que se pode fazer, contudo, é considerá-los como uma forma naturalizada da organização do pensamento ocidental, num esforço de reverter sua possível rigidez.

2.2. Raça, etnicidade e nacionalidade

Processos de racialização são, é claro, historicamente específicos, e diferentes grupos foram racializados de maneira diferente em circunstâncias variadas, e na base de diferentes significantes de “diferença. Cada racismo tem uma história particular.”
(Brah 2006)

Mesmo após as declarações oficiais da Unesco de que, biologicamente falando, "raça" não existe, sua construção social permanece operando no senso comum. Ainda

5 Os reservados ou privados são pequenas salas (normalmente com uma mesa e um sofá e fechadas apenas por cortinas) direcionadas à performance do *strip* privado ou para o cliente que deseja “beber um copo mais à vontade” com sua companhia, como explica Ricardo, proprietário de uma casa de alterne. Pagando um preço mais elevado pela garrafa de champanhe, o cliente pode permanecer no espaço reservado com a alterne durante um tempo previamente determinado (entre 15 minutos e meia hora). Não são todos os bares que possuem privados e, mesmo nos que possuem, não são todas as meninas que prestam este serviço.

Copos, corpos e afetos

que as teses que procuravam diferenciar brancos e negros a partir de características biológicas tenham sido radicalmente refutadas pela ciência, as noções de superioridade e inferioridade se reatualizam através da subalternização cultural, social e econômica dos povos não brancos a nível global. Contudo, dizer que raça é uma construção social não é dizer que trata-se de uma ficção. Pelo contrário, construções e representações sociais são sistemas ordenados de pensamento que exprimem e cristalizam percepções fundamentais sobre a vida das pessoas classificando-as, diferenciando-as e hierarquizando-as socialmente.

O “racismo moderno”, como aponta Giddens (2005), tem a sua base nas relações de exploração que o europeu estabeleceu com os povos não europeus. Com raízes coloniais quase impossíveis de se remover justamente por se localizarem no campo das representações, a noção de superioridade do branco, embora não tenha nenhum valor factual, continua a povoar o imaginário popular não apenas na Europa mas na maior parte do mundo. Isso é dizer que o racismo, tendo perdido sua falsa base biológica, segue se reatualizando através da noção de “diferença cultural”. Neste processo, a alteridade cultural, que deveria ser entendida como uma construção social, é essencializada e naturalizada, como se essa diferença fosse inerente ao indivíduo apenas por ele ser originário de determinadas localizações geográficas e/ou possuir certas características fenotípicas.

A inferiorização social das imigrantes brasileiras em Portugal e todos os estereótipos resultantes deste processo têm raízes coloniais, como veremos mais detalhadamente no primeiro capítulo desta tese. As noções de superioridade do povo português calcadas em seu histórico de colonização encontram, atualmente, terreno fértil para sua reatualização através da intensificação significativa dos fluxos de migrantes brasileiros que chegam em Portugal para integrar quadros profissionais desqualificados e subalternizados. Posicionamentos de classe se articulam aos de raça, de etnicidade, de gênero e de nacionalidade resultando numa hierarquização identitária cujo o lugar ocupado por brasileiras e brasileiros é inegavelmente inferior ao dos portugueses.

A partir do avanço das problematizações acerca do termo raça, o uso do conceito

Copos, corpos e afetos

de etnicidade começou a ser promovido e ampliado no âmbito das ciências sociais. No intuito de transcender as limitações das distinções entre grupos com base em aspectos físicos ou falsamente calcadas na biologia, o termo etnicidade surge evocando uma diferença produzida socialmente e, portanto, relacional, adaptável e mutável. Como definiu Giddens (2005, p. 206),

A etnicidade refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas que as distinguem de outras. Os membros dos grupos étnicos consideram-se culturalmente distintos de outros grupos da sociedade, e, em troca, são vistos dessa forma por esses outros grupos.

O termo passa então a ser empregue no esforço de superação da diferenciação racial excludente e discriminatória, no sentido de estabelecer uma percepção horizontal sobre a diferença como meio de afirmar a diversidade no lugar da hierarquia. Obviamente que as diferenças culturais também suscitam noções de inferioridade e superioridade excludentes que não foram ignoradas nos debates sobre o uso do conceito de etnicidade. O etnocentrismo e o eurocentrismo referem-se, respectivamente, à prática de julgar outras culturas comparando-as as nossas próprias e à inferiorização das culturas não europeias, e são conceitos amplamente discutidos na Antropologia e na Sociologia.

Ao reler atualmente a minha tese de mestrado, achei simbólico e representativo o fato do ensaio clássico de Max Weber (1991), sobre os grupos étnicos, ter sido uma referência amplamente presente nas minhas reflexões nesse momento. Simbólico e representativo porque o seu trabalho fazia a ponte entre minhas vivências pessoais e etnográficas partilhadas com as interlocutoras na altura do desenvolvimento da pesquisa. Em certa passagem eu lanço mão desta obra de Weber para explicar que os grupos étnicos, em contraste a outro grupo, como no caso de uma situação de imigração, nasce a partir do momento em que se cria uma identidade étnica relacional e centrada na ideia de parentesco de origem. Ou seja, é a crença de que existe qualquer coisa em comum entre aquelas pessoas que vai acabar por criar ela própria uma realidade. A partir do momento em que se cria o mito, ele acaba influenciar a maneira como as pessoas pensam e experienciam a realidade.

Copos, corpos e afetos

Chamaremos “grupos étnicos” aqueles grupos humanos que, fundando-se na semelhança do hábito exterior e dos costumes, ou de ambos, ou em recordações (memórias) de colonização e migração, abrigam uma crença subjetiva em uma procedência comum, de tal sorte que a crença é importante para a ampliação das comunidades (...) O grupo étnico (no sentido em que aqui se toma) não é em si mesmo uma comunidade se não tão somente um “momento” que facilita o processo de comunização. (...) A crença na comunidade de origem, junto a semelhança nos costumes, favorece a acolhida da ação comunitária de uma parte do grupo étnico pelo resto, porque a consciência de comunidade fomenta a interação (Weber 1991, pp. 318–322).

As interações propiciadas pelo contexto migratório constituem, de fato, um período de intensa renegociação e redefinição das fronteiras e das coletividades sociais nas quais estão em questão as origens numa ordem cultural geográfica (cf. Wade 1997). A questão dos fluxos geográficos é, sem dúvida, um ponto central nas abordagens sobre etnicidade na Antropologia.

Embora a ideia de nação remeta para uma comunidade política com elevado nível de organização burocrática, a pertença a grupos étnicos, assim como a pertença a uma nação, é constituído pela ideia de comunidades imaginadas (cf. Anderson 2005) formadas por um vínculo emocional baseado em supostos laços de irmandade legitimados na origem e calcados na confiança e no anonimato.

O ponto mais relevante dessa discussão é que a principal diferença entre grupo étnico e nação, embora ambos possuam naturezas díspares e funcionalidades semelhantes, reside no fato de que o segundo evoca soberania e centralização de poder (Anderson 2005), enquanto que o primeiro, com seu sistema periférico em relação em sistema nacional como um todo, emerge do encontro com o “outro” nos processos de colonização e, após findados estes processos, encontra continuidade na situação pós-colonial nos modernos movimentos migratórios. Trata-se, portanto, de percepções advindas de um imaginário hegemônico produzido, primeiramente num encontro colonial e, hoje, reproduzido na situação pós-colonial.

Contudo, a categoria da etnicidade pode ser limitativa à medida que nos debruçamos sobre um grupo de pessoas cujas características que lhes são atribuídas pela

Copos, corpos e afetos

comunidade de acolhimento remetem para o campo do gênero e da sexualidade e, no caso aqui abordado, de uma suposta natureza humana tropicalizada. São atributos extraídos e trabalhados dentro de significados de diferença durante os encontros coloniais que giram em torno do mito da mulher brasileira como aquela que se relaciona alegremente com homens “de fora”. Ou seja, trata-se de um mito que, ignorando toda a violência e o abuso sexual aos quais nativas indígenas e escravas africanas foram submetidas, reproduz a ideia da mulher que propiciou, através de sua sensualidade e sexualidade exacerbada, a miscigenação. Como bem explica Piscitelli,

Essas migrantes [brasileiras] são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade. Refiro-me às noções sexualizadas e racializadas de feminilidade pelo fato de serem brasileiras. Independentemente de serem consideradas no Brasil, brancas ou morenas, nos fluxos migratórios para certos países do Norte as brasileiras são racializadas como mestiças. No lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira, mais do que a cor da pele, confere-lhes essa condição. E essa racialização é sexualizada (Piscitelli 2008a, p. 269).

As diferenças expressas através de questões ligadas à sexualidade e ao gênero como significantes de superioridade e inferioridade fazem parte de um processo de racialização, mesmo que os sujeitos racializados sejam classificados pelos outros ou se auto-classifiquem como brancos (Brah 2006; França 2010). Ideologias raciais e processos de racialização são ambos estruturados, não somente em torno da cor, mas também em torno da construção de uma diferença supostamente natural. Gênero e sexualidade, embora sejam ambos socialmente construídos, são percebidos como parte inerente da natureza dos sujeitos.

Neste sentido, características que se relacionam à sexualidade e ao gênero, principalmente no caso das mulheres, são inevitavelmente percebidas como inatas. As mulheres brasileiras em Portugal são associadas a certos atributos sexualizados e genderizados, tais como intensa disposição para o sexo, simpatia, cuidado, disponibilidade alegre para a maternidade e vida doméstica, entre outros, como se tais atributos fossem parte de uma essência inscrita biologicamente em seus corpos apenas

Copos, corpos e afetos

por terem nascido brasileiras. (Vale de Almeida 2000a; cf. Fernandes 2008; França 2010; Gomes 2013; Machado 2009; Moutinho 2004; Padilla 2007; Piscitelli 2002; Pontes 2004)

Contudo, só é possível analisar as relações de poder que emergem deste contexto a partir da centralidade que a identidade nacional brasileira articulada à raça e ao gênero assume nestes processos, uma vez que esta articulação é determinante na produção e reprodução das desigualdades e subordinação. Neste sentido, para tentar dar conta das complexidades que fogem ao termo etnicidade, usarei termos como “identidade nacional racializada” ou, para simplificar, “nacionalidade racializada”. Em alguns pontos do texto utilizarei simplesmente “nacionalidade” partindo do pressuposto de que a racialização por trás dessa categoria esteja subentendida.

Todavia, vale lembrar que a cor da pele não deixa de ser um marcador importante de alteridade. A morenidade, assim como as representações feitas em torno da figura da mulata, constitui um poderoso vetor de representação da noção estereotipada da miscigenação de raças à qual a ideia de brasilidade está intimamente associada. Como muito bem colocou Piscitelli (2002), a imagem da morena corporifica o exotismo tropical. Entretanto, a feminilidade nativa pode ser lida através de outros marcadores e disposições corporais que não somente a cor. Embora a racialização das mulheres brasileiras no contexto migratório português esteja associada a uma ideologia da mestiçagem exotizada e sensualizada, as mulheres não precisam ser exatamente mestiças, sua brasilidade já lhes confere esta “filiação”.

Susana Maia (2012), em sua pesquisa sobre dançarinas brasileiras (*gogo dancers*) nos Estados Unidos, acrescenta ainda a ideia de que a morenidade, entre as mulheres que colaboraram em sua pesquisa, representa um marcador de classe na medida em que a cor da pele, associada à disponibilidade de tempo de lazer para bronzear-se ao sol, corresponde a um privilégio acessível à classe média e alta.

Já Paula Togni (2014) em sua etnografia multissituada com jovens imigrantes brasileiros que vivem no Cacém (região periférica da Grande Lisboa), demonstra como o contexto migratório português permite a seus sujeitos de estudo lançar mão de novos

Copos, corpos e afetos

arranjos classificatórios para reconfigurarem suas posições na hierarquia social vigente. A autora observa que, diferentemente da realidade vivida no Brasil antes da migração, as distinções de classe no Cacém não são tão visivelmente marcadas e nem diretamente atrelada à cor da pele. Os sujeitos de sua pesquisa, que se definem como negros ao mesmo tempo em que demarcam sua diferenciação com os “pretos africanos”, passam a construir a diferença através da articulação de outros marcadores de distinção social: sexualidade, nacionalidade e etnicidade.

É importante salientar que, obviamente, as mulheres classificadas pelos outros e/ou que se auto-classificam como negras, em Portugal, são submetidas a estigmas e reificações com cargas sexualizantes e inferiorizantes muito mais pesadas do que qualquer mulher classificada como branca de qualquer nacionalidade. A própria ausência de mulheres negras nos bares de alterne, enquanto nas casas de saída e na prostituição de rua sua presença é notável, representa um indício do racismo generalizado que afeta a procura masculina por companhia feminina. A maioria dos clientes com quem conversei declarou abertamente sua “preferência” por mulheres que eles percebem como brancas. Considero como uma das limitações deste trabalho não ter abordado essa questão e acredito que ela merece uma reflexão mais aprofundada em pesquisas futuras.

Uma outra limitação de abordagem é no que diz respeito a ausência de mulheres travestis, transgêneras e transexuais neste terreno. Jéssica, uma das colaboras desta etnografia, certa vez relatou a presença de uma mulher trans no bar de alterne em que ela trabalhava. No entanto, segundo Jéssica, ela foi dispensada pela gerente após apenas duas noites de trabalho, apesar de ter bebido copos com alguns clientes durante esse breve tempo. A justificativa dada pela gerente não fugiu do esperado: a mulher foi mandada embora por não ser considerada como mulher.

Finalmente, é preciso ressaltar que os processos de racialização caminham ao lado das questões de classe. Vale salientar que, estando atenta ao fato de que classe social, enquanto categoria, permaneça sendo um terreno bastante movediço que varia de acordo com as diferentes perspectivas teóricas e políticas, proponho aqui, à maneira de Brah e Pheonix (2004), uma abordagem de classe que: 1) seja específica do contexto em

Copos, corpos e afetos

questão; e 2) seja pensada a partir dos discursos que emergem do terreno empírico e das próprias reflexões que os sujeitos de estudos fazem a respeito do tema.

No contexto das alternes, a questão da classe social está relacionada com o posicionamento subalterno da identidade nacional brasileira, como já foi mencionado. A condição desprivilegiada das meninas em relação à comunidade portuguesa – no que concerne o acesso a recursos, a empregos mais qualificados, a privilégios e a possibilidades de mobilidade econômica e social – e, especialmente, em relação aos clientes, influencia profundamente suas interações no contexto do bar e fora dele, sobretudo no que diz respeito ao intercâmbio entre companhia e dinheiro e/ou outros benefícios materiais.

Esta questão, entretanto, não parte necessariamente de um posicionamento formal dos clientes como economicamente mais privilegiada em relação às mulheres alternes. Trata-se da interseção entre gênero e classe que permite que estes homens se localizem numa posição de vantagem simbólica, resultando na ideia da dependência feminina aos recursos que podem ser oferecidos pelos homens. Em outras palavras, estes homens se localizam no centro das possibilidades de ascensão social das mulheres. Refiro-me à vantagem simbólica porque não se trata de analisar até que ponto essa dependência existe concretamente em termos financeiros, mas sim de analisar como as práticas e os discursos expressam assimetrias de poder e posicionamentos sociais – de classe, nacionalidade e gênero – reconhecíveis e acionadas pelos sujeitos envolvidos.

2.3. Gênero, sexualidade e poder no terreno do trabalho sexual

Neste trabalho tento pensar no gênero não apenas como categoria de análise, mas também como um organizador central das identidades que se intersecta intimamente com as ordens da sexualidade, nacionalidade, raça e classe social produzindo e reproduzindo relações de poder assimétricas e reiterando hierarquias sociais. Parto da premissa de que o gênero ocupa um lugar estruturante das práticas sociais e culturais, e a sexualidade um lugar de performance, confirmação ou

Copos, corpos e afetos

transgressão de estruturas de poder e códigos morais, identitários e institucionais.

Não é equivocado afirmar que as relações de poder que produzem diferenças assimétricas entre homens e mulheres podem ser encontradas em várias sociedades, entretanto, as formas pelas quais elas se manifestam culturalmente é que variam em cada contexto social (Vale de Almeida 2004). É importante termos em mente que estamos a lidar com um terreno em que os significados de gênero são herdados de percepções tradicionalistas que abrigam significativas atribuições de gênero às ações, emoções e comportamentos. Se, de um lado, a sexualidade das meninas que trabalham na noite é percebida como desviante por ser deslocada da função reprodutiva familiar e, além disso, por se construir num espaço marginalizado onde há a associação da atividade sexual ao dinheiro, de outro lado, para os homens, a busca por entretenimento erótico, e/ou sexo extraconjugal, em cenários prostitucionais é aceitável e até valorizada.

Vale ainda considerarmos a ideia de que contextos e práticas sociais influenciam-se mutuamente e, nesse sentido, é necessário inserir o terreno de interações que proponho analisar num quadro mais largo, nomeadamente o quadro das forças estruturais. A perspectiva que norteará essa discussão é aquela adotada por Raewyn Connell (1987) que entende a estrutura social como a expressão da ação combinada por diversos focos de poder através das instituições e outras formas de constrangimentos que operam sobre as práticas sociais.

Esta perspectiva de Connell é, grosso modo, uma síntese das principais correntes teóricas que rejeitaram o estruturalismo clássico na medida em que este procura entender as práticas como configuradas pelo constrangimento imposto por um sistema rígido de regras sociais. Fazem parte também desta reelaboração do conceito da estrutura social Bourdieu (1999, 2001), que trouxe a perspectiva das práticas como sendo resultado das incorporações do mundo social pelos agentes através de suas disposições para sentir, pensar e agir (*Habitus*). E Giddens (1979) que, por sua vez, argumenta que as estruturas não podem ser reduzidas aos mecanismos repressores da ação humana, mas sim entendidas como parte de uma dinâmica na qual a estrutura e as práticas se influenciam mutuamente a partir da capacidade de agência dos sujeitos

Copos, corpos e afetos

sociais.

Assumo a perspectiva foucaultiana que entende o poder enquanto fluxos capilares, instáveis e móveis que permeiam, em diferentes níveis, variados tipos de interações sociais (cf: Foucault 1990, 2005). Isto é dizer que, embora as estruturas de dominação e subordinação sejam aqui consideradas, os sujeitos deste estudo não se encerram nas categorias daqueles que são privados de poder ou daqueles que o possuem. Indivíduos fazem parte de mais de uma comunidade ao mesmo tempo e podem experimentar, simultaneamente, opressão e privilégio. O que está em causa é tentar identificar como e quando as interações dinamizam as correlações de força, assim como identificar os usos que os sujeitos fazem delas.

Pensar nas interações que acontecem nas casas de alterne demanda um olhar multidimensional que consiga capturar a força das estruturas de poder e, ao mesmo tempo, a complexidade das agências e das subjetividades produzidas pelos sujeitos envolvidos neste universo de sociabilidades.

Vale ainda dizer que, no que diz respeito às linhas de discussões feministas acerca do mercado sexual, este estudo se enquadra numa linha teórica e metodológica que pretende superar as correntes abolicionistas que ganharam força midiática com as discussões sobre o tráfico mulheres para fins de exploração sexual. Diferentemente das linhas proibicionistas que consideravam a prostituição como um delito e as prostitutas como delinquentes, o abolicionismo é centrado na visão da prostituta como vítima de um sistema que explora a mulher e que reduz seu corpo a objeto de prazer masculino. A mulher que se prostitui é considerada, segundo estudos que se enquadram nestas correntes, como carente de poder e vítima de violência, e o ato de se prostituir é considerado, em qualquer circunstância, como um caso extremo de abuso sexual, violência e opressão contra mulher⁶.

Contudo, esta pesquisa não se enquadra tampouco nas posições contrárias que consideram a prostituição como instrumento de promoção e expressão da liberdade sexual e econômica femininas. Vejo o trabalho sexual como algo ambivalente porque ao

6 Sobre as linhas de discussões feministas acerca da prostituição (cf. Piscitelli 2007a; Scoular 2004)

Copos, corpos e afetos

mesmo tempo em que ele desafia as fronteiras impostas à sexualidade feminina e permite com que várias mulheres possam garantir seu sustento fugindo da precariedade de outros trabalhos desqualificados, ele é também um campo que reforça normas dominantes e opressoras da heterossexualidade e da feminilidade. Trata-se de atividades que se localizam nas complexas dinâmicas entre a repressão e a resistência (cf. Agustin 2001; Kapur 2001; Kempadoo, Doezema 1998).

A partir da abordagem do universo experiencial das brasileiras que trabalham em casas de alterne, este estudo pretende expandir os olhares sobre o mercado sexual, deslocando-os da esfera moral e desconstruindo percepções sociais que se cristalizam em normatividades específicas. Refiro-me a percepções e normatividades que não só empurram as mulheres envolvidas em atividades prostitucionais para as zonas sombrias da vida social, mas que também operam como cerceadores de práticas sexuais de forma opressiva e excludente a todas as mulheres.

Sobretudo no que diz respeito à sexualidade, estas mulheres representam, por instrumentalizarem o sexo e o afeto, uma fuga à norma que se traduz, muitas vezes, numa desvalorização social. É precisamente sobre as percepções acerca deste deslocamento dos quadros normativos da sexualidade que este trabalho se debruça, buscando, sobretudo, revelar as estruturas de poder que estão por trás da produção das subjetividades neste universo em diálogo com o contexto mais amplo da vivência da sexualidade feminina no ocidente contemporâneo.

Este objetivo desdobra-se portanto em três pontos: 1) Questionar e problematizar as fronteiras discursivas entre sexo comercial e não comercial; 2) Desconstruir os julgamentos de valor que definem o sexo por amor como superior ao sexo por dinheiro e, conseqüentemente, a suposta incompatibilidade entre afeto/desejo e interesses materiais diversos; e, finalmente, 3) Sublinhar como as categorias do gênero, da nacionalidade e da classe se intersectam e operam neste terreno.

Todo o debate que constitui este trabalho foi desenvolvido à luz das teorias críticas feministas, sobretudo no âmbito de duas escolas que se cruzam e se complementam: a) As teorias feministas pós-coloniais que partem da relevante

Copos, corpos e afetos

influência que as situações coloniais e imperiais exercem sobre indivíduos ao redor do mundo. São perspectivas que buscam analisar diferentes contextos discursivos e/ou experienciais através da ênfase nas diferenças históricas, sociais e culturais que posicionam os sujeitos em sistemas hierarquizados de classificações; e b) Os estudos das interseccionalidades que procuram identificar os tempos e espaços onde as categorias de gênero, raça, classe e sexualidade se intersectam produzindo desigualdades.

É, portanto, a partir da articulação destas duas correntes teóricas e metodológicas que esta pesquisa busca superar o modelo de uma simples adição de diferentes categorias que formam distintos tipos de identidades. Procuo compreender as construções identitárias enquanto relacionais, interativas e fluidas, de maneira que se produzem e se expressam através de seus posicionamentos nas múltiplas hierarquias sociais. São essas hierarquias, enquanto largas correlações de força, que afetam o acesso ao poder e a privilégios, influenciam as relações sociais, criam condições para construção de sentidos e configuram as experiências cotidianas dos indivíduos (cf. Brah, Phoenix 2004; Cho, Crenshaw, McCall 2013; MacKinnon 2013). Isto é dizer que as estruturas sociais transnacionais e locais produzem condições e experiências distintas para homens e mulheres em diferentes tempos e lugares.

Neste sentido, este trabalho objetiva compreender as maneiras pelas quais os sujeitos de pesquisa são circunscritos e posicionados socialmente em relação às estruturas de gênero, nacionalidade, raça, classe e sexualidade. A partir daí, pode-se evidenciar não só as formas que esse posicionamento social refletem nas vivências das mulheres deste contexto mas também como elas mobilizam essas desigualdades transformando-as em recursos que desestabilizam os focos de poder e que abrem brechas para negociações e possibilidades de ação.

3. Organização da dissertação

O primeiro capítulo, *As meninas da noite: apresentação do campo*, traz uma

Copos, corpos e afetos

introdução ao terreno das casas de alterne e das colaboradoras desta pesquisa. Uma descrição detalhada é feita sobre os bares, suas dinâmicas de funcionamento, as estratégias utilizadas entre as meninas e os perfis gerais dos clientes. Seguidamente apresento o perfil de cada uma das onze meninas que participaram nesta etnografia descrevendo seus contextos de origem, suas trajetórias migratórias e sua inserção na atividade de alterne. Procuo situar tais trajetórias no amplo contexto da migração brasileira em Portugal demonstrando como as categorias do gênero, da nacionalidade, da classe e da sexualidade se intersectam inscrevendo essas mulheres numa condição de alteridade inferiorizada e racializada. Além disso, neste capítulo eu exploro as fronteiras entre prostituição e alterne e sua ênfase nas narrativas identitárias das meninas.

O segundo capítulo, *“Quem ama cuida”*: sobre o amor de família e o cuidado transnacional, veremos como as práticas de cuidado, fortemente genderizadas, constituem-se enquanto principal vetor de manutenção dos laços transnacionais entre as meninas e suas famílias no Brasil. Trata-se de dinâmicas produzidas através das performances de cuidado à distância que reconfiguram os papéis sociais das migrantes no seio familiar, suas noções de responsabilidade e obrigação e, sobretudo, as relações de poder intrínsecas a este contexto. Na segunda parte do capítulo faço uma breve revisão da literatura produzida em Portugal acerca da prostituição, buscando evidenciar os discursos em torno da maternidade neste contexto. A partir desta revisão e das narrativas das colaboradoras da minha pesquisa, procuro demonstrar de que forma as declarações eloquentes sobre a importância dos filhos desempenham um papel não só suavizador do estigma mas também revelador da condição de opressão heteronormativa em que se inscrevem as trabalhadoras sexuais, sobretudo no que diz respeito ao cerceamento de sua sexualidade e seu aprisionamento no campo da reprodução.

No terceiro capítulo, *Clientes e namorados: entre sexo, amor e ajuda*, concentra-se nas questões relacionadas com a procura pelas casas de alterne por parte dos clientes e nas relações entre estes e as meninas. Falarei das complexas dinâmicas de poder que se camuflam nas noções de dádiva, reciprocidade e generosidade no ato de pagar um copo e na ajuda e das formas como essas dinâmicas se articulam com os ideais hegemônicos de masculinidade. Abordarei os relacionamentos, que se estendem para

Copos, corpos e afetos

fora dos bares e se reconfiguram como uma espécie de namoro, em que estão presentes intercâmbios entre disponibilidade sexual e afetiva e dinheiro e outros benefícios materiais e sociais. Percepções sobre emoções, amor, conjugalidade, interesse e instrumentalização da intimidade serão problematizados.

No quarto capítulo, “*Senhoras na sala e putas na cama*”: *feminilidades, performances, estratégias e o gerenciamento das identidades*, procuro demonstrar as estratégias e performances utilizadas pelas meninas em suas interações com os clientes no sentido de fazer com que estes se sintam desejáveis e especiais. As meninas, no bar, lançam mão de uma hiperfeminilidade que evoca uma alteridade tropicalizada que vai desde o cuidado com o visual, numa estética voltada para a sensualidade acentuada, até as atitudes que evocam uma associação da disponibilidade sexual ao modelo feminino de mulher submissa, carinhosa e companheira. Veremos ainda que o processo de gerenciamento da identidade é dinâmico, e que tais performances, ao mesmo tempo em que agregam valor nas interações nos bares, são alvos de vigilância e reforçam estigmas. Além disso, falaremos também dos discursos sobre as emoções e como esses discursos são discursos de gênero, na medida em que o campo das emoções e dos sentimentos são percebidos como parte do território feminino.

No quinto e último capítulo, *Patroas que são mães, amigas que são irmãs: O mundo social sob a lógica de família*, parto de dois exemplos etnográficos, nomeadamente dois bares gerenciados por mulheres, e das narrativas das meninas que lá trabalham sobre suas patroas, para dar continuidade ao debate a respeito do cuidado, mas agora sob uma outra perspectiva: a das relações laborais que se desenvolvem através do uso da metáfora da família. São relações estruturadas em torno de noções genderizadas de cuidado e ajuda, nas quais a figura feminina da autoridade – proprietária e gerente, respectivamente, nos casos aqui apresentados – busca sua legitimação através de sua aproximação da figura da mãe, ou seja, aquela que cuida, controla e protege. Na segunda parte veremos que a dinâmica de solidariedade e reciprocidade enquanto vetores de laços sociais no trabalho também se estende ao círculo de amizades estabelecidas no universo das imigrantes alternes. As meninas ajudam-se umas as outras partindo da ideia de que o fortalecimento dos laços entre

Copos, corpos e afetos

amigas – que passam a ser vistas como irmãs – é condição necessária para a sobrevivência satisfatória num ambiente esvaziado de família e vínculos sociais mais sólidos. No entanto trata-se, em ambos os casos, de relações permeadas por assimetrias de poder e situações de opressão difíceis de serem identificadas como tal. Ao serem percebidas sob uma ótica familiar – levando em conta uma visão hegemônica da família como um espaço seguro, solidário e livre de injustiças – tais relações acabam por impor contornos cinzentos a uma paisagem que pretende ser igualitária e justa.

CAPÍTULO 1 – As meninas da noite: apresentação do campo.

1. O primeiro dia de Gabi: de quando as meninas “entram na noite”.

Hoje entrou uma menina nova no bar. Ela usava um vestido preto soltinho, desses que ficam fofinhos no corpo, presos com um elástico na barra, tipo balonê. O vestido era curto mas as pernas se escondiam dentro de colãs (meias-calças) pretas bem espessas, dessas de inverno. A sandália era discreta, com um salto médio e de cor prateada. Seus cabelos estavam presos em rabo de cavalo e a maquilhagem não era forte em comparação com as outras meninas do bar.

(...) Bela e Luciana chegaram e me fizeram um sinal para eu fosse sentar com elas. A empregada de mesa conduziu a novata até nós e pediu à Luciana para ajudar a menina porque era seu primeiro dia e ela não tinha experiência. Luciana se apresentou com muita simpatia e um jeito acolhedor. “Oh amor, vem cá, vou te dar umas dicas!”. Ela tratou de nos apresentar (eu e Bela) à menina e, puxando-lhe pela mão, partiu em direção ao camarim. Bela lembrou dos seus primeiros dias no trabalho, de como se sentiu perdida e humilhada. Rimos mais uma vez da história do primeiro cliente que cheirava mal.

As duas voltaram rapidamente e Luciana, com ares de orgulho de “sua obra”, trazia a nova colega com o visual totalmente diferente. As meias calças pretas deram lugar às nuas pernas grossas e torneadas. O cabelo estava solto e a maquilhagem reforçada, com lápis bem preto fazendo o contorno dos olhos. Ela sorria timidamente enquanto tentava se equilibrar nos saltos enormes que Luciana lhe emprestara. “Olha que sorte, ela calça o mesmo número que eu!”, disse Luciana. A novata se sentou e nos disse, mais uma vez, o seu nome bastante incomum. Bela disse que ela precisava mudar de nome, arranjar um nome artístico. Começamos as três a conversar sobre nomes, dando várias sugestões, até que Bela encontrou o nome que agradou a todas: Gabi. O nome era simples, simpático e fácil de guardar. “Pronto, daqui em diante seu nome é Gabi!”.

Gabi é do Espírito Santo e vivia na capital, Vitória, até o início de 2012 quando completou 22 anos e resolveu migrar para Portugal. Ela disse que tem uma prima que vive em Lisboa mas

Copos, corpos e afetos

a prima não sabia que ela estava ali experimentando esse trabalho de alterne. “Ela nem pode sonhar, ela ia ligar direto pra minha mãe para dar com a boca nos dentes”. Gabi trabalha durante o dia num café e disse que queria manter os dois trabalhos, caso as coisas corresse bem no bar. Ela perguntou algumas coisas sobre o trabalho de alterne e demonstrava preocupação em relação à intimidade com os clientes, dizendo que não tinha acreditado muito “nessa coisa de que não tinha sexo”. As meninas explicaram que ela só tinha que beber copos com o cliente, que por cada copo ela ganharia uma comissão e que ela tinha que cobrir uma cota de 2 mini Gancias (garrafas pequenas de espumante), ou de uma garrafa de champanhe, para receber o fixo de 60 euros por dia. A partir desse cota, ela ganhava 50 por cento do valor das bebidas que os clientes lhe pagassem. Sobre as interações com os clientes, Bela sugeriu que ela perguntasse sobre suas vidas, “coisas básicas, só para meter conversa, tipo o que ele faz; se é de Lisboa, se já foi ao Brasil...”. “Perguntar sobre trabalho é bom porque dá pra você ter uma ideia se o cliente tem dinheiro ou não.” Completou Luciana. Disse ainda à ela para tentar seduzir o cliente, jogar charme, se aproximar, tocar um pouco nas pernas, falar besteiras, ser bem humorada e rir das piadas, mesmo das que não tinham graça. Bela alertou para que ela não perdesse muito tempo com o cliente: “se em 15 minutos ele não oferecer uma bebida, você pede. Se ele não pagar, você se despede e vai embora”. Gabi perguntou como ela podia pedir pela bebida e Luciana, colocando as mãos em sua perna e simulando uma interação com o cliente, disse sorrindo: “Amor, posso pedir uma bebida?” E acrescentou: “Ou, quando ele pedir a bebida dele você pergunta: e eu amor, não bebo nada? Também tenho sede”. A jovem iniciante ouvia com atenção e balançava a cabeça em sinais positivos como se quisesse convencer a si mesma de que, afinal, o trabalho não era um monstro de sete cabeças.

Dois clientes entraram. Luciana disse à Gabi: “olha, vai lá naqueles, se você quiser eu vou contigo”. Mas então Bela disse que era cliente da Ana e elas desistiram. Outro cliente entrou no bar e a empregada de mesa fez sinal para Gabi ir ter com ele. Ela obedeceu e as meninas disseram em coro: “vai lá, força!”

(Bela): “Nossa, mas tinha que ser logo o Panda? (elas chamavam o cliente de panda devido ao seu excesso de peso). Muita sacanagem da Rita mandar a Gabi nesse velho babão”. Eu perguntei o que havia de mal com o cliente e elas me explicaram que tratava-se de um cliente “muito tarado, que quer ficar enfiando o dedo na sua cona, no seu cu o tempo todo. Ele parece um polvo com aqueles mil braços nojentos em cima de você!” Elas me disseram ainda que ele é estúpido, que trata mal e

ofende as meninas que tentam evitar demasiada intimidade. (Bela): “Ai, coitada da bichinha, vai ficar traumatizada!”. Eu perguntei se Rita sabia que o cliente era assim, uma vez que ela mandara Gabi se sentar com ele, e elas falaram que sim, que todo mundo sabe. (Luciana): “Ele é cliente velho da casa, então empurram as novatas nele porque ninguém quer sentar com ele, eu não me sento e já disse isso ao patrão. Não me sento e pronto”. (Bela): “eu me sento com ele se ele quiser, mas acho difícil ele querer, sabe por que? Porque a última vez que me sentei com ele eu bebi uma champanhe inteira em menos de 15 minutos!! A mais rápida do oeste!” Nós três rimos e eu disse que era uma boa estratégia.

Um pouco depois as meninas foram ter com outros clientes que chegaram. Eu fiquei sozinha observando a mesa em que Gabi estava, mas eles se sentaram em uma mesa mais isolada, o que dificultava um pouco a minha visão. O “panda tarado” pediu a segunda garrafa. Pelo menos a Gabi está cobrindo a cota mínima em seu primeiro dia e não sairá do bar com menos de 60 euros, pensei.

Luciana e Bela estavam com mais uma outra menina numa mesa com 3 clientes, estes mais ou menos na faixa dos 45 anos. A empregada levou a primeira garrafa de champanhe lá. Nessa noite, só nessa mesa, foram 4 garrafas. Vez ou outra os casais iam dançar agarradinhos na pista.

Eu estava sozinha quando Gabi regressou e seu semblante não era dos melhores. Eu perguntei como tinha corrido e ela começou a falar, chorar e soluçar ao mesmo tempo. Eu fiquei meio apavorada sem saber o que fazer. Pedi à ela que se acalmasse e perguntei se ela queria que eu a acompanhasse à casa de banho. Ela se conteve, limpou as lágrimas, com cuidado para não borrar a maquiagem, e disse que o homem era nojento, que queria enfiar as mãos e os dedos dentro dela, que queria pegar nos seus seios, que queria beijá-la à força. Ela disse que teve muito nojo, que não sabia o que fazer e que ele continuava a forçá-la, mesmo sabendo que ela não queria aquilo. “O pior é que, quando eu fiquei aliviada porque a garrafa estava no fim, ele pediu mais uma. Foi horrível, não sei se vou aguentar isso... eu queria sumir daqui” desabafou.

Fiquei comovida e um pouco nervosa com essa situação, que me pareceu a de um abuso violento. Gabi é jovem, inexperiente e estava muito abalada. Eu contei a ela sobre os comentários das meninas, do fato dele ser um mau cliente. Comentei também o fato da Luciana não se sentar com ele. “Afim, você pode recusar!”, eu disse. E contei da estratégia da Bela em beber muito rápido. Gabi se acalmou mas não quis ir em outros clientes, embora a casa estivesse cheia. As meninas voltaram e

Copos, corpos e afetos

conversaram com ela sobre o Panda, tentando animá-la e dizendo que ele era o pior cliente da casa e que, pelo menos, ela já tinha passado pelo pior. (Luciana): “Agora relaxa, você vai ver que não é sempre assim”. Luciana queria ir em dois clientes que estavam sozinhos. Eram dois homens na faixa dos 50 anos que ela dizia saber quem eram. “Nunca me sentei com eles, mas acho que eles pagam”. Bela não queria ir e elas convenceram Gabi em acompanhar Luciana. As duas foram. Rapidamente uma garrafa de champanhe foi pra mesa. Gabi parecia bem. Todos conversavam e riam. (Notas de campo, Outubro de 2012)

Gabi, assim como a maioria das meninas que colaborou nesta pesquisa, migrou para Lisboa motivada pela busca de melhores oportunidades de trabalho e também por vontade de “viver coisas novas”. Vinda de uma família de classe média-baixa, Gabi, 22 anos, relatou ter despertado em si a vontade de morar em outro país quando ainda era criança, precisamente após uma prima, mais velha do que ela, ter deixado o Brasil para viver em Portugal, há mais de 10 anos. “Cada vez que ela (a prima) vinha no Brasil e trazia presentes, mostrava fotos, cheia de coisas diferentes, eu ficava enlouquecida com aquilo, achava o máximo!” disse Gabi.

Depois de ter terminado o secundário, Gabi resolveu investir no projeto migratório, mesmo com certa resistência de sua prima, segundo ela, devido à crise que Portugal enfrenta. Seus pais fizeram um empréstimo no banco para comprar sua passagem e ter algum dinheiro para o sustento até arranjar um trabalho. Com sua prima estabelecida em Portugal, ela pôde se beneficiar de sua rede de contatos para conseguir seu primeiro emprego no novo país – como atendente num café. No entanto, ela trabalhava muito e ganhava pouco (por volta de 500 euros) e se sentia frustrada pela discrepância entre a realidade migratória e as expectativas que tinha em relação a mesma, principalmente em relação aos ganhos. Através de um colega do café, que havia trabalhado como segurança em bares, ela ouviu falar, pela primeira vez, na atividade de alterne. Gabi ficou interessada e o tal colega a colocou em contato com o gerente do bar.

As notas de campo sobre o primeiro dia de Gabi, apresentadas acima, foram escolhidas para abrir o capítulo por trazerem aspectos importantes acerca do universo dos bares de alterne na experiência de migrantes brasileiras, sobretudo no que diz

Copos, corpos e afetos

respeito à sua entrada no mesmo, suas motivações, medos e inseguranças iniciais; às proximidades e fronteiras entre a atividade de alterne e a prostitucional; e ao funcionamento dos bares, assuntos que serão tratados neste primeiro capítulo.

Os clubes, no geral, são parecidos entre si em termos de estrutura, decoração e funcionamento, mas variam em seu tamanho e na quantidade de meninas a trabalhar. No maior bar que visitei trabalham cerca de quarenta mulheres e, no menor, apenas cinco. As brasileiras são presença majoritária na grande parte dos bares visitados mas não são as únicas a dividir a clientela com as portuguesas. Também trabalham nos bares mulheres vindas da Angola, Moldávia, Ucrânia, Romênia, Rússia, Bielorrússia.

Os dois bares visitados no centro de Cascais¹ são os únicos em que a presença das brasileiras não é maioria. Nestes estabelecimentos a maior parte das mulheres é nacional da Romênia, Ucrânia, Rússia, Bielorrússia e Moldávia (essas são origens mais comuns, mas não as únicas). Uma das alternes com quem conversei, Vitória, uma russa de 33 anos, me informou que a presença de brasileiras ali é menor pelo fato delas não falarem inglês, uma vez que a clientela é largamente formada por estrangeiros. Neste sentido, a afirmação de Vitória sugere que a limitação do espaço a determinadas nacionalidades se resume a uma questão de capital escolar e linguístico, ou seja, de qualificação. No entanto, tal justificativa expressa uma noção de alteridade, em relação às brasileiras, que intersecta marcadores de classe e de raça resultando em assimetrias de poder, como veremos mais à frente.

A presença de mulheres portuguesas e nacionais de países africanos de língua portuguesa, por sua vez, é mais expressiva em bares localizados em regiões de fronteiras (cf. Ribeiro, Silva, Ribeiro, Sacramento, Schouten 2008) ou setores prostitucionais mais pobres e precários, tal como nas ruas do Intendente ou Cais do

1 Cascais é uma sub-região da Grande Lisboa muito frequentada por turistas nacionais e estrangeiros devido, principalmente, às bonitas praias e, às margens dessas, aos diversos restaurantes, bares e discotecas. Pode-se dizer que é uma região nobre, onde condomínios e mansões imponentes dividem a paisagem urbana com hotéis de luxo. No entanto, trata-se de uma sub-região bastante grande e populosa na qual encontra-se também, nas partes interiores e mais afastadas da costa, moradias e comércios mais populares e acessíveis onde a presença de imigrantes, sobretudo brasileiros, é expressiva.

Copos, corpos e afetos

Sodré, ambos bairros centrais e populares da capital.

À primeira vista, até se poderia dizer que os bares de alterne são parecidos com uma discoteca comum, não fosse por uma calmaria quase desconcertante que é sentida logo que se adentra o salão. A música sempre alta, e alguns tímidos piscares de luzes e neons que invadem a penumbra, embalam a intensa sensação de monotonia que se instala no ambiente. O odor é sempre marcado pela mistura entre perfumes adocicados e fumaça de cigarro. As mulheres, distribuídas em pequenos grupos nos sofás que rodeiam mesas abrigadas pela luz fraca, conversam entre si, fumam e mascam chicletes, mexem nos telemóveis ou simplesmente esperam entediadas pela chegada de clientes. Na pista de dança, ora há casais dançando uma balada romântica, ora há mulheres se despindo em movimentos sensuais no varão.

Pouco a pouco os homens começam a entrar e o movimento é repetido ao longo da noite: as meninas vão ter como os clientes, fazendo-lhes companhia durante o tempo em que eles permanecem na casa, ou logo se levantam e voltam a sentar-se junto às outras, ou vão tentar a sorte com outros clientes. Tudo depende se eles pagam ou não bebidas. A norma geral das casas é de que as meninas não continuem com um mesmo cliente por mais de 15 minutos se ele não lhe pagar um copo, em alguns casos, sob pena de multa.

Ao observar as mesas é possível ver diferentes tipos de interações entre clientes e alternes: os que parecem casais apaixonados; os que conversam sem parar; os que se tocam mais ousadamente e os que o fazem com discrição; os que aparentam enfadados e olham em silêncio para a pista de dança; os que, normalmente em grupos, riem muito, são festivos e barulhentos.

As meninas normalmente usam vestidos curtos e roupas mais coladas ao corpo, mas os estilos não são muito diferentes do que se vê entre o público jovem nas discotecas em geral. No entanto, a questão das roupas também varia entre os bares e as meninas. As *strippers*, por exemplo, geralmente vestem-se mais ousadamente. Os cabelos, a maquiagem e as unhas são, para todas, muito bem cuidados e arrançados e o salto alto está sempre presente.

Copos, corpos e afetos

O sistema de bebidas comissionadas como foco da atividade é fruto de um processo iniciado a partir da criminalização da exploração da atividade prostitucional de terceiros, ou seja, a prática de “lenocínio”². Os antigos bordéis de Portugal – também conhecidos por casas de alterne, de meninas, de passe, ou “sobe e desce”³ – se viram obrigados a reconfigurar seus espaços e serviços de forma a escapar da rigidez dos controles policiais. A partir de meados dos anos 90, esses controles foram reforçados pelas buscas do SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – devido não somente ao aumento da presença de imigrantes sem documentação nestes contextos mas também a uma espécie de pânico moral desencadeado pelo empolamento midiático das discussões relacionadas às situações de tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual⁴.

Em vista deste quadro, notamos dois movimentos adotados pelos bares: 1. A camuflagem da exploração prostitucional através do sistema de copos, de forma que as meninas continuam a oferecer serviços sexuais mas exercem-no fora do espaço do bar, utilizando deste último apenas para angariar os clientes; 2. A abolição do sexo (vaginal, oral, anal ou masturbatório) como serviço oferecido pelos bares e pelas meninas, concentrando a atividade apenas na venda superfaturada de bebidas que são pagas em troca da companhia feminina. Neste último caso, no qual se enquadram os estabelecimentos abordados nesta pesquisa, as meninas não estão autorizadas a saírem sozinhas, ou com clientes, durante o horário de funcionamento da casa.

Contudo, é importante notar que as casas que oferecem serviços sexuais no mesmo local do bar – normalmente com quartos em outro andar ou nos arredores –

2 “(...) no dia 1 de Janeiro de 1983 entrou em vigor o novo decreto-lei, revogando o art.º 1.º da lei de 1962 que proibia o exercício da prostituição. Pelo Decreto-Lei n.º 400/82 assiste-se à despenalização do acto prostitutivo e à criminalização do lenocínio, como forma de evitar o fomento, favorecimento ou facilitação dos actos de prostituição.” (Oliveira 2004).

3 “Sobe e desce” é uma referência ao tipo de atividade que se desenrolava nestes estabelecimentos nos quais as mulheres angariavam os clientes no bar e negociavam com eles os preços e detalhes da relação sexual que, por sua vez, acontecia no andar de cima, onde se localizavam os quartos destinados a este fim.

4 Sobre investigações que adotam uma perspectiva crítica acerca dos paradigmas do “Tráfico de seres humanos”, denunciando não só as limitações das abordagens que vitimizam os trabalhadores do sexo e/ou imigrantes mas também descortinando as políticas de reforço de fronteiras que estão por trás desses discursos, ver: Em Portugal: (Alvim 2009; Alvim, Bordonaro 2012; Alvim, Togni 2010). Em outros contextos: (Silva, Blanchette, Pinho, Pinheiro, Leite 2005; Agustín 2007; Piscitelli 2008b; Doezema 2000; Kempadoo 2005).

Copos, corpos e afetos

ainda existem em Portugal, embora sejam mais comuns em regiões fronteiriças e remotas devido à sua clandestinidade (Ribeiro, Silva, Ribeiro, Sacramento, Schouten 2008). Um exemplo empírico neste segmento será abordado no capítulo 5.

As práticas relacionadas com o ato de fazer companhia ao cliente em troca de bebidas comissionadas podem ser largamente encontradas em diferentes tipos de bares que oferecem entretenimento erótico direcionado ao público masculino. Não só em Portugal, mas em toda a Europa, beber um copo com o cliente faz parte da rotina das bailarinas que trabalham em clubes de *strip*, assim como também o faz das mulheres que trabalham em casas de saída. Neste último caso o sistema de copos é muito comum pois trata-se do momento em que as trabalhadoras sexuais negociam com os potenciais clientes os detalhes da saída/programa – o preço, a duração e os serviços oferecidos. Em algumas destas casas em Lisboa, como vimos, a mulher só pode sair com o cliente depois que este lhe paga uma bebida. Trata-se de um acordo previamente feito entre as trabalhadoras sexuais e os donos dos bares.

No entanto, ainda que a restrição ao sexo seja imposta dentro do bar de alterne e também o impedimento das mulheres saírem de lá com os clientes durante o horário de trabalho, as casas de alterne são vistas como sinônimo de bares de prostituição. Se por um lado as especificidades da atividade da alterne enriquece e potencializa seu estudo antropológico, por outro lado, acabei por cair em um terreno muito específico e relativamente desconhecido na academia e no senso comum em geral.

Em pesquisas na internet sobre casas de alterne, encontrei alguns fóruns de discussão em que o assunto era abordado por homens que possuem algum conhecimento ou experiência como clientes. O fórum que possui o maior número de membros e acessos diários é o GP Portugal⁵. Trata-se de uma website direcionada especificamente para consumidores masculinos do entretenimento erótico e do sexo comercial, mas que possui também um espaço para acompanhantes femininas postarem seus anúncios e interagirem nos diversos tópicos.

5 GP é uma sigla para “garota de programa”, entretanto os moderadores do fórum explicam que, como o termo veio do Brasil e não é muito utilizado em Portugal, GP também significa “grande puta”. «GP-PT». GP.PT. <http://www.gp-pt.net/forum/index.php>.

Copos, corpos e afetos

Entre outros temas, o GP traz tópicos que tratam especificamente da descrição de bares noturnos. Os membros relatam suas experiências, informam sobre preços, avaliam o serviço e opinam sobre as mulheres – se são bonitas ou não, se têm uma boa performance no show de *strip* ou no privado, etc. Os comentários são detalhados e normalmente dedicam especial atenção aos tipos de “serviços” que as mulheres prestam nesses bares. O termo “bar de copos”, amplamente usado nestas conversas virtuais, faz referência precisamente às casas de alterne em que nada acontece para além do pagamento de bebidas em troca da companhia das mulheres, o que, necessariamente, exclui a relação sexual.

Para além disso, há também as casas de alterne em que, segundo os comentadores do GP, oferecem “privados a sério”, o que significa que existe contato íntimo com as mulheres nestes espaços reservados e, em alguns casos, serviços sexuais mediante ao pagamento de extras, negociado diretamente com a alterne e não contabilizado pelo bar. O trecho abaixo, retirado do fórum, é ilustrativo dessas questões:

Por fim, resolvi ir fazer um privado, achei que tinha tudo conversado "lá dentro fazemos o que tu quiseres" diz-me ela, mas assim que entramos no cubículo parecia que tinha voltado aos meus 18 anos: não podia tocar (aliás tentei meter umas mãos nas mamas e ela parou e já ia chamar um empregado, o que quebrou logo o ambiente para o resto do privado). Quando lhe perguntei se fazia um oral, ainda começou a berrar a perguntar se eu achava que ela era uma puta... "não, és uma senhora cheia de nível, mas obviamente a vida é que te pregou uma rasteira!"

Contudo, é importante notar que o público ativo deste website é formado, na maioria, por homens jovens – que dizem ter entre os 25 e 35 anos –, solteiros e que declaram ter preferência pelo serviço prostitucional, nomeadamente o pagamento de dinheiro em troca de sexo. Curiosamente, mesmo que estes homens afirmem constantemente estarem a procura de serviços sexuais, as discussões no Fórum sugerem que eles são frequentadores assíduos de casas de alterne e não somente de bares de saída. As contradições entre narrativas masculinas e o que foi observado no terreno serão problematizadas no terceiro capítulo.

Copos, corpos e afetos

A escassez de estudos que abordam o terreno das alternes com alguma profundidade e a ideia bastante difundida de que as mulheres que ganham dinheiro bebendo copos são também prostitutas – o que leva a que suas especificidades sejam invisibilizadas, uma vez que a atividade é enquadrada na categoria da prostituição – me fez prestar mais atenção ao fato de que os discursos das alternes acerca de suas percepções sobre a atividade que desempenham passam recorrentemente pela sua diferenciação com a prostituta.

É muito importante ressaltar, mais uma vez, que não procuro aqui a reiteração da distinção entre mulheres prostitutas e não prostitutas como se a prática comercial da relação sexual estivesse em desvantagem em relação às atividades que não fazem uso da mesma. A questão que se coloca não é se as mulheres das casas de alterne só bebem copos ou se prestam também serviços sexuais aos clientes. O que proponho neste trabalho é analisar como as meninas neste contexto fazem suas objetificações e racionalizações sobre a sexualidade e como as práticas sexuais são investidas de significações identitárias.

2. As meninas.

Apesar da heterogeneidade dos perfis, trajetórias e contextos de origem, as meninas que fizeram parte desta pesquisa compartilham algumas particularidades. Todas se definem como heterossexuais, brancas e/ou morenas; todas deixaram o Brasil antes de completar os 30 anos; a maioria vem de famílias de classe média baixa; apenas uma trabalhava no mercado sexual antes de migrar e o restante trabalhava no setor de serviços e comércio; a maioria tem o ensino médio completo (secundário, em Portugal) e três chegaram a ingressar na Universidade mas não completaram os estudos. Embora o fator econômico esteja presente em quase todos os casos, as motivações para migrar são apresentadas também em termos de “vontade de mudança, de viver coisas novas”. Apesar do recurso a empréstimos bancários, ou de outras fontes, ter sido a maneira comumente encontrada para concretizar o projeto migratório, nenhuma das

Copos, corpos e afetos

colaboradoras desta pesquisa se encontrava em situação de tráfico ou mesmo em dívidas com proprietários de clubes.

Por limitações de acesso aos contextos sociais e econômicos das meninas e de seus familiares no Brasil, e também por uma opção metodológica de não aprofundar em conceituações e critérios de diferenciações de classe social brasileira temendo uma redução de suas complexidades, a alternativa adotada aqui foi a de procurar descrever seus contextos de origem em termos de profissão, grau de instrução, localização urbana – quando isso foi possível – e acesso a recursos financeiros tanto para o alcance do projeto migratório como no que diz respeito ao compromisso de realizar remessas para o Brasil no intuito de ajudar os familiares.

Neste sentido, por classes populares me refiro aos núcleos familiares com considerável escassez de recursos, interdependência econômica mútua – pais e filhos trabalham, estes desde muito cedo, e compartilham as contas da casa, sendo todos os rendimentos fundamentais para a manutenção das despesas básicas –, formação escolar inferior ao nível secundário e trabalho em setores de baixa qualificação. Por classe média baixa me refiro às famílias com escassez de recursos financeiros mas com maior acesso a créditos, formação escolar de nível secundário, profissões menos qualificadas e ligadas aos setores de serviço e comércio e relativo acesso a recursos identificados como “de classe média” tais como casa e/ou carro próprio. Por fim, a classe média engloba maior autonomia das pessoas do núcleo familiar, casa própria, profissões mais qualificadas e formação secundária ou superior. Há, por exemplo, um caso em que os pais têm formação superior mas vivem com salários baixos e outro em que os pais só possuem o secundário mas são proprietários de pequenas e rentáveis empresas comerciais, diferenciando-se na bagagem escolar mas coincidindo mais ou menos na autonomia dos membros do núcleo familiar.

Laura⁶

Laura tem 34 anos. Nasceu e cresceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em um bairro onde vivem famílias modestas e de classes populares, como é o caso da sua família. Em Belo Horizonte, Laura, que tem o ensino médio completo, trabalhava como cabeleireira em um salão de beleza numa área nobre da cidade. Chegou a abrir o seu próprio salão mas as coisas não correram muito bem e Laura teve que fechá-lo e voltar a trabalhar como empregada em outro salão. E foi nessa época, no ano de 2006, que Laura resolveu migrar para Portugal em busca de possíveis oportunidades de “fazer dinheiro”, como ela disse. O único contato que ela tinha em Portugal era de uma conhecida, não muito próxima, que já vivia aqui há um ano. Quando chegou, ela tinha expectativas de continuar a trabalhar na área de estética e chegou a arranjar um emprego em um salão em Lisboa, mas trabalhava muito e ganhava pouco. Além disso, o salão era longe de sua casa, o que serviu como mais um fator que a motivasse a largar a atividade. Laura teve outros empregos de baixa remuneração e, após 6 meses da sua chegada, começou a trabalhar como alterne por recomendação de uma cliente do salão que trabalhava na noite. Quando entrou no bar pela primeira vez ficou muito chocada com o ambiente. Ela achou que não poderia continuar e chorava na casa de banho durante os primeiros dias. Usava roupas mais recatadas e ficava assustada com o vestuário provocante de suas colegas do bar. Ao ver um *striptease* pela primeira vez, ficou bastante horrorizada e, hoje, ao me contar o episódio, acha graça: “eu dizia: eu nunca vou fazer uma coisa dessas!”. Após alguns meses trabalhando no bar, Laura começou a fazer *strip* e assim continuou até largar de vez as atividades nos bares de alterne. As performances no varão era a parte do trabalho que mais lhe agradava.

Antes de migrar, Laura era casada. No entanto, ela decidira partir sozinha deixando o marido no Brasil. O plano era trabalhar, economizar dinheiro e regressar ao Brasil brevemente ou “preparar o terreno” para o marido juntar-se a ela caso valesse a

6 Todos os nomes foram trocados por nomes fictícios no intuito de proteger a identidade das participantes. Os nomes dos bares visitados e dos clientes também foram mantidos em sigilo. Kikas, proprietária do bar do Vale de Santarém, é a única exceção. Mesmo tratando-se de uma alcunha, Kikas é o nome pelo qual ela é conhecida na região. A decisão de mantê-lo na tese veio da solicitação da própria Kikas.

Copos, corpos e afetos

pena permanecer por mais tempo. O marido chegou a vir para Lisboa e tentara se estabelecer, mas nessa altura Laura já trabalhava na noite e o marido não se esforçava muito para ganhar dinheiro. Não durava em emprego algum, vivia cheio de desculpas para não trabalhar e Laura começou a se sentir explorada, “ele era muito folgado e eu não ia ficar trabalhando pra sustentar marmanjo”, disse. Após alguns meses da chegada do marido Laura quis se separar. “Eu praticamente coloquei ele dentro do avião para o Brasil”, conta.

Laura vê a atividade da noite com bons olhos e diz que sua vida em Lisboa melhorou muito depois de ter começado a trabalhar como alterne. No bar conhecia muita gente, dançava, bebia e se divertia. Todavia, Laura tem uma atitude bastante pragmática e realista diante sua situação laboral: “Não estou aqui pelas colegas, pelas pessoas, pelos clientes, por nada. Eu só estou aqui pelo dinheiro. A gente até se diverte mas não como os clientes, que estão aqui para se divertir. Estamos aqui a trabalho e essa é a diferença.”, disse ela numa de nossas primeiras conversas. Durante todo o tempo que trabalhou na noite, Laura manteve a atividade de cabeleireira, em sua casa, com uma pequena clientela formada por meninas que também trabalhavam na noite. Laura abandonou os bares de alterne, casou-se recentemente com um rapaz português, teve um filho e se mudou com marido para o Brasil.

Julia

Julia tem 35 anos, nasceu e cresceu na periferia de Goiania (Goiás) e chegou em Portugal em meados do ano 2000. Suas duas irmãs mais velhas já viviam em Lisboa há mais tempo e Julia resolveu juntar-se a elas, como o apoio das mesmas, quando soube que elas estavam a ganhar bastante dinheiro como *strippers* em clubes de alterne. A família de Julia vem de classes mais populares. Seus pais emigraram, um pouco antes de Julia nascer, de zonas rurais do estado para a capital e possuem níveis escolares bastante baixos. Ela própria não terminou o ensino médio.

Julia levou menos de um mês, após sua chegada em Lisboa, para começar a dançar em um bar noturno onde suas irmãs também trabalhavam. Visitou o bar algumas vezes para observar e aprender coisas básicas sobre o funcionamento da atividade.

Copos, corpos e afetos

Embora tenha tido dificuldades no início por conta de timidez, inexperiência e inseguranças quanto sua performance, a decisão de trabalhar na noite e o período de adaptação parecem ter sido menos duros para Julia do que foi para a maioria das minhas informantes. Julia tinha consciência do que as irmãs faziam e do que ela própria faria em Portugal desde que começou a projetar seu processo migratório. Ela conta, com bom humor, que durante os dias que antecederam sua estreia como *stripper* ela ensaiava alguns passos em casa com um cabo de vassoura – que fazia o papel do varão.

No dia da estreia ela estava muito nervosa e, como é de costume nesses casos, tomou uma dose de tequila oferecida pelo gerente para amenizar a tensão. Ela dançou sem ter coragem de encarar o público e diz que foi como um sonho, se sentia anestesiada e não conseguia se lembrar, nos instantes seguintes ao término da performance, o que havia feito no palco. Mas, pelo que as irmãs e colegas falaram, tudo tinha corrido bem.

Nos primeiros três anos que estive em Lisboa, Julia teve um relacionamento conturbado com um brasileiro que agrediu-lhe fisicamente e roubou-lhe 17 mil euros de sua conta bancária. Esse dinheiro era resultado de economias feitas ao longo destes anos de trabalho e estava destinado à compra de uma casa no Brasil.

Na época do trabalho de campo, Julia trabalhava numa discoteca em Lisboa onde apresenta dois shows de *striptease* por noite, de segunda a sábado. Trata-se de uma discoteca que, embora tenha sido um bar de saída no passado, não faz parte do circuito de entretenimento erótico. Localizada em uma área badalada de Lisboa, é destinada ao público jovem entre o qual Julia é muito conhecida e faz bastante sucesso. Tendo abandonado recentemente o trabalho na noite, hoje ela faz doces e salgados brasileiros para vender sob encomenda. Ela é casada com um brasileiro com quem tem duas filhas: uma de 7 e a outra de 2 anos.

Mariana

Mariana tem 34 anos e nasceu em Guarujá, SP. Ela teve uma infância e adolescência típicas de qualquer menina da classe média baixa paulista, ou seja, uma vida sem muito luxo mas com certo conforto e acesso à educação, saúde e lazer. Foi

Copos, corpos e afetos

após largar a faculdade privada, onde estudava Direito, por falta de dinheiro para pagar as caras mensalidades, que Mariana resolveu migrar para Portugal.

Mariana não traçou o seu projeto migratório somente em busca de novas oportunidades de ganhos financeiros, mas também em busca de uma nova vida, conhecer pessoas, lugares e culturas diferentes. Ela tinha também planos de continuar os estudos na Europa. Durante os primeiros meses em Lisboa, Mariana trabalhou como vendedora de planos de internet. E foi na mesma época que ela conheceu Júlio, um espanhol de 40 anos, com quem veio a se relacionar por quase um ano.

Os dois se conheceram em um site de relacionamento na internet e mantiveram o namoro à distância, uma vez que Júlio morava em Madri. Ele vinha vê-la com bastante frequência em Lisboa, se hospedando sempre em hotéis luxuosos, onde ela também passava as noites que ele permanecia. Bonito, aparentemente bem de vida e apaixonado, Júlio personificava a imagem do “bom partido europeu” com quem Mariana poderia, de bom grado, ter uma vida confortável e constituir uma família.

Ela engravidou de Júlio e, para a sua completa surpresa e espanto, ele parou de vir a Lisboa e, cheio de justificativas vagas, foi se afastando e saindo de cena. Ele dizia repetidamente que sentia muito (pela situação de Mariana, grávida e sozinha) mas que não podia fazer nada para ajudá-la. Posteriormente ela veio a descobrir que Júlio já era casado na Espanha e que havia mentido até mesmo sobre sua profissão – ele se passava por piloto de avião. Frustrada e insegura com a falta de condições financeiras para ter e sustentar um filho sozinha, ela decidiu retornar ao Brasil. Para poder comprar seu bilhete de regresso e juntar algum dinheiro extra, resolveu acompanhar uma amiga que trabalhava num bar de alterne para ver de perto como era.

Trabalhou no bar por alguns meses e, não escondendo de todas as pessoas a sua realidade e gravidez, encontrou muito apoio emocional e financeiro de alguns clientes e colegas. Mariana embarcou para o Brasil em dezembro de 2007 e teve seu filho em fevereiro de 2008. Em Junho do mesmo ano regressara à Lisboa, mas dessa vez com o claro objetivo de voltar a trabalhar na noite e poder arcar com as despesas do filho de cinco meses, deixado ao cuidado dos pais. Foi então que ela conheceu Mário, um cliente

Copos, corpos e afetos

do bar português de 59 anos, com quem manteve um relacionamento por 4 anos. Em 2012, em uma de suas idas de férias ao Brasil, Mariana descobriu que o filho é autista e decidiu permanecer no país. Hoje Mariana ainda mora com os pais e com seu filho, e está à espera dos resultados do processo que está a mover contra o pai da criança, requerendo a pensão que é direito do filho.

Viviane

Minha primeira tentativa de contato com Viviane não foi bem-sucedida. Eu já a tinha visto algumas poucas vezes em alguns encontros de lazer (jantares, saídas para bares e discotecas) dos quais eu participei com as meninas que conheci ainda na época da pesquisa de mestrado. Pelo Facebook, mandei uma mensagem à Viviane explicando um pouco da minha pesquisa e perguntando se ela não teria um tempinho para tomarmos um café. A falta de resposta foi justificada depois, quando eu lhe pagava uma champanhe no bar onde trabalha, durante a longa conversa que tivemos sobre suas vivências em Portugal. Viviane disse que é uma pessoa discreta e não gostou da ideia de se expor para uma pesquisa. No bar, com uma champanhe paga ela não se importava de falar de sua vida já que, de certa forma, isso faz parte do seu trabalho. Somente após esta primeira conversa e outros encontros no bar, regados a copos, eu e Viviane passamos a nos falar e nos encontrar com mais frequência e em outros contextos.

Viviane tem 37 anos e vive em Lisboa desde 2005. No Brasil, em Anápolis (pequena cidade no interior de Goiás) onde nasceu e foi criada, trabalhava como auxiliar de enfermagem e decidiu emigrar após ouvir histórias de que brasileiros estavam ganhando muito dinheiro em Portugal. Veio com a expectativa de trabalhar como cuidadora de idosos, posição na qual já tinha experiência e que vinha ao encontro de sua área profissional – ela havia se formado em um curso técnico de auxiliar de enfermagem no Brasil. Viviane, que era então casada, deixou os dois filhos com o marido e partiu sozinha. Só conhecia, vagamente, uma pessoa em Lisboa, uma mulher com quem tinha amigos em comum que a hospedou por dois dias. No terceiro dia Viviane já se encontrava empregada numa casa de família, como interna, cuidando de uma senhora idosa. Entretanto as coisas não correram bem, ela ganhava mal, trabalhava muito e, em efeito, resolveu largar o emprego. Através de sua conhecida em Lisboa, descobriu a

Copos, corpos e afetos

cena dos bares de alterne na qual até hoje permanece. Viviane conta que os primeiros dias no bar foram muito difíceis. Ela ressalta que, como veio de uma cidade pequena (“uma roça”, nas suas palavras), ficou muito chocada com a seminudez das colegas e os shows de *striptease*. Nos primeiros dias Viviane desejava profundamente que não entrassem clientes no bar. Ao longo dos oito meses iniciais conciliou o trabalho no bar com um emprego de babá, no qual cuidava de uma criança nos primeiros meses de vida. Os pais do bebê não tinham conhecimento do trabalho de Viviane no bar, ela dizia que era empregada de mesa em um restaurante. Até que seus empregadores descobriram e demitiram-na, em meio a ofensas e sem pagar-lhe seu último salário e os benefícios a que tinha direito. Não muito tempo depois, Viviane se divorciou e trouxe os dois filhos para viverem com ela em Lisboa. Atualmente com 16 e 18 anos, seus filhos sabem sobre trabalho da mãe e lidam de forma tranquila com isso, embora já tenham passado por situações de preconceito na escola e por parte de pais de colegas. Viviane não pensa em voltar para o Brasil e raramente vai visitar o país, já que considera Lisboa como sua casa.

Dora

Com um jeito tímido e simpático, Dora é uma menina sorridente que chama a atenção de muitos rapazes por onde passa. Dora e Luana trabalhavam no mesmo bar de alterne e se tornaram muito amigas. Me aproximar delas e manter uma convivência foi relativamente fácil porque, diferentemente da maioria das meninas da noite que conheci, as duas gostavam muito de circular em ambientes que não tinham nada a ver com o ambiente dos bares de alterne, tornando a minha aproximação mais acessível. Embora elas saíssem e até viajassem com clientes e mantivessem também relações mais íntimas com algum deles, Luana e Dora aproveitavam sempre que era possível as noitadas do bairro alto, conhecendo e se relacionando com outros jovens, tomando cerveja, dançando e se divertindo com as novidades que a vida em Lisboa oferecia.

Dora tem 33 anos, vive atualmente em São Paulo/SP onde nasceu e passou a maior parte de sua vida. Vem de uma família modesta, sua mãe é dona de casa e seu pai sempre foi uma figura ausente com quem Dora e as duas irmãs nunca tiveram muito contato. Aos 25 anos, através de uma amiga, ela decidiu experimentar trabalhar em uma

Copos, corpos e afetos

casa de prostituição em São Paulo. Dora estava insatisfeita com o salário e com o trabalho de secretária em uma pequena transportadora na região metropolitana de São Paulo e começou a se sentir seduzida pelo padrão de vida que a amiga esbanjava.

Dora, que tem o segundo grau completo, conta que quando decidiu tentar a sorte na prostituição, planejava permanecer na atividade apenas por algum tempo “minha ideia era trabalhar durante uns meses até eu poder pagar minhas dívidas e juntar um dinheirinho”, diz. Entretanto, se habituando cada vez mais ao alto fluxo de dinheiro que entrava rapidamente, ela foi permanecendo e conhecendo melhor o meio, experimentando diferentes clubes e fazendo sua clientela. Antes de se mudar para Portugal, ela conta que ganhava por volta de 12 mil reais por mês, trabalhando em uma casa noturna, cinco dias na semana, e com uma média de quatro programas por noite. Com esse dinheiro ela pagava seu aluguel e suas contas e também ajudava muito a mãe e as irmãs. “Eu nunca consegui juntar muito dinheiro... as contas eram caras e eu praticamente sustentava a minha família...”

Após o término de um longo namoro, Dora resolveu que era hora de mudar totalmente de vida e migrou para Portugal sozinha em busca de novas experiências. Chegou em Lisboa no final de 2009 e, através de uma conhecida que também trabalhou em um dos clubes noturnos pelo qual havia passado em SP, Dora começou a trabalhar num bar de alterne na mesma semana. Ela veio com a intenção de continuar no mercado sexual pelo menos até se estabelecer e, a partir daí, estudar outras possibilidades. Quando sua conhecida lhe explicou do que se tratava a atividade de alterne, Dora gostou da ideia de dar um tempo dos programas e resolveu tentar. Trabalhou em um bar por alguns poucos meses e depois foi para outro, onde permaneceu por dois anos, mas depois resolveu trabalhar em uma casa de saída bem conhecida em Lisboa e relativamente luxuosa. Em 2013 Dora regressou ao Brasil, vive atualmente em São Paulo e está trabalhando como representante comercial em uma empresa de cosméticos e produtos de beleza.

Gabi

Gabi é do Espírito Santo e vivia na capital, Vitória, até o início de 2012 quando

Copos, corpos e afetos

completou 22 anos e resolveu migrar para Portugal. Eu estava no bar em que costumava ir com mais frequência, durante a pesquisa empírica, quando Gabi começou a trabalhar, como relatado no início deste capítulo.

Uma semana depois de seu começo no bar, Gabi já parecia bem mais confiante e circulava com desenvoltura entre as colegas e os clientes com roupas mais provocantes. As meninas apelidaram-na de Periguete⁷, em tom de brincadeira, devido a sua rápida transformação e o sucesso com os clientes. Ela ri do apelido e me conta que trabalhar no bar tem sido mais fácil do que imaginava e que até se sente mais bonita e atraente. A família de Gabi é de classe média-baixa, segundo sua descrição. Sua mãe é professora primária e seu pai é proprietário de uma pequena loja que vende e conserta eletrodomésticos usados.

Gabi concluiu o ensino médio e veio para Lisboa com planos de ganhar dinheiro e, eventualmente, continuar os estudos. Ela tem uma prima de segundo grau que vive em Lisboa, que é casada e que trabalha numa companhia de limpeza. Foi essa prima que ajudou Gabi a encontrar seu primeiro emprego – no qual continuou durante um tempo mesmo depois de começar a trabalhar na noite – em um café. Foi através de um colega do café, que já havia trabalhado de segurança na noite e tinha muitos contatos, que conheceu a cena dos bares de alterne.

Gabi hoje trabalha em um outro bar, já abandonou o café e tem ganhado suficientemente para se manter e mandar algum dinheiro para o Brasil para pagar as dívidas com a viagem e ajudar um pouco sua família. Embora ela ouça constantemente de suas colegas reclamações de que o trabalho na noite anda mal – “por causa da crise” – ela afirma que ainda é melhor do que os outros trabalhos durante o dia e também mais divertido. Ela mantém um relacionamento com um cliente regular que vive no Porto mas que tem negócios em Lisboa. Este cliente a ajuda na renda e nas despesas gerais e a leva para jantar quando está na cidade, além de ir sempre pagar um copo no bar. Gabi

7 “Piriguete” é um termo de teor machista e pejorativo, mas muito conhecido no senso comum brasileiro. O termo evoca a ideia da mulher que expressa, nas roupas e nas linguagens corporais, uma sexualidade mais evidente e agressiva. As piriguetes são vistas como “fáceis” e “interesseiras”, ou seja, mulheres que saem à procura de homens, de preferência com dinheiro e bens que simbolizem status tais como carros caros e roupas de marca.

Copos, corpos e afetos

diz que preferia que ele fosse mais novo – ele é 26 anos mais velho do que ela – mas que ele é boa companhia e a ajuda muito, o que faz valer a pena manter o relacionamento. “O melhor de tudo é que ele mora no Porto, então não me chateia muito e eu posso dar os meus pulos” se referindo as possibilidades de sair com as amigas e de se relacionar também com outros homens.

Jéssica

Jéssica é a “hiponga”. Foi Dora quem começou a chamá-la assim e outras meninas acataram o apelido. Eu não tinha entendido muito bem até ver Jéssica pela primeira vez. Ela usava uma saia longa, tipo indiana, regata e casaquinho de malha surrado, havaianas, brincos e colarzinho do coco. Jéssica é de Santos/SP, tem agora 28 anos, e atualmente vive em Londres. Jéssica veio pra Portugal, a princípio, passar uns tempos com a irmã, Sara, uma estudante de mestrado em Letras na Universidade de Lisboa. Jéssica estava vivendo um momento difícil no Brasil, que ela define como “um momento de estagnação”. Segundo ela, as coisas não estavam fluindo, o namorado era problemático, ela estava entediada com sua vida social e seu trabalho – estudante de Biologia⁸, ela tinha bolsa de pesquisa e trabalhava num projeto científico num laboratório de prestígio em Santos – e desmotivada com a Universidade na qual tinha muita dificuldade em pagar as mensalidades.

A irmã trabalhava num bar de alterne esporadicamente, conciliando a atividade com outros extras em restaurantes e bares “normais”, e conseguiu, através dos ganhos no bar, ajudar a irmã a comprar passagens para Lisboa. Jéssica diz que queria dar uma “sacudida no marasmo” de sua vida e foi exatamente o que encontrou em Lisboa. Ela seguiu o mesmo caminho da irmã e recorria à atividade de alterne quando o dinheiro não era suficiente para as contas e alguns “luxos”, dentre eles, viajar.

No Brasil, Jéssica vivia com a mãe, divorciada e professora de educação física, em um apartamento situado em um bairro classe média, que foi herança da avó. O pai é formado em música e também professor. Embora Jéssica venha de um contexto familiar

8 O curso e o trabalho de Jéssica no Brasil e em Lisboa foram mantidos em sigilo por solicitação da mesma. Procurei, portanto, utilizar elementos equivalentes e/ou próximos.

Copos, corpos e afetos

mais intelectualizado do que o restante das meninas desta pesquisa, os pais vivem com salários razoavelmente baixos, o que levou Jéssica a trabalhar desde cedo, sendo ela própria a bancar seus estudos no Brasil. Ambas as irmãs mandavam dinheiro para o Brasil para pagar antigas dívidas e, com menos frequência, para ajudar a mãe em algumas despesas.

Com uma visão bastante crítica a respeito das complexidades de sua condição de imigrante brasileira em Portugal, Jéssica me falou algumas vezes sobre sua sensação de desapontamento em relação à sua expectativa, anterior à experiência migratória, um bocado ingênua e romântica, segundo ela, de que os países da Europa supostamente seriam um pouco mais livres de preconceitos, racismos e machismos.

Ela considerava o trabalho de alterne uma boa opção mas reclamava das conversas dos clientes. “Que vida ruim dessas pessoas, vida vazia, sabe?” dizia ela. Jéssica não era nada assídua no bar e isso criava tensões entre ela e a gerente. Porém, ela não se sentia ameaçada porque tinha consciência de sua mais valia enquanto empregada. Bonita, inteligente, simpática e fluente em inglês e espanhol, ela não tinha dificuldades em fazer boas comissões, embora frequentemente acabasse por perder clientes devido à sua resistência em acompanhá-los em jantares e outros encontros fora do bar.

Ela tinha um jovem namorado jornalista e vários amigos que nada sabiam da sua vida na noite, escondida por ela através de desculpas exaustivas. Essa vida dupla era o que mais incomodava Jéssica na atividade de alterne. “Não tenho o menor problema com o trabalho em si e posso até dizer que é muito melhor do que servir mesa! A maioria dos clientes é muito chata, mas as meninas são legais e eu dou boas risadas com todas as histórias surreais que elas sempre têm pra contar. Nem o fato dos clientes quererem me tocar me incomodava tanto. O que é pior, e se tornou insuportável, é viver sempre com a angústia de que a qualquer momento meu namorado poderia descobrir. Tinha que ser organizada e coerente, quase paranoica, com as desculpas e as conversas que poderiam me comprometer.”

Depois de um ano em indas e vindas no bar, Jéssica decidiu largar de vez a

Copos, corpos e afetos

atividade para trabalhar na recepção de um hostel em Lisboa. Após terminar o namoro, Jéssica resolveu voltar a fazer mais umas “visitas” na noite lisboeta, mas dessa vez num bar de saída indicado por Dora – no mesmo em que esta havia trabalhado. Jéssica queria juntar dinheiro rapidamente para realizar seus planos de se mudar para Londres e achou que este fim seria mais facilmente atingido fazendo programas do que bebendo copos, até porque seria difícil conciliar a atividade de alterne – que demanda maior assiduidade e a ingestão constante de álcool – com sua rotina no hostel. Além disso, ela dizia ainda ter uma curiosidade pessoal em experimentar a prostituição. Jéssica juntou um bom dinheiro e se mudou para Londres para trabalhar em outro hostel por lá. A irmã terminou o mestrado, regressou para o Brasil e recentemente ingressou no doutoramento em uma Universidade federal do país.

Bela

Bela, 30 anos, é amiga de João, um dos amigos e ex-clientes de Mariana que, indicado a mim por ela, se tornou um importante informante nesta etnografia. Nos conhecemos em uma das visitas que eu e João fizemos aos bares de alterne.

Logo que ela se sentou à nossa mesa, nos cumprimentou e me foi apresentada por João, ela já começou a conversar comigo e me contar a sua história. João já havia lhe falado sobre a minha pesquisa e ela não demonstrou nenhuma resistência em falar sobre sua vida. Pelo contrário, a simpatia entre nós foi imediata e no mesmo dia trocamos contatos e, a partir daí, nos encontramos várias vezes.

Bela é de Ipatinga, interior de Minas Gerais, e veio para Portugal numa decisão impulsiva de se livrar de um envolvimento problemático que havia tido com um homem casado. A esposa do tal homem havia descoberto o caso e fazia frequentes escândalos na porta da casa de Bela e até em seu trabalho, uma loja de roupas femininas na qual era gerente. Ela queria desesperadamente sair da cidade e dar um tempo de toda aquela situação que piorava a cada dia.

Bela tinha um amigo português, que conhecera no Brasil, e com quem havia mantido contato via internet. Após desabafar com ele sobre esses acontecimentos, ele a convidou para passar uns tempos em sua casa em Portugal. E assim ela o fez. Se demitiu

Copos, corpos e afetos

do trabalho e organizou sua viagem rapidamente.

Quando chegou à Lisboa ela não demorou muito a perceber que o tal amigo era bastante estranho. Ele a vigiava, não a deixava ter contato com outras pessoas e até o uso da internet era controlado por ele. Numa noite de verão em que eles se arrumavam para sair para jantar, ela vestiu uma saia curta e ele, num tom bastante agressivo, disse-lhe para trocar de roupa. Ela se opôs e ele trancou-a no quarto da casa onde ela ficou presa durante toda a noite. Depois disso e alguns outros episódios de violência psicológica e privação, ela esperou um dia que ele viajou a trabalho para a Espanha e fugiu da casa para ir ter com uma conhecida que morava em Monte Abrão.

Uma semana depois, Bela resolveu ir para Alemanha porque tinha uma amiga que vivia lá. As coisas não correram muito bem por lá e ela foi para Itália, onde também tinha uma amiga que era casada com um italiano. Quando lá chegou, o marido da amiga disse que ela não podia ficar na casa deles e ela se viu na rua. Um amigo do tal marido, que ela conheceu previamente no Brasil, foi quem a acolheu por uns dias. Bela queria conseguir um trabalho na Itália mas não foi possível pelo fato de ainda estar com o visto de turista, que já estava perto de vencer. Regressou à Portugal e conheceu uns rapazes brasileiros com quem foi morar, e rapidamente arranhou emprego em uma churrascaria. O dono da churrascaria é também dono de um bar de alterne, onde Bela foi trabalhar e está até hoje.

Luciana

Conheci Luciana no mesmo dia em que conheci Bela. As duas trabalham no mesmo bar, são amigas muito próximas e ambas são amigas também de João. Luciana tem 33 anos, é de Belo Horizonte e está em Lisboa há quase seis. Durante o primeiro ano em Lisboa trabalhou em um restaurante e numa loja de sapatos, onde conheceu João, que, na época, era dono de um café que ficava ao lado da loja.

Filha de comerciantes com negócio próprio em Belo Horizonte, Luciana tinha uma vida confortável no Brasil. Os pais são proprietários de uma casa de dois andares em um bairro bem conhecido na cidade por ser uma região recentemente escolhida por famílias vindas de classes mais populares que experimentaram uma ascensão

Copos, corpos e afetos

econômica. O bairro não é central, como os bairros nobres mais tradicionais, mas é bem servido de áreas verdes e de lazer, e possui prédios e casas espaçosas com fachadas modernas.

Luciana trabalhava no comércio, era vendedora em uma loja de roupa feminina. Ela não cursou a Universidade, mas concluiu um curso técnico de patologia clínica e até chegou a trabalhar em um laboratório de análises, mas não durou muito tempo na atividade por considerar que a função não correspondia às suas afinidades e expectativas profissionais. “Eu gosto de lidar com gente, sempre fui boa vendedora e é por isso que me dou super bem na noite!”, disse.

Foi a vontade de viver e conhecer coisas novas que motivou Luciana a migrar para Portugal. A escolha do país foi primeiramente por causa da língua e também porque partilhava o projeto migratório com uma amiga próxima que, por sua vez, tinha conhecidos em Lisboa. Foi através desta amiga que ela conheceu a cena dos bares. Embora ambas tenham trabalhado em outros empregos durante o primeiro ano em Portugal, sua amiga tinha uma conhecida que trabalhava em um bar de alterne e resolveu tentar.

Um mês depois, vendo que a amiga tinha “melhorado de vida”, Luciana resolveu seguir seus passos. Após dois meses apenas como alterne, ela se apaixonou por um homem que conheceu no bar. Ela conta que foi “amor à primeira vista” e que, logo que ele entrou no bar sentiu seu coração disparar. Ela nunca o considerou como um cliente e diz que ele não era de frequentar a noite e que passou a fazê-lo só para poder vê-la. Logo trocaram telefones e passaram a se encontrar lá fora. Namoraram por alguns meses e casaram-se.

O casamento durou quatro anos e terminou, segundo Luciana, por ciúmes demasiado do marido. Luciana acredita que o maior erro dela foi ter indicado o marido para uma vaga de empregado de mesa no mesmo bar em que ela trabalhava na época. Ele não conseguia vê-la sentada com clientes e as crises de ciúmes foram tomando proporções desmedidas. Ela chegou a largar a noite e voltar a trabalhar num restaurante, mas não estava satisfeita com o salário e com o emprego e voltou para o bar.

Copos, corpos e afetos

As brigas eram constantes e ela resolveu colocar um fim na relação porque viu a admiração e o amor que tinha por ele desgastarem-se. Ela conta que ele demorou muito tempo para assinar o divórcio. “Esse homem ficou louco, me ligava todo dia aos prantos e falava que ia se matar. Foi muito difícil, mas depois ele acabou aceitando.”

Luciana afirma gostar muito de trabalhar no bar em que está e diz que só o deixará se algo melhor aparecer. Sua mãe sabe sobre sua atividade e já veio visitá-la em Lisboa, indo inclusive conhecer o bar. Luciana tem dois carros, vive sozinha numa casa confortável e adora viajar. Certamente ela tem um padrão de vida cujo o trabalho como vendedora de sapatos não poderia lhe proporcionar.

Carol

Carol tem 26 anos e vem de Fortaleza, Ceará, onde nasceu e cresceu numa pequena casa com a mãe, a avó, duas irmãs e um irmão. Sua mãe é viúva e recebe uma pequena pensão pela morte do marido que era funcionário do Estado, mas esse dinheiro não era suficiente para as despesas básicas da família, fazendo com que os filhos começassem a trabalhar cedo. Carol trabalhava em um salão de beleza e resolveu vir para Portugal em busca de melhores oportunidades de trabalho e salário. Conseguiu a metade do dinheiro da passagem através de um empréstimo em nome de sua mãe e a outra metade emprestada de um homem mais velho com quem se relacionava. Carol não considerava este homem como um namorado. Ela me contou que nunca foi apaixonada por ele, mas mantinha o relacionamento porque ele a ajudava financeiramente. “Eu disse pra ele que precisava muito do dinheiro, mas inventei uma desculpa e não disse que era pra vir pra cá. Depois eu vim pra cá sem dizer nada, coitado... mas teve que ser”.

Carol tinha em Lisboa uma amiga próxima, a quem considera como prima, que já vivia aqui há quatro anos e que ajudou-a nos seus planos de migrar. A amiga trabalhava como alterne mas não havia revelado à Carol sobre sua profissão, dizendo-lhe que trabalhava num salão de beleza e que lhe arranjaría lá um emprego. Somente após chegar em Lisboa, Carol veio a saber a real atividade da amiga e se viu, por forças das circunstâncias, pressionada a trabalhar também no mesmo bar. “Eu não conhecia

Copos, corpos e afetos

nada e nem ninguém, fiquei sem saber o que fazer e acabei indo trabalhar no bar, eu não tinha nenhum dinheiro e ainda tinha as dívidas das passagens. (...) Ela (a amiga) não fez por mal, ela não quis me contar antes porque ficou com medo que eu fosse desistir e sabia que eu podia ganhar um bom dinheiro e sair um pouco do sufoco”.

No início ela ficou um pouco assustada e sentia-se muito desconfortável, mas depois acabou por se acostumar. Hoje diz ter saudades da época em que trabalhava no bar, principalmente pela companhia das colegas e da liberdade que tinha. Carol deixou a noite depois que ficou grávida de seu namorado, que é Angolano mas cresceu em Lisboa. Atualmente ela não está trabalhando mas, eventualmente, presta serviços de estética a uma pequena clientela em sua própria casa – manicure, depilação e massagem. Além disso ela cuida da filha pequena e dos afazeres domésticos na casa em que vive com o namorado e o pai do mesmo.

Carol evitava manter relacionamentos com clientes e só saía com eles quando achava que valia mesmo à pena ou quando precisava pedir dinheiro. Contudo, antes de conhecer o pai de sua filha, manteve um relacionamento mais longo com um cliente italiano, do qual falaremos mais adiante. Sobre o trabalho no bar, Carol diz que a pior parte era quando se sentava com homens que queriam beijá-la ou tocá-la demasiado. Também apontou como desvantagem o fato de, por ter passado muito tempo trabalhando na noite, ter perdido parte da vida social com gente jovem, da sua idade.

Luana

Luana tem 33 anos. Nasceu e cresceu em Curitiba, Paraná. Coursou um ano e meio de licenciatura em Marketing e trabalhava em uma empresa como promotora de vendas. Tinha uma vida relativamente confortável no Brasil, onde vivia com seus avós maternos. Veio para Portugal há quase seis anos em busca de novas oportunidades e uma vida diferente.

Quando chegou em Portugal, ela trabalhou como empregada de mesa e cuidadora de idosos. Luana conheceu uma menina que trabalhava na noite, mas foi sozinha que encarou o bar de alterne pela primeira vez. No início teve dificuldades porque sentia que todas as meninas ali eram mais experientes do que ela. Ela continuou

Copos, corpos e afetos

como cuidadora durante algum tempo mas, depois, com o aumento dos ganhos no bar, resolveu largar o emprego diurno.

Luana não tem filhos mas manda dinheiro regularmente para o Brasil para ajudar os avós e para pagar dívidas pessoais. Ela já se relacionou com alguns homens que conheceu nos bares onde trabalhou. Um deles, ela diz ter gostado realmente, mas o relacionamento não correu bem porque ela não se sentia bem trabalhando como alterne tendo um namorado de quem gostava e ele também não gostava de vê-la na noite. Todavia, segundo ela, ele não a ajudou financeiramente como era necessário para que ela pudesse largar o emprego no bar, embora ele tenha feito promessas neste sentido. Depois disso, num outro bar, Luana manteve um relacionamento com um dos clientes, um homem vinte anos mais velho que ela que a ajudava financeiramente. Esse mesmo homem foi também namorado de Viviane, antes de conhecer Luana.

Após mais ou menos dois anos trabalhando como alterne, Luana trabalhou também numa casa de prostituição (do tipo sobe e desce, com quartos no segundo andar) no Algarve, sul de Portugal. Passou quase um ano por lá e regressou à Lisboa e à atividade de alterne. Nesse meio tempo, Luana conheceu um homem, também bem mais velho que ela, pela internet, com quem manteve um relacionamento. Ele era casado, vivia nos Açores e vinha frequentemente à Lisboa a trabalho. Ele pagava a renda de Luana, ajudava nas contas e arranjou para ela um emprego na secretaria de uma escola na zona da linha de Sintra. Luana permaneceu um tempo fora da noite mas acabou por voltar a trabalhar em outra casa de passe no Norte de Portugal, em Castelo Branco. O emprego na escola era muito bom no sentido de que a libertava do estigma do trabalho sexual e permitia que ela tivesse mais espaço para sua vida social com os amigos de sua idade. Porém, a falta de dinheiro a angustiava porque não conseguia ter a vida que queria e nem sequer ir ao Brasil visitar à família e que, por isso, voltou a trabalhar na noite.

Atualmente ela trabalha num restaurante, diz estar feliz em ter largado a cena dos bares e afirma que não pretende voltar.

3. De meninas a raparigas: o projeto migratório e sua realização

Nós «empirizamos» a Guiné e esta deixou de ser um reino imaginário do qual nos chegavam relatos fantásticos e improváveis para ser um lugar cientificamente comprovado, onde podíamos ir e do qual, com sorte, podíamos voltar. Hoje em dia o processo inverteu-se: Lisboa é a cidade sonhada antes de ser um lugar real e, quando se «realiza», muito frequentemente não corresponde ao antes sonhado.(Lima, Sarró 2006, p. 31)

As meninas que participaram desta pesquisa fazem parte do que os estudiosos da imigração brasileira em Portugal chamaram de “segunda vaga” (cf: Padilla, 2007; Malheiros, 2007a). Foi a partir dos anos 80 que Portugal presenciou o primeiro grande fluxo imigratório brasileiro constituído, na maioria, por pessoas vindas da classe média e com altos níveis de qualificação (Malheiros 2007b; França 2010). Um pouco depois, em meados da década de 90, a então segunda vaga de imigrantes brasileiros, marcada pela intensificação considerável do fluxo de pessoas, era formada por brasileiros vindos de classes mais baixas que a anterior e que passaram a ocupar setores mais precários e menos privilegiados do mercado de trabalho português⁹.

Tendo o Brasil passado, nas duas últimas décadas, por um razoável aumento do acesso ao ensino superior às classes trabalhadoras, grande parte mais recente dos imigrantes brasileiros em Portugal, embora possuidores de qualificações técnicas e, em menor escala, superiores, acabaram por ocupar posições laborais que não condiziam com seus níveis escolares¹⁰.

Entre as mudanças que diferem a primeira da segunda vaga, encontramos ainda um aumento significativo da presença das mulheres nestes fluxos, sendo as brasileiras a

9 Sobre os processos e transições entre os diferentes fluxos da migração brasileira para Portugal (cf. Feldman-Bianco 2004)

10 Vale lembrar que, embora alguns pesquisadores (cf. Padilla 2007) se refiram a essa difusão do acesso ao ensino superior como sendo efeito de uma “democratização da educação”, este fenômeno só foi possível devido a proliferação de instituições privadas de ensino no país que ofereciam acesso menos competitivos, planos facilitados de pagamentos e aulas em horário pós-laboral para estudantes trabalhadores. Não obstante, as universidades públicas, que são reconhecidamente as melhores em qualidade de ensino, continuam tendo seus lugares ocupados, na grande maioria, pelos filhos da classe média brasileira, ainda que essa realidade apresente finalmente alguns sinais de mudança, principalmente com o sistema de cotas sociais e raciais e a simplificação do sistema de acesso.

Copos, corpos e afetos

representarem atualmente a maior parcela feminina entre as estrangeiras residentes em Portugal (França 2010). O gênero, como veremos mais adiante, mais do que apenas uma variante no contingente migratório, influencia diretamente a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. As categorias da etnicidade, raça, nacionalidade e classe se cruzam com o gênero e produzem noções de diferença que são reproduzidas, interpretadas e vividas neste contexto migratório de matizes pós-coloniais.

Neste sentido é preciso se ter em vista não só que o mercado de trabalho português é marcado por uma segregação étnica, racial e sexual, mas também o fato de que o gênero engloba representações e construções que se distinguem segundo sua localização dentro das relações globais de poder (Brah 2006). No caso das brasileiras em Portugal, pode-se dizer que a maioria tende a se concentrar em trabalhos não qualificados e de contato com o público, como comércio e restauração e, em menor número, no cuidado de crianças e idosos e também nos salões de beleza como cabeleireiras e manicures.

Em sua pesquisa sobre a inserção de mulheres brasileiras no mercado de trabalho português, Thais França (2010) demonstra como as ideias estereotipadas acerca do suposto temperamento brasileiro – simpático, alegre, cuidadoso – funcionam como mecanismos de precarização das oportunidades laborais, alocando estas imigrantes em posições menos privilegiadas do mercado. A autora observa como os discursos sobre a brasilidade, disfarçados de supostas capacidades laborais, mascaram sua lógica de dominação e exclusão.

As imagens sobre o Brasil são marcadas pela ideia de mulheres dotadas de uma corporalidade específica, mulheres alegres, festivas, simpáticas, cordiais, sensuais, exuberantes, comunicativas, sexualizadas e pouco intelectualizadas. Assim, o lugar reservado às brasileiras no mercado de trabalho português está ligado a atividades onde essas características são consideradas fundamentais, nomeadamente, o mercado de atendimento ao público, restauração, e cuidados, atividades, em geral, precárias, com baixas remunerações e horários de trabalho elevados (França 2010, p. 10).

Vale observar que esta essencialização da nacionalidade brasileira não é uma via de mão única. Veremos mais adiante como as meninas desta pesquisa incorporam os

Copos, corpos e afetos

estereótipos e os atributos do imaginário popular português acerca da brasilidade não só como estratégia de otimização de ganhos econômicos e sociais mas também como forma de reconfiguração positiva de suas identidades no contexto migratório.

As meninas que colaboraram nesta pesquisa podem ser enquadradas neste segundo ciclo da imigração brasileira. Migraram a partir dos anos 2000, experienciaram e ainda experienciam, posições laborais menos privilegiadas e qualificadas do mercado de trabalho português. Além disso, vieram de famílias de classes mais populares e, embora tenham tido acesso à educação e aos recursos mínimos para a concretização do projeto migratório, trata-se de mulheres com fraco acesso a capitais financeiros e educacionais que lhes possa permitir uma maior mobilidade social e econômica.

Entretanto, é importante ressaltar que, ao contrário do que já foi dito sobre esta segunda vaga ser constituída por pessoas que estão necessariamente acima da linha da miséria (Padilla 2005) – e ainda que este seja o caso verificado no recorte empírico aqui abordado – é muito importante termos sempre em mente a grande heterogeneidade dos contextos de origem, tendo alguns estudos apontado inclusive para quadros de realidades extremamente precárias (cf. Togni 2011).

Outro ponto importante é o fato de grande parte dos estudos sobre a imigração brasileira que abordam estes fluxos observarem uma tendência de autonomia nestes deslocamentos, o que, supostamente, os tornam diferentes das migrações familiares. Contudo, não é possível alocar essas mobilidades entre familiares e autônomas. Como bem observou Togni (2014), há muitos migrantes, principalmente os jovens, que deixam seu país sozinhos, no entanto, esse deslocamento faz parte de um projeto migratório mais abrangente no qual a melhoria de vida dos familiares que permanecem no Brasil constitui a principal expectativa. A busca por melhores oportunidades está intimamente entrelaçada com a capacidade de prover os familiares, ainda que à distância.

Movidas pela busca de melhores oportunidades de ganhar dinheiro e novas experiências de vidas, as mulheres com quem conversei relatam que as vivências iniciais como imigrantes em Portugal não corresponderam suas expectativas, sobretudo as financeiras. Seja servindo mesas nos cafés e restaurantes, cuidando de idosos e

Copos, corpos e afetos

limpando casas, ou vendendo internet de porta em porta, a frustração não tarda a chegar e vem acompanhada pela preocupação com as dívidas deixadas no Brasil e com a ajuda prometida à família antes da partida.

Numa rotina exaustiva que consome os desejos de se aproveitar a nova vida e com um salário que mal paga as contas básicas de sobrevivência, a possibilidade de um trabalho no qual “os clientes pagam sua bebida, você bebe e ainda ganha por isso”, soava como uma luz ao fim do túnel, no olhar das entrevistadas. No entanto, os relatos sobre as primeiras experiências nas casas de alterne claramente demonstram um processo difícil e desagradável de adaptação. É interessante notar que o impacto negativo das primeiras experiências na atividade passam pela sua semelhança, à primeira vista, à ideia de “puteiro”. Viviane também faz referência ao termo:

Eu morava no interior, isso pra mim, no Brasil é o fim do mundo. O primeiro dia que cheguei cá, as meninas me disseram: ah, aqui não tem nada demais, você só tem que se sentar, falar e beber. Olha, quando eu entrei aqui e vi a outra tirar a roupa, fazer *strip*, eu pensei: meu deus, isso é um puteiro! Depois passava a noite inteira rezando pra campainha não tocar.

As entrevistadas afirmam que trabalhar na noite era algo que não se aproximava em nada de suas expectativas em relação à migração. Com a exceção de Dora, que havia trabalhado numa casa de prostituição em São Paulo antes de vir para Portugal, de Julia que planejava trabalhar como *stripper* no mesmo bar que as irmãs, e de Jéssica que era consciente da probabilidade de seguir os passos da irmã, as outras meninas não esperavam um dia vir a trabalhar como alterne, *stripper* ou prostituta. Assim como nenhuma delas – com a única exceção de Dora – já havia passado por qualquer experiência próxima ao universo do entretenimento erótico.

É inegável o peso simbólico que a ideia de “puteiro” – e tudo o que envolve o universo da prostituição no geral – carrega no imaginário popular, tanto no Brasil como em Portugal. Bernardo Coelho (2009a), ao propor um olhar caleidoscópico sobre o fenômeno da prostituição, demonstra como este está inscrito em quadros heteroproduzidos que organizam sua visibilidade social. São diferentes esferas

Copos, corpos e afetos

produtoras de discursos e representações que se inter cruzam produzindo um imaginário da prostituição que a remete para o que o autor chama de zonas sombrias da vida social, ou seja, um imaginário de decadência, desregramento e marginalidade.

Os principais quadros identificados por Coelho são: 1) O quadro mediático e ficcional que é constituído pelas instâncias mediáticas, tais como a TV, o cinema, a literatura, o teatro e a imprensa que produzem representações que oscilam entre a decadência e a glamourização da figura da prostituta; 2) O quadro jurídico-legal que cristaliza as representações sobre a prostituição e sobre as mulheres prostitutas em seus modelos legais de caráter repressor e criminalizante; 3) O quadro dos discursos comuns que cria normas específicas que polarizam as identidades de gênero, excluindo da normalidade e da aceitação as mulheres que fazem usos da sexualidade que se desvinculam dos discursos do amor e da heteronormatividade; 4) O quadro dos discursos das ciências sociais no qual “se articulam nem sempre de forma pacífica, tradições de pensamentos diversas, discursos ideológicos e de variada ordem, e ação política (Coelho 2009a, p. 3)” que, em variados graus, influenciam todos os outros quadros anteriores.

A falta de aceitação do trabalho sexual, em todos os sentidos cultural, social e político, faz com que todas as mulheres que trabalham em qualquer área da indústria do sexo sejam afetadas pelo preconceito associado aos estigmas da “puta”, da mulher de “vida fácil” e protagonista de comportamentos desviantes, ou da vítima que precisa ser resgatada. É interessante notar que, embora a regulamentação da atividade possa trazer melhoria para a vida das pessoas que a exercem – como a diminuição da vulnerabilidade dessas mulheres à condição de exploração e violência, como afirmam os discursos favoráveis à regulamentação (cf. Agustín 2007) – ela não elimina o estigma. As mulheres que trabalham em condições regulamentadas, como no caso das trabalhadoras sexuais da *Red light district* na Holanda, por exemplo, não estão livres do peso do estigma. Vale notar ainda que a regulamentação nem sempre garante efetivamente os direitos das trabalhadoras (cf. Chapkis 1997).

Para além de todas estas questões, pode-se dizer ainda que o estigma envolvido ao fenômeno da prostituição é um fantasma que assombra a maior parte das imigrantes

Copos, corpos e afetos

brasileiras na Europa, sobretudo as que vêm de situações econômicas mais precárias. Há, no Brasil, um estigma muito forte, calcado no gênero, que paira sobre mulheres que decidem migrar sozinhas e que as associam diretamente à possibilidade de se prostituírem. Togni (2014) observou em sua etnografia que os receios dos familiares que permanecem no Brasil em relação aos membros que migram são construídos diferentemente quando se trata de meninos e meninas. Tais receios são expressos nos termos fazer “bagunça” e “coisa errada”, como explica a autora:

Para narrar as histórias dos rapazes, esses termos [*bagunça* e *coisa errada*] são utilizados normalmente para fazer referência ao uso excessivo de bebidas alcoólicas e outros psicoativos e à prática de delitos – roubo, tráfico de drogas e assassinatos. No caso das meninas, a significação da coisa errada e do bagunçar está diretamente vinculada à sexualidade das mesmas. É usada de forma recorrente para narrar episódios de mulheres da região que se deslocaram e trabalharam como prostitutas, ou ainda para denotar uma “suspeita” do trabalho na prostituição (Togni 2014, p. 200).

Nesse sentido, Togni alerta para o fato de que é preciso olhar para as mobilidades a partir de uma concepção do gênero como um sistema de produção de diferença que atravessa o social. Eu própria, antes de migrar, fui advertida por uma colega de trabalho da seguinte forma: “Toma cuidado, ouvi dizer que a maioria das mulheres que vão pra Portugal é pra se prostituir”. Ouvi ainda queixas, de algumas das colaboradoras desta pesquisa, em relação às “fofocas” e suspeitas de familiares e vizinhos em relação a suas vidas no exterior que surgiram mesmo antes de sua entrada na noite.

A difusão expressiva nos mídias de conteúdos que associam a migração feminina brasileira para a Europa à prostituição, e o pânico moral que se tem criado a respeito do tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual são fatores que contribuem significativamente na produção desse imaginário (cf. Alvim, Togni 2010; Togni 2014; Silva, Blanchette, Pinho, Pinheiro, Leite 2005). Contudo, trata-se de um controle social sobre a sexualidade feminina cuja complexidade vai muito além dos receios e preocupações de familiares frente a uma realidade migratória vista como hostil. Essas questões serão aprofundadas no próximo capítulo.

Copos, corpos e afetos

Em efeito, a negociação do status de imigrante para as mulheres brasileiras, sobretudo as que partem sozinhas, passa frequentemente pelo fantasma da prostituição antes mesmo da realização do projeto migratório. Uma vez em Portugal, as negociações continuam no sentido de se afastarem do estigma de puta, tanto em relação à comunidade brasileira da qual fazem parte quanto ao mundo social que as rodeia no país de acolhimento. Esse quadro cria uma tensão e um alarme ainda maior a respeito da ideia de “virar puta”, potencializando o receio e o conteúdo simbólico negativo a respeito de atividades ligadas ao mercado sexual.

Salvo poucas exceções, as meninas com quem conversei vivenciaram sua entrada na noite de forma bastante semelhante. Os sentimentos mais comumente descritos foram: medo, vergonha e desespero. Se ver “num puteiro”, ser tocada por estranhos e se perceber concretamente fazendo parte de um contexto que antes era conhecido somente através de representações obscuras e negativas parece desencadear conflitos morais e estresse extremos.

Com o tempo, o fantasma da prostituição e todo o seu peso simbólico passam a ser confrontados por práticas e experiências cotidianas que parecem não corresponder absolutamente às suas representações obscuras. Além disso, as partes espinhosas da atividade, sobretudo no que diz respeito à mercantilização da intimidade, são minimizadas frente ao seu potencial lucrativo. Novas disposições morais são incorporadas diluindo na rotina os desconfortos iniciais e abrindo espaço para a aprendizagem de estratégias e saberes no sentido da otimização da experiência e dos ganhos.

Hoje, as meninas expressam uma apreciação pessoal da atividade como um meio que possibilita ganhos materiais, ascensão social e diversão, ainda que obviamente com constrangimentos e desvantagens, inclusive no que diz respeito ao estigma.

Eu gosto de lidar com gente, de conversar... Por isso que me dei tão bem na noite. Mas noite pra mim é dinheiro. Tenho a minha casa do jeito que eu gosto, tenho dois carros e uma vida confortável. Trabalhar de dia pra ganhar 500 euros, pra que? Tudo bem que a gente é meio mal vista pelas pessoas, mas eu

Copos, corpos e afetos

pago as minhas contas, posso viajar e aproveitar a vida. E, além disso, não engano ninguém. (Luciana)

Essas mudanças de perspectiva nos olhares sobre a atividade de alterne e, principalmente, nos olhares sobre si como parte deste contexto antes tão temido, demonstram como as disposições morais não estão imunes à reflexão e à transformação. Não se trata, no entanto, de uma nova moralidade que ocupa o lugar da antiga e que com isso ocorra uma aceitação imediata de comportamentos antes consideráveis inaceitáveis. O que ocorre é a abertura de um espaço para a busca por possíveis saídas para dilemas morais e éticos.

A respeito do entendimento que aqui se faz sobre moralidade, adoto as construções teóricas de Jarrett Zigon (2007, 2008, 2009a, 2009b) e Joel Robbins (2009). Ambos teóricos entendem a moralidade não somente como um conjunto de regras e normas de conduta, mas como disposições incorporadas que são constantemente criadas e recriadas dependendo do contexto de experiências que a pessoa está a interagir em determinado momento. Neste sentido, a moralidade é vista como prática e experiência social que permitem a aquisição de atitudes, emoções e disposições corporais (*habitus*). Notavelmente, Zigon – partindo do trabalho de Aba Mahmood (2005), que transcende um pouco a ideia clássica de *habitus* de Bourdieu – abre espaço para a consideração do trabalho consciente que os sujeitos fazem sobre suas moralidades. Entretanto, o autor argumenta que as disposições morais são incorporadas no dia a dia e performatizadas de modo irreflexivo.

Já Robbins (2009), em vez da distinção proposta por Zigon entre moralidade e ética, propõe a diferenciação entre moralidade reproduzida e moralidade livre (*moralidade of reproduction* e *moralidade of freedom*) que significam respectivamente: o ato de seguir as claras normas sociais sem questioná-las de fato ou o ato de escolher, dentre variadas normas, qual será a que melhor guiará a ação de maneira a satisfazer moralmente o sujeito da ação.

É verdade que existem discursos institucionais (igreja, Estado, família, entre outros) e públicos (meios de comunicação e senso comum) que articulam a ideia do que

Copos, corpos e afetos

é bom ou apropriado em relação à sexualidade, sobretudo a sexualidade feminina. É verdade também que esta moralidade discursiva, nos termos de Zigon (2008), influencia e informa as maneiras das pessoas estarem e agirem no mundo, em diferentes níveis. No entanto, quando essas mulheres passam a desempenhar a atividade de alterne, ou seja, quando elas se vêm em performances cotidianas que entram em conflito com suas moralidades a respeito da sexualidade, acontece uma problematização dessa moralidade, o que Zigon (2007, 2008) denomina de “*moral breakdown*”.

A entrada num universo desconhecido e permeado por elementos que causam um impacto negativo - elementos esses que giram em torno de questões de sexualidade tais como a seminudez, a erotização do comportamento, o contato físico próximo com homens desconhecidos e, sobretudo, a performance ligada à eroticidade e intimidade num contexto comercial - desencadeia um conflito moral significativo. Entretanto, com a rotinização da experiência, a convivência com colegas no trabalho, os ganhos financeiros e a abertura do campo das sociabilidades dessas mulheres, as angústias e ansiedades causadas pelo conflito moral inicial acabam se dissolvendo com a incorporação de novas disposições morais que informam as maneiras de ser e estar neste novo cenário experiencial.

Eu chorei muito nos primeiros dias e ficava apavorada quando vinham aqueles clientes que queria me passar a mão. Hoje eu não tou nem aí, podem me passar a mão toda, desde que não enfiem o dedo na minha cona e no meu cu, tá valendo!(Bela).

O que antes era uma espécie de habitus irrefletido converte-se numa reflexão acerca desse habitus no sentido de achar respostas que correspondam a este novo universo de experiências. O mais importante nesta perspectiva é que as pessoas podem ser críticas da sua própria moral e, simultaneamente, críticas do seu mundo social (Zigon 2008).

Contudo, ainda que haja uma flexibilização do que é considerado aceitável em termos de práticas e comportamentos, as mulheres com quem conversei mantêm noções mais tradicionais no que concerne as formas de se envolver afetiva e sexualmente. A

Copos, corpos e afetos

maioria das meninas expressa percepções estandardizadas sobre os papéis de gênero, sobre ideais de amor e aspirações conjugais. Quase todas as interlocutoras vislumbram um futuro nos moldes familiares heteronormativos, ou seja: casamento, filhos e monogamia.

Todavia, é importante salientar que as concepções sobre sexualidade, conjugalidade, vida adulta e relacionamentos afetivos estão fortemente imbricadas em questões mais complexas relacionadas com os contextos sociais, culturais e econômicos aos quais essas mulheres fazem e fizeram parte ao longo de suas vidas.

O caso de Jéssica, por exemplo, é um pouco diferente do restante das meninas. Pelo fato de ter um maior capital escolar e cultural, como o conhecimento de outras línguas, Jéssica tem um acesso maior à mobilidade social e possibilidades de independência econômica que a coloca em uma posição de vantagem em relação às outras meninas. Em outras palavras, diferentemente da maioria de suas colegas da noite, os homens não estão no centro de suas possibilidades de ascensão social. Tais recursos permitiram que Jéssica conduzisse tanto as interações com os clientes quanto seus relacionamentos sexuais e afetivos fora do contexto dos bares de maneira mais autônoma e independente. Voltaremos a essas questões no capítulo seguinte onde analiso os relacionamentos entre as meninas e os clientes-namorados.

4. Brasileiras e alternadeiras: entre diferença, desigualdade e poder.

Se retomarmos aos quadros definidos por Coelho, citados anteriormente, nos quais a visão sobre a prostituição é produzida, é possível lançar mão do mesmo esquema caleidoscópico do mundo social traçado pelo autor para falarmos das representações produzidas a respeito das mulheres brasileiras em Portugal.

Nas instâncias mediáticas encontramos representações estereotipadas da mulher brasileira que oscilam entre “elogios” exotizantes a respeito de uma suposta natureza sensual, alegre e exuberante e representações estigmatizadas que associam a mulher

Copos, corpos e afetos

brasileira à prostituição e a comportamentos sexuais desviantes¹¹. Vale lembrar que tais associações atingem todas as brasileiras e não somente as que estão envolvidas com atividades do mercado sexual. Como demonstra Piscitelli,

A maioria das brasileiras que viaja não tem vinculação com esse setor de atividade. Entretanto, essa articulação entre marcadores de diferença é ativada independentemente de que as mulheres estejam ou não vinculadas à indústria do sexo. A ideia de que elas são portadoras de uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição, combinadas com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, comum a alegre disposição para a domesticidade e a maternidade tende a atingir indiscriminadamente essas migrantes (Piscitelli 2008a, p. 269).

O quadro jurídico-legal, considerando o âmbito das leis de imigração e fronteiras, classifica as imigrantes entre legalizadas ou ilegais/irregulares, de forma que sua identidade estará sempre atrelada a esta classificação. Em outras palavras, diferentemente de estrangeiras europeias, por exemplo, o status de imigrante entre brasileiras/os evoca quase sempre noções de clandestinidade.

O quadro dos discursos comuns se ocupa de reproduzir nas interações cotidianas as representações difundidas pelas instâncias mediáticas. Em efeito, a desigualdade e as relações de poder intrínsecas a essas interações são camufladas através da ideia da diferença cultural. O trecho abaixo de uma entrevista que realizei com um homem português, cliente habitual de bares de alternes, exemplifica como a reprodução de estereótipos da mulher brasileira como mais aberta, sensual e pouco intelectualizada, é mascarada na noção de alteridade.

As mulheres brasileiras, não me leve a mal, me dá uma sensação de que muitas delas vêm de sítios em que pouca coisa viram... As do leste, por exemplo, têm muito mais perspectivas, têm mais organização mental do que a maior parte das brasileiras. Mas a brasileira tem aquele tipo que encaixa na vida noturna, pela alegria, pela simpatia, tem aquela chama, são sensuais... Há uma preferência pela mulher brasileira sim [se referindo ao contexto dos bares] porque elas são mais liberais, mais

11 Sobre a imagem da mulher brasileira na mídia portuguesa ver: Pontes, 2004

Copos, corpos e afetos

atrevidas. Eu não gosto muito dos brasileiros, em geral... não é não gostar, eu vou te explicar, não é não gostar... Eu sou um bocado frio, um bocado racional, um bocado alemão... E eu não gosto muito que venham com muito abertura... A brasileira é muito aberta (João, 45 anos).

Finalmente, o quadro dos discursos das ciências sociais, embora constitua, sem dúvida, o quadro que opera mais eficazmente na desconstrução das representações estereotipadas, acaba por vezes ecoando discursos culturalistas e reducionistas. No âmbito dos estudos sobre o mercado sexual, estes discursos são notáveis por tratar-se de um contexto marcado pela presença de imigrantes e permeado por questões que suscitam julgamentos morais (cf. Sacramento 2006).

Contudo, podemos dizer que “Mulheres brasileiras que trabalham em casas de alterne em Lisboa” é um objeto de estudo que se enquadra nos grandes temas do gênero, da sexualidade e das mobilidades transnacionais. No entanto, pensando nas múltiplas categorias que se cruzam neste campo de sociabilidades, a relevância do terreno, mais do que uma contribuição para os estudos das migrações brasileiras, está precisamente em seu potencial contributo para pensarmos amplamente nas questões da diferença, da desigualdade e do poder.

Nesse sentido, para além de adotar gênero, nacionalidade, classe e sexualidade enquanto categorias de análise, proponho pensar na própria desigualdade e na diferença enquanto categorias-chaves para uma reflexão mais abrangente sobre as estruturas de poder que hierarquizam os sujeitos. Esta proposta demanda uma reflexão sobre o posicionamento dos indivíduos envolvidos neste campo nessas estruturas, e sobre as formas com que as meninas, inevitavelmente inscritas em posições subalternizadas, mobilizam os vetores de diferença e desigualdade transformando-os em recursos que abrem brechas para possibilidades de ação.

5. Ser brasileira em Portugal: quando a identidade nacional é racializada

Começamos pela questão da mobilidade e das tensões que esta mobilidade suscita na medida em que se localiza na transposição de uma fronteira geográfica e simbólica entre dois países que partilham uma situação histórica em comum – a da colonização – mas vividas em lados opostos. No intuito de destrinchar estas tensões partiremos das representações e generalizações acerca do povo brasileiro, mais precisamente sobre a mulher brasileira, tendo em vista não somente o contingente empírico deste trabalho mas também os processos de feminilização das noções de brasilidade as quais essas representações estão sujeitas.

Não é novidade que as pessoas continuam agindo como se raça existisse de fato e, conseqüentemente, persistem em utilizar como categoria social de grande tenacidade e poder de distinção. No caso brasileiro, as questões raciais e de etnicidade têm ainda uma historicidade especificamente ligada à formação da identidade nacional. No processo de formação do Brasil-nação houve uma defasagem da ideia de raça enquanto conjunto de atributos biologicamente determinantes para uma compreensão da mesma através da diferenciação cultural e, assim, as teses culturalistas ganharam espaço, como as lusotropicalistas, cujo expoente máximo é Gilberto Freyre e seu elogio à mestiçagem (Fry 2005).

O termo lusotropicalista refere-se a este culturalismo que inspirou e forjou uma imagem nacional do colonialismo português marcado pela miscibilidade, mobilidade, adaptabilidade e um “racismo brando”. Esse culturalismo também tem sua expressão em Portugal, antes e depois de Freyre, correspondendo à autorrepresentação do caráter nacional português (Pontes 2004). Essa ideologia defende a ideia de que o colonizador português foi o menos racista porque sempre procurou “se misturar” aos povos colonizados, nomeadamente os índios e os escravos africanos. Essa noção de mistura foi reproduzida, tanto no Brasil como em Portugal, de forma a mascarar a violência dos processos coloniais e transformá-los na ideia de uma convivência supostamente harmoniosa entre diferentes povos. As teorias que povoavam, e ainda povoam, os imaginários portugueses e brasileiros remetem para uma certa “simpatia” pelo processo

Copos, corpos e afetos

colonizador português através da exaltação do hibridismo enquanto essência do povo brasileiro.

A ideia de hibridismo, de o povo brasileiro ser a essência de uma mistura de raças e etnias, foi fundamental para a construção da identidade nacional objetivada no projeto integracionista brasileiro de 1930 (Fry 2005). Tal projeto, permeado pelas teorias culturalistas, buscava homogeneizar as diferenças e escapar das noções eugenistas que colocavam a miscigenação como empecilho para o progresso do país. Diante dos violentos confrontos raciais que ocorriam nos Estados Unidos na mesma época – das políticas do *one drop rule* –, o Brasil passou a funcionar então como um modelo ideal de nação no qual as diferentes raças conviviam em harmonia.

A despeito das amplas críticas acadêmicas e de ativistas que denunciavam – e denunciam – a ideia de democracia racial enquanto inibidora de práticas emancipatórias, o elogio à mestiçagem e ao hibridismo funcionaram como base para a valorização da identidade e da cultura nacional brasileira, mascarando o processo político de sua construção e a extrema desigualdade racial sobre a qual esta identidade assenta.

Para além da questão racial, os debates sobre o lusotropicalismo também expuseram, de formas por vezes menos explícitas, clivagens de gênero associadas à ideia de raça. O lusotropicalismo sustentava a imagem da feminilidade nativa como um atrativo sexual para os homens portugueses na época da colonização. Vale lembrar que a violência de gênero foi marcante neste período e se deu, principalmente, pela brutal subjugação das mulheres negras e índias às vontades e desejos dos portugueses e, após a independência, dos brancos de classes nobres. Muitos dos atributos essencializados que perpassam atualmente as ideias do que é ser mulher brasileira ignoram a violência destes processos e descansam sobre o mito da mulher que se relaciona com homens “de fora”, ou seja, da mulher que propiciou, através de sua sensualidade e sexualidade a florada, a miscigenação.

A figura da mulata como representação nacional da mulher brasileira reifica estas ideias. Com todas as ambivalências e ambiguidades sociais que a figura da mulata integra, ela reflete uma ideia de nação (Brasil), ao mesmo tempo em que expressa o

Copos, corpos e afetos

ideal colonizador português miscigenador¹². Ou seja, os ingredientes que continuam a dar consistência às noções de identidade nacional de ambos os países e que, ao mesmo tempo, produzem estereótipos, são frutos de processos violentos nos quais estupros e abusos foram naturalizados tanto pela noção de superioridade masculina branca imperial, quanto pela ideia da mulher nativa sexualmente receptiva, disponível e submissa.

As essencializações da identidade da mulher brasileira ao redor do mundo é um tema já bastante trabalhado em pesquisas que tratam da presença dessas migrantes, sobretudo nos contextos europeus e norte-americanos¹³. No contexto português, são diversos os estudos que apontam para o fato de que a inserção da imigrante brasileira em Portugal, em inúmeras esferas da vida social, é constantemente marcada pela presença de dinâmicas de segregação racial e sexual que atuam segundo uma lógica de dominação pós-colonial (Fernandes 2008; França 2010; Gomes 2013; Machado 2006; Moutinho 2004; Padilla 2007; Piscitelli 2002; Pontes 2004; Togni 2014; Vale de Almeida 2000b). Todos os autores demonstram, através de diferentes recortes empíricos, que as imagens que povoam o senso comum e os variados discursos midiáticos em Portugal – que retratam a mulher brasileira como sensual, cuidadosa, simpática, alegre, submissa, quente e pouco intelectualizada – são reflexos da complexa relação entre os dois países decorrentes dos processos coloniais.

Vale considerar outros fatores que corroboram para a estigmatização das mulheres brasileiras em Portugal, tais como a presença expressiva de brasileiras no mercado sexual no país, especialmente nos setores da prostituição abrigada – clubes, casas de massagem, apartamentos, bares de alterne (cf. Santos, Gomes, Duarte, Baganha 2008; Ribeiro, Silva, Ribeiro, Sacramento, Schouten 2008; Silva, Bessa Ribeiro 2010) –; o crescente fluxo migratório brasileiro, sobretudo feminino; a procura europeia pelo

12 Sobre a imagem da mulata como representação nacional da mulher brasileira (cf. Corrêa 1996; Giacomini 2006; Piscitelli 2002; Vale de Almeida 2000b, 2004).

13 Sobre discussões a respeito das representações e estereótipos sobre a feminilidade brasileira e os processos de racialização da sexualidade e/ou erotização da raça pelos quais passam as mulheres brasileiras em contextos transnacionais outros que não portugueses: Itália, Espanha ou no contexto brasileiro do turismo sexual cf. (Piscitelli 1996, 2002, 2007b, 2007c, 2011). Nos Estados Unidos cf. (Maia 2012)

Copos, corpos e afetos

turismo sexual no Brasil; e a própria exportação da imagem sexualizada e mercantilizada da mulher brasileira veiculada em campanhas de promoção do país como destino turístico (cf. Piscitelli 1996).

França, através de uma reflexão sobre suas próprias vivências enquanto brasileira e estudante de doutoramento em Portugal, chama a atenção para o fato de que nem mesmo o contexto acadêmico está livre dos mecanismos de exclusão e dominação pós-coloniais e observa que “(...) além de suas credenciais educacionais, as brasileiras trazem consigo a marca de um discurso colonial que as sexualiza e racializa (França 2010)”.

Em seu artigo sobre a imagem da mulher brasileira na mídia portuguesa, Pontes (2004) resume bem os processos de inferiorização do gênero, articulado à classe e à etnicidade, como processo decorrente do colonialismo e que reforça a retórica imperial:

[...] um dos elementos mais relevantes na investigação do que pode ser considerada a etnicidade entre as migrantes brasileiras em Portugal, é que ela não se apresenta necessariamente como uma “comunidade étnica tradicional”, mas como representações e estereótipos relacionados aos fluxos transnacionais, numa trajetória que compreende: 1) uma imagem colonial (distinta de uma relação colonial como aquela estabelecida com a migração africana, mas regida por uma ideia de Brasil enquanto terceiro mundo); 2) a história da imigração portuguesa no Brasil; 3) a recente imigração brasileira em Portugal; 4) a construção de uma representação tropicalizante do Brasil; 5) um discurso da lusofonia na esteira da retórica imperial; 6) a atual construção de Portugal enquanto país de “Primeiro Mundo” (com a adesão à Comunidade Europeia) em oposição ao “Terceiro Mundo” (onde estaria o Brasil). (Pontes 2004, p. 253).

Contudo, em vista de um debate já consolidado na vasta literatura publicada a respeito da imagem da mulher brasileira em Portugal, de suas representações nos mídia e da influência de um imaginário consequente de uma situação pós-colonial, penso ser necessário a abertura dos campos de análise para que novos contributos possam complementar este debate.

O fator geracional, por exemplo, foi uma das nuances que surgiu ao longo do

Copos, corpos e afetos

processo de construção desta pesquisa – e para o qual eu não havia dado a devida atenção na pesquisa anterior de Mestrado. Comecei a perceber, por exemplo, que as entrevistadas mais velhas (entre os 29 e 37 anos) e que estão há mais tempo estabelecidas em Portugal (mais de 8 anos), como é o caso de Viviane, negam ou obscurecem qualquer elemento de autoidentificação que se afirme numa diferença essencializada entre portugueses e brasileiros, ou mesmo que evoque estereótipos relacionados à brasilidade.

Tal como Viviane, Júlia, que também é mais velha (35 anos) e que também vive em Portugal há muito tempo (13 anos), raramente se referiu, em nossas conversas, ao fato de ser brasileira como uma condição marcada por uma alteridade racializada ou etnicizada. Quando eu fiz perguntas diretas sobre as diferenças que ela percebia entre as brasileiras e meninas de outras nacionalidades no ambiente de trabalho, ou em relação às interações com os clientes, ela sempre afirmou que não via diferenças e que o que mudava era apenas o temperamento pessoal de cada uma.

Entre outras coisas, esta postura é decorrente da apropriação de discursos que projetam uma integração bem sucedida e de pertencimento ao país de acolhimento. Para estas mulheres, Portugal transformou-se em “casa”, enquanto o Brasil se tornou um destino de férias. Além disso, e não menos importante, podemos observar também que, diferentemente das meninas mais jovens e com menos tempo em Portugal, a vivência dessas mulheres as permite colocar em causa os estereótipos na medida em que eles não correspondem à realidade experienciada por elas. Contudo, mesmo que as questões ligadas à alteridade racializada escapem de suas falas, é possível identificá-las em alguns aspectos de seus cotidianos e de seus discursos. Voltarei neste ponto mais à frente.

Por outro lado, alguns estudos mais recentes acerca desta temática questionam a perspectiva que restringe as discussões sobre imigração brasileira em Portugal às problemáticas da imagem estereotipada da mulher brasileira. Togni (2011) chama atenção para o fato de que a “mulher brasileira em Portugal” acaba, por vezes, se transformando em uma categoria de análise passando, conseqüentemente, a ideia equivocada de que se trata de um contexto homogêneo, quando na verdade há uma

Copos, corpos e afetos

heterogeneidade significativa de perfis, identidades, capitais escolares, culturais, sociais e econômicos, mesmo em se tratando de um único recorte empírico.

Investigar sobre “as mulheres brasileiras em Portugal” acabou por obscurecer o fato da não existência de um sistema de gênero homogêneo, nem no Brasil nem em Portugal, como também a não articulação do gênero com outras categorias de diferenciação como geração, classe, cor da pele/raça e origem regional (Togni 2011, p. 390)

Como vimos, os sujeitos desta pesquisa têm suas identidades constantemente associadas a estereótipos e estigmas decorrentes dos processos históricos e coloniais. O fato da presença de imigrantes em Portugal ser majoritariamente de pessoas oriundas de ex-colônias contribui para a continuidade do pensamento colonial que se reifica nas generalizações que se faz desses povos imigrantes.

Machado (Machado 2006) vê esta continuidade como condição fundamental para a reconstrução, dentro de Portugal, da antiga ordem imperial que, por sua vez, fomenta a ideologia nacionalista hegemônica que organiza as formas como os sujeitos de diferentes nacionalidades são hierarquizados socialmente¹⁴. Para além disso, é preciso considerar também a posição subalterna que o Brasil assume, não somente em relação a Portugal mas em termos globais, que se expressa no campo simbólico das representações feitas acerca de um povo. Estas relações desiguais reforçam ainda mais os processos de feminilização e erotização da pobreza e do subdesenvolvimento.

Neste sentido, o que era para ser um descritor de identidade nacional, o “ser brasileira”, em contextos transnacionais diversos, transforma-se numa categoria de diferenciação mais ampla e inserida numa ordem global hierarquicamente organizada que reatualiza as antigas dicotomias entre norte e sul. Tomando emprestadas as palavras de Brah (2006, p. 350), é a partir dessas dicotomias que “o 'ocidente' constrói e representa a si mesmo como superior aos seus 'outros’”.

Não seria, no entanto, equivocado afirmar que tais dinâmicas representacionais,

14 Para discussões acerca das posições que imigrantes brasileiros, dos países africanos de língua portuguesa e dos europeus “do leste” ocupam na sociedade portuguesa (cf. Machado 2006)

Copos, corpos e afetos

nomeadamente as associações e estereótipos, tomam um contorno ainda mais delineado nesta pesquisa já que estamos a nos debruçar sobre a vida de mulheres inseridas numa atividade que pressupõe o envolvimento entre dinheiro e intimidade. Neste sentido, há que considerar não somente a posição subalterna do Brasil nas hierarquias das nacionalidades, como foi falado acima, mas também a posição social desprivilegiada que essas mulheres ocupam na sociedade portuguesa, enquanto mulheres, imigrantes e inseridas numa atividade laboral marginalizada, embora elas estejam muito longe de constituírem um todo homogêneo.

6. Quando as tensões de gênero e sexualidade se intersectam ao fenômeno da imigração brasileira em Portugal: As mães de Bragança e o caso de Viviane.

6.1. As mães de Bragança.

Queremos evitar fazer justiça pelas nossas mãos, mas se a isso formos obrigadas, não nos esquivaremos, pois queremos, necessitamos, e merecemos ter paz nos nossos lares, nos nossos corações [...]. Somos agora invadidas e fustigadas por dezenas de prostitutas aquarteladas em boites, mesmo durante o dia, em bairros residenciais, em todo o canto e esquina da nossa cidade. Como é possível permitir-se a continuada abertura de casas de alterne, onde o flagelo da droga e da prostituição é incrementado?! [...] E nós filhas da Terra, aconchegamo-nos na tristeza e destruição dos nossos Lares, com o peso do sofrimento, porque elas vieram aliciar os nossos maridos com falinhas meigas, canas-de-açúcar e droga à mistura!

(Manifesto das mães de Bragança, supostamente assinado por centenas de mulheres da região¹⁵.)

Embora o episódio das Mães de Bragança já tenha sido consideravelmente

15 Retirado do texto “Mães de Bragança e feitiços: enredos Luso-Brasileiros em torno da sexualidade” de José Machado Pais (2010).

Copos, corpos e afetos

explorado pela mídia e abordado em artigos acadêmicos (Alvim, Togni 2010; Pais 2010; Pontes 2004), ele não poderia ser aqui ignorado. O acontecimento que se tornou famoso internacionalmente – mereceu a capa da revista *Time* em Outubro de 2003 – é um caso exemplar das tensões de gênero implicadas no fenômeno da imigração brasileira em Portugal, sobretudo quando há uma interseção entre prostituição e imigração, que acaba por enfatizar, entre outras coisas, a ideia do “mal que vem de fora”.

Em 2003, em Bragança, cidade com 35 mil habitantes na região Norte de Portugal, algumas mulheres se organizaram e promoveram um abaixo-assinado cujo o objetivo era expulsar as imigrantes brasileiras que trabalhavam em clubes noturnos e reivindicar o fechamento dos mesmos. Essas mulheres se autodenominaram “as mães de Bragança”, numa clara tentativa de trazer legitimidade para suas reivindicações através da evocação da ideia da esposa e mãe, representativa da feminilidade reprodutiva, normativa e respeitável *versus* as imigrantes prostitutas, de reputação duvidosa e comportamentos desviantes (cf. Pontes 2004).

Entre os fatores que antecederam tais demonstrações de repúdio às prostitutas brasileiras, podemos citar o crescimento de entrada de imigrantes brasileiras na cidade de Bragança, consequência do próprio aumento do fluxo migratório Brasil-Portugal, e da expansão urbana e comercial na cidade, o que, por sua vez, favoreceu a ampliação do negócio do entretenimento noturno e erótico (Pais 2010). A autorreferência das manifestantes à condição de “filhas da terra” confere o caráter nacionalista e conservador a um movimento que pretende demarcar alteridade através de questões ligadas ao gênero, à sexualidade e à pertença nacional que, articuladas, assumem um teor racial.

As mães de Bragança reclamavam que os seus maridos estavam chegando muito tarde em casa, muitas vezes com manchas de batom na roupa e perfumes adocicados e, o mais alarmante, estavam a gastar muito dinheiro fora de casa. Tais senhoras, na maioria donas de casas e responsáveis pela administração da economia doméstica, viam a presença das brasileiras e dos bares de alterne como perigosas ameaças à saúde do casamento e das famílias da cidade. As denúncias alegavam que, além de seduzirem os maridos com estratégias eróticas e despudoradas, as brasileiras de “falinha meiga” ainda

Copos, corpos e afetos

desequilibravam as unidades domésticas ao transformarem o ganha pão de casa em gastos com champanhe nos bares.

O movimento foi tomando força e o manifesto, com as assinaturas colhidas, foi entregue ao Governador Civil, ao Presidente da Câmara e ao Comandante da Polícia de Segurança Pública de Bragança. O burburinho se formou e a polêmica se alastrou, como apontou Pais (2010), com “contornos de oposição moral entre a decência e a indecência, a fidelidade e a promiscuidade, a castidade e a impureza, a virtude e o vício”. Como consequência, apertou-se o cerco da polícia e do SEF nas fiscalizações (as chamadas *rusgas*) em clubes noturnos, apoiadas tanto nas brechas decorrentes da situação de não regulamentação das atividades prostitucionais como da evocação da lei do lenocínio e das ações contra a imigração ilegal.

Muitas brasileiras sem documentação foram deportadas ou notificadas, alguns bares fecharam as portas e outros migraram para regiões além da fronteira com Espanha, levando consigo a maior parte das meninas. Posteriormente, grande parte dos cidadãos de Bragança reconheceram que tais medidas acarretaram efeitos desastrosos para o desenvolvimento e expansão comercial da região, uma vez que os bares de alterne e a presença das imigrantes brasileiras movimentavam a economia local, sobretudo dos setores de serviços.

É interessante notar que a resposta ao episódio das mães de Bragança por parte das brasileiras que trabalhavam nas casas de alterne, ou de pessoas que se pronunciaram a favor das mesmas, foi a de devolver à culpa da procura masculina pelos bares às esposas, alegando que os homens frequentam estes clubes porque suas esposas são incapazes de os fazerem felizes e satisfeitos. Tal argumentação foi corroborada por atribuições e autoatribuições de características de temperamento percebidas como natas da mulher brasileira, tais como: carinhosa, sensual e alegre, fazendo frente a uma suposta falta de feminilidade da mulher portuguesa. Trata-se, portanto, de percepções naturalizantes calcadas no gênero e na racialização da nacionalidade brasileira.

O processo de vitimização e desculpabilização do homem português face aos “poderes de sedução da mulher brasileira”, já apontado por Pontes (2004), e pela

Copos, corpos e afetos

suposta incapacidade de suas esposas de os satisfazerem afetiva e sexualmente; a evocação do antagonismo moral entre a sexualidade normativa e reprodutiva *versus* a prostituição e as práticas sexuais desviantes; e, por fim, as respostas das brasileiras a uma situação de desvalorização de sua identidade são partes de um cenário mais complexo em que seus atores, muitas vezes, percebem sexo e gênero como uma só categoria assente em dicotomias equivocadamente percebidas como naturais. Mais do que isso, são parte também de um cenário em que noções de feminilidade e masculinidade se misturam a marcadores raciais de alteridade forjados em tensões pós-coloniais.

Miguel Vale de Almeida (2004) dedicou uma parte de seu livro *Outros Destinos: ensaios de Antropologia e cidadania* às reflexões sobre gênero, sexualidade e identidade nacional em Portugal. Lançando mão de elementos representativos da cultura portuguesa – Marialvismo, fado, touradas, saudade, festas tradicionais e sebastianismo – e, articulando-os a sua experiência etnográfica no sul do país (Vale de Almeida 2000a), o autor apresenta uma sofisticada análise que nos convida a refletir sobre o caráter estruturante do gênero nas relações e instituições sociais portuguesas. Almeida demonstra, entre outras coisas, que os ideais de masculinidade estão embebidos em noções nacionalistas profundamente genderizadas de tal forma que o que é ser homem e o que é ser português confundem-se mutuamente.

A retórica imperial, ligada sobretudo aos descobrimentos, se reflete, ainda hoje, em muitas das categorias do senso comum da autoimagem dos portugueses que se sustenta por um modelo central de masculinidade. A virilidade exagerada e os discursos de supremacia masculina resultam da valorização de uma moralidade dupla para os homens que legitima a sexualidade predatória e extraconjugal.

(...) É certo que nos últimos anos surgiram sectores da vida do país em crescente modernização, mas a reprodução social socorre-se ainda fortemente das solidariedades, por assim dizer, de clã. Dizer que o pessoal é político, velhos slogan feminista, é, em Portugal, quase absurdo, já que a maioria das pessoas joga na duplicidade entre cumprir o contrato (seja o do casamento, seja o da ocultação) e ter uma vida pessoal secreta (Vale de Almeida 2004, p. 248).

Copos, corpos e afetos

Em um estudo sociológico desenvolvido no âmbito do projeto “Gerações, Valores e Modos de Vida” realizado em 1995 e baseado em inquéritos em uma amostra representativa da população portuguesa, Pais e Borges observaram que, no campo da sexualidade, notam-se confrontos de moralidades baseados nas já referidas percepções binárias sobre o gênero¹⁶.

(...) para as mulheres é ainda defendida uma virtuosidade que pressupõe abstinência fora do quadro das relações matrimoniais. As mulheres sexualmente muito vividas continuam a merecer um olhar de desconfiança e reprovação por parte da sociedade “respeitável”. Em contrapartida, os homens desfrutam de uma maior permissividade, não apenas antes como depois do casamento (Pais, Borges 1999, p. 2).

Não só no caso das mães de Bragança, mas também no que se refere ao universo de interações que têm lugar nos bares de alterne em Lisboa, estamos a lidar com um terreno em que os significados de gênero são herdados de percepções tradicionalistas que abrigam significativas atribuições de gênero às ações, emoções e comportamentos.

Neste sentido podemos dizer que o gênero funciona como objetificação das relações sociais, identificando nos homens e nas mulheres características diferenciadas que são percebidas como naturais e fisiológicas. Tendo em vista as percepções essencialistas que dividem o mundo em masculino e feminino e as formas de entendê-lo e nele interagir, notamos que esta dicotomia cria diferenças sociais que são naturalizadas no cotidiano, principalmente quando o assunto é sexualidade, sexo e os usos que fazemos do corpo.

É interessante observar como os discursos ocidentais moralizantes e as instituições sociais que os orientam e controlam, para falar de sexo, têm recorrido frequentemente às concepções sobre o que é natural e antinatural para legitimar as práticas normativas. O apelo que outrora recorria aos ensinamentos divinos, à bíblia e à vontade de Deus, agora promove a evocação das leis da natureza, numa espécie de biologização do social que coexiste com a socialização da natureza, à qual a

16 Para um aprofundamento acerca da sexualidade, conjugalidade e afetividade como importantes dimensões da vida social e cultural em Portugal, na perspectiva sociológica, (cf. Aboim 2006a, 2006b; Torres 1996, 2002; Wall 2005; Pais 1996).

Copos, corpos e afetos

modernidade é associada¹⁷. Como aponta Nicholson (2000, p. 11)

Quando os textos de Aristóteles e da Bíblia perderam sua autoridade, a natureza se tornou o meio de fundamentação de toda distinção percebida entre mulheres e homens. Na medida em que o corpo passou a ser percebido como representante da natureza, ele assumiu o papel de “voz” da natureza, ou seja, na medida em que havia uma necessidade percebida de que a distinção masculino/feminino fosse constituída em termos altamente binários, o corpo tinha que “falar” essa distinção de forma binária. A consequência disso foi uma noção “bissexuada” de corpo.

Tomaremos a perspectiva proposta por Butler (1990, 1993) que problematiza as noções clássicas de gênero no intuito de colocar em causa as concepções naturalizadas sobre os papéis sexuais. Butler chama atenção para o fato de que considerar o gênero como o resultado do investimento de significados culturais às diferenças corporais, ou seja, como a leitura que fazemos de um dado natural, acaba por aprisionar o entendimento sobre o que é ser mulher e o que é ser homem às categorizações dicotômicas que se pretende combater.

Para Butler, a performance não é o conjunto de ações, atitudes e comportamentos que o sujeito assume consoante o seu gênero. A performance é o que consolida o sujeito e a sua identidade sexual, através da repetição e reiteração das normas de gênero que acaba por produzir o que entendemos por ser mulher ou ser homem. Ou seja, em vez de pensar nas categorias feminino e masculino como ficções culturais que assentam nas unidades naturais mulher e homem, Butler (1990) propõe pensarmos nos termos mulher e homem como sendo eles próprios ficções culturais reguladas e consolidadas pela linguagem e performatividade, que se cristalizam no corpo e na sua sexualização, produzindo o efeito de uma substância ou materialidade.

17 Obviamente não se trata de um processo novo, mas esse tipo de apelo às leis da natureza tem aparecido recorrentemente em processos muito atuais de mudanças e retrocessos políticos, como os que temos acompanhado em França em relação a aprovação por lei do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e das manifestações de oposição por parte das frentes conservadoras. O Brasil vive um momento de forte tensão em relação a bancada religiosa do congresso e sua clara postura conservadora e contrária ao reconhecimento dos direitos dos homossexuais. Em ambos os casos, a argumentação contra o casamento homoafetivo, ou simplesmente ao relacionamento gay em si, é frequentemente pautada na dicotomia “natural e legítimo” versus “antinatural e perverso”.

Copos, corpos e afetos

É importante considerar que foi principalmente a partir do trabalho de Rubin Gayle (1975) que se abriram caminhos para pensar no esquema sexo/gênero como uma estrutura complexa que abriga diferentes lógicas e que é moldada segundo necessidades sociais. A partir daí, e também na esteira das propostas anti-universalistas lançadas por Strathern (1988), as discussões mais atuais sobre gênero, dentre as quais Judith Butler se enquadra, têm se concentrado na desconstrução das concepções que naturalizam as diferenças entre homens e mulheres e que tratam o gênero como atribuidor de identidades fixas e o sexo como pré-discursivo. Considerando outras dimensões marcadoras de alteridade, tais como raça e classe, o gênero assume uma dinâmica mais fluida que nos permite uma análise livre de universalismos e rigidez e, conseqüentemente, nos permite também perceber as várias configurações dos fluxos de poder inerentes da produção das diferenças.

Connel (1995) contribui para essa perspectiva observando que o gênero configura todas as práticas sociais e que, conseqüentemente, está inevitavelmente atrelado a outras estruturas. Assim, além da classe e da raça, o gênero interage constantemente com outras dimensões tais como nacionalidade e/ou a posição desta numa ordem mundial. Neste sentido, a autora ressalta o caráter estruturante do gênero e afirma que devemos olhar para todas as instituições como substancialmente genderizadas e não só metaforicamente.

Em *Gender and Power*, Connel (1987) dedica um dos capítulos ao tema da evocação das diferenças naturais sugerindo uma reflexão mais aprofundada sobre os mecanismos que constantemente vinculam as iniquidades sociais às diferenças naturais. A autora sintetiza as discussões argumentando que o que é entendido como natural é, em si, uma construção cultural. Além disso, a ideia da diferença natural coloca os seres humanos numa condição de passividade submetendo-os às leis da natureza e, conseqüentemente, inviabilizando o decurso de nosso entendimento sobre os processos históricos, já que esse entendimento só é possível através da transcendência do que é natural através da prática social.

Para além destes mecanismos que naturalizam as desigualdades calcadas no gênero, vemos ainda que a combinação de diferentes tipos de subordinação – o racismo,

o patriarcado, a opressão de classes, entre outros – cria iniquidades que estruturam as posições que as mulheres ocupam na sociedade. Para aprofundarmos nesta questão das diferentes malhas de subordinação e privilégio lançarei mão, no tópico a seguir, dos estudos das interseccionalidades.

6.2. O caso de Viviane.

Viviane me contou que foi chamada à escola dos filhos por causa de uma situação de mau comportamento por parte do filho mais novo, de 16 anos. Viviane me disse que Lucas estava na sala de aula quando a professora reparou em seu casaco novo (de marca cara) e comentou, em voz alta e na frente dos colegas, em claro tom de ironia: “Não sei o que é que a tua mãe anda a fazer, mas ela parece ganhar muito dinheiro para comprar-te roupas tão caras.” Lucas prontamente respondeu, com ar de deboche, que a professora não precisava se preocupar e nem insinuar coisas sobre sua mãe porque era ele mesmo quem estava a ganhar a vida no Parque Eduardo VII (parque em Lisboa frequentado como ponto de prostituição, sobretudo masculina e de mulheres trans). Os colegas riram, a professora se irritou e Viviane foi chamada à Diretoria.

Viviane se desculpou, em nome do filho, porque, segundo ela, não queria indisposições com a professora e com o pessoal da escola. Quando ela me contou sobre o acontecido, numa tranquilidade surpreendente, eu demonstrei indignação e sugeri que ela tomasse uma atitude mais severa porque a professora havia agido muito mal e nunca poderia ter exposto um aluno dessa forma. Mas ela não se abalou e disse que esse tipo de coisa não a atingia e que entre ela e o filho estava tudo bem. Ela apoiara Lucas na resposta que dera a professora, dando-se assim por satisfeita com a capacidade do filho em se defender sozinho do que ela encarava como apenas uma das tensões normais do quotidiano.

Eu cheguei a duvidar que Viviane tivesse consciência de que tratava-se de uma clara situação de preconceito e perguntei a ela: “E por que você acha que a professora fez esse comentário? Você acha que ela poderia fazê-lo a qualquer outro aluno da turma?” Ao que ela me respondeu: “Talvez ela já tinha ouvido algum comentário sobre essa coisa de eu trabalhar na noite [ambos filhos de Viviane sabem sobre seu trabalho e alguns

Copos, corpos e afetos

amigos e colegas da escola também sabem]. Aí fica fácil ligar uma coisa à outra, né?” Eu insisti: “como assim?”. Ela disse: “Ué, a professora sabe que eu sou brasileira, e já deve ter rolado alguma fofoca deu trabalhar na noite... E ainda vê meu filho com roupas caras...” (Notas de campo, Junho de 2012)

Esta breve passagem das minhas anotações de campo é ilustrativa de uma situação em que as noções advindas das múltiplas hierarquias sociais se entrelaçam resultando numa bem tecida malha de estereótipos e classificações que caem sobre os sujeitos de maneira a destacar suas posições desiguais. O caso de Viviane, mais do que representar uma situação de racismo e preconceito, nos mostra como a combinação de diferentes configurações de identidades tem impacto sobre a vulnerabilidade dos sujeitos à opressão e à discriminação.

As teorias feministas pós-coloniais surgiram no âmbito da necessidade latente de novos olhares sobre o gênero mais inclusivos e que ultrapassassem perspectivas ocidentais homogeneizantes e universalizantes da categoria “mulher”. Partindo das influências inevitáveis que as situações coloniais e imperiais exercem nos indivíduos ao redor do mundo, essas teorias buscam analisar diferentes contextos discursivos e/ou experienciais através da ênfase nas diferenças históricas, sociais e culturais que posicionam os sujeitos em sistemas hierarquizados de classificações. Isto é dizer que as estruturas sociais transnacionais e locais produzem condições e experiências distintas para homens e mulheres em diferentes tempos e lugares.

Neste sentido, abriram-se caminhos para o desenvolvimento de um novo paradigma que não limita o gênero a uma categoria isolada de análise, mas que o vê como um organizador central das possibilidades identitárias que são relacionais e dinâmicas. Passa-se a tomar o gênero associando-o as ordens da raça, da classe e da sexualidade na medida em se reconhece que estas ordens constituem os princípios básicos que configuram os processos de interações humanas. São princípios que não só afetam as experiências subjetivas dos indivíduos mas que também influenciam a formação e o funcionamento das instituições sociais (Chow 1996).

É na esteira do desenvolvimento dessas teorias que surge o estudo das

Copos, corpos e afetos

interseccionalidades (Brah, Phoenix 2004; Cho, Crenshaw, McCall 2013; MacKinnon 2013) que procuram identificar os tempos e espaços onde as estruturas de gênero, raça, classe e sexualidade se intersectam produzindo desigualdades. Superando o modelo de uma simples adição de diferentes categorias que formam distintos tipos de identidade, os estudos das interseccionalidades buscam um olhar sobre as identidades enquanto relacionais, interativas e fluidas que se configuram e se expressam através de seus posicionamentos nas múltiplas hierarquias sociais. São essas hierarquias, enquanto largas correlações de força, que afetam o acesso ao poder e a privilégios, influenciam as relações sociais, criam condições para construção de sentidos e configuram as experiências cotidianas dos indivíduos.

A análise interseccional pretende, portanto, revelar as identidades múltiplas expondo os diferentes tipos de discriminação e desvantagem que resultam dessa combinação de identidades. É uma perspectiva que objetiva descortinar as maneiras nas quais o racismo, o patriarcado, a opressão de classes e outros sistemas de subordinação cria iniquidades que estruturam as posições relativas da mulher.

O fragmento das anotações de campo acima apresentado representa um exemplo bastante ilustrativo dessas questões. Viviane é brasileira; mulher e mãe solteira; inserida numa atividade marginalizada que evoca a ideia de uma sexualidade desviante; considerada de uma classe social inferior pela subalternidade de seu estatuto de imigrante e, conseqüentemente, vista como incapaz de prover o filho de roupas caras por meios considerados legítimos. O que está aqui em causa é uma conjunção de fatores que se intersectam identificando Viviane a um status social inferior e fazendo com que seu valor e credibilidade enquanto indivíduo e cidadã sejam reduzidos.

Este exemplo também nos ajuda a compreender melhor a confusão que as vezes se faz, em relação aos estudos interseccionais, entre o que seria uma sobreposição de categorias ou sua intersecção. Se considerarmos a posição de desvantagem social em que as mulheres no geral se localizam tanto em Portugal quanto no Brasil, invocaremos, invariavelmente, o peso que o patriarcado exerce em ambas culturas, assim como no resto do mundo ocidental.

Copos, corpos e afetos

No entanto, quando falamos de mulheres brasileiras em Portugal, não podemos separar as categorias de gênero (mulher) e nacionalidade (brasileira) já que, como vimos, a própria percepção de sua feminilidade passa necessariamente pela sua identidade nacional, ao mesmo tempo em que a percepção de sua nacionalidade também se dá pelo viés do gênero. Se ambas, portuguesas e brasileiras, estão em desvantagem ao acesso a privilégios em relação aos homens, a brasileira está em desvantagem também em relação à portuguesa. Não porque sua identidade sobrepõe duas categorias inferiorizantes (mulher e brasileira), mas porque ela é configurada pela fusão inextricável das duas. E não só isso. Sua identidade nacional (brasileira) está, neste contexto, imbricada com a categoria de classe, já que a brasilidade está associada a subalternidade. Como explicou Brah

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. Vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões (Brah 2006, p. 341).

No âmbito da presente pesquisa é importante ressaltar que não pretendo apenas abordar os efeitos e consequências das articulações entre as hierarquias sociais, tais como os estereótipos e as generalizações que se fazem acerca de um povo, mas, através da abordagem destes efeitos, procuro revelar os eixos de poder que produzem condições para que esses efeitos sejam criados.

Não se pode negar que as categorizações, classificações e estereótipos são instrumentos muito eficazes de reprodução de desigualdade e, precisamente por serem solidamente arraigados em relações de poder estabelecidas transnacionalmente, são quase estáticos e difíceis de serem superados. Todavia, as discussões sobre as situações de opressão não podem se limitar à abordagem das classificações e estereótipos. Embora estes sejam instrumentos eficazes de desigualdades, eles não constituem os seus produtores, mas apenas efeitos cristalizados de complexas correlações de forças. São as

Copos, corpos e afetos

estruturas de poder e as articulações das múltiplas hierarquias sociais que produzem privilégios, status e classificações que, por sua vez, são reproduzidos na experiência cotidiana, tal como o caso de Viviane demonstrou.

A experiência de Viviane e o caso das Mães de Bragança são exemplos das tensões de gênero implicadas no fenômeno da imigração brasileira em Portugal, agravadas pela articulação entre prostituição e imigração. Ao abordar o contexto mais específico do mercado sexual e afetivo, o esforço se dá em tentar perceber como essa experiência da pós-colonialidade é vivenciada no cotidiano dessas mulheres, ou seja, como a experiência da diferença é sentida, construída e interpretada (Brah 2006). Como os exemplos demonstram, há diferentes tipos de hierarquias acionadas na experiência dessa diferença que acabam por forjar as noções e representações de feminilidade e brasilidade neste contexto.

É preciso ainda estarmos atentos para o perigo de uma interpretação simplista em considerar que esse processo de tornar as/os outra/os “exóticas/os”, sexualizando-as/os é um caminho de mão única e restrito exclusivamente aos europeus, no caso aqui abordado, aos portugueses (Piscitelli 2002; Machado 2009). É preciso se levar em conta que existe um relevante e complexo processo de auto-exotismo na construção que as meninas brasileiras fazem de si próprias, como estratégia de negociação de seu posicionamento constantemente inferiorizado. A maioria das meninas com quem eu conversei lança mão do reforço de certos estereótipos como um mecanismo desestabilizador do poder num processo em que a brasilidade se torna agregadora positiva de valor, como veremos nos dois capítulos seguintes. A partir daí veremos como as colaboradoras desta pesquisa mobilizam essas desigualdades transformando-as em recursos que desestabilizam os focos de poder e que abrem brechas para negociações e possibilidades de ação.

CAPÍTULO 2 - “Quem ama cuida”: Sobre a família e o cuidado transnacional

1. “Só o amor de mãe é verdadeiro”: a família transnacional e a manutenção dos laços afetivos.

Considerando o contexto transnacional em que as colaboradoras desta pesquisa se inserem, foi possível perceber, em seus relatos, que as relações e afetos familiares adquirem particular relevância e centralidade. A dedicação mútua entre familiares é vista como um sentimento incondicional que não é ameaçado pelo tempo e nem pelo espaço, graças a ideia de imutabilidade dos laços que se expressa e se renova nas trocas de práticas de cuidado, no compromisso moral e na solidariedade.

No que se refere ao amor materno e familiar, permanece o sentimento de um pertencimento intersubjetivo no qual as pessoas se veem como intrínsecas umas nas vidas das outras, partilhando uma mutualidade do ser, tal como colocou Marshal Sahlins em seu ensaio *What kinship is* “(...) generally considered, kinsmen are persons who belong to one another, who are members of one another, who are co-present in each other, whose lives are joined and interdependent (Sahlins 2011, p. 11)”.

O excerto abaixo, retirado de uma fala de Luana, ilustra a importância dos familiares, mesmo que estejam distantes geograficamente.

A pessoa mais importante na minha vida é a minha avó, mais até do que a minha mãe. Foi ela quem me criou e eu posso te dizer que tudo o que eu tenho hoje, e tudo o que eu sou, eu devo a ela e ao meu avô também. É o amor mais verdadeiro que pode ter... e o meu afilhado também, sou muito apegada a ele, morro de saudade, é a parte ruim de morar longe. (...) Eu tou sempre em contato com eles (os avós) e ajudo sempre que eles precisam, eles me ajudaram muito sempre então pra mim é como uma retribuição e eu faço com o maior carinho (se referindo ao envio de remessas, presentes e a atenção dispensada a eles através de telefonemas e skype). Agora quero ver se junto um dinheiro pra

Copos, corpos e afetos

trazer a minha avó e meu afilhado aqui, ele me enche o saco, esses dias me telefonou dizendo: “madrinha, é na semana que vem que eu vou pra Portugal te ver?” (risos) Só tem 5 anos e já tá espertinho desse jeito! A gente é super apegado, quando eu vou pro Brasil a gente fica no maior grude! (Luana)

A frase largamente usada e conhecida no Brasil “quem ama cuida”, mais do que um simples bordão facilmente encontrado em canções românticas e, atualmente, nos dizeres compartilhados massivamente nas redes sociais, exprime o caráter moral da obrigação para com aquele que se ama. O cuidado não é somente parte integrante do que se entende por amor e do que se espera dele, mas constitui o idioma das relações entre aqueles que se amam, sobretudo quando se trata de relações familiares.

A questão da interdependência e suporte entre os membros familiares enquanto essência própria do amor pode ser bem ilustrada pela relação de Jéssica com sua irmã na qual uma sempre serviu de apoio à outra em diversas situações.

Eu pude vir pra Portugal graças a minha irmã. Quando eu cheguei já tava tudo pronto, eu já tinha casa pra morar e até emprego, né? (se referindo ao trabalho no bar de alterne – sua irmã já trabalhava lá quando Jéssica chegou do Brasil e já havia explicado a irmã tudo sobre a atividade antes mesmo dela decidir migrar). A passagem também foi comprada com dinheiro dela (da irmã) e da minha mãe. E a gente sempre se apoiou uma na outra, somos muito unidas. Aí, quando ela estava terminando o mestrado e super apertada com a tese, eu assumi todas as contas de casa pra ela poder ter tempo de estudar e terminar. Eu fiquei feliz de poder fazer isso por ela porque ela também já tinha feito muito por mim. Então ela pode se dedicar e terminar a tese. (...) Na minha casa sempre foi assim: quem tem põe, quem não tem tira. Família é isso, né? (Jéssica)

É interessante notar como atos econômicos de compartilhar, doar ou negar bens materiais são vistos como indicadores e comunicadores de afeto e, simultaneamente, de poder. Nesse sentido, a ideia de que “quem ama cuida” exprime também o fato de que a capacidade de amar e cuidar está fortemente atrelada a capacidade de compartilhar recursos e meios de sustento. Não deixar aquele a quem se ama passar dificuldades é um

Copos, corpos e afetos

indicativo importante da autenticidade deste sentimento.

Como observou Rebhun (1999) em sua etnografia sobre os habitantes de uma comunidade pobre de Caruaru, no Nordeste Brasileiro:

People who love one another share their resources because they are morally bound to do so. [...] Sharing resources is not only consequence but also maker and seal of love. The economic interest underlying loving relationships in families and networks does not automatically diminish the sentiment people feel toward their associates: Indeed, it may intensify it. In working-class Caruarenses families, economic sharings is part of the metaphorical communication code in which a verbal declaration of tender feelings is more frightening than demonstration of loyal devotion in practice. Working in behalf of one's dependents is a sign of love for them (Rebhun 1999, p. 83)

Na primeira parte deste capítulo veremos como as práticas de cuidado constituem-se enquanto principal vetor de manutenção dos laços transnacionais entre as meninas e suas famílias no Brasil. Além disso, veremos ainda como o gênero assume um papel central nestes processos. Trata-se de dinâmicas produzidas através das performances de cuidado à distância que reconfiguram os papéis sociais das migrantes no seio familiar, suas noções de responsabilidade e obrigação e, sobretudo, as relações de poder intrínsecas a este contexto. Na segunda parte faço uma breve revisão da literatura produzida em Portugal acerca da prostituição, buscando evidenciar os discursos em torno da maternidade neste contexto. A questão central aqui é tentar perceber de que forma as declarações eloquentes sobre a importância dos filhos desempenham um papel não só suavizador do estigma mas também revelador da condição de opressão heteronormativa em que se inscrevem as trabalhadoras sexuais, sobretudo no que diz respeito ao cerceamento de sua sexualidade.

2. Algumas considerações teóricas sobre o cuidado

O conceito de cuidado nas ciências sociais é geralmente articulado a práticas e

Copos, corpos e afetos

performances que são dirigidas a pessoas em situações de privação ou carência, seja ela física, de saúde, emocional ou financeira. No entanto, o cuidado também constitui uma forma de produção, expressão e manutenção de laços sociais, de sentimentos e afetos que permeia as relações cotidianas entre pessoas próximas, sejam elas relações familiares, afetivo-sexuais, de amizade ou outras. Como bem observou Antónia Lima,

O conceito cuidar tem, porém, um duplo sentido: Por um lado, refere-se a uma prática, ou um conjunto de práticas (tratar do outro) e por outro a um valor, ou um conjunto de valores (o afecto daquele que cuida, o amor e a compaixão/empatia da relação com o outro). Estas práticas e valores são portanto constitutivas do laço social pois elas são sempre relacionais e baseadas numa motivação de “olhar pelo outro” (Lima 2014, p. 2).

O Cuidado caracteriza-se por uma ambiguidade latente: é feminilizado e subalternizado nos contextos capitalistas modernos, mas, por outro lado, é encarado como uma virtude, uma ética que envolve sentimentos de carácter nobre, tais como a solidariedade, a responsabilidade e a empatia. Se, nos contextos modernos capitalistas ele é subalternizado, no contexto familiar ele é visto como fundamental.

A principal referência nas ciências sociais e humanas em relação ao cuidado e ao surgimento, na década de 80, da ética do cuidado enquanto uma teoria moral é o trabalho da psicóloga feminista Carol Gilligan. Gilligan parte do pressuposto de que a perspectiva do cuidado é uma alternativa legítima de julgamento moral que foi obscurecida e subalternizada pela tradição liberal masculina de justiça centrada na autonomia e na independência.

Numa de suas obras de maior expressão – *In a different voice* – Gilligan (1982), ao analisar práticas e noções de cuidado, procurou demonstrar como as diferenças entre comportamentos, e os julgamentos morais feitos acerca destes comportamentos, são fortemente genderizados. Partindo de estudos feitos no âmbito da psicologia, a autora observa que a identidade de gênero masculina é construída através da noção de separação e autonomia enquanto a feminilidade é definida através da sua relação com os outros. Se a identidade masculina é ameaçada pela intimidade e pela compaixão, a feminina é ameaçada pela separação e pelo individualismo. Neste sentido, os

Copos, corpos e afetos

comportamentos considerados como bons, para as mulheres, são aqueles que agradam, ajudam aos outros e são aprovados pelos outros. Ou seja, existe uma equação entre fazer o bem e o sacrifício pessoal.

A autora nota ainda que é precisamente nesta concepção genderizada dos julgamentos morais que descansa um enorme paradoxo: o que define um comportamento como moralmente bom e virtuoso para as mulheres – nomeadamente sua capacidade de cuidar e sua sensibilidade às necessidades alheias – é justamente o que as define como deficientes em sua capacidade de desenvolver noções de justiça baseadas em critérios abstratos e éticos. Gilligan observou então que, segundo esta perspectiva, a presença de emoções nos julgamentos é o que supostamente afastaria a mulher dos princípios de justiça e a aproximaria da compaixão e do cuidado.

While independent assertion in judgment and action is considered the hallmark of adulthood and constitutes as well the standard of masculine development, it is rather in their care and concern for others that women have both judged themselves and been judged (Gilligan 1997, p. 10).

Nas conclusões da pesquisa em questão, Gilligan reivindica, grosso modo, o reconhecimento da centralidade que a conexão entre o eu e o outro assume na vida das pessoas, assim como a universalidade da necessidade da compaixão e do cuidado nas diversas relações sociais, para ambos os sexos. Neste sentido, ela busca a legitimidade moral do cuidado e da compaixão enquanto perspectivas que influenciam profundamente julgamentos e comportamentos, tal como o próprio senso de justiça.

O trabalho de Gilligan possui grande relevância no desenvolvimento das teorias do cuidado sob uma ótica feminista, sobretudo no que diz respeito à feminilização e à subalternização cujo o ato de cuidar está submetido nos contextos capitalistas modernos. São processos engendrados pela tradição liberal masculina e pela ausência de uma perspectiva crítica de gênero na literatura que até então havia abordado o assunto.

Contudo, é importante considerarmos as críticas feitas ao seu trabalho. Joan Tronto (1993), ao explorar as intersecções entre as éticas do cuidado, a teoria crítica feminista e as ciências políticas, identificou no trabalho de Gilligan algumas armadilhas

Copos, corpos e afetos

discursivas, sobretudo quanto aos binarismos de gênero. Trata-se, segundo Tronto, de discursos que acabam por reforçar os padrões sociais de gênero e, conseqüentemente, resultam essencialistas e opressivos para as mulheres.

Tronto observa que o cuidado é equivocadamente percebido como uma disposição, em vez de ser visto como uma prática, e, desta forma, ele é naturalizado, romantizado e alocado na esfera das emoções, do doméstico e do feminino. E, neste ponto, a autora chama atenção principalmente para a dicotomização que se faz entre público e privado observando que esta fronteira moral – *moral boundaries* – contribui para que o cuidado seja visto como algo menos importante no domínio público, onde conceitos como justiça são mais valorizados e associados à masculinidade.

Since women are more emotional than men, then, women are more caring; men's 'caring' is limited to their achievement of their rational plans (one of which is taking care of their families). This traditional ideology thus reinforces traditional gender roles and the association between women and caring, and the fact that caring is intertwined with virtually all aspects of life. What is gained in this association is a division of spheres that should serve to placate women and others who are left to the tasks of caring (Tronto 1993, p. 119)

Embora os conceitos de esfera pública e privada tenham sido centrais no pensamento político do ocidente durante séculos, os estudos feministas têm demonstrado que sua utilização é bastante problemática e limitativa. Trata-se de uma dicotomia ideológica e artificialmente criada que, ainda que se encontre em processo de transformação, sendo constantemente redefinida, continua informando tanto teorias sociais quanto práticas cotidianas e políticas.

Grosso modo, tal dicotomia tem sido explorada referindo-se à diferenciação tanto entre o Estado e a sociedade civil quanto entre a vida não doméstica (pública) e a vida doméstica (privada). À maneira de Susan Okin (2008), opto, no decorrer deste trabalho, por operar as discussões com a segunda separação, nomeadamente entre público e doméstico. Tal escolha não é feita só pelo fato da realidade social abordada nesta pesquisa se enquadrar melhor nesta opção, mas também pelo fato de concordar com a perspectiva de Okin de que é precisamente através da permanência desta

Copos, corpos e afetos

dicotomia que o espaço social da família é subalternizado, relegado a segundo plano e despolitizado. Conseqüentemente, tal dicotomia contribui significativamente para a permanência das desigualdades de gênero, visto que o papel social da mulher ainda é associado ao domínio doméstico, principalmente através da ideologia do cuidado, como veremos.

A construção moderna da diferenciação entre público e privado separa a esfera da família, da domesticidade e da intimidade daquela do mercado, da economia e da política. Trata-se de uma dicotomia artificialmente criada que se sustenta na naturalização da distinção entre homens e mulheres e exclui as segundas do espaço público (Aboim 2012).

A divisão do trabalho entre os sexos foi fundamental para o desenvolvimento dessas teorias, assim como ainda o é para a sua permanência. Os homens são associados a atividades vistas como pertencentes à esfera pública (o homem como provedor, aquele que trabalha fora), enquanto as mulheres são responsáveis pelo funcionamento da vida doméstica – reprodução, cuidado com os filhos e com a casa. São pressuposto que, ainda que nem sempre correspondam à realidade atual, sobretudo quando consideramos a promoção dos direitos das mulheres, o aumento de sua participação nas instâncias políticas, e sua entrada massiva no mercado de trabalho, têm efeitos consideráveis na estruturação desta dicotomia e na sua permanência ideológica que atravessa diferentes períodos da história.

É inegável que a esfera doméstica tenha sido, desde sempre, associada às mulheres, o que faz com que elas permaneçam sendo vistas como naturalmente inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família (Okin 2008). No entanto, as teorias feministas têm demonstrado que a distinção artificialmente criada entre público e doméstico é ideológica, já que produz um entendimento sobre a sociedade que é fundada na perspectiva masculina tradicional e em pressupostos sobre diferentes naturezas e diferentes papéis naturais de homens e mulheres.

No entanto trata-se de um conceito que, quando examinado criticamente, revela suas limitações a medida que ignora a relevância do gênero. Uma vez que os

Copos, corpos e afetos

acontecimentos na vida doméstica não são imunes às dinâmicas de poder, eles não podem ser considerados como algo totalmente fora da esfera política. Além disso, nem o domínio doméstico e nem o público, em termos de suas estruturas e práticas, divisão do trabalho e distribuição de poder, podem ser analisados isoladamente um do outro. Graças aos estudos feministas podemos compreender que as desigualdades entre homens e mulheres que se manifestam no mundo do trabalho e da política são profundamente ligadas às desigualdades no interior da família, formando um ciclo causal de mão dupla.

Por estarem muito conscientes de que a organização atual da sociedade contemporânea é profundamente afetada pela percepção predominante da vida social como sendo dividida em duas esferas separadas e distintas, as feministas têm argumentado de maneira muito convincente que boa parte desse pensamento conduz a equívocos – e que ele opera no sentido de reificar e, assim, legitimar a estrutura de gênero da sociedade, e de proteger uma esfera significativa da vida humana (e especialmente da vida das mulheres) do exame atento ao qual o político é submetido (Okin 2008, pp. 314–315).

A segregação sexual nos ambientes de trabalho, ainda significativa na contemporaneidade mesmo com todas as grandes transformações mais recentes, é ilustrativa desta situação. Para um exemplo concreto, basta pensarmos nas ocupações mais precarizadas, tais como a da limpeza e a do cuidado que são maioritariamente desempenhadas por mulheres. Muitas mulheres continuam sendo as principais responsáveis, quando não as únicas, pelo cuidado com os filhos, o que representa uma consequência da manutenção de todo um sistema de gênero que aloca a mulher no espaço doméstico. Como observou Okin (2008, p. 317), “a partir do momento em que admitimos a ideia de que diferenças significantes entre mulheres e homens são criadas pela divisão do trabalho existente na família, nós começamos a perceber a profundidade e a amplitude da construção social do gênero”.

Há uma outra lógica ideológica a que serve à dicotomia entre público e doméstico: a da polarização hierarquizante entre razão e emoção. Se o público, como temos visto, é constituído por questões ligadas à justiça, que realizam-se na historicidade da esfera pública, o privado é visto como sendo constituído por questões

Copos, corpos e afetos

de teor particular – desejos, sentimentos e necessidades pessoais –, que não podem ser generalizadas e que, portanto, não são passíveis de discussão pública.

Trata-se de uma dicotomia guiada por uma noção de razão normativa que se opõe à afetividade e a coloca enquanto corruptora da capacidade de julgamento. A ideia é que somente através da razão pura, desvincilhada da natureza e pautada pela moral, livre de qualquer sentimento e desejo, seria possível alcançar a imparcialidade necessária para a atuação no espaço público. As mulheres, eternamente destinadas à reprodução e subordinadas ao cuidado familiar, estariam demasiadamente atreladas à natureza e às emoções, o que as torna menos aptas a lidar com a esfera pública e perfeitas para a doméstica.

A problemática desta perspectiva não reside, entretanto, somente na fraqueza de seu paradigma que ignora que razão e sentimentos se constroem, ambos, pela sua interação mútua. Os estudos antropológicos que abordam as emoções sob a perspectiva feminista sofisticaram a análise das emoções colocando em questão a suposta ligação entre emoção e feminilidade e demonstrando que trata-se de concepções construídas social e culturalmente. Na medida em que estas associações entre mulher e emoção, ou cuidado e feminilidade, são destituídas de seu suposto caráter natural ou psicobiológico faz-se possível localizá-las no seio das estruturas de dominação de gênero.

A consequência maior desta ideologia que polariza e hierarquiza a razão e a emoção, ainda muito presente na contemporaneidade, encontra-se precisamente na categorização de certos tipos de pessoas – nomeadamente mulheres, negros e indígenas, como apontou Young (1990) – como menos capazes de operarem no campo público devido a sua associação naturalizada e inferiorizante ao campo das emoções e sua suposta maior proximidade à natureza.

3. Sobre o cuidado transnacional

Como já foi observado, entre as mudanças que ocorreram nos últimos anos no

Copos, corpos e afetos

que se refere aos contingentes imigratórios em Portugal, encontramos um aumento significativo da presença das mulheres nestes fluxos, sendo as brasileiras a representarem atualmente a maior parcela feminina entre as estrangeiras residentes no país. Não se trata, contudo, de uma transformação observada apenas no contexto Brasil-Portugal, mas sim de uma tendência crescente nos fluxos migratórios mundiais atuais (cf. Miranda 2009).

É inegável que os processos de feminização da migração se articulam com avanços sociais no que diz respeito aos direitos das mulheres, tais como o aumento da participação feminina nos mercados de trabalho, do papel cada vez mais ativo das mulheres na economia e de sua independência frente a rígida estrutura familiar patriarcal que inscreve a mulher no papel doméstico da reprodução. No entanto, tal articulação deve ser problematizada uma vez que, mais de cem anos após as principais conquistas sociais, um grande número de mulheres cruzam fronteiras nacionais para assumirem trabalhos precários, na maioria das vezes na esfera doméstica, pouco valorizados e de baixo estatuto social, e marcados por profundas desigualdades.

Vale mais uma vez ressaltar que o processo migratório pelo qual as colaboradoras desta pesquisa passaram não pode ser visto nem como familiar e tampouco como essencialmente autônomo, mas sim como uma mobilidade que intersecta as duas categorias. Embora as meninas tenham deixado seu país sozinhas, esses deslocamentos fazem parte de um projeto migratório mais abrangente no qual a melhoria de vida dos familiares que permanecem no Brasil constitui uma das principais expectativas. A busca por melhores oportunidades está intimamente entrelaçada com a capacidade de prover os familiares.

A aquisição de independência e poder de escolha, sobretudo no que diz respeito à escolha de migrar, é acompanhada por conflitos morais e emocionais que surgem a partir da ideia de que a sensibilidade e a compaixão femininas são incompatíveis com o exercício pleno dessa independência. No entanto, quando a escolha pessoal é acompanhada pela inclusão de terceiros, nomeadamente os familiares, a disparidade entre egoísmo e responsabilidade é reconciliada (Gilligan 1997).

Copos, corpos e afetos

Nesse sentido, a agência e os constrangimentos não podem ser vistos como polos opostos, mas sim como aspectos da vida das migrantes que interagem entre si ao longo do tempo e em diferentes espaços, uma vez que o quadro de recursos tanto familiares quanto individuais estão em constante mutação. Como observou Louise Ackers:

Embora em muitos casos, no momento inicial da migração existam elevados níveis de autonomia por parte das mulheres migrantes, as mudanças posteriores de seus ciclos de vida – o casamento, a maternidade, as crescentes responsabilidades no domínio da assistência à família – acabam por ter um efeito profundo na autonomia dessas mesmas mulheres no período pós-imigração. [...] A dimensão espacial do alcance destes recursos e obrigações assume, ao longo do ciclo de vida, uma importância primordial para muitas mulheres que conheceram a realidade da migração [...] num processo em que a geografia da dependência vai criando a sua própria dinâmica de escolhas e constrangimentos (Ackers 1998, p. 122).

A teoria transnacional surge precisamente a partir da demanda por uma perspectiva que levasse em conta os aspectos culturais das comunidades migrantes, nomeadamente às maneiras pelas quais as pessoas estabelecem relações com a sociedade de acolhimento e, ao mesmo tempo, mantêm os vínculos com a sociedade de origem. Trata-se de configurações culturais que dificilmente podem se desenvolver em um só território nacional e que acabam por modificar as próprias construções acerca do sentimento de pertença.

Entre as meninas que colaboraram nesta pesquisa, predomina um sentimento de culpa e mal-estar por não estarem perto dos familiares e o medo de que algo de mal aconteça em sua ausência. Há ainda um sentimento de frustração a respeito da separação física dos familiares já que, ao distanciarem-se geograficamente, distanciam-se também subjetivamente das noções hegemônicas e ideais de família, uma vez que estas pressupõem a proximidade física dos membros do núcleo familiar como fundamental. Neste sentido, a negociação de seu status na família e a manutenção dos vínculos familiares passa a se constituir, principalmente, através de performances de cuidado à distância. Ou seja, há um reforço dos sistemas de gênero que já operavam no Brasil – no qual a mulher se localiza no centro das práticas de reprodução e cuidado – mas há ainda uma reconfiguração deste sistema sobretudo a partir do suporte econômico.

Copos, corpos e afetos

Se antes o cuidado era performatizado numa situação de proximidade física, parece existir, na situação transnacional, uma tentativa de substituir essa proximidade tanto pelo ato de assumir a dimensão financeira do cuidado quanto pelas diversas maneiras de se fazer presente emocional e moralmente através do uso das tecnologias de comunicação. As remessas não tem somente um significado material. Mas do que isso, elas também constituem meios que comunicam importantes sentidos de obrigação, prestígio e poder que favorecem as migrantes e, ao mesmo tempo, exercem impacto sobre as relações e as ideologias de gênero.

Analisar as famílias transnacionais através da ótica do cuidado faz sentido na medida em que as trocas de práticas de cuidado são centrais na manutenção dos laços e sustentam as relações entre membros que se encontram separados geograficamente. Trata-se de uma complexa rede de obrigações e recursos pela qual os afetos e os sentimentos de pertença se reconstroem e se expressam.

Contudo, o cuidado transnacional, ainda que intensifique os laços entre os familiares e possibilite a criação de redes intergeracionais de obrigações e reciprocidades, desencadeia, ao mesmo tempo, tensões e assimetrias de poder. Numa condição de transnacionalidade é precisamente nas práticas do cuidado – financeiras, emocionais, morais e simbólicas – que os migrantes reestabelecem e reconfiguram suas posições, seus papéis sociais e sua identidade no seio da família.

Diversos estudos têm mostrado (cf. Baldassar, Kilkey, Merla, Wilding 2014; Ryan 2007) que, embora as práticas e performances de cuidado envolvam intercâmbio recíproco entre os membros da família, o cuidado transnacional e local são, ambos, mais pesados para as mulheres, como os dois breves casos retirados do campo empírico ilustrarão mais à frente. No contexto geral das interações que tive com as mulheres do meu terreno de pesquisa tornou-se flagrante o fato de que quase não se ouve falar em familiares homens, enquanto que mulheres de variados níveis de parentesco (mães, avós, tias e irmãs) estão sempre presentes nas narrativas.

Se por um lado as mulheres migrantes rompem com a lógica patriarcal da domesticidade feminina colocando em causa a fixidez de seu papel social, por outro elas

Copos, corpos e afetos

são inseridas, no país de destino, em novas categorizações de gênero, classe, raça e sexualidade que as posicionam desvantajosamente na hierarquia social da sociedade de acolhimento, produzindo novas formas de opressão.

Todavia, a migração, na maioria das vezes, representa para a mulher a possibilidade de mobilidade social, de independência econômica e, sobretudo, do aumento de sua capacidade em produzir recursos de sustento para si própria e para sua família. Neste sentido, aumentam também a sua responsabilidade para com os familiares e sua autoridade e poder em relação a sua participação nas tomadas de decisões importantes no âmbito familiar.

No caso do terreno desta pesquisa é notável que mesmo as migrantes que não são mães mantêm-se fortemente ligadas à família no Brasil e participam, à distância e na medida do possível, das dinâmicas familiares, das tomadas de decisões e, principalmente, com o suporte econômico seja nas remessas regulares de dinheiro, seja no envio de prendas.

Durante o trabalho de campo pude perceber ainda que este contexto de transnacionalidade no qual as meninas se inserem intensifica a importância atribuída às relações de parentalidade. As várias maneiras de se expressar afetividade e cuidado para com os familiares, sobretudo através do envio de dinheiro e presentes, funcionam como poderosos indicadores de prestígio em ambos os contextos – origem e destino. A exaltação dos sentimentos de responsabilidade, cuidado parental, sacrifício e generosidade contribui na reconfiguração positiva de identidades comprometidas pelo exercício de uma atividade marginalizada e pela ideia de “abandono” da família.

A dedicação à família que, por sua vez, corresponde às percepções do imaginário popular sobre a mulher brasileira e sua suposta disponibilidade alegre em relação a vida doméstica e familiar, restabelece elementos positivos nas identidades das meninas na medida em que a busca pela aproximação com o estereótipo parece criar uma aura reconfortante de autenticidade. Trata-se de dinâmicas que nos revelam o alcance das representações sociais na valorização e classificação da ação dos sujeitos. O fato das relações familiares serem centrais na produção da identidade das meninas evidencia a

Copos, corpos e afetos

importância do seu estatuto e papel social no seio da família nas negociações identitárias que acontecem também fora do contexto familiar.

Incorporar as categorias ideológicas que imperam no sistema normativo vigente – mulher como boa mãe e/ou como aquela que cuida da família e a valoriza acima de tudo, sobretudo de seus interesses pessoais – torna-se uma parte do processo de se reconstituir como pessoa no contexto migratório. Em outras palavras, as demonstrações eloquentes a respeito da importância da família são também uma forma de agregar valor a si e comunicar aos outros este valor, ou seja, falar de seu amor aos familiares e colocar este amor como incondicional é também uma maneira de falar de si própria. O trecho abaixo, retirado do mural do Facebook de Mariana, é ilustrativo destes processos

A ÚNICA coisa que me importa nessa vida...é o bem estar do meu filho...mais nada e NINGUÉM tem maior importância!!!! Tanto como as palavras são as pessoas...pra mim estão ao vento...falem e pensem o que quiser...as minhas contas ninguém quer pagar...a minha casa ninguém vem limpar...então vão todos paras as pqp da vida e me deixem em paz!!! Kkkkkkkkkkk....tenho dito. (Mariana)

As meninas avaliam as colegas e a si próprias segundo sua capacidade de cuidar, capacidade esta fortemente atrelada às noções tradicionais dos papéis de gênero. São nestas noções que se inscreve uma ideia de feminilidade associada à valorização das necessidades alheias¹ e, neste sentido, são noções que permitem que o exercício de uma atividade marginalizada possa ser justificada moralmente na medida em que ela é desempenhada em vista de um bem maior: o cuidado para com a família.

Quando Mariana diz “falem e pensem o que quiser...as minhas contas ninguém quer pagar...a minha casa ninguém vem limpar...” ela está claramente se referindo a julgamentos morais que outras pessoas fazem dela, seja pelo seu envolvimento com o trabalho na noite, seja pelo fato de ter migrado e deixado o filho com seus pais, ou

1 Bourdieu (2003) já havia observado que a ideia largamente difundida no senso comum ocidental sobre a “intuição feminina” nada mais é do que um processo de naturalização forjada na suposta capacidade das mulheres de estarem atentas, a tempo integral, às necessidades dos outros.

Copos, corpos e afetos

ambos. Desta forma, ela rebate os possíveis julgamentos fazendo alusão às contas que ela paga e ao trabalho doméstico que desempenha.

No contexto de distância geográfica e temporal que marcam as migrações, as práticas de cuidado se reconfiguram organizacional e subjetivamente. A reorganização das relações familiares fazem com que novos sentidos e significados sejam criados para as mesmas expandindo a função da mulher de cuidadora, no sentido emocional e moral, para a de provedora e ganha-pão.

In this context [transnational], care and the ability to exchange it can be considered a form of social capital (or resource) that is unevenly distributed within families subject to cultural notions of gender and other roles, which intersect with and interrelate to the care regimes of the various nation-states and communities in which families reside (Baldassar, Kilkey, Merla, Wilding 2014, pp. 159–160)

Como vimos, a migração feminina desestabiliza as noções convencionais de família na medida em que transforma as estruturas nucleares de parentesco em estruturas transnacionais desafiando as tradicionais divisões dos papéis sociais por gênero e impondo barreiras geográficas de distância nas relações conjugais e intergeracionais (cf. Parreñas 2013). As mulheres migrantes se transformam nas provedoras da família e, quando já o eram, reconfiguram esse papel através das remessas e do envio de presentes do exterior.

Embora essas reconfigurações se concretizem, num primeiro momento, em forma de remessas, o que acontece não é uma substituição apenas do cuidado afetivo pelo sustento financeiro, mas sobretudo na sua expansão para construções sociais e simbólicas de espaços de pertença e de familiaridade que se revelam tanto no envio de dinheiro como na produção de discursos identitários e novas formas de se fazer presente em longos períodos de separação.

Sobre o fato de ajudar a sua família, Mariana afirma:

Pra mim não faz o menor sentido estar aqui a ganhar dinheiro e curtir a vida, poder comprar coisas, morar numa boa casa, poder comer do bom e do melhor e viajar enquanto sua família passa dificuldades. Não dá, eu não ia conseguir dormir tranquila. Mas

Copos, corpos e afetos

tem gente que consegue, né? Tem gente que não dá valor, que esquece que um dia teve uma mãe que sofre, que se sacrifica. Talvez essas pessoas só vão entender isso depois de parir um filho. Mas eu posso te dizer que mesmo antes de ter o meu filho eu sempre dei valor pra minha família, é a coisa mais importante pra mim.

Parreñas observa, através de numerosas leituras de trabalhos que abordam famílias transnacionais, sobretudo de migrações femininas, que essa ruptura com os papéis tradicionais de gênero neste contexto desencadeia reações estigmatizantes das mulheres que migram. Por escolherem distanciarem-se fisicamente da família, as mulheres são vistas como más mães e julgadas moralmente pelo “abandono” da família. No contexto aqui abordado, eu acrescentaria que elas podem também ser vistas como má filhas ou “filhas desnaturadas” ou descomprometidas com a família, o que comporta em si um peso enorme visto que espera-se das mulheres uma maior proximidade moral e emocional dos membros familiares do que geralmente se espera dos homens. É precisamente no seio das concepções mais convencionais acerca dos papéis de gênero que se produzem os sentimentos de abandono que, por sua vez, não aparecem no caso dos pais migrantes.

[...] women are attempting to reconstitute mothering in spite of their migration, but society, as demonstrated by newspaper accounts [...] seems to resist their efforts and insists on holding mothers accountable to the ideology of women's domesticity (Parreñas 2013, p. 1835)

Há uma vasta literatura sobre a maternidade transnacional que se centra fundamentalmente nas mulheres que migram para desempenharem trabalhos domésticos e de cuidado, e examina o impacto da separação mãe-filho sobre estas mulheres, sobre os filhos deixados pra trás e sobre as comunidades as quais pertencem. Este campo de estudo se inscreve dentro da perspectiva denominada “correntes globais de cuidados” (cf. Hochschild 1983; Parreñas 2013), que denuncia a existência de um sistema global de exploração que favorece a migração das mulheres oriundas de países mais pobres para trabalharem com baixos salários no setor formal e informal do cuidado de países desenvolvidos, deixando seus próprios filhos ao cuidado de membros da família ou de

Copos, corpos e afetos

trabalhadoras remuneradas.

Esta perspectiva tem viabilizado a abordagem de realidades até então pouco estudadas assim como tem propiciado uma reflexão mais aprofundada sobre os desdobramentos negativos da utilização de mão de obra imigrante para amenizar as falhas dos Estados de países do Norte em relação aos cuidados domésticos.

Não obstante, a ideia de que o cuidado com os filhos exige uma proximidade física tem sido amplamente questionada pela literatura que aborda as famílias transnacionais (cf. Baldassar, Kilkey, Merla, Wilding 2014; Baldassar, Merla 2014; Holmes 2010). Estes estudos demonstram que as noções sobre o que pode ser considerado como família transcende a ideia convencional de núcleo familiar englobando membros de uma mesma família que vivem separados por fronteiras nacionais mas que mantêm o sentimento de pertencerem a uma unidade familiar, principalmente através da circulação de cuidados que cruzam fronteiras.

Um exemplo interessante de ritual familiar brasileiro cuja performance é preservada e ganha outros contornos na transnacionalidade é o apadrinhamento de crianças – na maioria das vezes sobrinhas/os. As mulheres migrantes mantêm uma relação muito próxima com os afilhados, principalmente as que não são mães. Elas telefonam com bastante frequência, conversam pelo skype, demonstram interesse sobre seu aproveitamento na escola, mandam presentes, dinheiro, contribuem para a educação ajudando na mensalidade escolar ou de atividades extracurriculares, por exemplo.

O consumo e as novas tecnologias de informação assumem um papel importantíssimo nestas relações e acabam por transformá-las, assim como aos próprios modelos familiares, possibilitando que as migrantes mantenham os vínculos com a comunidade de origem e reinventem maneiras para tal. A dimensão física da distância é diluída através da produção de novas significações e subjetividades que são partilhadas quase diariamente graças ao uso dessas tecnologias.

Os estudos feministas têm mostrado ainda que, se por um lado as famílias podem ser fontes de sustento incondicional, por outro podem ser igualmente lugares de exploração, desigualdades flagrantes e relações de poder (cf. Baldassar, Kilkey, Merla,

Copos, corpos e afetos

Wilding 2014). Durante o trabalho de campo presenciei, algumas vezes, as meninas a queixarem-se ou expressarem certo desconforto em sentirem-se demasiadamente pressionadas a ajudar a família, o que, no pior das hipóteses, é percebido como abuso, tal como ilustram os trechos seguintes.

Durante o tempo em que estive em contato com Laura em Lisboa, num determinado momento, ela começou a manifestar uma certa insatisfação com o comportamento de seus familiares. Ela me disse que se sentia um pouco sobrecarregada com a responsabilidade de ajudar financeiramente a família, responsabilidade esta que, segundo ela, não era partilhada com seu irmão. Laura era casada e independente financeiramente quando resolveu migrar para Portugal, como foi descrito anteriormente. Após a vinda mal sucedida do marido e, seguidamente, o divórcio, ela começou a fazer algumas remessas para a família que estava passando por algumas dificuldades. *Depois que eu comecei a trabalhar na noite, eu comecei a melhorar um pouco de vida e comecei a mandar uns presentes melhorzinhos pro meus sobrinhos, umas coisinhas pra minha mãe e tal... E também mandei um dinheiro porque minha mãe tava precisando pagar umas dívidas lá... Só que, não sei, depois comecei a sentir que era um pouco abuso. Quando a mulher do meu irmão engravidou do meu afilhado eles logo me convidaram pra ser madrinha. Eu fiquei toda contente e aceitei, claro! Só que depois fiquei pensando 'mas por que que eles me chamaram pra ser madrinha se eu nem moro lá?' É meio estranho, né não? É horrível pensar assim, Deus que me perdoe, e na época nem comentei isso com ninguém porque achei que eu é que estava sendo mesquinha, sabe? Só que depois era sempre Laura to precisando disso, Laura to precisando daquilo, ah, Laura, você pode comprar isso pra mim aí que é mais barato?*

A situação ainda piorou depois que sua avó materna ficou doente (ela teve um AVC e ficou dependente, precisava de cuidados 24horas). Sua mãe, para cuidar da avó, teve que deixar de trabalhar, o que reduziu os recursos financeiros da casa, sobrando apenas a aposentadoria do pai. Laura se queixava de que o irmão se comportava *como se ele não tivesse nada a ver com isso, como se a avó não fosse dele também*. Ela me disse ainda que quando cobrou do irmão uma postura mais participativa dos problemas da família, ele alegou que ele tinha a família dele pra cuidar e que por isso não podia ajudar, o que causou revolta em Laura: *Só porque eu não sou mais casada e não tenho filhos eu tenho que ser responsável por tudo sozinha?*

A minha mãe e a minha avó são família dele também! Perguntei a ela o que sua mãe achava do comportamento do irmão e ela me respondeu que a mãe *fazia vista grossa*” e não dizia nada porque ele sempre tinha sido *o queridinho da família, e foi sempre muito mimado*. Então eu trouxe a questão do gênero para a conversa, perguntando-lhe se talvez o fato da responsabilidade com a família pesar mais para o seu lado se devesse ao fato dela ser a única irmã mulher. Fiquei surpresa em perceber que ela não tinha refletido sob esta perspectiva, o que pra mim parecia bastante óbvio.

Dora também passou por uma situação semelhante. Em um de nossos encontros ela me confidenciou, com um ar de surpresa e algum embaraço, que havia ganhado mais de 3 mil euros no mês anterior fazendo programas – na altura, ela estava a trabalhar numa casa de saída – trabalhando por volta de 3 noites por semana apenas. Eu manifestei positivamente a minha surpresa em relação ao valor, dizendo qualquer coisa como: *que ótimo, você está rica!*. E então ela continuou, expressando decepção: *Pois é, mas o problema é que eu gastei tudo, o dinheiro foi todo embora e eu não guardei nada, eu preciso guardar dinheiro, mas não consigo....* Começamos a conversar sobre suas despesas, eu perguntei-lhe com o que ela havia gastado todo o dinheiro. Dora havia comprado um computador para sua irmã, um telemóvel para a outra irmã – *“Se eu mandar presente só pra uma e nada pra outra, dá a maior briga”*, ela disse –, mandou dinheiro para a irmã dar ao sobrinho, que é também seu afilhado, e para a mãe para que ela pudesse comprar uma televisão nova – (...) *porque a TV velha estava com problema e minha mãe não vive sem TV, ela quase não sai de casa....* E terminou dizendo que havia comprado algumas roupas novas, principalmente para usar no trabalho *Não dá pra ficar repetindo roupa lá, a gente gasta muito com roupa, mas essa parte eu gosto (risos)*, diz. Eu disse-lhe então que não era de se surpreender que não ela conseguisse economizar dinheiro com tantas despesas com a família. Dora me contou que, desde que havia começado a trabalhar no mercado sexual – ela trabalhava numa boate de prostituição em São Paulo antes de vir para Portugal –, ela ajuda muito a mãe e as irmãs. Todas elas sabem da atividade que Dora exerce e ela me disse que talvez teria sido melhor se ela nunca tivesse lhes contado nada, expressando um certo desconforto, uma sensação de estar sobrecarregada com o fato de ter se tornado a principal fonte de sustento da família *“(...) é verdade que eu ganho melhor do que elas e eu me sinto mal de ter dinheiro e não ajudar, ainda mais fazendo o que eu faço, não dá... Mas, não sei, to achando que elas estão*

Copos, corpos e afetos

abusando um pouco, principalmente a minha mãe, elas acham que eu sou rica e que o dinheiro é fácil pra mim. E ficou bem pior depois que vim pra cá. Minha mãe é assim... não gosto muito de falar nisso porque é minha mãe, mas não sei... Ela aproveita, sabe? Agora que ela vai vir me visitar, nossa, vou gastar muito dinheiro, tenho certeza. Mas quero mostrar pra ela que não to gostando disso, que não é assim... Ela não quer que eu saia 'dessa vida' (se referindo a largar a prostituição e arranjar outro trabalho) e as vezes acho isso meio estranho porque uma mãe normalmente não quer a filha nessa vida, né?" Nesse momento percebi que Dora estava se sentindo profundamente constrangida. Ela mudou de assunto e eu não quis insistir em voltar na conversa. Mas pude perceber que tal constrangimento vinha do fato de sua mãe não desempenhar o papel que espera-se de uma mãe e que, de certa forma, Dora sentia-se na obrigação de encarregar-se deste papel, assumindo responsabilidades morais e financeiras para com sua família.

As expectativas morais genderizadas a respeito do papel da mãe e da mulher no geral como cuidadora e fortemente ligada à família, resultam numa demanda maior pelo trabalho emocional desempenhado pela migrante em relação aos familiares que permanecem no país de origem. Das migrantes se espera, sob o risco de terem suas identidades marginalizadas e estigmatizadas, um esforço e uma frequência muito maiores em demonstrar afeto aos seus familiares, sobretudo aos filhos, através de constantes performances e atos de cuidado.

Esse cenário torna a vida das mulheres migrantes ainda mais difícil na medida em que tornarem-se provedoras de dinheiro e recursos não as alivia das obrigações com o cuidado emocional e moral. Pelo contrário, o fato de estarem geograficamente distantes impõe sobre elas uma obrigação ainda maior de se fazerem presentes de outras formas na vida dos filhos e familiares.

Copos, corpos e afetos

4. Maternidade e trabalho sexual em Portugal e algumas inquietações acerca da literatura existente.

Na fase inicial desta pesquisa fez-se necessário o aprofundamento do conhecimento acerca do que tem sido produzido a respeito do universo das/os trabalhadoras/es sexuais no país. Uma vez na biblioteca, tendo tomado notas das referências e da localização dos livros que pretendia consultar sobre “prostituição”, me dirigi à estante *S.207*. Embora os critérios de catalogação bibliográfica não façam parte do meu domínio, fiquei bastante surpresa em perceber que um tema tão abrangente, com tantas possibilidades multidisciplinares de abordagem, se concentrasse, na grande maioria, em uma mesma localização.

Curiosamente, as prateleiras que guardam as obras de cota *S.207* constituem a categoria denominada “Problemas sociais”, como estava identificado no alto da estante. Percebi então, já sem grande surpresa, que os trabalhadores sexuais dividem lugar com os toxicodependentes, a imigração clandestina, a violência doméstica, o tráfico de seres humanos, o estupro, a pobreza, o crime, a delinquência, o racismo, os sem abrigo, etc.

As classificações em categorias fixas, tão necessárias à organização sistemática e competente das obras de uma biblioteca universitária, me causaram certo desconforto por me levarem a refletir sobre o fato de que as mesmas concepções e apreciações morais que classificam a prostituição como um “problema” continuam a informar e a empoeirar, não somente a estante *S.207*, mas também os discursos do senso comum e, em diferentes níveis, a produção científica sobre o mercado sexual. A partir deste desconforto e da leitura exaustiva da produção acadêmica sobre o mercado sexual em Portugal, transformei algumas inquietações em problemáticas de pesquisa que, por sua vez, acabaram por nortear as principais questões discutidas neste capítulo.

É importante notar que a maioria dos autores de estudos mais recentes sobre prostituição em Portugal mantêm um posicionamento crítico diante de concepções estereotipadas e maniqueístas a respeito das pessoas que comercializam o sexo (Coelho 2009b; Oliveira 2004, 2011; Ribeiro 2004; Ribeiro, Silva, Ribeiro, Sacramento,

Schouten 2008). Todavia, é interessante perceber como as nossas próprias dificuldades, enquanto cientistas sociais, em manter esse posicionamento crítico se refletem nas entrelinhas da produção literária sobre este terreno. E é a partir dessas entrelinhas, articuladas ao meu conhecimento de campo, à teoria crítica feminista e às releituras contemporâneas sobre moralidade nas ciências sociais, que se desenvolve as discussões que se seguem.

4.1. Por que prostituta?

Há algum tempo, em conversa com colegas da universidade, eu comentava sobre uma menina do meu antigo ciclo de amigos que havia se tornado prostituta. A pergunta “por que?” não tardou a aparecer. A própria colega que fez a pergunta observou, logo em seguida, a existência de uma certa dificuldade em aceitarmos a prostituição apenas como uma opção, ao passo que os condicionamentos e as motivações que levam alguém a se prostituir estão sempre atreladas à abordagem do assunto, seja nos meios de comunicação, no senso comum ou no cenário acadêmico.

É sabido que a maioria dos cientistas sociais contemporâneos que estudam o mercado sexual procuram explicitamente manter uma postura crítica que implique, entre outras coisas, não cair nas armadilhas dos julgamentos morais tão recorrentes nos meios de comunicação e em expressões variadas do senso comum. Entretanto, não é difícil observar uma tendência, algumas vezes sutil e outras vezes mais assumida, em conferir centralidade à exploração das condições que favorecem a prática prostitucional no sentido de buscar explicações que justifiquem moralmente a entrada e permanência das pessoas nesta atividade. Tal perspectiva analítica acaba muitas vezes por desencadear percepções que enquadram os trabalhadores sexuais como vítimas ou, em casos mais raros, heróis.

A pesquisadora Manuela Ribeiro, coordenadora do projeto intitulado *Prostituição feminina em regiões de fronteira* que deu origem a diversos artigos e ao livro *Vidas na Raia* (2008), apresentou, no referido trabalho, um panorama bastante

Copos, corpos e afetos

completo em termos de dados etnográficos sobre a prostituição feminina em regiões fronteiriças ao norte de Portugal. Embora os autores deixem claro que não se deve desconsiderar a capacidade de agência e a autonomia de escolha das mulheres envolvidas nesta atividade, por diversas vezes enfatizam os condicionantes estruturais que estão por trás desta opção.

Trata-se sem dúvida, no recorte empírico em questão, de um universo marcado pela precariedade, pobreza, exclusão e violência que, como colocam os autores, são fatores subjacentes ao fenômeno da prostituição neste terreno. Fica claro que o esforço dos autores em chamar a atenção para os determinantes estruturais é feito com o intuito de, além de contextualizar o terreno, rebater e desconstruir a ideia da prostituta como uma pessoa destituída de valores morais, insensível aos laços sociais e protagonista de comportamentos desviantes. Esse esforço fica ainda mais evidente na abordagem que os autores fazem da questão da maternidade. No entanto, como veremos, tal perspectiva pode revelar uma ambivalência problemática na medida em que, para colocar em causa preconceitos em relação à trabalhadora sexual, utiliza-se das mesmas concepções morais que fundamentam os juízos de valor que pretende combater.

Em artigo intitulado *As prostitutas também são mães: Contornos e conteúdos de uma condição (quase sempre) extrema*, Ribeiro (2004) aborda a questão da maternidade no contexto empírico da prostituição nas fronteiras ao norte de Portugal. O próprio título do artigo já revela seu caráter reivindicatório no sentido de trazer as trabalhadoras do sexo para o espaço da normatividade heterossexual, no qual a maternidade assume um papel fundamental sendo, inclusive, primordial nas concepções convencionais a respeito do que é feminilidade e do que é ser mulher.

Ribeiro evidencia a maneira como as trabalhadoras sexuais que colaboraram em sua pesquisa conferem centralidade à condição materna e à sua capacidade de cuidar dos filhos quando refletem sobre as motivações que as levam a exercer e a manterem-se na atividade prostitucional.

Consideram os filhos como o epicentro, a principal fonte de sentido das suas vidas e invariavelmente identificam a procura da garantia do bem-estar e da felicidade dos mesmos como o primeiro dos seus objectivos e a maior de todas as suas preocupações. (...)Por eles, por

Copos, corpos e afetos

amor deles, justificam, como vimos, a vinda para a actividade; para eles canalizam quase religiosamente os proventos que dela auferem; às necessidades deles e aos projectos que tecem para eles subordinam a concretização dos planos, que todas dizem ter, de abandonar o modo de vida que agora têm (RIBEIRO, 2004, p. 35).

Não há dúvidas de que a valorização da maternidade e da capacidade de ser uma boa mãe é uma disposição facilmente localizada no senso comum em geral e, mais do que isso, constitui a expressão máxima dos discursos heteronormativos e valores ideais de gênero. Como vimos anteriormente, as afirmações eloquentes a respeito da importância dos filhos fazem parte de um conjunto maior de mecanismos, mais ou menos como ao que Michel Foucault (2005) chamou de “tecnologias de si”, que possibilitam uma reconfiguração positiva da identidade dessas mulheres, uma vez que o estigma que recai sobre elas não é só sentido como também incorporado.

Os papéis sociais de gênero, nos quais se enquadram nossas concepções acerca de maternidade e paternidade, sua produção, configuração e reprodução passam indubitavelmente pelas estruturas e instituições sociais. Em outras palavras, o Estado, a religião – sobretudo a igreja católica –, a escola, a família e os meios são as principais instâncias produtoras e reprodutoras de moralidades e valores sociais que pautam as performances e concepções sobre a masculinidade e a feminilidade.

Nestes processos de configuração dos papéis de gênero cristaliza-se o estereótipo da mãe como aquela que deve garantir a reprodução em todos os aspectos – dos relativos ao corpo feminino (gestação, parto e amamentação) ao cuidado e socialização, atenção à saúde, alimentação, higiene, afeto e carinho – e do pai como aquele que provê o sustento econômico e representa a figura de autoridade no seio familiar. Trata-se de práticas e representações que não são apenas legitimadas e socialmente aceitas, enquanto consequentes de supostos predeterminantes biológicos e psicobiológicos, mas que são naturalizadas ludibriando a noção da maternidade tal como ela é: uma construção cultural e histórica (Pedone 2010).

Para os evolucionistas do século XIX as mulheres eram associadas a um papel biológico imutável e a uma comunidade romantizada do passado – ideia que é

Copos, corpos e afetos

corroborada por noções que percebiam as comunidades “primitivas” como representativas de um estágio no suposto processo evolutivo universal – enquanto os homens eram imaginados como os agentes de todos os processos sociais.

Collier, Rosaldo e Yanagisako (1997), debruçando-se sobre o trabalho de Malinowski, demonstraram que os critérios utilizados nos primórdios da Antropologia para definir o conceito de família e, através destes, defender a universalidade da mesma, eram critérios produzidos a partir de noções ocidentais, sobretudo no que se refere a modernas sociedades industriais. A família era, assim, vista como uma unidade funcional na qual o cuidado com os filhos aparece como função primária e, fundamentalmente, feminina.

Neste sentido, pelo fato de que as relações de gênero são organizadas a partir das funções reprodutivas, a maternidade – mais do qualquer outro aspecto do gênero – tem sido submetida a interpretações essencialistas: vista como natural, universal e imutável. De fato, a partir do século XX, o ocidente partilha um modelo idealizado de maternidade que é derivado da situação do branco de classe média e que tem sido projetado como universal. Neste modelo, a responsabilidade pela maternidade pertence exclusivamente à mulher (a mãe biológica), para quem, ser mãe e cuidar dos filhos representa o principal, se não o único, papel na família e na sociedade.

[...] A dominant ideology represents the view of a dominant group, it attempts to justify the domination over other groups, often by making the existing order seem inevitable. Thus, by depicting motherhood as natural, a patriarchal ideology of mothering locks women into biological reproduction, and denies them identities and selfhood outside mothering (Glenn 1994)

As noções sobre as práticas maternas, naturalizadas através da ideia do instinto materno, e a prerrogativa do investimento e da dedicação total das mães aos filhos em seus primeiros anos de vida como primordial para sua saúde e desenvolvimento, são reflexos dessa ideologia dominante e acabam por aprisionar o feminino à domesticidade. No entanto, é uma imposição que se camufla como escolha uma vez que se trata de relações alocadas no campo das emoções, dos sentimentos e do afeto.

Copos, corpos e afetos

Retomando a lógica dicotômica público/privado, a maternidade justifica a domesticidade da mulher e a mantém fora dos centros de poder, dificultando a busca pela realização de desejos e aspirações outras fora do contexto do cuidado com a família. Vale mais uma vez lembrar a ordem desigual de gênero que habita as entrelinhas deste debate, como tem feito a teoria crítica feminista desde sua primeira voga, na Inglaterra e nos EUA dos finais do século XIX.

Embora estejamos hoje longe da colagem linear entre homens e espaço público e mulheres e espaço privado, estas são noções fortemente presentes no senso comum que transformam a esfera doméstica num espaço onde as relações de desigualdade não só são possíveis como são vistas como naturais.

As mulheres que são mães fazem da maternidade o centro de suas vidas se deixando absorver por inteiro às práticas maternas de forma a se aproximarem da imagem da mãe ideal fortemente difundida no senso comum. Não corresponder minimamente a esse ideal implica no risco de marginalização de suas identidades e a estigmatização de seu comportamento visto e julgado como desviante, sobretudo quando estamos a falar de mulheres localizadas em posições de desvantagem nas hierarquias sociais que, como vimos, é o caso das mulheres que participaram nesta pesquisa.

As teorias feministas vêm desafiando noções monolíticas de família e maternidade que reduzem a vida das mulheres à reprodução e ao cuidado, funções que são naturalizadas através da ideia do instinto materno. Essas teorias nos ajudam a problematizar a glorificação e a exaltação da maternidade precisamente por proporem uma desconstrução do discurso biologizante e mostrar que se trata de processos históricos culturais².

Vale lembrar ainda que essas construções culturais se impõem sobre as mulheres de diferentes maneiras. Trabalhadoras negras nos Estados Unidos, por exemplo,

2 A definição de família que utilizo aqui estende-se para famílias não nucleares nas quais os membros são ativamente envolvidos na sua manutenção e sobrevivência. Em outras palavras, são configurações parentais que, para além de pais, filhas/os e irmãs e irmãos, podem englobar também tias/os, sobrinhas/os, e outros.

Copos, corpos e afetos

demoraram muito mais tempo e enfrentaram muito mais dificuldades do que suas conterrâneas brancas para terem alguns direitos reconhecidos, como o acesso a benefícios da segurança social que permitia que as mães pudessem se dedicar integralmente ao cuidado dos filhos em seus primeiros anos de vida (cf. Hondagneu-Sotelo, Avila 1997). Trata-se portanto de processos que não são somente genderizados mas também racializados e marcados por desigualdades de classe.

Alexandra Oliveira (2011), em seu estudo sobre trabalhadores sexuais que atuam nas ruas do Porto, assume uma postura crítica em relação às declarações das prostitutas sobre as motivações de entrada e permanência na atividade que, como no caso do terreno abordado por Ribeiro (2004), também passam recorrentemente pela questão da maternidade. A autora observa que os discursos das informantes associam-se à ideia de vitimização e que, assumindo o papel que a sociedade lhes atribui, elas aceitam e incorporam o estigma, acabando por obscurecer parte da realidade.

Há um fosso entre o seu comportamento [das prostitutas] e o comportamento ditado pelas normas que impõem um modelo de sexualidade monogâmico e conjugal. Quando confrontam a sua atividade de venda de sexo com essas normas tomam consciência desta distância e percebem-se negativamente (OLIVEIRA, 2011, p. 176).

Na esteira das observações de Oliveira, vejo a exaltação do elogio à maternidade e ao cuidado parental neste contexto como algo que contribui na reconfiguração positiva de identidades marginalizadas, à medida que lhes permite uma aproximação discursiva aos ideais de feminilidade. Tal processo de reconfiguração identitária se dá no evocar das noções de sacrifício e de comprometimento com um bem maior: o cuidado para com a família. Neste sentido, a dedicação à família converte o estigma do egoísmo e/ou individualismo, principalmente no caso de filhos deixados pra trás por mães migrantes, em ideias de sacrifício e generosidade.

Contudo, minha experiência etnográfica, vista às luzes da teoria crítica feminista, e todas as discussões feitas até aqui, aponta para uma outra questão fundamental: a de que a exaltação da dedicação à família funciona como um mecanismo desestabilizador do estigma da prostituição na medida em evoca um uso comercial da

Copos, corpos e afetos

sexualidade feito em prol de terceiros e não apenas em benefício próprio.

Se o uso comercial da sexualidade já é, em si, considerado inapropriado, o seu uso em benefício próprio intersecta o estigma da prostituição ao estigma da sexualidade desviante, não somente por alocar a sexualidade na esfera mercantil, mas precisamente por realocá-la enquanto domínio da pessoa que a comercializa. Em outras palavras, prostituir-se apenas em benefício próprio é algo que coloca em causa a lógica de dominação masculina na medida em que isso significaria devolver à mulher o controle total de sua sexualidade e dos usos que ela faz de seu corpo.

Os discursos que evocam o cuidado para com os filhos e a família, quando problematizados, nos revelam que, entre outras coisas, a sexualidade feminina permanece aprisionada ao domínio da reprodução. A própria dificuldade em aceitarmos a prostituição como uma opção está, entre outras coisas, intimamente ligada à lógica de dominação masculina que impõe controle sobre a sexualidade das mulheres.

Embora a sexualidade feminina seja geralmente construída numa linha de troca, questão que será abordada no capítulo seguinte, não cabe às próprias mulheres o controle e o uso que fazem dela, sobretudo dos fins para os quais a instrumentalizam. Ainda que, num contexto de intercâmbio explícito entre serviço sexual e remuneração, as mulheres passem de objeto de troca a sujeitos e parceiras da transação, o controle e a dominação se mantêm através da marginalização social do trabalho sexual e do estigma. Trata-se, entre outras coisas, de uma forma efetiva de lembrar as mulheres o que é permitido e o que não é permitido fazer com seus corpos e sua sexualidade.

A intensa marginalização e exclusão que se impõe às trabalhadoras sexuais, e também às mulheres que fazem usos da sexualidade que fogem à heteronormatividade, acaba por promover o uso de justificativas buscadas na própria lógica de dominação, justamente por serem justificativas acessíveis e reconhecidos pelas trabalhadoras sexuais e por todos. Neste sentido, na busca pela suavização do estigma e pela reconfiguração positiva da identidade, nada mais eficaz do que beber numa das principais fontes do aprisionamento estrutural da sexualidade feminina: a reprodução compulsória – não apenas na forma da maternidade em si, mas também através da

Copos, corpos e afetos

imposição da cultura do cuidado parental que faz com que, muitas vezes, as mulheres privilegiem o comprometimento e as obrigações com a família colocando seus interesses pessoais em segundo plano.

As trabalhadoras sexuais – tanto as meninas que colaboraram na minha pesquisa quanto as interlocutoras dos estudos citados – para além da profunda preocupação com o bem-estar da família e das motivações afetivas que as levam a buscar a melhoria de vida dos familiares, elas parecem ainda encontrar, na manutenção e reconfiguração dos laços familiares, uma alternativa que as possibilite equilibrar os constrangimentos da migração e do exercício de uma atividade marginalizada e sua capacidade de agência. A importância concedida aos sentimentos, sobretudo ao amor parental, e o fato de expressá-los com frequência e fervor, permite uma valorização da migrante enquanto indivíduo e do exercício de suas escolhas e desejos pessoais.

CAPÍTULO 3 – Clientes e namorados: entre sexo, amor e ajuda.

1. Os clientes

Existem três tipos de clientes. O cliente jovem: normalmente vem com a turma – quando vem sozinho é porque brigou com a namorada (risos) – e vem pra fazer farra e aparecer (se mostrar) pros amigos. Esses não pagam nada. No máximo pagam uma *table dance*¹ pra aparecer para os amigos, mas os amigos se divertem mais do que quem pede o *table*. Eles normalmente fazem muito barulho, mexem com as meninas e não são muito bem vindos na casa. Muitas vezes eles se interessam por alguma menina, pedem telefone, querem encontrar com ela lá fora, chamam pra sair, mas nunca pagam copos. Eles sempre vêm com aquele papo de que não precisam pagar por companhia e essas coisas. O cliente maduro: é aquele na faixa dos 35 a 45 anos. Esses geralmente estão fartos da vida de casado e saem em busca de alguma diversão porque já não frequentam mais discotecas e sítios desse tipo. As vezes vêm em pequenas turmas ou apenas em dois. É muito comum eles virem após jantar com os amigos ou colegas de trabalho. Eles saem pra jantar, bebem um pouco e se animam a esticar um pouco mais a noite. Eles gostam da companhia das meninas mas conversam muito e pagam pouco. Sabem como funcionam essas casas e são espertos. Enrolam o quanto podem para pagar copos e ficam por conta de tentar seduzir as meninas. Esses normalmente não estão interessados em se relacionar com as meninas fora da casa por causa das esposas e família. O cliente velho: a partir dos 45 ou 50 anos. Esses vêm quase sempre sozinhos ou apenas com um amigo, são discretos e gostam de se sentar mais ao fundo, menos na vista. Em comparação com os outros, são bons clientes porque sabem que estamos aqui a trabalhar, valorizam nosso trabalho e não acreditam que possam seduzir a gente sem pagar copos. São, na maioria, casados há muitos anos e já não fazem

1 *Table dance* ou *Lap dance*, são danças eróticas que as *strippers* executam para um cliente individualmente. Nessa dança, que acontece no local onde o cliente está sentado, a dançarina se despe enquanto faz movimentos de simulação sexual e seu corpo fica em contacto direto com o cliente, embora este não possa tocá-la.

Copos, corpos e afetos

sexo com as esposas. São muito carentes e quase sempre querem se relacionar com as meninas fora do bar. Convidam para jantar, almoçar, viajar e fazem várias propostas. Sempre pedem telefone (Laura).

O depoimento de Laura é bastante significativo pois ele resume com precisão os variados tipos de clientes e coincide, grosso modo, com as observações que pude fazer no campo. As diferenças de comportamentos são bastante marcadas e visíveis, mesmo aos olhares menos afiados, sobretudo no que diz respeito aos clientes jovens. Estes são claramente menos cobiçados pelas mulheres e passam a maior parte do tempo sem a presença feminina na mesa, uma vez que não se mostram muito dispostos a pagarem copos. Ao mesmo tempo, se fazem presentes pelo tom alto das conversas, pelas interações com os shows de *striptease* e pelo consumo dos serviços, como o *table dance*, como foi relatado por Laura. Essas turmas de jovens normalmente vão aos bares em ocasiões comemorativas tais como despedidas de solteiro ou aniversários. Por uma questão de recorte etnográfico, mantive mais atenção aos clientes mais velhos que são, na maioria dos casos, os que compõem o quadro dos clientes habituais.

O meu envolvimento com o terreno empírico desta pesquisa, que ao todo conta mais de cinco anos, me permite afirmar que frequentar bares de alterne é um tipo de entretenimento largamente procurado por homens portugueses de variadas idades, classes sociais e status conjugal. Complementando o que disse Laura, mesmo aqueles que não frequentam os bares com assiduidade possuem conhecimentos sobre suas dinâmicas de funcionamento e já fizeram pelo menos uma visita, muito provavelmente por ocasiões da despedida de solteiro de um amigo ou confraternizações com colegas de trabalho.

Ao longo destes anos me familiarizei com a expressão “da noite” que, embora também seja utilizada para falar de pessoas que trabalham no divertimento noturno no geral, nomeadamente músicos, Djs ou produtores de eventos e festas, é um termo comumente usado para fazer uma referência mais específica aos estabelecimentos de entretenimento erótico. Salvo as exceções citadas, se uma mulher é “da noite” isso significa que ela trabalha em bares de alterne, de saída, de *striptease*, numa casa de

Copos, corpos e afetos

massagem ou é acompanhante. Se um homem é “da noite” isso significa que ele é do tipo que frequenta regularmente os estabelecimentos onde essas mulheres trabalham.

Como vimos, a sexualidade das meninas da noite é percebida como desviante por ser deslocada da função reprodutiva familiar e, além disso, por se construir num espaço marginalizado onde há a associação da atividade sexual ao dinheiro. No entanto, para os homens, a busca por entretenimento erótico, ou sexo extraconjugal, em cenários prostitucionais ainda é aceitável e até valorizada.

Os homens que colaboraram nesta pesquisa² são clientes regulares em bares de alterne, têm idades entre 45 e 60 anos, são nascidos em Lisboa ou arredores – alguns vivem em cidades vizinhas e vêm à Lisboa frequentemente por questões de trabalho – e são casados ou divorciados. A maioria se identifica como empresário, o que, no geral, significa que são donos ou sócios-proprietários em pequenas empresas. Há também aqueles que exercem profissões de nível técnico³.

Considerando a faixa etária, observamos que trata-se de homens nascidos nas décadas de 1950-1970 em Portugal, oriundos de uma geração em que as concepções tradicionalistas sobre as relações de gênero constituem forte referência, o que não significa, entretanto, que estas não sejam diariamente desconstruídas no decorrer de suas experiências de vida.

Vale de Almeida (2000a), numa etnografia situada em Pardais, uma aldeia Alentejana (região sul de Portugal), procurou explorar os elementos presentes nas relações sociais que refletem os ideais de masculinidade hegemônica neste contexto em questão. Os habitantes da aldeia estudada por Almeida percebem a diferenciação entre gêneros de maneira essencialista, ou seja, o mundo é dividido entre as categorias homem e mulher que, por sua vez, é o mesmo que masculino e feminino, uma vez que tais diferenças são vistas como diferenças sexuais, inscritas somente no corpo. Neste sentido, o modelo de dominação masculina monogâmico, heterossexual e reprodutivo é

2 Vale lembrar que as entrevistas e conversas informais com clientes de casas de alterne assumem aqui o status empírico de fontes secundárias e complementares no âmbito global da pesquisa.

3 Essas informações foram recolhidas através das informantes em relação aos clientes com quem elas mantinham certa proximidade e através das entrevistas com clientes.

Copos, corpos e afetos

percebido de forma naturalizada.

O contributo do trabalho de Vale de Almeida se dá na abordagem da masculinidade a um nível local, embebida, portanto, nas especificidades e complexidades culturais e históricas do contexto empírico em questão, demonstrando assim que os processos que constituem a masculinidade se dão precisamente na experiência social. O trabalho do autor foi de grande importância para a pesquisa que aqui se apresenta uma vez que ambos tratamos de contextos de sociabilidade masculina portugueses, ainda que seja preciso manter as devidas ressalvas em relação à heterogeneidade dos mesmos.

Entre as gerações mais velhas, como observa Pais (2010), é muito recorrente o ideal conservador que defende o matrimônio e os laços conjugais duradouros, uma estrutura familiar tradicional e um certo puritanismo sexual. Entretanto, o autor observa que os homens, sobretudo os mais velhos, veem-se constantemente submetidos às noções de instinto ou impulsos biológicos nas quais inscrevem-se a ideia de que ser homem/macho é ter uma sexualidade disponível, de forma permanente, indiscriminada e compulsiva.

(...) Os valores machistas encontram-se de tal forma arraigados no tecido social que acabam por sobreviver ao “enferrujamento” dos impulsos biológicos. (...) Quanto mais ameaçadoras são as disfunções erécteis, tanto mais se procura defender a reputação de “macho” perante si próprio ou perante os outros – companheiros das idas às casas de alterne (Pais 2010, p. 17).

Assim como no caso das mães de Bragança, relatado anteriormente, no universo de interações dos bares de alterne em Lisboa também estamos a lidar com um terreno em que os significados de gênero são herdados de percepções tradicionalistas que abrigam significativas atribuições de gênero às ações, emoções e comportamentos.

No que diz respeito às questões relacionadas à classe social e ao capital escolar, articulados às percepções sobre valores de gênero, diversos estudos sociológicos no campo da conjugalidade em Portugal têm sugerido que as diferentes maneiras de se conceber os relacionamentos afetivos heterossexuais estão diretamente ligadas aos

Copos, corpos e afetos

contextos sociais e culturais de pertença dos indivíduos (cf: Aboim 2006a, 2006b; Torres 1996, 2002; Wall 2005). Os estudos apontam para uma tendência mais tradicionalista nas concepções sobre os papéis de gênero entre pessoas com percursos escolares menos privilegiados, enquanto que o oposto também se verifica, ou seja, os contextos sociais académicos ou profissionalmente mais qualificados são campos mais férteis para o desenvolvimento de concepções menos convencionais a respeito das relações afetivas e sexuais.

(...) para além das transformações ocorridas no universo simbólico dominante das sociedades ocidentais (que certamente contribuíram para a actual visibilidade da «psicologização» emocional das relações), existem os contextos sociais de pertença, onde as desigualdades estruturais se materializam. Situados algures nesse espaço social diferenciado, os indivíduos, possuidores de capitais específicos, incorporam disposições diferentes para a acção, mesmo que algumas delas frequentemente se referenciem a simbolismos comuns. Embora os sistemas de disposições não sejam impermeáveis às possibilidades que cada percurso de vida oferece ao indivíduo, existe uma força do habitus (Bourdieu, 1998), bem visível na correlação tendencial entre determinados estilos de conjugalidade e contextos de classe (Aboim 2006a, p. 824).

Um campo empírico que serve para ilustrar a existência dessa correlação entre determinadas maneiras de se conceber a conjugalidade e os contextos de classe, mencionada por Aboim, é o dos praticantes de *swing*⁴ em Portugal, terreno abordado pela pesquisadora Maria Silvério (2014). Silvério constatou que o perfil socioeconómico dos *swingers* portugueses, não diferentemente do que ocorre também nos EUA, segundo a autora, é predominantemente constituído por pessoas de classes média e média-alta, com nível de instrução e salarial elevados, posições profissionais estáveis ou em cargos de gerência, casados e brancos (Silvério 2014, p. 556). Além disso, Silvério observa ainda que, embora a prática do *swing* seja, a princípio, motivada pela diversificação de parceiros sexuais, a escolha dos participantes acaba por respeitar um critério homogâmico, não apenas social, mas também em termos de equivalência de

4 O *swing*, também conhecido como troca de casais, pode ser definido como uma prática em que casais heterossexuais estáveis mantêm relações sexuais com outros casais ou pessoas solteiras, com o total consentimento do parceiro (Silvério 2014, p. 552).

Copos, corpos e afetos

capital cultural. Por fim, a autora conclui que, embora a prática do *swing* aponte para a abertura e flexibilidade dos modelos conjugais monogâmicos e convencionais, ela não abandona por completo os valores tradicionalistas a respeito dos papéis de gêneros e da heteronormatividade conjugal.

De maneira mais ou menos oposta ao contexto dos *swingers*, vejo as casas de alterne como um terreno que privilegia e promove o exercício de performances de gênero mais convencionais que vêm ao encontro de disposições reconhecíveis e desejadas pelos clientes, por fazerem parte de seu contexto cultural e histórico. O ambiente, o consumo, as práticas, as interações e o policiamento da heterossexualidade favorecem comportamentos que se aproximam de ideais hegemônicos de masculinidade. As meninas, por sua vez, conduzem as interações de forma a reiterar essas noções de gênero e, mais ainda, a articulá-las às noções racializadas de brasilidade. Elas performam uma feminilidade calcada na alteridade, nomeadamente ao imaginário popular que se tem sobre as brasileiras, ou seja, na sensualidade, na pronta disponibilidade afetiva e sexual, no cuidado e numa espécie de submissão aos desejos masculinos.

Em *Nightwork: sexuality, pleasure, and corporate masculinity in a tokyo hostess club*, Anne Allison (1994), pesquisa as interações entre *hostesses* e clientes que acontecem em um clube direcionado a um público masculino de classe média alta de Tóquio que possui semelhanças com os bares de alterne. A autora aborda as questões relacionadas com a masculinidade no Japão e observa como esse tipo de entretenimento noturno masculino possui um papel importante para o bom funcionamento das grandes corporações, no sentido de fomentar a boa interação profissional entre seus empregados homens. Essas corporações disponibilizam fundos que são direcionados ao pagamento do referido entretenimento, com o objetivo de fornecer aos funcionários um ritual que reforça os vínculos entre colegas e entre estes e a empresa através do exercício da masculinidade.

O trabalho de Alisson é interessante não só pelo fato de apontar as especificidades dos rituais de masculinidade no contexto cultural japonês, mas também por apresentar os diversos elementos ligados à busca por este tipo de entretenimento

Copos, corpos e afetos

adulto, tais como a articulação entre rituais que envolvem questões de sexualidade e o fomento dos laços de amizade entre os homens, e os interesses por trás das grandes companhias no financiamento deste lazer como forma de institucionalizar outras dimensões da vida dos empregados que não somente sua força de trabalho.

Semelhantemente a atividade das alturnes, as *hostesses* no Japão trabalham para entreter e fazer companhia aos clientes. Elas acendem seus cigarros, mantêm os copos sempre servidos, os incentivam a cantar no karaokê, falam e ouvem com atenção. Serviços sexuais não são permitidos nos bares, mas as mulheres flertam com os clientes e mantêm conversas temperadas por alusões sexuais. “The job of the hostess, as both speaker and listener, is to make customer feel special, at ease, and indulged. Or as a Japanese man told me, the role of the hostess is to make a man ‘feel like a man’.” (Allison 1994, p. 8).

Isso não quer dizer que as performances de gênero se deem ao nível teatral, num esforço de atuar um papel relacionado unicamente com regras ou padrões fixos que informam o que é masculinidade e feminilidade. Como já foi colocado, a performance é o que consolida o sujeito e a sua identidade sexual, através da repetição e reiteração das normas de gênero que acaba por produzir o que entendemos por ser mulher ou ser homem (cf: Butler 1990).

2. Beber um copo, pagar um copo: o que dizem os clientes?

Eu estava na dúvida a respeito de como me vestir para o meu primeiro encontro com o João, um ex-cliente e amigo de Mariana (que veio a se tornar uma das figuras chaves nas minhas incursões no terreno). Ele tinha sido bem simpático quando falamos ao telefone mais cedo. Demasiadamente simpático, talvez. Não sei exatamente o que Mariana disse a ele a meu respeito antes de nos colocar em contato. Sobre ele, ela me disse: “o João é um ex-cliente do bar, um amigo de longa data e super bacana, tenho certeza que ele vai te ajudar. E, olha, ele tem dimdim (querendo dizer que ele é rico), eim? Aproveita!” É interessante como a condição material

privilegiada do homem está frequentemente em evidência e representa, aos olhos das meninas, uma vantagem, mesmo que elas saibam que o meu interesse é exclusivamente profissional.

João me convidara para jantar com dois amigos seus, antes de partirmos para o objetivo desse encontro: me acompanhar nas visitas de bares de alterne em Lisboa, me apresentar algumas de suas amigas da noite e, enfim, me ajudar na minha reaproximação do campo de pesquisa. “Eles são boa gente e também são 'da noite', pode ser interessante para você.” Disse ele, ao telefone, sobre os amigos que estariam no jantar. Eu, claro, aceitei o convite.

Optei finalmente pelos jeans, uma blusa preta mais “noite” e um par de sapatos discretos e de saltos baixos, ou seja, um visual nem muito sério e nem muito extravagante. A ideia era compor uma imagem que pudesse contribuir para a impressão que queria causar nesses homens: qualquer coisa entre o não assustá-los e o não deixá-los demasiadamente à vontade. Contudo, sendo eu mesma brasileira, vivendo em Portugal já há alguns anos e pesquisando sobre o mercado sexual, eu sabia bem que a coisa não seria assim tão simples e não dependia somente da minha aparência.

João veio me buscar no local combinado em um carro de modelo esportivo conversível, desses com apenas dois lugares. Na rádio do carro tocava música comercial brasileira, do tipo sertanejo. Ele se vestia casualmente com uma camisa de botões, calças de ganga claras e sapatos com o bico levemente fino. João tem 45 anos, é divorciado, vive em Cascais, é dono de um lava-jato e diz ter também negócios no Brasil, ele exporta vinhos para São Paulo. É um homem simpático, educado e, felizmente, comunicativo. Ele disse adorar o Brasil e conversava comigo puxando o sotaque brasileiro. Chegamos ao restaurante e seus dois amigos estavam à nossa espera, já acomodados em uma mesa ao fundo do restaurante. Duarte é o mais velho, tem 49 anos – embora aparente ter mais de 60 –, é divorciado, mas “vive com uma brasileira” (João me disse ainda no carro), e Miguel é o mais jovem dos três, tem 37 anos e é recém-casado com uma jovem advogada portuguesa.

Após ser apresentada por João como “minha amiga jornalista”, eu expliquei que sou Antropóloga e falei um pouco sobre a minha pesquisa. Após algumas cervejas, rapidamente a conversa começou a fluir e eu tive que lidar com uma certa euforia de três homens desejosos por falar sobre suas aventuras sexuais e afetivas com mulheres da noite e/ou brasileiras. As conversas foram mais ou menos como eu esperava: cheias de discursos sexistas e machistas, de marcadores de masculinidade e

Copos, corpos e afetos

percepções racializadas sobre as mulheres brasileiras, sobretudo a respeito de sua sexualidade.

Eu fiz sinais de concordância com a cabeça quando eles diziam que “a mulher deve ser uma senhora na sala e uma puta na cama”. E me mantive neutra quando falaram das vantagens em sair com meninas que trabalham na noite afirmando que “se queres ir para a ‘tourada’ debes ir com as vagabundas e não com a tua esposa”. E não expressei nenhuma discordância frente a afirmação de que, embora a mulher brasileira seja demasiadamente ciumenta e passional, é o tipo de mulher que cuida do seu homem e que sempre faz tudo por ele. E ainda fingi achar graça quando João disse, no tom jocoso comum das piadinhas de policiamento da heterossexualidade, que ia sugerir à esposa de Miguel que o penetrasse com um pepino para que ele tivesse uma experiência diferente, dizendo logo depois: “só não me conte depois se gostares”, todos riram.

Eu tomava nota de tudo – mentalmente e alguns poucos e discretos escritos no bloquinho de anotações. Ao mesmo tempo, pensava nos meus limites enquanto pesquisadora, sobretudo na constante negociação entre a eficiência na recolha de material, a importância da postura ética e o impulso que sentia em me posicionar verdadeiramente na conversa. A cada impulso eu me controlava e me recompensava com o fato de ter conseguido incentivar as falas, colocando minhas companhias à vontade, sem cair na armadilha de acabar por me transformar em um alvo de tentativas de sedução ou galanteio, o que, na posição em que estava, evitá-lo era uma tarefa difícil.

Após o jantar, nos despedimos e eu e João entramos em seu carro. Duarte se aproximou da minha janela e disse ao João: “com uma máquina dessas, vais longe!” Como se estivesse se referindo ao carro, estava claro que “a máquina” era eu (Notas de campo, Julho de 2012).

Quando comecei a entrevistar clientes habituais de bares de alterne, um dos pontos que eu objetivava precisamente perceber era sobre as motivações que levam os homens a frequentar tais bares, ou seja, o que eles esperavam e desejavam lá encontrar. Entretanto percebi que quando direcionava a pergunta diretamente ao interlocutor – “Por que você vai às casas de alterne?” – obtinha respostas vagas e diferentes de quando abordava terceiros, na tentativa de provocar uma reflexão de maneira mais geral a respeito do assunto – “Por que os homens vão às casas de alterne?”.

Apercebi-me deste detalhe quando o primeiro entrevistado afirmou que vai aos

Copos, corpos e afetos

bares por ocasiões de confraternização com colegas de trabalho ou para agradecer clientes e, logo após esta afirmação, quando o conduzi a refletir sobre “os homens” que procuram este entretenimento noturno, me deu o seguinte depoimento:

Eu acho que o homem, por natureza, nesses casos é sair um pouco da rotina normal... Vai-se a primeira vez com um amigo, ou vai sozinho, mas geralmente vai com um amigo, e depois a intenção é estar com alguém que se gosta, e depois há ali um envolvimento engraçado, um toque nas pernas... E depois querem continuar porque acham que vão conquistá-la... Então é tudo um jogo de sedução ou uma tentativa de sedução. Depois alonga-se... Alguns que acabam por namorar, alguns que acabam por gastar fortunas... Mas de fato é uma estupidez aquilo ali. Eu até fico contente quando alguém que não tem ninguém possa encontrar alguma diversão. Há homens que podem ter muita dificuldade [na interação com mulheres]... Ou pessoas com alguma idade que procuram ali uma amiga. Eu não sei até que ponto os homens querem sentir que tem uma namorada, uma amiga que lhes dá atenção e que não encontram em outros sítios, não sei, não faço a mínima ideia. (Manuel, 44 anos).

Nas conversas e entrevistas com esses homens as respostas sobre suas próprias motivações eram mais ou menos parecidas. “Vai-se para beber um copo, para relaxar um bocado”; “Já conheço o lugar, vou lá há muito tempo”; “Sou amigo do dono”; “É um ambiente giro, onde se pode estar sossegado e a vontade”; “É um bom lugar para ir com clientes e colegas [do trabalho] nos dias de semana”; “Um gajo precisa se divertir, descomprimir e é um lugar onde se pode estar na conversa, rir um bocado” (frases retiradas de entrevistas com diferentes clientes habituais).

As declarações dos clientes sobre o que levam eles próprios a frequentar os bares, curiosamente, nunca estão relacionadas à busca por companhia feminina. Mesmo que em algumas de suas falas as meninas sejam mencionadas – “é um sítio fixe, com mulheres bonitas” – elas não aparecem como o motivo central para lá irem.

Intrigada com essas falas que invisibilizam as mulheres, cheguei a insistir neste ponto mas o máximo que consegui arrancar dos entrevistados foram algumas afirmações do tipo: “é claro que é bom estar rodeado de mulheres bonitas e assistir aos

Copos, corpos e afetos

shows de *strip-tease*”, e algumas referências ao fato das meninas serem companhias divertidas, boas para animar o ambiente. Entretanto, elas nunca aparecem como a razão principal de sua presença nos bares.

Comecei a notar então que esses discursos não correspondiam às práticas observadas nos bares e tampouco às reflexões que as meninas fazem sobre suas interações com os clientes. Em minhas visitas ao campo pude constatar que são raras as vezes em que os clientes mais habituais não pagam copos e, na maioria dos casos, eles vão em busca de determinada companhia, ou seja, são clientes regulares de uma mesma menina. Foi possível observar ainda que os clientes habituais raramente vão em grupos e geralmente vão sozinhos ou acompanhados apenas por um ou dois amigos, como ilustra este episódio retirado das minhas notas de campo:

“Lu, se eu fosse você ia trocar essa calça e vestir aquela saia curtinha, ela tá aqui?” Perguntou Dora assim que chegou e veio sentar-se conosco. Diante o olhar de preguiça e interrogação de Luana, ela explicou: “O Zé me ligou avisando que vem hoje e o César vem junto, claro, né?”.

José (Zé) é um cliente habitual do bar e, há cerca de 6 meses, tem procurado sempre pela companhia de Dora. Os dois não se encontram com frequência lá fora, apenas em algumas ocasiões em que saem para jantar e se dirigem seguidamente para o bar, o que acaba resultando numa boa estratégia para Dora, já que ele sempre paga ao menos uma garrafa de champanhe. Segundo Dora, ele é um bom cliente porque, mesmo que não tenha o costume de pagar muitos copos numa noite, é um cliente que aparece com frequência, mais ou menos duas vezes por mês. Laura contou que, antes de Dora, ele costumava sentar-se com Carla, uma outra colega brasileira. Entretanto, José havia se chateado com Carla após ter ficado sabendo que ela esteve com outro homem no Brasil nas férias que ele próprio ajudara a financiar. [...] José e César são amigos há muitos anos e vêm sempre juntos ao bar. Enquanto o primeiro é mais expansivo, comunicativo e bem-humorado, César é mais calado, retraído e, nas palavras das meninas, ranzinza. “Ainda bem que ele gostou da Lu porque assim fica mais fácil de beber mais e é sempre mais divertido quando tem uma amiga na mesa, né?” Comentou Dora. Antes de Luana, César esteve com algumas meninas, mas dificilmente gostava de alguma ao ponto de pagar um copo e então Dora saía prejudicada porque, segundo ela, ele ficava mal-humorado e queria logo ir-se embora, levando o José consigo.

[...] Luana voltou vestindo a tal minissaia. “Aê, agora sim, Lu! É hoje que aquele velho muquirana enfia a mão no bolso!” Disse Laura e

Copos, corpos e afetos

todas riram. “Amém, irmã! Porque só bebendo muito pra aguentar o mal humor daquele homem, deus me livre!” Respondeu Luana. [...] Era ainda começo da noite quando José e César chegaram. Do lugar em que eu estava com as meninas, deu pra ouvir a recepção calorosa de Dora: “Oi amor, até que enfim apareceu, assim você me mata de saudades!” Ela disse enquanto abraçava José. César, mais tímido, cumprimentou as duas com beijinhos e os dois homens, puxados pelas mãos das meninas, foram sentar-se em uma mesa. (Diário de campo, Maio de 2012)

Nas entrevistas e conversas informais com os clientes, por diversas vezes, tentei situar os bares de alterne no âmbito da prestação e do consumo de um serviço determinado, tal como eu própria os percebia, ou seja, como um lugar onde homens pagam bebidas superfaturadas em troca da companhia de jovens mulheres. No entanto, as ambiguidades que surgiram nos discursos e o fato destes não corresponderem às práticas a que pude observar, me levaram a questionar a minha própria abordagem, uma vez que esta não estava a dar conta das complexidades envolvidas neste campo de sociabilidades.

Eu não pago copos... Já paguei algumas vezes, mas não sou o tipo de gajo que ta sempre a pagar copos. Tenho alguns conhecidos ou as vezes tenho amigos com quem me encontro do trabalho ou do desporto, há sempre uma conexão aqui com o ambiente de trabalho. Do tipo: então onde é que vamos? É mais aos dias de semana que se pode ir a uma casa de alterne. Tu sabes, com certeza os homens que frequentam esse tipo de bar são homens normalmente a partir dos 35 anos. Então é quando se vai a um jantar que depois se pode ir a uma casa de alterne. [...] Namorei com pessoas na noite... Não sei se é namorar, porque namorar é uma coisa... mas sim saía... Estive com brasileiras e gente do leste. Mas não precisava pagar copos, sempre fui mais seco, não metia muita conversa, mas, não sei, as coisas aconteciam...(Manuel, 44 anos)..

A maioria dos entrevistados expressaram a ideia de que pagar um copo está relacionado à sua generosidade, sua consideração pelas meninas e também às regras de funcionamento dos bares, uma vez que o sistema dos copos é a base do negócio e as meninas não podem permanecer nas mesas dos clientes sem estarem a beber. Neste

Copos, corpos e afetos

sentido, podemos dizer que há um esforço por parte dos clientes em tentar manter estas interações na esfera da reciprocidade e da dádiva, em outras palavras, em atos de dar, receber e retribuir. Desta forma a interação é afastada de seu caráter mercantil e sua interpretação foge à ideia de um entretenimento ou serviço pago.

[...] Um gajo não pode estar nessa vida de pagar copos, é complicado... Mas sempre há uma amiga e paga-se um copo, tas a ver? As meninas, como a Lorraine por exemplo que é uma miúda que eu respeito muito, ela tá ali porque tá a precisar... Muita menina que tem que mandar dinheiro pra família... Ela é uma miúda muito fixe. Tem outras que eu não pago, são muito materialistas, só pensam na guita... essas dão cabo dos homens. Mas quando é uma miúda fixe, uma amiga, alguém que tem respeito, amizade, um gajo pode ajudar um pouco, pagar um copinho, uma garrafa, não tem mal nenhum, tas a ver? (João, 45 anos).

Os discursos de ajuda e generosidade aproximam os homens de descritores de masculinidade desejados e reconhecíveis por eles – sobretudo a ideia do homem provedor – ao mesmo tempo em que neutralizam as possibilidades das mulheres serem vistas como prestadoras de um serviço e, conseqüentemente, como sujeitos da interação. Neste sentido, os homens afastam ainda o perigo de serem vistos como dependentes, fracos, vulneráveis ou simplesmente desejosos de uma companhia feminina que não seja exclusivamente para fins sexuais. São discursos que apontam para uma interpretação sobre os bares que descentraliza a atividade da alterne promovendo a ideia de que se trata de um campo de sociabilidades e comensalidade masculinas em que a presença das meninas é bem-vinda, porém, não é fundamental.

A prática de pagar um copo, ao ser interpretada em termos de ajuda, é mantida próxima aos ideais de masculinidade e percebida de forma naturalizada, da mesma maneira que também o é a ideia da sexualidade da mulher ser construída sempre numa linha de troca, como veremos a seguir. Depois que o copo da menina está na mesa, a companhia, atenção e disponibilidade afetiva e sexual que ela passa a oferecer são vistas como uma retribuição natural por atos de generosidade, que não só estão relacionados com a ideia do homem provedor como também à ideia de que o homem pode e deve gastar dinheiro fora de casa com mulheres que não as suas esposas.

Copos, corpos e afetos

O próprio sistema de se pagar por bebidas funciona muito bem neste sentido, já que o pagamento não é feito diretamente em dinheiro, e nem está claramente relacionado ao tempo ou ao tipo de interação, diferentemente da dinâmica mais habitual entre prostitutas e clientes, por exemplo. Quando se paga um copo, a relação é envolvida por outras subjetividades que disfarçam o caráter comercial e permitem que a relação se localize dentro de estruturas de dominação de gênero reconhecíveis e desejáveis por estes clientes.

Quando falo em dádiva, sem pretensões de entrar nos pormenores das releituras contemporâneas sobre intercâmbios do dom e do contra dom (cf: Caillé 1998a; Godbout 1998; Martins 2008; Baptista 2007), refiro-me aos bens que circulam nas trocas sociais não apenas materiais mas, sobretudo, simbólicos. Trata-se do ato de doar algo a alguém no qual a coisa doada não é mais importante do que a intenção intrínseca a este ato e ao laço social que se cria. Neste sentido, não existe equivalência de valores entre os objetos intercambiados.

O valor da dádiva não é ligado nem ao uso nem à troca, mas ao vínculo que se estabelece, ou seja, na sua função interativa. Em outras palavras, quando doamos algo a alguém esperamos que essa pessoa retribua o gesto – a retribuição pode ser material ou simbólica, como a demonstração de gratidão, por exemplo. E, neste sentido, quando a pessoa recebe o objeto doado ela passa a se inscrever numa condição de dívida simbólica para com o doador. São dinâmicas localizadas fora da dimensão mercantil e contratual e permeadas por moralidades que se expressam através de sentimentos de generosidade, gratidão e obrigação.

A característica fundamental da dádiva é a negação da importância da dádiva pelo doador. O doador, assim, dissimula a obrigatoriedade da retribuição porque o interesse não está na retribuição obrigatória – tal como acontece na relação mercantil através da equivalência de valores – mas sim na liberdade do donatário à retribuição espontânea, transformando esta retribuição em outro ato de dar (Godbout 1998). A interação assume assim uma aspiração em se libertar da situação de troca e é esta aspiração que permite que a relação seja promovida em termos de laço social. A dádiva se constitui através da noção de que não se dá para receber, dá-se para que o outro dê.

Copos, corpos e afetos

Contudo, é importante ressaltar que não pretendo aqui enquadrar as interações entre alternes e clientes num suposto modelo social da dádiva, muito pelo contrário, como veremos no tópico seguinte. Aqui farei uso da perspectiva da dádiva apenas no sentido de sublinhar a dimensão simbólica e as relações de poder intrínsecas a essas interações que se camuflam pelo viés da generosidade e reciprocidade. Os laços sociais que aqui se constituem não são propriamente resultados das dinâmicas entre dar e receber. Visto que existem assimetrias de poder entre as brasileiras alternes e os clientes, os sentimentos de obrigação e de dívida e a expectativa de retribuição são reconfigurados pelas desigualdades de gênero, nacionalidade e classe fazendo com que as mulheres sejam naturalmente devedoras. Isso é dizer que os homens estarão sempre na posição de doadores, sustentados pela ostentação simbólica da generosidade, à espera da retribuição sexual e afetiva feminina⁵.

Assim como sugeriu Bourdieu, em seu estudo sobre os Kabila, no sistema de dádiva e contra-dádiva o poder é simultaneamente afirmado, através do débito, e disfarçado, através da dádiva e da ideia de afeto

[...]it is present both in the debt and in the gift, which, in spite of their apparent opposition, have in common the power of founding either dependence (and even slavery) or solidarity, depending on the strategic within which they are deployed (Bourdieu 1977, p. 192)

No caso dos clientes regulares, ao oferecerem às meninas prendas caras que não podem ser retribuídas (pelo seu valor elevado), por exemplo, eles criam um débito que é uma imposição de poder efetiva, ainda que disfarçada.

Não pretendo, tampouco, reiterar uma visão dicotômica que opõe a dádiva à mercadoria polarizando a troca comercial *versus* reciprocidade. Pelo contrário, o que se pretende é propor um debate, à maneira de Arjun Appadurai, argumentando ser melhor

5 Marilyn Strathern, numa perspectiva inovadora para a época, já havia pensado no conceito clássico de dádiva como uma dinâmica marcada pelo gênero em sua pesquisa em algumas comunidades na Melanésia. Diferentemente dos estudos que tratam da dádiva como uma circulação de itens diversos entre os sujeitos, sejam estes masculinos ou femininos, Strathern demonstrou como essa circulação é influenciada pelo poder intrínseco ao controle desses itens e desta circulação e como este poder é distribuído através das categorias de gênero (cf: Strathern 1988).

Copos, corpos e afetos

olharmos “para o potencial mercantil de todas as coisas, em vez de buscar em vão a mágica distinção entre mercadorias e outros tipos de coisas (Appadurai 2010, p. 27)”. É preciso, segundo o autor, uma perspectiva que ultrapasse essas dicotomias e considere tanto as dimensões calculistas intrínsecas em todos os tipos de troca assim como considerar as formas de sociabilidade que estão associadas a elas.

As teorias feministas há anos vêm demonstrando como, em diferentes níveis e maneiras dado cada contexto social e cultural, as construções que se fazem acerca da mulher estiveram sempre permeadas pela naturalização de seu trabalho reprodutivo e que englobam, entre outras coisas, a construção de sua sexualidade como um serviço a ser prestado, ou seja, não se trata de uma sexualidade totalmente livre (cf: Paola Tabet 2004). Além disso, encontramos ainda uma literatura antropológica, sociológica e feminista dedicada aos dilemas envolvidos na mercantilização da intimidade e que trabalham criticamente na desconstrução da dicotomia problemática, mas predominante no senso comum, que opõe o dinheiro à intimidade e aos afetos, vistos, nas palavras de Viviana Zelizer, como mundos hostis (Faier 2007; Hunter 2002; Illouz 1997; Zelizer 2005).

Não obstante, os clientes evocam discursos baseados em assimetrias econômicas, sociais, culturais, étnicas e de gênero que reinterpretem as interações com as alternes em termos de ajuda e dádiva. Neste sentido, os discursos giram em torno de afirmações que tentam demonstrar que se paga um copo porque são generosos, amigos e conscientes da condição mais precária das meninas e de sua necessidade por dinheiro. Além disso, paga-se um copo também porque são meninas bonitas, simpáticas, carinhosas, boas companhias e que estão “nesta vida” ou porque gostam, e possuem uma disposição natural pra isso, ou porque precisam.

Por um lado, os homens lançam mão de declarações que procuram invisibilizar a atividade da alterne e que silenciam a busca pela companhia feminina como parte das motivações que os levam a frequentar estes estabelecimentos. Por outro lado, existe uma ideia estigmatizante de que o consumo deste tipo de entretenimento é consequência de carência afetiva, solidão ou incapacidade desses homens de se relacionarem com mulheres fora do ambiente prostitucional por diversas razões, tais como impotência,

Copos, corpos e afetos

aparência física indesejada, idade avançada, dificuldades de sociabilização, timidez, entre outras. São noções presentes tanto nas reflexões que as meninas fazem a respeito dos clientes quanto nas falas dos homens com quem conversei, quando não estão a se referir a si próprios.

Agora, que essas casas existem, e ainda bem que existem, para alguns homens que fisicamente é muito difícil, que devido à vida profissional é muito ocupado e acaba que fica muito difícil, porque não correu bem por problemas na própria vida e buscam alguma amizade. Eu já vi pessoas com boa pinta que acabam por andar ali, e nem andam a procura de sexo, andam ali a procura de arranjar uma amiga... Há amigos que a gente olha e... Não sei... E acabam por haver pessoas que necessitam... Por exemplo, há muitos problemas de impotência, que é um caso grave...(Duarte, 49 anos).

Diferentemente da imagem que se faz da prostituição – tal como é entendida no senso comum, nomeadamente a troca de dinheiro por serviços sexuais –, a relação entre cliente e alterne é visivelmente permeada por outras subjetividades que podem colocar em causa a posição privilegiada do cliente em relação aos ideais de masculinidade, na medida em que a interação localiza-se numa proximidade muito grande dos afetos e da intimidade.

Neste sentido, a comparação da alterne com a prostituta faz-se útil não só em termos de autoidentificação – falarei um pouco mais a frente sobre o visível e constante esforço das meninas alternes em se diferenciarem das prostitutas – mas também porque nos possibilita refletir sobre o que está por trás do silenciamento das motivações que levam um homem a desejar e pagar pela companhia da alterne. Pelo menos no que pude observar nas conversas com os clientes dos bares, não há grandes desconfortos em se falar sobre a procura por sexo pago.

A procura pela prostituta remete para uma visão naturalizada sobre um suposto instinto masculino que envolve, entre outras coisas, uma necessidade exagerada de sexo. Já a procura pela companhia da alterne pode colocar em causa essa ideia da sexualidade masculina predatória na medida em que o tipo de interação que acontece nos bares

Copos, corpos e afetos

sugere uma aproximação dos afetos e da intimidade mais do que exclusivamente do sexo em si. Obviamente o sexo se faz constantemente presente de outras formas, seja através de conversas permeadas por assuntos de conho erótico, toques e estímulos discretos que aguçam a excitação sexual do cliente. Mas o ato de pagar copos para “estar na conversa”, se associado ao desejo do homem pela companhia feminina num sentido mais afetivo e emocional, desestabiliza sua posição em relação aos ideais de masculinidade hegemônica já que as emoções e os sentimentos são tradicionalmente genderizados e atribuídos ao feminino.

É importante ressaltar que não pretendo aqui reiterar uma visão que encerra a relação entre a prostituta e o cliente num intercâmbio exclusivo entre sexo e dinheiro. Pelo contrário, percebo a prostituição, assim como outras modalidades do trabalho sexual e erótico, inclusive o de alterne, como um terreno de sociabilidade muito amplo e diverso onde as interações entre clientes e trabalhadores são constantemente negociadas e bastante flexíveis. Prostitutas podem ser pagas apenas para ouvir seus clientes, assim como alternes podem receber dinheiro em troca de serviços sexuais nos reservados/privados, entre outros exemplos. O que está aqui em causa é precisamente a influência que a dicotomização entre sexo e emoções exerce sobre as maneiras como os papéis de gênero e a sexualidade são organizados e hierarquizados.

Algumas pesquisas sobre mercado sexual em Portugal, sobretudo aquelas que abordam a prostituição feminina de rua, demonstram que há uma certa tendência entre as trabalhadoras sexuais em classificar os comportamentos dos clientes em termos de “aqueles que pretendem apenas uma descarga física” e, de outro lado, aqueles que desejam dotar a relação sexual de algum afeto, aproximando esta relação de uma relação não comercial (cf. Oliveira 2011; Sacramento 2006). É uma tendência que também revela a influência dessa dicotomia nas maneiras de se perceber e viver a sexualidade e as diferenças de gênero.

Embora a ideia do homem como predador sexual seja tão difundida e naturalizada nos discursos do senso comum através da evocação de conceitos como “instinto”, essa ideia, inscrita nos valores hegemônicos da masculinidade, só existe enquanto ideal. Portanto, os comportamentos dos clientes podem se aproximar ou se

Copos, corpos e afetos

distanciar destes valores mas nunca são atingidos em sua totalidade (Vale de Almeida 2000a).

Vale lembrar que o ideal de masculinidade se impõe sobre os homens como um efeito controlador através da incorporação de práticas e comportamentos de sociabilidade reproduzidos simbolicamente no cotidiano. O conceito de masculinidade hegemônica nos remete para valores ou ideais que, mesmo que nunca sejam alcançados de fato, inscrevem a ideia do que é ser homem – constituída por um conjunto de atributos morais de comportamento socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados e lembrados (Vale de Almeida 2000a).

Narrativas que evocam a ideia de predador sexual, brincadeiras que feminilizam o outro, diferenciações naturalizadas que legitimam uma supremacia masculina e a submissão feminina, valorização da capacidade do homem em gastar dinheiro com mulheres que não suas esposas, entre outras coisas, são exemplos de descritores de masculinidade. Contudo, devemos levar em conta que a masculinidade não é uma entidade fixa incorporada pelos sujeitos ou parte de sua personalidade. Masculinidades, no plural, são configuradas nas práticas sociais e podem se dar de diferentes maneiras consoante às relações de gênero que tomam lugar em diferentes contextos. Como afirmam Connell e Messerschmidt:

Men can dodge among multiple meanings according to their interactional needs. Men can adopt hegemonic masculinity when it is desirable; but the same men can distance themselves strategically from hegemonic masculinity at other moments. Consequently, “masculinity” represents not a certain type of man but, rather, a way that men position themselves through discursive practices (Connell, Messerschmidt 2005, p. 841).

Nos próximos tópicos veremos como as meninas interpretam suas relações com os clientes, no que diz respeito tanto às dinâmicas do bar quanto as interações que se estendem para fora destes espaços.

Copos, corpos e afetos

3. “O conto de fadas acabou, amor não enche barriga”: Sobre o cliente-namorado.

Quando dei início à pesquisa sobre o terreno das casas de alterne lembro-me de ter ficado um pouco surpresa com o fato dos discursos e narrativas sobre sexualidade e afetividade neste contexto estarem frequentemente atreladas à possibilidade de ganhos materiais ou sociais. Quando comecei a estabelecer uma relação de amizade com as meninas que participaram do meu trabalho de mestrado, uma das nossas conversas ficou marcada em minha memória. Eu comentava que não estava muito satisfeita com o meu relacionamento com o meu namorado na época e que pensava em terminar o namoro. Uma das meninas me perguntou: “Mas esse seu namorado, ele te ajuda?”. Eu, meio confusa, e ainda nada familiarizada com as relações que se tornariam meu objeto de estudo, perguntei: “Como assim, me ajuda?”. Ela me respondeu com outras perguntas: “Ele paga a sua renda, te manda dinheiro pras despesas, paga seus estudos...?”. E eu então disse que não, que embora ele fosse mais bem de vida do que eu, não era o caso dele “me bancar”. E aí ela foi certa na sua resposta, em forma de conselho: “Então termina logo com ele. Vai ficar fazendo o que com um cara que não te ajuda em nada? Você tem que pensar no seu futuro, no seu pé-de-meia. Com certeza pode arranjar coisa melhor por aí.”

É muito comum, no universo das casas de alterne, que algumas relações entre meninas e clientes se estendam para fora dos clubes. Quando isso acontece, esses clientes passam a ser chamados, pelas meninas, de “namorados”. Quase todas as entrevistadas já mantiveram ou mantêm relacionamentos com esses clientes regulares. Trata-se de uma relação relativamente estável em que está presente, entre outras coisas, uma dinâmica de intercâmbio entre, de um lado, uma disponibilidade afetivo-sexual e, de outro, a ajuda.

Nessas relações, as meninas geralmente saem com seus clientes-namorados para jantares, passeios ou viagens curtas. E eles, por sua vez, ajudam no pagamento da renda, de despesas diversas e dão presentes – tais como computadores, joias, roupas, passagens para o Brasil. Além disso, a ajuda também pode vir em forma de capital social,

Copos, corpos e afetos

nomeadamente contatos com pessoas influentes em diversos meios ou até o fornecimento de contratos falsos de trabalho que possam facilitar a regularização de mulheres em situação de ilegalidade em Portugal.

3.1. Alguns breves relatos sobre as meninas e seus clientes-namorados

Carol e Giovanni

Carol, após mais ou menos dois meses de trabalho no bar, conheceu um italiano de 45 anos que veio acompanhando um cliente português já conhecido da casa e das colegas. Giovanni, o italiano, é empresário e tem negócios em Lisboa. Ele se encantou por Carol e passou a visitar o bar com mais frequência, até que trocaram telefones e passaram a se ver também fora do bar. Carol se sentia animada com a relação “não posso dizer que estava apaixonada, mas eu gostava de estar com ele, não era como alguns clientes que eu só saía por obrigação, porque precisava mesmo deles”.

Giovanni vinha à Lisboa pelo menos uma vez por mês e Carol dormia com ele no hotel luxuoso em que ele se hospedava na região central da cidade. Sobre o sexo, Carol diz que não era muito bom e que não sentia muito desejo por ele, mas que ao menos nunca tinha se sentido enojada, como já havia acontecido com outros clientes que tentavam beijá-la e tocá-la.

Giovanni veio a Lisboa algumas vezes acompanhado por seu amigo e sócio, Alberto, e Carol convidou Luana para saírem os quatro juntos para jantar e fazer passeios turísticos pela cidade. Luana teve também um *affair* com Alberto, mas durou pouco porque, segundo Carol, ele disse que Luana pedia dinheiro sempre que se encontravam, o que levou Alberto a ficar descontente com a atitude demasiada “interesseira” da amiga.

Acho que o Giovanni gostava de mim porque eu não ficava pedindo dinheiro... Talvez até deveria ter pedido mais, acho que

Copos, corpos e afetos

fui meio boba. A Luana é esperta, ela até gostava do Alberto mas estava com ele mais por causa do dinheiro mesmo, então por que ela ia se importar em continuar com ele se ele não queria dar dinheiro pra ela? [...] Mas comigo e com o Giovani era diferente, ele me levou pra conhecer a Itália, fui em Veneza, foi muito giro! Ele me ajudou muito e queria que eu saísse da noite e ficasse só estudando pra depois ter o meu trabalho, queria me dar mesada e tudo! E eu, bobona, ficava sem graça e dizia que não precisava. Também porque eu não queria que ele pensasse que eu tava com ele por causa do dinheiro...

Carol contou ainda que Giovani havia mencionado que tinha se relacionado com uma “menina da noite” antes dela, a quem havia conhecido também num bar de alterne em Portugal. A tal menina era de origem russa e um pouco mais velha que Carol. Esta contou que Giovani reclamou muito da atitude da menina dizendo que ela era falsa e só queria seu dinheiro.

Alguns meses depois, Carol começou a achar que Giovani prometia mais do que efetivamente cumpria e foi ficando cansada das desculpas do cliente-namorado. Ela queria dinheiro para visitar a família no Brasil porque a sua avó estava doente. “Eu exagerei um pouco pra conseguir o dinheiro, eu sabia que o que a minha avó tinha não era grave e eu disse que era... Mas eu queria muito ir pro Brasil...” Giovani acabou pagando a tal passagem mas, depois que Carol regressou à Lisboa, os dois passaram a se ver cada vez menos e Carol começou a se desinteressar por ele. Até que ela conheceu seu atual namorado, terminou de vez com Giovani e deixou de ter relacionamentos com clientes.

Gabi e Alexandre

Gabi conheceu Alexandre logo na primeira semana em que começou a trabalhar no bar. Alexandre é engenheiro, tem 48 anos, é divorciado e vive no Porto, mas vem frequentemente em Lisboa a trabalho. Além dos negócios, Alexandre tem também um amigo próximo na capital com quem sempre sai para jantar e beber um copo. Os dois são clientes habituais do bar onde Gabi trabalha e, segundo as meninas, ambos já se relacionaram com várias outras meninas do bar. Bela e Luciana aconselharam Gabi a “investir” nele dizendo que Alexandre não era muito rico mas que era generoso e se

Copos, corpos e afetos

apegava facilmente. Além disso, ele era um bom cliente e certamente poderia ser um bom namorado porque não era do tipo que sumia do bar quando “conseguia alguma coisa com a menina lá fora”. Por ser cliente habitual, ele está ciente das dinâmicas dos clubes e preserva uma certa cumplicidade com o dono, indo sempre que possível ao bar pagar um copo para as meninas.

Nos momentos que se seguiram ao dilema enfrentado por Gabi ao se deparar com a possibilidade de sair com Carlos e fazer sexo com ele por dinheiro, episódio que veremos posteriormente, surgiram algumas comparações entre tal possibilidade e a relação que ela já havia estabelecido com Alexandre.

O Alexandre é diferente porque ele é como se fosse um namorado. Não fui pra cama com ele assim logo de primeira, só aconteceu a pouquíssimo tempo atrás. Saímos muitas vezes, nos conhecemos... Assim, claro que eu não ficaria com ele se não fosse a ajuda que ele me dá financeiramente... Antes eu só ficava com meninos da minha idade. Mas ele foi se tornando um amigo pra mim, uma pessoa que eu confio, que eu posso contar, sabe? Até acho ele charmoso. Então foi mais natural, como um namoro mesmo. Ele é uma pessoa muito sozinha e carente e eu também estava muito sozinha na época que conheci ele. Então ele me ajuda e eu ajudo ele... É diferente de foder assim só por dinheiro.

Jéssica e Rui

Jéssica também teve um rápido envolvimento com um cliente regular antes de deixar definitivamente o bar de alterne. Ela contou que havia um cliente muito rico que sempre solicitava sua companhia e que insistia para que se encontrassem fora do bar. Seu nome era Rui, um homem na casa dos 47 anos de idade, empresário, casado e bem de vida. Jéssica não gostava da ideia de sair com clientes e tentava manter separadas as esferas do trabalho do bar e de sua vida pessoal, como foi dito anteriormente. Entretanto, como ela ainda não havia, nesta altura, conhecido o jovem espanhol com quem veio a namorar, ela acabou cedendo às investidas de Rui por achar que, além de bom cliente, ele era um homem charmoso e uma companhia agradável.

Copos, corpos e afetos

Ele sempre foi super atencioso comigo, pagou todas as propinas da faculdade que estavam em atraso e ainda me deu dinheiro para pagar outra que ainda não tinha vencido... Ele me deu uma joia uma vez! Que eu vendi, claro! (risos). Eu queria seduzi-lo mais e mais, mas não era só por dinheiro... Eu gostava de ter alguém meio hipnotizado por mim, não vou negar. Mas eu nunca fui apaixonada por ele. Tenho muito carinho por ele e ainda hoje a gente se fala, mas eu estava carente e gostando do que ele tinha para me oferecer, os luxos, os presentes, a ajuda nas contas, as viagens... (Jéssica)

Alguns meses depois de começar a sair com Rui, Jéssica percebeu que sua independência o incomodava. Rui queria que Jéssica parasse de trabalhar no bar e disse que lhe daria uma quantia de dinheiro por mês para suas despesas. Segundo seu relato, o problema não era o fato de parar de trabalhar e receber dinheiro de Rui. O que a incomodava era ter que ficar à disposição dele como parecia ser sua intenção. Ele passou a controlá-la demasiadamente e, além das desculpas que ela já tinha que inventar para os amigos para esconder seu trabalho no bar, tinha também que inventar desculpas para Rui a respeito de sua vida social, suas saídas com os amigos e as noites que passava fora se divertindo, as vezes com outros rapazes.

Ele não queria que eu parasse de trabalhar no bar porque tinha ciúmes dos clientes ou porque achava que não me fazia bem... Ele falava que era isso, que esse trabalho não era saudável, que não era bom pra mim, essas coisas. Mas sei lá, acho que no fundo ele queria que eu ficasse mais dependente dele, porque precisando dele e do dinheiro dele ficava mais fácil dele me controlar, de me ter por perto, sabe? Claro que ele gostava de mim e queria me ajudar... Esses homens tem essa mania de querer ser o salvador das coitadinhas dessa vida, sabe? (risos). Sério, muitos clientes sempre vem com esse papo de querem ajudar... ah, mas primeiro começa com aquele papo assim: 'mas o que você está fazendo aqui? Você não tem nada a ver com esse lugar...!', sério, acho que eles falam isso pra quase todas as meninas, pode perguntar pra você ver! [...]E depois vem com essa de que podem te ajudar, que você devia encontrar algo melhor e bla bla bla... como se a gente fosse realmente as coitadinhas esperando pelo herói, pela salvação... Só que a gente faz papel de coitadinha mesmo e depois a gente tem que manter o papel, né?

Copos, corpos e afetos

Jéssica então resolveu terminar o relacionamento por sentir que estava perdendo a sua liberdade por um homem pelo qual nem sequer estava apaixonada.

4. Uma questão de prioridades: quando não há mais espaço para o amor romântico.

É interessante notar que o próprio fato desses clientes serem chamados “namorados” pode ser percebido como uma reconfiguração ou ressignificação da relação que ali se constitui. É uma relação que envolve reciprocidade, ainda que assimétrica, como vimos, e que gera obrigações e, muitas vezes, afetos (Piscitelli 2011). Nesse sentido, o papel da ajuda é fundamental porque afasta a relação de uma dimensão comercial e instrumental e a aproxima do afeto e das emoções. Se, por um lado, o dinheiro acaba assumindo diferentes significados, o sexo, por sua vez, é mantido no lugar de onde nunca deve sair: do domínio doméstico e privado, assumindo o caráter de dádiva (Constable 2009).

Ao contrário do que acontece numa troca mercantil, a obrigatoriedade da retribuição é dissimulada numa suposta liberdade de retribuição espontânea onde não há uma equivalência rígida de valores preestabelecida. A partir do momento em que o relacionamento é investido de afeto, cumplicidade, amizade, desejo ou outras subjetividades, o sexo é colocado numa situação de normalidade na medida em que a dimensão comercial não é passível de uma demarcação visível, ainda que interesses diversos possam estar envolvidos.

Vale notar que a ideia da ajuda é uma ideia muito difundida no Brasil, mesmo fora do universo do mercado sexual (cf. Fonseca 2004; Piscitelli 2011), e que o caráter de provedor é geralmente valorizado nos homens. Ao mesmo tempo em que a associação entre sentimentos e dinheiro não é vista com bons olhos em nossa cultura, existe, no sentido oposto, a ideia de que relações afetivo-sexuais podem constituir boas fontes de obtenção de bens materiais e ascensão social, mesmo em contextos vistos como não prostitucionais. L. A. Rebhun (2007) apresenta uma valiosa contribuição

Copos, corpos e afetos

sobre as maneiras como o ideal romântico e o pragmatismo se entrelaçam nos discursos sobre o amor entre os participantes de sua etnografia realizada em comunidades pobres no Nordeste Brasileiro. A autora observa as contradições envolvidas nas percepções acerca do amor verdadeiro *versus* interesse material entre seus interlocutores:

People claimed a total separation of sentiment and economics, while in practice, when asked how you know someone loves you, people described showing love by sharing food, money, clothing, acces to credit, employment opportunities, labor, and child care – which I saw as economic transactions – while they were reluctant to so label them. They also described these acts as gifts, without explicit need for remuneration, but they could, when pressed, reluctantly, make an accurate accounting of such gifts, and judge people's character on the basis of whether they gave as good as they got (Rebhun 2007, p. 111).

Luana, me falando uma vez sobre suas experiências com clientes dos bares de alterne, disse:

Sempre fui acostumada a dar. Agora aprendi a receber, e minhas experiências em Portugal foram muito importantes pra isso. Aprendi também que a minha companhia tem valor sim, e preço. Muitas mulheres agem da mesma forma, mas fora do negócio. Mas é a mesma coisa. Cobrar pela companhia é mais comum do que a gente imagina.

No decorrer da mesma conversa, Luana comenta sobre alguns clientes: “Tem muito homem inseguro aqui (se referindo a Portugal), acho que eles precisam se auto afirmar através de dinheiro e coisas materiais... Eles pensam que podem comprar o amor, mas não podem.”

A última sentença, sobre o amor, ilustra como a presença do fluxo de dinheiro ou ajuda nessas relações, ao mesmo tempo em que é aceita e expressa numa tentativa de as colocar em situação de normalidade, é, por outro lado, percebida de maneira contraditória tanto pelo senso comum exterior em geral quanto pelas próprias envolvidas nestas relações. Isso se dá, entre outras coisas, pelo fato de opor-se a uma diferenciaçãoafiada entre intimidade e comércio ou mercado e família que vem de uma moralidade discursiva largamente compartilhada de que o amor é algo que não pode ser comprado.

Copos, corpos e afetos

Zelizer (2005) trabalha essas questões dos diferentes significados sociais que o dinheiro agrega e defende a ideia de que a crença generalizada de que o dinheiro corrompe a intimidade e que, por outro lado, a crença oposta de que sexo pode funcionar como uma mercadoria como outra qualquer, acarreta em uma série de limitações acerca da nossa capacidade de lidar com as interações entre dinheiro, sexo e poder. Essas limitações podem influenciar de forma negativa tanto em transações econômicas na esfera doméstica – a autora lista uma série de exemplos empíricos, sobretudo no que diz respeito a processos judiciais entre cônjuges – quanto pode também influenciar em questões de regulamentação da prostituição ou mesmo reforçar estigmas.

No caso aqui abordado, faz-se também necessário um exercício de desconstrução dos ideais ocidentais acerca das maneiras de se relacionar afetivo-sexualmente. Tais ideais, pautados, sobretudo, na ideia do amor romântico, exercem influências condicionadoras sobre as nossas construções acerca do que é o amor, o afeto e sobre a legitimidade ou não de tais sentimentos. As relações que não se enquadram nessas construções, como no caso aqui apresentado, em que condicionamentos materiais possuem um peso exclusivo, sofrem desvalorizações do ponto de vista moral, ainda que as trocas econômicas sejam moralmente aceitas em contextos conjugais (cf. Anthony Giddens 1992; Girona 2007; Illouz 1997).

Alguns autores têm falado em “sexo transacional” para uma análise mais ampla dessas relações que envolvem o intercâmbio de sexo por bens diversos, sejam eles materiais, econômicos, sociais ou simbólicos (Glaucia de Oliveira, Olivar, Piscitelli 2011; Hunter 2002; Kempadoo 2004). Esta ideia de sexo transacional faz muito sentido no estudo das interações entre as meninas do alterne e seus clientes-namorados na medida em que, como nas relações estudadas por Mark Hunter (2002) na África do Sul, as pessoas envolvidas nesses relacionamentos se reconhecem e se identificam como namoradas e namorados – e em alguns casos como “amigos e amigas” – e não como prostitutas e clientes. Além disso, os intercâmbios presentes nessas interações, embora envolvam uma série de diferentes obrigações, não pressupõem pagamentos pré-determinados.

Copos, corpos e afetos

As experiências de Gabi, por exemplo, demonstram algumas significações morais, sobre a prática sexual, que são acionadas na distinção que ela faz entre sua relação com Alexandre e ato de “foder por dinheiro”. Ainda que interesses materiais estejam envolvidos, o investimento do afeto e da amizade fez com que o sexo fosse percebido como mais “natural” e fora da esfera mercantil.

Vale observar ainda que a questão da diferença de idade está muito presente nas maneiras, em geral, que as meninas falam sobre os clientes. A diferença de idade é um marcador que evoca a ideia da presença de algum interesse outro que não o afetivo-sexual. Sobre esta questão, Togni (2011) observou que

A ausência de homogamia etária parece ser um dos critérios para definição dos relacionamentos como “programa”. No Morro do Margoso, as meninas consideradas garotas de programa são definidas como aquelas que “ficam com homens mais velhos, com carros chic. Se pagar bem, fica até com velhinho” (Bruna, 18 anos). No entanto, ainda que reconheçam seu interesse financeiro na relação com os “meninos ricos”, não consideram essas relações como programa, justamente por ser com alguém do mesmo grupo etário (Togni 2011, p. 417).

Como bem observou a pesquisadora Maria Luiza Heilborn (2006, p. 47), “[...] As distintas formas de interpretar as relações sexuais possibilitam impactos diversos na forma de vivência da sexualidade em cada contexto”. À maneira de Heilborn, vejo as práticas sexuais como atividades sociais construídas culturalmente. Isso é dizer que as formas de se viver, compreender e produzir a sexualidade correspondem a significados e referências que variam segundo os valores que vigoram historicamente em determinados estratos sócio-culturais. Contudo, é inegável que os limites entre os comportamentos aceitáveis e desviantes transitam sempre ao redor de valores heteronormativos hegemônicos que estão intimamente ligados às formas como as relações de gênero se organizam.

Todavia, é interessante notar que muito mais do que o esforço em dotar suas relações com os clientes-namorados de amor e sentimentos outros, o que vemos é o enquadramento que as meninas fazem de tais envolvimentos numa dinâmica de recusa do amor enquanto legitimador e motivador principal de uma relação. A ideia de que “o conto de fadas acabou”, muito presente nas reflexões que as meninas fazem de si

Copos, corpos e afetos

próprias em seus relacionamentos com os namorados-clientes, ilustra uma visão pragmática acerca das relações afetivas e sexuais que não corresponde ao ideal do amor romântico.

Se, no início do século XX, o amor romântico era visto como transgressor por se opor às estratégias endogâmicas de reprodução social, hoje, no contexto aqui abordado, ele também é visto como uma espécie de ameaça, não à reprodução social, mas às estratégias de mobilidade social e econômica. Os discursos que apontam para uma racionalização da escolha do parceiro afetivo-sexual, no sentido dos benefícios materiais e sociais que tal escolha possa oferecer, parece prevalecer ao discurso da busca mais hedonista por satisfação pessoal através da realização amorosa e emocional.

A relação amorosa é concebida, neste contexto, como incompatível com a primordialidade de ser adulta, racional e autônoma ou de “pensar com a cabeça”. Neste sentido, deixar-se viver um romance que não traz benefícios financeiros e sociais significa relegar ao segundo plano as possibilidades de um futuro melhor e de ampliação do acesso ao consumo para si e para os familiares em prol da satisfação de desejos vistos como imediatos, individualistas e infantis.

A priorização do amor e do desejo é encarada, pela maioria das meninas com quem conversei, como sinais de ingenuidade e como barreiras que impedem o alcance de seus projetos pessoais, uma vez que as relações entre elas e seus clientes-namorados se constroem, como vimos, num cenário no qual os homens estão no centro de suas possibilidades de ascensão social.

Entretanto, essa tendência não é algo que se desenrola de maneira isolada, ela se insere num quadro social contemporâneo mais amplo em que percepções românticas e tradicionalistas acerca do relacionamento amoroso coexistem com o crescimento de demandas mais pragmáticas por relações estáveis e duráveis, baseadas numa lógica racionalizada. São noções que aproximam a relação ideal mais dos sentimentos de cumplicidade construídos e negociados ao longo do tempo do que da paixão tida como descontrolada e irracional (cf. Illouz 1997).

Illouz demonstra, numa pesquisa que conjuga a análise de conteúdos de revistas

Copos, corpos e afetos

femininas voltadas para a temática do relacionamento amoroso e diversas entrevistas feitas com homens e mulheres nos EUA, que as concepções sobre o amor que derivam de um individualismo utilitário são cada vez mais comuns na sociedade norte-americana. São discursos sobre relações afetivo-sexuais que lançam mão de metáforas e linguagem mercadológicas sugerindo que, na busca pelo relacionamento ideal, as pessoas devam colocar na balança os custos do relacionamento (o investimento pessoal e os sacrifícios) e as recompensas (satisfação das vontades e necessidades afetivas de ambos os parceiros).

Trata-se de uma visão que define a relação em termos de uma transação na qual o objetivo principal (no lugar da fusão quase mística entre almas e corpos que resulta em um “nós” inquebrável) é satisfazer ambos os envolvidos em suas necessidades, desejos e interesses através do compromisso e do compartilhamento que é alvo de negociação constante. No entanto, não se trata da capitalização da relação de maneira a torná-la lucrativa, mas sim do esforço em assegurar um intercâmbio o mais igualitário possível.

Embora não seja equivocado dizer que essa tendência pragmática em se encarar a relação amorosa esteja largamente presente no contexto europeu e brasileiro e que ela coexiste com os ideais românticos, o modelo do amor, da afetividade e da sexualidade livre de interesses ainda prevalece enquanto norma. Os sentimentos e uma suposta irracionalidade é o que continua legitimando a escolha do parceiro – embora ela envolva inegavelmente questões de status, prestígio, mobilidade e reprodução social – e empurrando para as margens, para o estigma e o desvio, as escolhas baseadas em interesses outros que não puramente afetivos, sobretudo em campos marcados por desigualdades de classes e de raça.

Embora exista, no contexto das casas de alterne, uma relação causal entre a posição desprivilegiada das mulheres nas hierarquias sociais e econômicas e suas afinidades com os repertórios pragmáticos sobre o envolvimento afetivo e sexual, é preciso levar-se em conta a multiplicidade de racionalidades que estão por trás de suas escolhas e as situações específicas nas quais são produzidas.

Copos, corpos e afetos

Laura, por exemplo, foi quem me disse a frase “o conto de fadas acabou” e defendia o discurso mais racionalizado sobre o envolvimento afetivo. Ela expressava um profundo ceticismo em relação ao amor romântico e, em paralelo, a necessidade em manter uma postura racional e realista acerca das possibilidades de mobilidade econômica que seu envolvimento com seu cliente-namorado representavam. Algum tempo depois dessa nossa conversa, ela se apaixonou por um homem fora do contexto dos bares, casou-se e abandonou completamente a noite. Quando a confrontei, lembrando-a de seu discurso inicial pragmático sobre relacionamentos, ela riu e me disse que “naquela altura, não sabia o que era amor”.

Quando ela descreve o marido e as razões que a levaram se apaixonar e se comprometer, ela faz uso de atributos tais como: bom companheiro, bom pai, estável (financeiramente), trabalhador, responsável e que lhe dá suporte emocional e algum suporte econômico (ele a ajudou a montar o seu salão de beleza e a apoia em suas decisões tendo, inclusive, se mudado com ela para o Brasil para recomeçarem uma vida perto de sua família e longe da dele).

Em conformidade com o quadro traçado anteriormente, no discurso de Laura coexistem elementos de aura romântica e irracional – como quando diz que não conhecia o amor – e elementos que apontam para a visão da relação enquanto uma constante negociação onde interesses diversos estão em jogo. Nesse sentido, os capitais sociais e econômicos de seu marido que exerceram influência sobre seu envolvimento com ele (estabilidade financeira, responsabilidade, cumplicidade, generosidade) foram convertidos em qualidades pessoais, não diferentemente do que poderíamos observar em grande parte dos envoltimentos afetivos contemporâneos em variados contextos sociais ocidentais.

Outro caso que ilustra a multiplicidade de racionalidades produzidas frente a situações específicas é o de Júlia e seu casamento. Julia havia passado por uma experiência bastante traumática com um ex-namorado brasileiro, com quem esteve envolvida por 3 anos. Ela o apelidara carinhosamente, na época, de “xu” e suas colegas do bar diziam: “Julia, ele não é xu, é chulo” na tentativa de alertar a amiga para o fato de estar envolvida com um homem de caráter duvidoso. Julia era quem pagava sozinha

Copos, corpos e afetos

o aluguel do apartamento em que os dois moravam e todas as despesas também eram por sua conta, além de ter lhe oferecido um carro zero e outros presentes caros. Após quase 3 anos juntos, Julia descobriu que ele estava envolvido com drogas e, depois de ter encontrado, em seu quarto, uma grande quantidade de cocaína, disse-lhe para sair de casa. Ela jogou a droga fora na sanita e ele reagiu violentamente, agredindo-lhe fisicamente. Julia teve seu maxilar gravemente deslocado e foi levada ao hospital pela irmã do namorado. Quando ela regressou à sua casa ele havia desaparecido e, pouco tempo depois, ele conseguiu roubar 17 mil euros de sua conta bancária.

Um tempo depois, quando passava férias no Brasil, Julia conheceu seu atual marido e, quando eles começaram a namorar, ela deixou claro que só namoraria com ele se eles se comprometessem a se casar, mesmo não o conhecendo muito bem e não estando apaixonada por ele.

Na época ele era só meu ficante, ele tinha uma namorada de quase dois anos. Igual eu falo: homem não vale nada. Eu em cima dele ali no “fuca-fuca”, a namorada ligava, eu não queria nada com ele a sério, né? E ele atendia: “ai amor, eu vou ficar em casa porque eu to tão cansado.” Mas não vale nada mesmo! (risos) Aí depois ele quis namorar comigo e eu disse: “mas primeiro você vai terminar com essa namorada sua porque eu não sou nenhuma besta, nenhuma palhaça. Eu trabalho na noite e conheço muito bem esse tipinho.” Ele terminou com a namorada e namoramos um ano por telefone, eu aqui e ele lá (no Brasil). Aí ele perguntou se ele podia vir pra Portugal e eu disse: “se você quiser vir, você pode, mas a gente vai ter que casar”. Eu já tinha tomado trauma desses brasileiros e queria uma coisa séria. E ele falou: “tudo bem, eu caso”. Maluco igual eu, né? Eu falei pra ele ir organizando as coisas que eu ia daí 6 meses pra gente casar lá (no Brasil). Quando eu cheguei lá já tinha até entregue os convites e tinha chamado toda gente. E estamos juntos até hoje. Temos nossa filha de quatro anos. E meu marido, é o que eu falo, ele nunca falou nada do meu trabalho. Eu não aceito ele no meu local de trabalho, ele que não apareça aqui na porta porque ele sabe que eu não gosto. Quando eu chego em casa ele não me pergunta nada. Teve uma vez só que ele perguntou se eu tinha bebido e eu falei: “pra que que você quer saber?” E uma vez que ele viu que eu cheguei meio nervosa e me perguntou o que tinha acontecido eu falava: “nada”. Então hoje ele não pergunta nada, nada, nada porque ele

Copos, corpos e afetos

sabe que eu não gosto e pra mim tem que ser assim. Eu conheço um monte de casal (colegas da noite) que vive brigando porque o marido quer saber de tudo. Se eu chego bêbada, ele cuida de mim, ele tira a minha roupa, me põe na cama, mas não me pergunta como que foi a noite, nem o que que aconteceu. Ele é uma pessoa muito calma. E me ajuda muito, fica com a nossa filha a noite porque eu preciso trabalhar, cuida dela, ele faz tudo. Ele que acorda cedo pra preparar o pequeno almoço e levar ela pra escola porque eu trabalho até muito tarde, né? (Julia, Março de 2012).

Em razão de sua experiência mal sucedida com o namorado que a agrediu e a roubou, Julia sentiu-se decepcionada e descrente no amor. Ela acredita que a paixão que sentia por ele a deixou cega e desprovida de capacidade de discernimento para perceber o absurdo da situação na qual se encontrava. Após esses acontecimentos ela diz ter decidido “colocar a cabeça no lugar” e sua decisão de “namorar só se fosse pra casar” foi tomada no sentido de evitar paixões fugazes que só lhe trariam prejuízos emocionais e, no pior das hipóteses, físicos e financeiros.

Ela já havia revelado à sua mãe a sua pretensão em se casar, antes mesmo de começar o namoro com o atual marido. Ou seja, o objetivo de se casar não foi consequência do despertar de um amor ou de uma paixão, mas sim de uma vontade pessoal que pôde ser colocada em prática a partir da aceitação do parceiro que conheceu na altura. Para Julia, o amor e a cumplicidade que existem entre ela e seu marido foram construídos com o tempo e estabelecidos através da negociação dos interesses de ambos, da convivência e do compartilhamento da vida a dois.

Trago ainda um último exemplo que ilustra a diversidade e flexibilidade a respeito das concepções sobre o amor e os envolvimento afetivos neste contexto. Luciana apaixonou-se por um cliente apenas dois meses após ter começado a trabalhar como alterne, como foi dito na descrição de seu perfil. Quando ela me contou sobre esse relacionamento ela usou expressões que evocam o amor romântico em sua forma mais essencial, tais como “foi amor à primeira vista” e “logo que o vi senti meu coração disparar”. Luciana casou-se e viveu com este homem por 4 anos. O fim do relacionamento se deu, segundo ela, por causa dos ciúmes exagerado que o marido

Copos, corpos e afetos

sentia, principalmente pelo fato dela trabalhar na noite. Hoje, ao refletir sobre o casamento, ela diz que seu maior erro foi ter indicado o marido para trabalhar como empregado de mesa no mesmo bar onde ela trabalhava como alterne. Segundo ela, a proximidade fez com que os ciúmes do marido aumentassem ao vê-la beber copos com os clientes.

Contudo, toda esta experiência não mudou radicalmente as percepções de Luciana sobre envolvimento afetivos e sexuais. Ela afirma que não se envolve sexualmente com clientes com a finalidade de manter o cliente ou otimizar os ganhos e que jamais conseguiria fazer sexo com um homem pelo qual ela não sente nenhum tipo de interesse emocional. Ela explica: “Na balada, por exemplo, pode até acontecer de eu me interessar por algum gatinho e acabar passando a noite com ele, mas não é uma coisa que acontece muito, é mesmo raro. Sou mais à moda antiga, gosto da conquista, gosto de ser conquistada, sabe?” Eu perguntei-lhe então como ela lida com essa questão no trabalho, já que muitos clientes provavelmente tentam conquistá-la diariamente. Ela respondeu que

Aqui é diferente, tou aqui pra ganhar meu dinheiro e já tive a experiência de que não dá muito certo misturar as coisas. Mas faço muitos amigos aqui, isso é verdade, muitos bons amigos mesmo! Mas prefiro não ter um envolvimento assim... mais profundo, sabe? De homem e mulher... Uma vez ou outra a gente sai pra jantar com clientes, pra passear, isso é normal... mas namorar, namorar mesmo foi só meu ex-marido e já tá bom, já chega pra mim (risos).

Vemos então, a partir dos exemplos apresentados, que, embora haja uma tendência entre as meninas em pragmatizar as relações sexuais e afetivas em vista de sua condição econômica e social desprivilegiada, não é correto dizer que tal processo se dê unicamente como consequência desta condição. Tampouco é correto dizer que as meninas desta pesquisa tenham excluído completamente de suas vidas os ideais românticos de amor e afeto associados à sexualidade. Pelo contrário, a maioria das minhas interlocutoras mantém aspirações conjugais baseadas nas noções de amor romântico e heteronormativo, ou seja, as relações amorosas, casamento e filhos fazem

Copos, corpos e afetos

parte de seus sonhos e idealizações para o futuro.

Além disso, é importante ressaltar que as relações entre as meninas e seus clientes-namorados são dotadas de afetos e sentimentos. Os homens envolvidos nestas relações são descritos frequentemente como bons homens, amigos e bons companheiros. Mesmo que o amor no seu tipo ideal romântico não esteja presente, existe cumplicidade, amizade e afetos entre ambos envolvidos nas relações, principalmente naquelas que duram por mais tempo. Mariana, por exemplo, manteve sua relação com Mário, o cliente-namorado, por mais de quatro anos. Ela o considera uma pessoa muito importante em sua vida, embora afirme nunca ter sido apaixonada por ele: “Apaixonada mesmo eu nunca fui... Mas tenho um carinho enorme por ele e as vezes sinto saudades. Nunca vou esquecer tudo o que ele fez por mim. É um amigo que eu vou levar pra vida toda.”

Viviane, falando sobre os clientes regulares, também evocou sentimentos de amizade e vínculos emocionais associados à ajuda e ao ganho financeiro:

[...] A gente também gera aquele vínculo com a pessoa... A gente quer saber se tá bem, se não, se adoeceu, como tá a família... a gente cria mesmo um vínculo, uma amizade... O Luiz mesmo (antigo cliente regular), até hoje a gente se fala, tenho um carinho tão grande por ele e ele por mim... E se precisar eu ligo pra ele e ele pra mim... Mas ele não vem mais aqui. Mas não temos mais nada, ficou mesmo só aquela amizade... E era aquela pessoa que eu podia contar com ele, foi uma pessoa que me manteve aqui dentro, que me manteve a ganhar muito dinheiro... Eu podia contar com ele duas ou três vezes na semana aqui [no bar]...

É igualmente importante chamar a atenção para a presença de outros fatores que favorecem o envolvimento emocional entre as meninas e os clientes. Ao menos no que diz respeito às mulheres brasileiras aqui estudadas e ao cenário social que as rodeia, trata-se de um contexto migratório relativamente esvaziado de relações interpessoais mais sólidas, tais como amizades, namoros e família. Na maioria dos casos, as meninas entram na noite antes de se estabelecerem em um quadro de relações sociais em Portugal. Na medida em que o trabalho no bar oferece um ambiente descontraído, com a

Copos, corpos e afetos

presença de bebidas alcoólicas, música, danças e um amplo fluxo de pessoas – clientes e colegas – o envolvimento afetivo, emocional e sexual com essas pessoas passa a ser, muitas vezes, uma consequência inevitável e desejada. O que esteve em causa aqui, no entanto, foi tentar perceber como essas relações, que têm lugar no bar, são reconfiguradas com a presença fundamental das dimensões do lucro e do consumo.

Além disso, e conseqüentemente, a vida social das meninas gira muito em torno do trabalho. As amigas são as colegas do bar – e as namoradas também, em casos de meninas homossexuais – e os amigos e namorados são comumente, além dos clientes, Djs, empregados de mesa e seguranças dos clubes. Na maioria dos bares em que visitei, as meninas têm folga aos domingos, que é quando o bar fecha, embora elas tenham uma relativa liberdade em faltar ao trabalho quando precisam ou querem, uma vez que não possuem vínculos formais com a casa. O dia de folga é normalmente usado para descanso, realizar trabalhos domésticos e também para atividades de lazer noturno, acompanhadas quase sempre por colegas do bar. Os bares e discotecas preferidos das folgas são os que tocam música brasileira e que são também largamente frequentados por brasileiros.

5. A passagem de objeto a sujeito da troca: o tornar-se puta e a problematização desta definição.

As diferentes definições da prostituição constituem um discurso sobre o uso legítimo e sobre o uso ilegítimo que se pode fazer dos corpos das mulheres. São discursos que tratam das formas de propriedade sobre elas. (Paola. Tabet 2004).

Os dois episódios que relatarei a seguir apresentam, de maneiras diferentes, a primeira experiência de duas mulheres com o intercâmbio entre dinheiro e sexo instrumentalizado no contexto “da noite”. O primeiro é um relato reproduzido tal como foi narrado – embora seja apenas uma parte de um relato mais longo, com alguns cortes em vista do enfoque aqui pretendido – que traz um discurso elaborado, reflexivo e dotado de continuidade e coerência. O segundo, recolhido através da observação

Copos, corpos e afetos

participante, apresenta uma sequência de eventos desencadeados por uma súbita ruptura com o que era considerado normalidade pela interlocutora e a ameaça identitária que paira sobre a possibilidade de vir a se definir como “puta”.

Na época em que este primeiro relato foi feito, Jéssica estava a trabalhar no Hostel mas passara a trabalhar num bar de saída em alguns dias da semana com o intuito de juntar dinheiro e realizar o projeto de se mudar para Londres. Entretanto, o episódio relatado aconteceu quando ela ainda trabalhava no bar de alterne, pouco tempo depois de sua entrada na noite e muito tempo antes de começar a fazer programas.

Eu tive uma experiência meio traumática com um cliente na época em que eu trabalhava no bar (de alterne). Eu tava indo para o Brasil de férias, eu e a minha irmã. Era a primeira vez que a gente tava indo desde que a gente tinha vindo pra Lisboa. Naquela época a gente vivia no perrengue de grana (falta de dinheiro) porque a gente gastava tudo em viagem, festas e essas coisas boas da vida... A grana era curta mas a gente curtiá muito! E sempre quando a coisa apertava, quando tinha que pagar a renda, por exemplo, a gente corria pro bar e trabalhava mais dias, porque normalmente a gente só ia pra fazer a graninha da semana, tipo umas três vezes na semana. A gerente ficava puta mas ela nunca ia mandar a gente embora porque quando a gente tava lá, a gente trabalhava bem, os clientes gostavam da gente, era muito raro um dia que a gente saía no zero. E a gente ralava noutros trabalhos “normais” (fazendo gesto de aspas) também em restaurantes e tal de vez em quando. Mas a gente tava sempre no perrengue! Daí, quando conseguimos juntar dinheiro pra ir pro Brasil, eu ainda tinha a minha passagem de volta e a Sara [a irmã] tinha conseguido a dela com um cliente que era louco por ela, ele achava que ela era namorada dele, coitado. [...] Mas então, a gente queria levar uns presentes... Na verdade a gente queria dar uma de Papai Noel mesmo porque tem muita coisa aqui [em Portugal] que é mais barato, diferente... tipo essas coisas que a gente não encontra fácil no Brasil... pô, lá não tem H&M! [...] A gente sempre lembrava da minha mãe em tudo que a gente comia de diferente, por exemplo. A gente queria levar vinho, azeite, bacalhau, essas coisas... bem coisa de jeca mesmo (risos). Um tempo antes da viagem, a minha irmã inventou um drama pra um cliente, dizendo que precisava muito de um computador pros estudos dela e tal. Ela acabou conseguindo, mas não era pra ela, ela já tinha um, era pra gente levar pra minha mãe. Ela [sua

mãe] até chorou de alegria quando viu o computador, tadinha! [...] Mas aí a hora de viajar tava chegando e a gente não tinha comprado quase nada. Começou a bater um desespero porque o movimento no bar tava fraco e não tava dando pra ir muitos dias por causa dos outros compromissos... Nessa mesma época eu tava começando um namoro e a Sara também tinha acabado de conhecer um carinha e tava toda empolgada, e eles não sabiam de nada dessa coisa da gente trabalhar na noite, e então não sobrava muito tempo pra ir no bar. Vida dupla é muito difícil! (risos) Mas então tinha um cliente lá do bar que já tinha insinuado que queria sair comigo e com a minha irmã juntas e que tava disposto a pagar bem por isso. Só que naquela época eu nunca tinha feito programa, isso nem passava pela minha cabeça, eu nem dava muito espaço pros clientes, tipo eu nunca dava nem o telemóvel... Porque isso era normal, a maioria das meninas saíam com alguns clientes e tal... Mas eu só bebia copos mesmo. A Sara tinha essa relação com o cara lá que deu a passagem pra ela... [eu interrompo e pergunto como era essa relação] Então, na maioria das vezes eles se viam só no bar mesmo, ele ia lá sempre pagar uma garrafa pra ela. Ele tinha o número dela e ligava antes pra combinar porque ele sabia que ela não era muito assídua no bar, mas achava que era só por causa dos estudos e tal... Só de vez em quando ela saía com ele, jantava, e essas coisas... e quando não tinha como fugir mesmo, ela tinha que comparecer, né (se referindo ao sexo) Tinha que ser, mas ela enrolava ele até não poder mais, e as vezes me enfiava pra ir com ela nos jantares pra ficar mais fácil de despachar ele. Mas era aquela coisa... Ele sempre tava disposto a ajudar, dava dinheiro quando ela pedia pra pagar alguma conta e essas coisas... mas aí ela tinha que atender os telefonemas, dar uma atenção e tal. Ela tinha dois telefones na época: um só pros clientes e colegas do bar e outro pessoal. E isso acho que é o mais cansativo de tudo, sabe? Não é o trabalho em si, beber copos ou sair de vez em quando com um cliente... mas o mais chato é o *dever de casa*, essa coisa de ter que dar atenção, satisfação... E essa coisa de ter vida dupla, ter que estar atenta o tempo todo, ter dois telefones e tal... É um saco!

[...] Mas então, como a gente não tinha muito tempo e precisava mesmo de grana antes de viajar, a gente ligou pro tal cara que queria sair com a gente e perguntamos, sem rodeios, quanto é que ele pagaria pra sair com a gente. Não me lembro muito bem como que foi a negociação, mas acho que acabamos acertando em 350 euros... (pensativa) é, acho que foi isso mesmo, 350 euros, ou 400... uma coisa assim. E então fomos encontrar com ele no escritório dele em Benfica. A gente tava super nervosa, mas a chance de ter essa grana assim na mão dava uma animada,

né? Chegamos lá no escritório e ele tava sozinho. A gente ficou super sem saber o que fazer... falta de experiência, né? Daí ele disse que era melhor a gente ir pra um motel. Bateu uma insegurança, um medinho, mas a gente foi assim mesmo. A gente foi no carro dele pra um motel que ficava tipo perto de Sintra. Aí chegamos no quarto e ele disse que queria ver nós duas transando, acredita? Daí a gente disse que a gente podia brincar todo mundo junto e tal... tentando salvar aquela situação. Mas ele disse que a única coisa que ele queria era ver eu fazendo sexo com a minha irmã! Eu fiquei chocada com aquilo. Aí era meio demais, né? Foi uma situação bem tensa. E o cara mudou de atitude, sabe? Tipo, no bar ele era sempre gentil, bacana e tal. Mas dessa vez ele tava meio grosso, tratando a gente meio mal. Aí a Sara começou a chorar e falar um monte de coisas, fez o maior drama que a gente precisava muito desse dinheiro mas que a gente não sabia que era pra isso que ele tava pagando a gente... Aí ele ficou meio calado e com cara de puto da vida. Então foi aquele climão e não rolou nada. Eu queria sumir! Mas com o chororô todo da minha irmã ele acabou pagando, acho que pagou menos que o combinado, uns 50 euros a menos, acho... Quando ele virou as costas, quando a gente tava indo pro carro, a Sara me disse baixinho: “não se preocupa, isso foi puro teatro, foi o jeito que eu arrumei de tirar a gente dessa roubada” E que roubada, eim? Foi tenso! E meio humilhante, sabe?

Mas no fim acabou que deu tudo certo, né? Eu achei que ele não fosse pagar nada e já tava imaginando como que a gente ia fazer pra voltar pra casa daquele fim de mundo! Mas ele deixou a gente na porta do Colombo (centro comercial) e fomos direto pro Continente (hipermercado) fazer as compras pro Brasil. Deu pra encher o carrinho e a gente teve que chamar um taxi pra levar tudo aquilo pra casa! Mas foi muito tenso, a gente não deu um pio sobre o assunto durante o dia todo. Acho que a gente nunca mais voltou a falar nisso. Foi constrangedor, humilhante... Sei lá, acho que ficamos com aquela sensação de 'será que a gente não foi longe demais?' porque poderia ter dado merda, né? Sei lá...

[Eu pergunto]: *E agora que você faz programas, como que é? Você passa por situações parecidas?*

Não, de jeito nenhum. É totalmente diferente. Aquilo não foi programa, não tem nada a ver. No programa tudo é conversado antes, o valor, o tempo... Não tem esse tipo de humilhação, essa tensão... Não tem surpresa, é muito mais simples. Claro que deve ter uns clientes meio bizarros, né? Mas eu devo ser meio sortuda porque nunca passei por nada assim tenso, esquisito. A gente tinha era que ter feito uns programas naquela época...

Copos, corpos e afetos

Duas visitinhas numa casa de saída e a gente teria o triplo do dinheiro e com menos sofrimento. Mas naquela época a gente não sabia de nada... (Jéssica)

Na história que se segue, Gabi, a protagonista, tinha 22 anos na época do acontecido e ainda era nova na noite – havia começado a trabalhar num bar de alterne, pela primeira vez em sua vida, há algumas semanas.

Estávamos eu, Gabi e Bela na casa de Luciana, tínhamos combinados de ir juntas para o bar em seu carro. Gabi estava preocupada porque tinha que mandar uma quantia maior para o Brasil para ajudar os pais numa dívida que eles haviam feito para um arranjo no apartamento e tinha também umas contas atrasadas. Ela reclamava que não havia trabalhado bem durante a semana e que precisava de um dinheiro rápido, até porque estava com medo de não conseguir pagar a renda. Bela então disse que ia apresentar um cliente pra ela. E começou a explicar que era um cliente muito especial, mas que ele não gosta de frequentar os bares, só muito de vez em quando. Ela disse que ia ligar pra ele e falar que tinha uma amiga que achava que ele ia gostar – “ele vai gostar de ti, você é novinha, bonita... e ele gosta das branquinhas assim como você”. E continuou explicando que provavelmente ele iria no bar, pagaria uma mini (“Mini Gância” é a garrafa pequena de espumante) pra conhecê-la melhor e para trocarem contatos. E depois eles marcariam um encontro e ele a levaria para um apartamento seu, onde não mora ninguém.

Gabi então fez uma cara de espanto e disse: “Ai Bela, mas assim não... Programa eu não tenho coragem de fazer, não vou fazer isso, não quero ser puta”. Bela prontamente respondeu: “não é nada disso de programa! Ele não vai às putas, ele não gosta. Relaxa, você vai ver, esse homem é a galinha dos ovos de ouro, se ele gostar de você, você tá feita! Escuta o que eu to te falando e deixa de ser boba... Ele é um homem discreto, gentil e cheiroso! Ele é velhote e é tudo muito rápido. Em menos de meia hora você volta pra casa, linda e rica. Você não precisa falar nada de dinheiro com ele, ele não gosta. Ele vai enfiar uma nota no seu bolso e vai dizer: ‘isso é pro seu pequeno almoço’. Ele é cheio da guita [dinheiro], é casado e conhecido. Ele não vai querer jantar, ficar te ligando, nem nada disso”. Gabi continuou relutante mas acabou deixando Bela ligar para o tal cliente.

Na mesma noite, conversando com Bela, eu voltei no assunto do tal cliente para tentar entender melhor. Ela me contou que já tinha saído com ele algumas vezes mas que agora eram só amigos. Me contou ainda que ele mantém um apartamento só para levar “as meninas”. Disse que tem um gosto exigente, que normalmente sai só com uma menina durante muito tempo e que não frequenta casas de saída porque não gosta de se relacionar com prostitutas, prefere uma menina com quem ele possa estabelecer uma relação de confiança e exclusividade.

Por sorte eu estava no bar, alguns dias depois, quando Carlos, o tal cliente, apareceu para conhecer Gabi, por sugestão de Bela. (...) É um homem na faixa dos sessenta anos, de estatura baixa, vestido casualmente. A recepção por parte dos empregados de mesa foi calorosa, todos o trataram por Dr. Carlos. Minutos depois de sua entrada, o dono do bar veio pessoalmente cumprimentá-lo. Conversaram por alguns minutos no bar e, logo depois, Carlos se dirigia ao sofá onde eu estava sentada com Bela, Gabi, Luciana e Dani. Eu rapidamente percebi os discretos sinais da empregada do balcão e das meninas para que eu deixasse o sofá e assim o fiz, discretamente, antes dele se aproximar. Do bar, pude observar a cena. Carlos cumprimentou todas do pequeno grupo, uma a uma, e acomodou-se ao lado de Gabi, após as apresentações. Sem que ele fizesse qualquer sinal, o empregado trouxe uma mini Gancia para cada uma das meninas. Conversaram e riram por uns 15 minutos. Carlos se levantou com Gabi e os dois foram para uma mesa mais discreta ao canto. Outra mini Gancia foi servida à Gabi. Apenas vinte minutos mais tarde, Carlos deixava o bar.

Alguns dias depois, Gabi me contou como tinha sido com Carlos. No dia em que ele foi ao bar eles só conversaram normalmente, como é com qualquer cliente com quem se senta a primeira vez. A única diferença foi a de que ele pediu para encontrá-la ao final do expediente para levá-la em casa. Gabi aceitou, seguindo as orientações de Bela. Ela estava um pouco nervosa, mas nada demais aconteceu, só um beijo na boca ao se despedirem, que a fez sentir-se um pouco enojada, mas disfarçou. Eles trocaram telefones. Antes dela descer do carro, ele colocou algo em seu bolso e disse exatamente como Bela havia previsto: “isso aqui é para tomares o pequeno almoço”. Era uma nota de 50 euros. Dois dias depois eles combinaram de se encontrar. Por volta das 22:30 Gabi deveria apanhar um taxi até o tal apartamento, onde Carlos estava a sua espera. Ela me contou que estava muito nervosa e que nunca imaginou que fosse fazer “uma coisa dessas” e que rezava para que fosse tudo tranquilo e rápido. O apartamento era vazio, só com a cozinha equipada e apenas um dos quartos mobiliado com uma cama de

casal. “A casa é mesmo só pra isso e eu pensei: que velho safado!”. Ele a conduziu para o quarto, conversaram um pouco e ele começou a tocá-la e beijá-la. Ela sentiu novamente um certo asco mas logo decidiu que, já que estava lá, tentaria fazer o seu melhor. Ela se despiu e os dois fizeram sexo. “Foi bem normal e rápido, fiquei até surpresa! Ele foi o tempo todo muito gentil e educado e no final eu pensei: até que foi bem mais fácil do que eu imaginava! E ele é realmente cheiroso, pelo menos isso!” Ela me disse sorrindo. Os dois se vestiram, ele foi à casa de banho, depois ela, e logo após deixaram o apartamento. No elevador, ele abriu a pequena bolsa que ela carregava e deixou o dinheiro lá dentro dizendo a mesma coisa do pequeno almoço, mas acrescentando que deveria ser suficiente para pagar o taxi também. Ele a levou em seu carro até uma paragem de táxi e, assim que ela informou o endereço ao taxista, rapidamente abriu a bolsa para conferir quanto é que tinha ganhado de Carlos e, em suas palavras, mal podia acreditar: ela levava consigo duas notas: uma de 20 e outra de 500 euros. “Ele ainda teve o cuidado de deixar uma nota de 20 para pagar o táxi, achei fofo!”. (Trechos retirados das notas de campo, Novembro e Dezembro de 2012)

Primeiramente é preciso fazer um breve comentário sobre o pano de fundo comum às duas personagens principais dessas histórias. Ambas, assim como todas as colaboradoras desta pesquisa, compartilham um contexto migratório no qual localizam-se numa posição desigual e desprivilegiada nas hierarquias sociais pelo fato de serem: mulheres; brasileiras (e racializadas); inseridas numa atividade marginalizada que evoca a ideia de uma sexualidade desviante; e consideradas de uma classe social inferior pela subalternidade de seu estatuto de imigrantes advindas de um país considerado subdesenvolvido.

E, além disso, sobretudo no que diz respeito à sexualidade, estas mulheres representam, por instrumentalizarem o sexo e o afeto, uma fuga à norma que se traduz, muitas vezes, numa desvalorização social. É precisamente sobre as percepções acerca deste deslocamento dos quadros normativos da sexualidade que os dois episódios se destoam revelando subjetividades que se produzem e se descortinam de maneiras distintas: O primeiro pelo discurso sobre si, elaborado, reflexivo e dotado de continuidade e coerência que revela uma certa liberdade de escolha; O segundo pela

Copos, corpos e afetos

súbita ruptura com o que era considerado normalidade e a ameaça identitária que paira sobre a possibilidade de vir a se definir como prostituta em decorrência de uma escolha, de certa forma, condicionada por necessidades financeiras pessoais e familiares.

É importante observar que Jéssica vem de um contexto social privilegiado em relação à Gabi e às outras mulheres que participaram nesta etnografia. Estudante universitária – embora sua trajetória escolar após sua migração para Portugal tenha sido permeada por pausas e descontinuidades – e filha de pais com formação superior, como foi dito, Jéssica possui maior capital escolar e cultural como, por exemplo, a fluência em outras línguas (inglês e espanhol). Contudo, mesmo que ela seja oriunda de um contexto mais intelectualizado e com atributos de classe média, seus pais vivem com salários baixos, o que levou Jéssica a trabalhar desde cedo, tendo sido ela própria a pagar por seus estudos no Brasil. Ela e a irmã, assim como a maioria das outras meninas abordadas na pesquisa, mandam dinheiro para o Brasil para pagar dívidas pessoais e para ajudar sua mãe nas despesas básicas.

Outro elemento interessante para esta análise é o fato de que Jéssica, na época do relato, já não exercia a atividade de alterne e mantinha um emprego e uma vida social fora do universo prostitucional mas, eventualmente, fazia programas para complementar a renda e poder concretizar o projeto de se mudar para Londres. Ou seja, ser considerada prostituta, no momento da narrativa, não parecia representar para ela uma ameaça identitária.

Gabi, por sua vez, vem de classes mais populares e, em relação à escolaridade, completou o secundário (ensino médio). Seus pais não possuem curso superior e trabalham em setores menos qualificados do mercado.

Em vista deste quadro, Jéssica possui, em comparação à Gabi, um acesso maior à mobilidade social que a coloca em uma posição de vantagem sobre as outras meninas. Tais recursos permitem que Jéssica conduza tanto as interações com os clientes quanto seus relacionamentos sexuais e afetivos no geral de maneira que os homens não estejam no centro das suas possibilidades de ascensão social. Sua narrativa é permeada por elementos que evidenciam seu acesso a recursos discursivos alternativos, assim como a

Copos, corpos e afetos

recursos materiais que possibilitam diferentes estilos de vida favoráveis à vivência de uma sexualidade mais autônoma e livre. O fato de fazer sexo por dinheiro é colocado por ela em termos de escolha e não como sujeição a uma necessidade extrema ou a fatores condicionantes. Além disso, o discurso de Jéssica aponta para um processo de produção de si claramente calcado em marcas de distinção de classe frente ao terreno em que se insere no episódio narrado. Como quando ela diz

[...] Naquela época a gente vivia no perrengue de grana porque a gente gastava tudo em viagem, festas e essas coisas boas da vida. [...] E sempre quando a coisa apertava, quando tinha que pagar a renda, por exemplo, a gente corria pro bar e trabalhava mais dias, porque normalmente a gente só ia pra fazer a graninha da semana, tipo umas três vezes na semana (Jéssica).

Ao colocar que gastava o dinheiro em viagens e festas e, seguidamente, dizer que só trabalhava no bar algumas vezes na semana, ela se posiciona em uma situação de vantagem sobre as mulheres aliteras que não possuem outras fontes de renda e que tampouco podem, ou não demonstram interesse em se permitir viajar e gastar dinheiro com “coisas boas da vida”. O caráter mais hedonista de sua narrativa chamou minha atenção por se diferenciar das falas das outras colaboradoras que, com frequência, ao falarem do trabalho no bar, remetem para a noção de sacrifício em prol da família ou da busca por um futuro melhor. Mais ainda, quando narra a decisão de procurar o tal cliente e fazer sexo por dinheiro, ela evoca a ideia de que os conflitos que envolvem o sexo comercial foram dissolvidos pela experiência e por saberes, ou seja, a parte negativa da história – a tensão e a humilhação pela qual ela diz ter passado – não está na instrumentalização da relação sexual em si, mas sim na falta de experiência e conhecimentos para conduzi-la satisfatoriamente.

[...] A gente tava super nervosa, mas a chance de ter essa grana assim na mão dava uma animada, né? [...] A gente tinha era que ter feito uns programas naquela época... Duas visitinhas numa casa de saída e a gente teria o triplo do dinheiro e com menos sofrimento. Mas naquela época a gente não sabia de nada... (Jéssica)

Ambos excertos retirados do relato de Jéssica ilustram a reivindicação de um posicionamento social diferenciado e de uma identidade moderna, cosmopolita e

Copos, corpos e afetos

independente calcada, sobretudo, numa postura mais aberta, flexível e livre em relação à sexualidade e aos usos que se faz do próprio corpo.

Já no caso de Gabi, me foi possível perceber com precisão – pelo fato de estar lá, presente na cena – o desconforto imediato que a possibilidade de sair com um desconhecido para fazer sexo por dinheiro lhe causou. A palavra “programa” foi rapidamente introduzida por Gabi para estabelecer um limite/barreira, diante a ameaça identitária em causa pela ruptura iminente com uma certa representação de si própria e a possibilidade de vir a definir-se como “puta”.

Para ela, assim como também demonstram as trajetórias da maioria das colaboradoras, a entrada na noite foi assombrada por uma preocupação central: a de que elas eventualmente teriam que prestar serviços sexuais aos clientes. Com o tempo, a busca pela otimização dos ganhos vai se transformando em estratégias conscientes de instrumentalização da intimidade, da sexualidade e do afeto elaboradas de maneira a se diluírem em sua suposta dependência dos homens e na ideia de ajuda.

Notamos que “foder por dinheiro”, embora seja moralmente reprovável e tenha desencadeado em Gabi, inicialmente, sentimentos indesejáveis – de quando começou a sair com Carlos –, acabou se transformando em algo aceitável na medida em ela ganhou um bom dinheiro, pôde ajudar a família e, no final das contas, “não foi tão mal assim”, segundo suas próprias palavras. Gabi continuou saindo com Carlos por diversas vezes de forma que essas saídas deixaram de representar uma fonte de conflitos morais.

Através do dinheiro que Carlos lhe dava a cada encontro – que acontecia por volta de três vezes ao mês – Gabi pôde fazer boas remessas pro Brasil e elevar o seu poder de consumo – usado sobretudo em roupas, acessórios, gastos com cabelo, manicure e restaurantes. Entretanto, ela ainda manteve seu relacionamento com Alexandre, com o desconhecimento de ambos, até que Carlos veio a saber e nunca mais voltou a procurá-la ou atender seus telefonemas. Gabi tem a certeza que tal se sucedeu por “fofoca de gente invejosa”. O rompimento desestabilizou Gabi, já que ela estava acostumada com o dinheiro que vinha de Carlos e acabou por desencadear também o enfraquecimento da amizade com algumas meninas do bar, dentre elas, Bela, como

Copos, corpos e afetos

veremos posteriormente.

A adoção de práticas que rompem com os quadros normativos favorece o alargamento dos limites do que é considerado como uma conduta “normal” ou aceitável e, conseqüentemente, favorece também a reflexividade a respeito das possibilidades de ação e agência. O que entra em cena, portanto, não é a subversão da norma, mas sim um processo complexo e, não raro, conflituoso, de situar a escolha por determinadas práticas nos sentimentos de continuidade e coerência nos quais a identidade assenta. A forma com que Bela recusa o termo “programa” e situa a demanda do tal cliente fora da atividade prostitucional é ilustrativa deste processo pois problematiza as definições de “puta” e “programa” que Gabi expressou em sua reação, no sentido de flexibilizar tais concepções em vista de uma possibilidade vantajosa em termos monetários.

6. O intercâmbio econômico-sexual enquanto estrutura da sexualidade feminina.

Quando pensamos nas palavras que são largamente utilizadas para ofender, depreciar ou falar mal das mulheres na língua portuguesa, as primeiras que nos vêm em mente são as que fazem referência à prostituição ou ao exercício da sexualidade considerada de alguma forma ilegítima ou transgressora – vadia, puta, vagabunda, piranha, galinha, vaca (esses três últimos, por se tratarem de animais fêmeas, evocam ainda a ideia de irracionalidade ou incivilidade e perigo, associada à ideia de falta de controle emocional e reprodução compulsória). São nomes que, mesmo quando usados fora do contexto da sexualidade – como um xingamento qualquer num momento de raiva, por exemplo – possuem conotações sexuais. No Brasil temos ainda os nomes criados especialmente para mulheres que se envolvem sexualmente com um homem por interesses materiais ou status, tais como Maria chuteira (aquela que se interessa por jogadores de futebol ricos e famosos) ou Maria gasolina (aquela que escolhe seus parceiros pelo carro que ele possui, tendo em vista a marca e o valor do mesmo).

Trata-se portanto de nomes criados a partir do contexto de desigualdade entre

Copos, corpos e afetos

gêneros que pretendem classificar, categorizar e estigmatizar as mulheres de acordo com os usos que elas fazem de sua sexualidade. São denominações que contém em si os discursos sobre o que é certo e o que é errado em se tratando de comportamento feminino, em outras palavras, são nomes que exercem uma função normativa, quase invisível mas eficaz, sobre as mulheres.

Neste sentido, podemos definir, como já foi feito anteriormente, o termo prostituição de maneira mais ou menos relacional de acordo com sua utilização que faço dele neste trabalho. Contudo, uma definição mais aprofundada que dê conta dos estereótipos e estigmas a ele associados só será possível se colocarmos em questão as categorias fundadoras de sua definição e rompermos com o ciclo da construção ideológica de dominação masculina.

Esses processos de reificação da mulher e de controle imposto sobre sua sexualidade promovem uma não reciprocidade e uma assimetria profunda entre os gêneros que aprisiona as mulheres numa posição desprivilegiada nas relações, como se elas não tivessem mais nada a oferecer para além de seus serviços sexuais, domésticos e reprodutivos.

No terreno aqui abordado, o fato da ajuda, em forma de alguma remuneração ou capital social, vir sempre do homem indica que a desigualdade que há entre os clientes e as alturnes é o elemento central na instrumentalização da sexualidade feminina, em outras palavras, na sua transformação em um serviço a ser prestado e capitalizado. Como vimos anteriormente, podemos dizer que a ajuda e a alocação simbólica da relação no espaço da dádiva (homens generosos que ajudam mulheres em dificuldade criando-se assim um laço social) é, em si, um mecanismo de reprodução e preservação da dinâmica de dominação. É uma dinâmica que reitera a ideia de que a sexualidade da mulher se confina à retribuição de uma ajuda prestada, ou seja, a uma espécie de contradom imposto por uma reciprocidade assimétrica.

É inegável que quanto menor o grau de instrução e quanto mais presentes forem os marcadores de alteridade de classe e raça, maior é a dependência das mulheres em relação aos homens e mais elas são afetadas pela estrutura de dominação. No caso das

Copos, corpos e afetos

alternes brasileiras abordadas nesta pesquisa, os ganhos através da instrumentalização da sexualidade e do afeto remetem mais para a ampliação das possibilidades de acesso a objetos de consumo, lazer e conforto do que para necessidades básicas de sobrevivência. As relações com os clientes-namorados oferecem às alternes o que um salário em trabalhos não qualificados não lhes pode oferecer.

Neste sentido, a desigualdade que se impõem sobre as colaboradoras desta pesquisa no acesso a recursos comuns – acesso limitado às vagas de trabalho, sobretudo às posições mais bem pagas e qualificadas; salários desiguais; problemas com documentação; redes de contatos e sociabilidades incipientes, entre outros – forja e reforça a sua dependência em relação aos homens. Trata-se de condições estruturais que atingem o plano individual e, portanto, instituem o intercâmbio econômico sexual como forma generalizada das relações entre alternes brasileiras e clientes.

A ajuda, portanto, revela a sua lógica de dominação na medida em que recompensa e valoriza uma sexualidade solicitada e imposta como um serviço. Como bem observou Paola Tabet,

[...] Devemos considerar a hipótese de que a desigualdade, ao seio mesmo da sexualidade, é afirmada e controlada pelo dom/pagamento. Dito de outra forma, o dom supõe e constantemente impõem uma diferença entre os sujeitos sexuais. [...] O dom fala a linguagem da dominação (Paola. Tabet 2004, p. 47 Tradução livre)

Nesse ponto vale lembrar da brilhante observação de Levi-Strauss no clássico *As estruturas elementares do parentesco* (1976), numa crítica à colocação de Malinowisk que alocava as trocas econômico-sexuais entre os tobríandeses em termos de reciprocidade. Lévi-Strauss argumentou que as relações a que Malinowisk se referia, assim como muitas das relações entre homens e mulheres em sociedades tradicionais estudadas nos primórdios da Antropologia, eram totalmente não recíprocas à medida que as mulheres não constituíam integrantes das dinâmicas de troca ou sujeitos de um dos lados do intercâmbio, mas constituíam, elas próprias, os objetos de barganha. Os próprios casamentos não eram estabelecidos entre as mulheres e os homens, mas sim arranjados somente entre os homens, por meio do intercâmbio de mulheres que era supervisionado e controlado por autoridades masculinas no intuito de garantir as regras

Copos, corpos e afetos

da endogamia (cf: Claude Lévi-Strauss 1976).

Tal teoria foi extremamente importante para as reflexões que fazemos atualmente a respeito das assimetrias de gênero nas construções da sexualidade e da heteronormatividade. Contudo, existe um salto muito grande entre os contextos estudados por Lévi-Strauss (1976), Malinowisk (1962) e Mauss (1967) e os contextos sociais ocidentais contemporâneos no que diz respeito às possibilidades de ação e agência das quais as mulheres podem lançar mão.

Num contexto de intercâmbio explícito entre serviço sexual e remuneração, por exemplo, as mulheres passam de objeto de troca a sujeitos e parceiras da transação. Entretanto, ainda que tal contexto nos permita vislumbrar uma desestabilização do poder, o controle e a dominação se mantêm através da marginalização social do trabalho sexual e do estigma de puta que se impõe sobre todas as mulheres – como uma armadilha à espera de um deslize que nos afaste da normatividade – e nos relembra diariamente, por intermédios diversos, o que é permitido e o que não é permitido fazermos com nossos corpos e nossa sexualidade.

É interessante notar que, embora nosso cotidiano seja permeado constantemente por discursos que reproduzem a ideia da sexualidade feminina como um serviço ou como uma espécie de “tesouro” – que deve ser valorizado e não “entregue” facilmente e gratuitamente à qualquer um – não podemos, sob pena de sermos vistas como interesseiras ou putas, estarmos em conformidade explícita com esses discursos. Ou seja, embora a sexualidade feminina seja impositivamente construída numa linha de troca, não cabe a nós próprias o controle e o uso que fazemos dela, sobretudo dos fins para os quais a instrumentalizamos.

No caso das alternes essas dinâmicas tomam uma dimensão particular em relação a outros setores do mercado sexual. Trata-se de mulheres que, de certa forma, recusam a prestação de serviços sexuais em troca de uma remuneração pré-determinada. As colaboradoras desta pesquisa preferem manter sua atividade e suas relações com os clientes habituais numa atmosfera de dependência onde a inserção do afeto, da amizade, do desejo e do cuidado divide espaço com a prestação do serviço sexual e obscurece o

Copos, corpos e afetos

caráter instrumental da interação, como já foi dito.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que as meninas se protegem do estigma da puta e da interesseira, elas otimizam os ganhos com a relação na medida em que alimentam as demandas masculinas que giram em torno da ideia do homem generoso, provedor e proprietário de recursos. Em outras palavras, elas encaixam a relação na lógica de dominação para poderem dela se beneficiar da melhor forma possível. Assim, o intercâmbio econômico-sexual se transforma na forma constante das relações sexuais e na própria estrutura da sexualidade em si, mas com um detalhe fundamental: a escolha e o gerenciamento autônomo das interações lhes pertencem, em outras palavras, são resultados de suas capacidades de agência frente a um contexto de desigualdades.

Já a preferência de Jéssica pelos programas à atividade de alterne se dá na sua recusa expressa em alimentar essa atmosfera de dependência e inserir-se no sistema de reciprocidade assimétrica das relações com namorados-clientes. Ela alega sentir-se mais livre e emponderada no exercício do trabalho sexual, em que a prestação e a remuneração são previamente acordados, do que costumava se sentir ao beber copos e tudo mais que a atividade de alterne engloba. Sobre suas impressões a respeito das mulheres que trabalham no bar de saída que ela frequenta, Jéssica comentou:

A mulherada lá tem uma postura muito mais firme, mais poderosa, sabe? Claro que tem todo tipo de menina, mas sei lá, elas são mais... elas impõem mais presença, sabe? No bar de alterne as meninas ficam acuadas no canto, com cara de coitadinha, sei lá, as vezes tem uma *vibe* meio deprê... Lá no Galery (o bar de saída) elas ficam desfilando pra lá e pra cá, super produzidas, dançam, bebem... e bebem whisky, não é coquetelzinho e essas coisas não! É outra onda, né? Não tem nada a ver. Eu fico até meio intimidada lá porque não tenho essa postura despachada que elas tem não, esse *know how*... Elas são poderosas! (Jéssica)

Devo acrescentar que tais percepções coincidiram com a impressão que tive das trabalhadoras sexuais quando da minha visita ao bar de saída em que Jéssica angariava clientes. Ao contrário do que acontece nos bares de alterne que visitei, onde as meninas permanecem sentadas e entediadas à espera de clientes, neste bar de saída em questão

Copos, corpos e afetos

elas se locomovem mais, bebem sozinhas (pagam pelas suas bebidas), dançam e abordam os clientes de forma direta e impositiva⁶. No entanto, visitei também outras casas de saída que são muito similares, em relação ao comportamento das meninas, com os bares de alterne. Acredito que essas diferenças que Jéssica pontuou e que eu também pude observar são mais decorrentes dos diferentes extratos sociais a que os bares se direcionam do que propriamente do tipo de serviço que eles oferecem.

É interessante notar, no entanto, que o fato de Jéssica ter sempre escondido, até mesmo dos amigos próximos, o exercício do trabalho sexual é um sinal de que todos os recursos que possui em vantagem em relação às outras meninas não lhe protegem do estigma e da marginalização a que a atividade está vulnerável.

Contudo, em vias de síntese, pode-se dizer que se, por um lado, a interação entre clientes e alternes acontece num contexto em que as mulheres estão localizadas em uma posição de subalternidade, dado as múltiplas desigualdades que se intersectam nestas relações, por outro, encontramos a mobilização dessas desigualdades transformando-as em recursos que desestabilizam os focos de poder e que abrem espaços para negociações e possibilidades de ação.

Ao se verem sujeitas a categorizações que tentam encerrá-las num emaranhado de atributos e essencializações, as meninas lançam mão, de forma mais ou menos arbitrária e instrumentalizada, de performances que reiteram os estereótipos e vão ao encontro dos marcadores convencionais de masculinidade. Conscientes da atração que sua posição desprivilegiada exerce nos homens, além de performarem estilos de feminilidade que correspondem às noções tropicalizadas sobre a mulher brasileira, as meninas fazem uso de mecanismos que reforçam a ideia de superioridade desses homens, deixando-os não só confortavelmente situados simbolicamente numa posição privilegiada como também impelidos a ajudá-las. Neste sentido, elas convertem as categorizações e todo o arsenal de dominação calcados no gênero, na classe, na

6 Curiosamente, certa vez fui informada por Luana de que é costume entre as trabalhadoras sexuais cobrarem o pagamento de seus clientes se referindo a ele como “minha prenda” (“meu presente” no português do Brasil). No intuito de receberem antecipadamente à relação sexual, elas pedem aos clientes da seguinte forma: “A minha prenda primeiro, amor”.

Copos, corpos e afetos

nacionalidade e sexualidade, em fontes alternativas de poder, benefícios materiais e capitais sociais.

CAPÍTULO 4 – “Senhora na sala e puta na cama”:

Feminilidades, performances, estratégias e o gerenciamento das identidades.

1. O que a brasileira tem? Feminilidades em cena

A maior parte dos homens vem aqui a procura daquilo que não têm em casa. E eu não estou a me referir só ao sexo, essa parte é muito banal. Ele vem a procura de um bom ouvido, de encontrar um apoio, para falar das coisas que ele vive... É o poder que elas têm de ouvir e dar apoio. Aliás eu costumo dizer: curso de psicologia é essas mulheres. Têm que lidar com muitos homens com idades diferentes, com personalidades bastante diferentes. O sexo “toma lá, dá cá” não tem nada a ver com que os homens procuram aqui. (Kikas, proprietária de bar de alterne).

[...] Não é como tão a pensar por aí que o cliente vem a pensar que vai pra cama contigo porque não é bem assim... Ninguém vem aqui pagar 100 euros por uma garrafa de champanhe, sendo que vai à casa de saída e paga 50, 60 euros pra ter sexo. Quando eu saio daqui eu faço da minha vida o que eu quiser... Se eu quero dormir com 10 homens, eu vou dormir com 10 homens. Mas porque eu quero! Pode acontecer de alguém querer te conhecer melhor e você aceitar, como numa relação... Devagarinho... Mas é se você quiser... Não é porque um paga que você vai sair com ele. Eu não quero ir pra cama com qualquer um não. Se fosse assim eu não tava aqui, né? Tava ali do lado (se referindo a uma casa de saída próxima ao bar). (Rosana, 32 anos, romena).

A percepção positiva que as meninas possuem sobre a atividade que desempenham passa muito pela projeção de uma barreira que a separa da prostituição, como vimos anteriormente. Pelo fato do trabalho das alternes ser facilmente identificado como um tipo de prostituição abrigada (*indoor*) seja no senso comum, na mídia ou mesmo na literatura científica em Portugal, a negação desta identificação é latente nas

Copos, corpos e afetos

falas e nas reflexões que fazem sobre si próprias.

Trata-se de uma diferenciação que não é feita necessariamente em termos de negativização da atividade prostitucional mas que estabelece fronteiras morais claras entre uma atividade e outra. Todas as mulheres com quem conversei alegam ter amigas que resolveram trabalhar em casas de saída e não verem problemas nessa decisão. Além disso, como vimos, algumas das meninas que participaram desta pesquisa também já chegaram a trabalhar, ou ainda trabalham, como prostitutas.

Ficou claro nas conversas que esta postura de aceitação diante do assunto do sexo comercial é consequência de reflexões desencadeadas pelo envolvimento no universo da noite. A nudez (nos shows de *strip*), o contato físico mais íntimo com clientes, a sensualidade explícita e o comportamento erotizado passam a ser coisas “normais” e muito do que é considerado tabu para a sociedade em geral acaba se tornando rotina para estas mulheres e passando por um processo de aceitação e normalização. Entretanto, não se trata de afirmar que fazer sexo por dinheiro seja algo, para elas, livre de conflitos morais. Pelo contrário, o assunto da prostituição vem sempre acompanhado de ideias conservadoras a respeito do que é considerado apropriado em se tratando de envolvimento sexual e também a respeito da troca de dinheiro por sexo com um desconhecido. Como demonstram os trechos abaixo:

[...] Pra eu ficar com alguém tem que ter alguma coisa, eu tenho que gostar. Também não sou dessas que ficam logo no começo, eu prefiro conhecer a pessoa primeiro... Por isso que eu nunca ia conseguir ser prostituta. Não tenho nada contra quem é e até tenho amigas que são, mas eu não. Nunca quis tentar, não tenho cabeça pra isso. Não consigo ir pra cama com quem eu não conheço. Sei lá, o corpo da gente é algo nosso e acho um pouco invasão, sei lá... (Luciana).

Eu, desde que comecei, na altura as meninas até me aliciavam muito pra eu ir pra casas de saída, mas eu nunca quis... Não, porque sempre que eu trabalhei aqui foi em benefício dos meus filhos. Acho que era muito mal um dia eu olhar pra trás, e por mais que a fama que a gente tem é a mesma, mas eu ia sentir: fogo, meu filho não tem isso e eu tenho que oferecer o meu corpo. Ah não... (Viviane).

Copos, corpos e afetos

Além do esforço em fugirem do estigma associado à prostituição, a ideia de um contrato preestabelecido de troca entre dinheiro e sexo é percebida, entre as meninas, como algo inapropriado por sugerir uma separação entre sexo e o sujeito. O sexo, entendido como a expressão máxima da intimidade através do uso do corpo, pertence ao domínio privado e doméstico e está profundamente ligado ao campo das emoções, dos afetos e dos sentimentos, nomeadamente o amor. O episódio que se segue serve para ilustrar estas questões.

Perguntei à Luana se acontecia dela sentir prazer nas relações sexuais com os clientes [me referindo a sua experiência na casa de saída]. Ela me contou que nunca tinha tido um orgasmo com seus namorados e que, embora conseguisse sentir prazer nas relações íntimas, sempre fingia orgasmos e pensou que então seria fácil fingir para um cliente. Mas com os primeiros clientes com quem saiu, embora estivesse nervosa por tratar-se de experiências novas e com todo o peso social e moral que a atividade carrega, teve prazer e chegou ao orgasmo rapidamente. Luana conta que se sentiu um pouco constrangida com os clientes - “não consegui disfarçar, e eles perceberam, claro” - e envergonhada consigo mesma - “aquilo foi estranho pra mim porque eu não deveria sentir prazer, a coisa deveria ser profissional”. Eu então perguntei se não era melhor assim, já que ela poderia ter satisfação no trabalho. Mas ela respondeu que era complicado em sua cabeça porque estava a fazer sexo por dinheiro e não por atração ou amor, e ainda com homens feios e velhos. “As vezes eu acho eles meio nojentos e mesmo assim sinto prazer, não sei o que acontece. Por que não tenho orgasmos com os caras que eu quero estar? Nunca contei isso pra ninguém, morro de vergonha” (Notas de campo, Setembro de 2012).

Este breve episódio, quando articulado a outras leituras sobre o trabalho sexual (Bernstein 2007; Coelho 2009b; Oliveira 2011) é particularmente interessante para refletirmos sobre como as questões do desejo, do prazer e da satisfação pessoal no universo de interações do sexo comercial se tornam questões centrais para as pessoas envolvidas. As percepções acerca do prazer, ora como positivas e ora como negativas, muito têm a dizer sobre as diferentes moralidades que informam as visões sobre a sexualidade feminina e a intimidade no cenário prostitucional e de como os valores de

Copos, corpos e afetos

gênero, o poder e a capacidade de agência se entrecruzam nas autorreflexões sobre essas questões.

Luana encara o prazer na relação sexual profissional de forma negativa e, similarmente, as interlocutoras de Oliveira (2011) afirmam que uma prostituta não pode e não deve, em regra, ter prazer ou se envolver afetivamente com o cliente, sobretudo as que são casadas ou comprometidas.

As ansiedades de Luana em torno do prazer no sexo com os clientes parecem partir da ideia, bastante difundida no imaginário popular, de que fazer sexo por dinheiro implica na separação entre sexo e sujeito, ou seja, o que se deve mercantilizar é o uso de um corpo supostamente desvinculado da pessoa. O prazer e o desejo seriam, neste sentido, elementos aglutinadores entre corpo e sujeito e o dinheiro, por sua vez, é o elemento que altera esta dinâmica e o significado que damos as práticas sexuais transformando a intimidade em algo não mercantilizável.

Oliveira (2011) demonstrou em sua pesquisa que as trabalhadoras sexuais que trabalham nas ruas do Porto lidam com essas questões através de uma forte separação entre vida privada e vida profissional. Ou seja, o amor, as emoções e o desejo estão localizados na esfera doméstica e familiar enquanto, aos clientes, fica reservado, ao menos do ponto de vista ideal, apenas uma performance sexual com tipos de serviço, preço e tempo determinados. É esta fronteira bem demarcada que permite com que essas mulheres possam se sentir “inteiras” enquanto sujeitos capazes de amar e desejar, suavizando tanto os conflitos morais que a atividade implica quanto a carga do estigma que recai sobre ela.

Elizabeth Bernstein (2007) apresenta uma perspectiva empírica diferente. A autora aborda um terreno constituído por mulheres de classe média, brancas, ocidentais (EUA e Europa) e, na maioria, solteiras e sem filhos, que afirmam ser o trabalho sexual uma escolha completamente livre de constrangimentos econômicos. Embora os ganhos elevados, um acesso maior ao consumo e ao alto padrão de vida constituam as principais motivações para a entrada e a permanência na atividade, essas mulheres afirmam ter satisfação pessoal no trabalho sexual.

Copos, corpos e afetos

Lançando mão das teorias da distinção de Bourdieu (2008), Bernstein demonstra como as prostitutas da classe média se apoiam na ética do prazer, da liberdade e da satisfação pessoal, não somente no sentido de uma resposta positiva em relação ao estigma que recai sobre a atividade, mas também, e mais importante, como estratégia de distinção da velha pequena burguesia – termo de Bourdieu utilizado pela autora – na qual os valores são baseados numa moralidade do dever, oposto ao prazer, e associada à proibição dos impulsos e à culpa. Neste sentido, a proibição do prazer e a culpa são rejeitados e dão lugar a uma certa obrigação do prazer e da satisfação pessoal.

Ao contrário do universo da prostituição de rua abordado por Oliveira (2011), em que as trabalhadoras projetam uma barreira entre o pessoal (intimidade, afeto e prazer) e o profissional (sexo puramente instrumental), a profissionalização das prostitutas do terreno de Bernstein é voltada para uma personalização do serviço. É exatamente na criação de uma atmosfera íntima e não instrumentalizada que essas mulheres baseiam a sua performance. A satisfação do cliente está diretamente relacionada com a capacidade de envolvimento íntimo autêntico da profissional na relação. Conseqüentemente, mudam também as estratégias de angariação de clientes, o tempo despendido nas relações, a diversidade de serviços oferecidos, entre outras coisas. Segundo a autora, muitas delas chegam a afirmar que a permanência na prostituição passa pela vontade de experimentação e realização pessoal no âmbito do prazer sexual.

Contudo, pode-se dizer que os discursos sobre as questões de sexualidade, prazer e satisfação sexuais se diferem nos dois cenários empíricos por se tratarem de campos experienciais completamente diferentes e, portanto, de moralidades diferentes que informam as percepções, disposições e discursos a respeito da sexualidade e do seu envolvimento na atividade prostitucional em si.

No caso das alternes, é justamente no dissolver dessa fronteira entre pessoal/profissional, entre cliente/namorado, que elas encontram saídas para os conflitos morais convertendo-os em recursos, como vimos anteriormente. Neste sentido, podemos dizer que a diluição das demarcações entre pessoal e profissional compreende uma característica marcante desse campo de sociabilidades.

Copos, corpos e afetos

Como o trabalho das meninas é “estar na conversa”, além do fato de a interação ser permeada por elementos que a vinculam ao sexo e ao erotismo, criam-se brechas para o estabelecimento de uma certa intimidade e proximidade afetiva entre os atores. Quando as meninas falam sobre a atividade que exercem no bar, são comuns as alusões às funções de “psicóloga” e de “confidente”, referindo-se sempre a sentimentos de amizade, cuidado e compaixão pelos clientes. Assim como também é comum referirem-se ao trabalho de “atriz” pelas mentiras, constantes desculpas e justificativas, simulação de envolvimento e desejo e a e até mesmo pela camuflagem do desprezo, nojo e raiva que por vezes sentem por alguns clientes.

Os discursos, por parte das meninas, revelam com frequência a necessidade e a vantagem em se representar um papel de acordo com a demanda do cliente, o que implica, basicamente, em fazer com que o cliente se sinta especial, o que constitui parte fundamental do trabalho emocional desempenhado por elas.

Trata-se de estratégias largamente encontradas em diversas atividades do entretenimento erótico. Além do exemplo das *hostess* do Japão (Allison 1994) visto anteriormente, Deshotels e Forsyth (2006), observaram estratégias semelhantes de manipulação e administração das emoções e da identidade entre dançarinas que trabalham em *strip clubs* nos EUA. As autoras denominaram este processo de “*strategic flirting*” uma vez que se trata de performances de flerte e sedução orientadas para satisfazer as expectativas dos clientes a respeito de modelos idealizados de feminilidade.

Fora do universo do mercado sexual, Hochschild (1983, 2003), numa linha interacionista e partindo do contexto laboral das hospedeiras/aeromoças, lança mão do conceito de trabalho emocional pra falar de práticas de administração das emoções que algumas profissões demandam. A autora observou que o trabalho emocional se desenvolve no esforço de sentir o que se espera que seja sentido. Hochschild denomina *deep acting* a representação profunda que requer uma fusão do sujeito com a atividade, resultando em sentimentos e autenticidade criados.

A ideia de *deep acting* é útil para pensarmos na atividade das alternes, uma vez que a interação entre elas e os clientes acontece numa atmosfera que promove

Copos, corpos e afetos

intimidade e proximidade. Nesse sentido, trata-se de performances cujo a orientação instrumental para se satisfazer a demanda dos clientes coexiste com a criação de sentimentos autênticos.

As meninas, no bar, lançam mão de performances de uma hiperfeminilidade que vai desde o cuidado com o visual, numa estética voltada para a sensualidade acentuada, até as atitudes que evocam uma associação da disponibilidade sexual ao modelo feminino de mulher submissa, carinhosa e companheira. No caso das brasileiras, é interessante notar que há uma incorporação de performances baseadas no imaginário português sobre a mulher brasileira, ou seja, há uma apropriação dos estereótipos a que as brasileiras estão associadas no sentido de uma auto-exotização que agrega valor à nacionalidade brasileira no desempenho da atividade de alterne.

Machado (2009) denomina de “identidade-para-o-mercado” essa identidade construída no movimento de apropriação dos estereótipos pelos brasileiros em Portugal. Ele argumenta que tal identidade é essencializada e criada no sentido de representar uma cultura mercantilizável na experiência imigrante, sobretudo nos contextos laborais marcados pela venda de bens culturais ou simbólicos e/ou entretenimento: músicos, dançarinos, profissionais do sexo e atendentes ao público em geral.

Os brasileiros passam pelo que chamo de processo de exotização. Esse processo é um fenômeno social de efetivação dos estereótipos – tem relação íntima com a sua produção – mas vai além da mera constatação da sua existência. Ou seja, os imigrantes brasileiros não apenas estão sujeitos à construção das imagens estereotipadas por determinados agentes de poder, mas também são sujeitos ativos da exotização. Assim, adaptar-se mais eficientemente aos estereótipos portugueses pode conferir maior poder a determinadas pessoas (Machado 2009, p. 214).

Contudo, sendo o contexto aqui abordado profundamente marcado pelo gênero, as estratégias de manipulação da identidade são orientadas para o consumo masculino. Quando as meninas explicaram para Gabi, em seu primeiro dia no bar, como ela deveria se comportar com o cliente, por exemplo - “Seduzir o cliente, jogar charme, escutá-lo, se aproximar, rir das piadas, mesmo das que não tenham graça (...)” - notamos que tais orientações respeitam noções estandardizadas de feminilidade, ou seja, comportamentos

Copos, corpos e afetos

que não ameacem o protagonismo masculino e agradem aos homens. Até mesmo a hipersexualização das performances nos bares, embora moralmente menos aceitável em outros contextos, faz parte de um quadro mais amplo que inscreve a sexualidade feminina como disponível aos desejos masculinos.

Além disso, foi possível observar também que o sucesso da interação está diretamente relacionado com a capacidade da alterne em gerir sua performance de maneira que esta se aproxime ao máximo da ideia de autenticidade e espontaneidade. As mulheres estão sempre atentas ao fato de que demonstrarem aos clientes que “só querem dinheiro” compromete negativamente a interação, principalmente em se tratando de clientes já conhecidos por elas – mesmo que não sejam clientes regulares. É importante, por exemplo, que o processo de pedir por uma bebida demore um pouco mais, reservando mais tempo para perguntas sobre a vida do cliente, de forma a demonstrar um interesse pessoal, principalmente no caso de clientes já conhecidos por elas. A estratégia de alimentar as expectativas do cliente em relação às possibilidades de um encontro íntimo ou um relacionamento fora do bar também remete para a criação/administração desta autenticidade.

Por outro lado, a atitude do homem em pagar rapidamente uma bebida é valorizada pelas mulheres, uma vez que tal atitude representa uma forma de respeito pelo seu trabalho, ou seja, um reconhecimento, por parte do cliente, de que “não estamos aqui a passeio” (como me disse Laura). No entanto, há de haver um equilíbrio entre o não demonstrar muita pressa para beber um copo e o demorar demasiadamente em pedi-lo e acabar por perder o tempo que poderia ser melhor investido em outro cliente.

Como já foi referido, entre as meninas, são muito comuns os discursos que aproximam o trabalho da alterne ao de uma psicóloga ou conselheira. Todas as minhas interlocutoras, ao refletirem de maneira mais geral acerca de suas experiências no bar, fizeram referências às exigências emocionais que a atividade demanda, tais como saber ouvir, ser carinhosa e alegre, demonstrar interesse pessoal e disponibilidade afetiva e ter flexibilidade para lidar com homens com diferentes tipos de temperamentos e bagagens sociais e culturais.

Copos, corpos e afetos

[...]Teve uma vez que ele veio aqui (um cliente que, segundo ela, se tornou amigo e paga copos só para poder falar de seus problemas) e me disse que queria me contar uma coisa, mas que estava com muita vergonha e que eu ia rir dele. Então eu tentei deixar ele à vontade para me contar e ele acabou me contando que tinha tido uma experiência homossexual. Ele me contou que foi na casa de banho de um centro comercial, que lá ele trocou alguns olhares com um jovem e que entrou com ele na casinha (no banheiro) e que teve essa experiência lá. Ele estava muito confuso e queria saber se ele era homossexual por isso ter acontecido. Eu disse pra ele que uma experiência que ele teve não quer dizer que ele é homossexual, ainda mais porque ele era casado há anos e tinha toda essa experiência com a mulher e tal. Mas disse que talvez ele fosse bissexual e gostasse das duas coisas... Coitado, ele tava todo perturbado! (Bela)

Um dos meus clientes esses dias veio me falar que a esposa dele andava muito desleixada, nunca arranjava o cabelo e não se preocupava com a aparência. Ele tava perdendo o interesse nela e tava triste por isso. E então eu falei pra ele levar ela no salão, tipo fazer uma surpresa e oferecer a ela um dia no salão pra arrancar as unhas e os cabelos. Mas essas mulheres portuguesas são tão bestas que ela ficou desconfiada dessa atitude do marido e acabou brigando com ele e não foi! [...]Mas já teve casos em que meus conselhos com as mulheres deram certo, como oferecer uma langem nova, por exemplo..." (Luciana).

Há, neste sentido, uma reconfiguração positiva da atividade na medida em que as meninas se veem exercendo uma espécie de papel social importante na vida dos clientes, como certa vez afirmou Bela: "Mesmo quando finjo que estou interessada neles, penso que estou fazendo algo de bom pra vida deles e me sinto bem. Muitos clientes são carentes e não tem muito carinho e atenção em casa. E então eles vão procurar por isso em outro lugar, não é?".

São reflexões não só calcadas em estereótipos acerca da mulher portuguesa – supostamente fria e sexualmente menos disponível e capaz – mas também em noções decorrentes das estruturas de dominação de gênero que, por um lado, culpabilizam a mulher pelos comportamentos masculinos e, por outro, situam-na na posição de cuidadora. Não obstante, trata-se também de percepções que problematizam o senso comum que condena moralmente o envolvimento afetivo movido por interesses

Copos, corpos e afetos

econômicos, promovendo uma reinterpretação das práticas da alterne em termos de uma instrumentalização das emoções e do afeto no sentido de seu uso enquanto confidentes, conselheiras e “psicólogas”. Encaram, assim, a atividade como algo que resulta positivamente na vida destes homens e reivindicam o reconhecimento da importância da função social da atividade demarcando-a como uma prática que propicia o bem-estar do cliente.

Entretanto, é notável também um certo desgaste em relação à necessidade de se estar sempre disponível emocionalmente, tal como o seguinte comentário de Laura ilustra: “As vezes eu fico pensando que mais valia mesmo era ser puta... pelo menos você vai lá, dá uma queca, uma horinha no máximo e sai com a guita no bolso sem ter que aguentar essa falação, essa melação...”

2. “As brasileiras estragaram o negócio”: disputas identitárias e de poder entre colegas de nacionalidades distintas.

Nas minhas primeiras visitas de campo para esta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer e conversar com algumas meninas nacionais da Romênia, da Rússia e da Ucrânia. Todas elas vivem em Portugal há pelo menos 10 anos e trabalham como alterne desde sua chegada no país. Uma vez consciente de suas longas experiências na atividade, procurei abordar temas relativos às mudanças mais perceptíveis ocorridas no mercado dos bares de alterne desde então. Entre as primeiras observações que ouvi de Lisa e Rosana, duas irmãs romenas que vivem em Portugal e trabalham no mesmo bar há 13 anos¹, estava a de que a entrada das brasileiras no mercado do alterne havia transformado negativamente as maneiras de se trabalhar. Elas me explicaram que, antes das brasileiras “invadirem” os bares de alterne, a maioria das meninas era portuguesa e

1 Durante a escrita da tese, Lisa, a irmã mais velha, após fazer vários cursos na área da estética e trabalhar em diversos salões de beleza durante o dia e em sua própria casa com um reduzido número de clientes, finalmente conseguiu abrir o seu próprio salão em Lisboa e deixou o bar definitivamente.

Copos, corpos e afetos

oriunda de países do Leste europeu, sobretudo Romênia e Ucrânia.

“As brasileiras estragaram o negócio. Elas atrapalharam muito o jeito de trabalhar a que estávamos acostumadas. Estávamos acostumadas a trabalhar muito bem só a beber copos e estar na conversa com os clientes e eles pagavam muito. No *strip* privado nunca permitíamos ser tocadas e tampouco no *table dance*. Quando o cliente insistia em tocar-nos, chamávamos o segurança e o cliente tinha de sair e nem podia mais voltar. [...] As brasileiras chegaram e era só beijinhos, a mão aqui e ali. Elas não se importavam em se deixarem beijar, tocar... Mostravam os seios... e as roupas também eram diferentes, muito mais curtas com tudo à mostra... e é claro que os clientes gostavam. E ficou difícil pra nós que estávamos acostumadas a estar só na conversa porque os clientes ficaram mal-acostumados. Fomos obrigadas a adaptar-nos, não é?” (Lisa)

Quando conversei com Samanta, russa, de 32 anos, ela fez a mesma observação sobre a entrada das brasileiras no mercado. A única diferença é que, na sua opinião, as romenas também contribuíram para essa mudança negativa nas formas de se trabalhar e nas expectativas dos clientes. Segundo Samanta, as romenas são conhecidas por fazerem qualquer coisa por dinheiro, inclusive fazerem sexo sem camisinha se o cliente pagar caro. “As romenas fazem-se de santas na frente dos outros, vestem-se e se comportam-se como senhoras no salão, mas, nos privados, são verdadeiras putas e fazem de tudo pela guita.”

Maia (2012) observou que, no contexto das *go go dancers* em Nova Iorque, essa dinâmica de categorização de certos comportamentos como moralmente inadequados está diretamente ligada a uma separação simbólica que é feita entre corpos vindos de diferentes contextos de classe e raça e não apenas nacionalidade.

No terreno abordado por Maia, as hispanas são vistas, pelas brasileiras, como “gentinha” e pessoas de baixo nível e, portanto, protagonistas de comportamentos considerados inadequados, sobretudo quando o assunto é a maneira como se relacionam com seus clientes. No entanto, a autora demonstra que suas entrevistadas não se diferenciam apenas das hispanas mas também de outras brasileiras que são consideradas de classe mais baixa, sobretudo através do nível de escolaridade e também da cor da

Copos, corpos e afetos

pele. Existe uma linguagem de respeitabilidade e moralidade usada com frequência para demarcar fronteiras de classe e raça (Maia 2012, p. 78).

Contudo, as observações anteriormente citadas a respeito das nacionalidades não só nos mostram como as noções de identidade nacional se articulam profundamente às noções de alteridade étnica, racial e de classe mas apontam também para a importância de se considerar que as performances de gênero neste contexto não podem ser lidas apenas como uma bagagem cultural trazida do contexto de origem, mas sim como uma performatividade em constante negociação e transformação.

Martina Cvajner (2011), numa pesquisa sobre imigrantes russas que trabalham como empregadas domésticas em uma cidade do norte da Itália, descreve como essas mulheres lançam mão de performances fortemente calcadas nas noções normativas de feminilidade como forma de reivindicação de respeito no contexto migratório, mesmo que esses comportamentos acabem por reforçar estigmas. Trata-se de comportamentos baseados em uma objetificação e sexualização dos corpos, projetados através de maquiagens pesadas, roupas extravagantes e linguagem corporal sensualizada.

A autora observou que o reforço dessas performances funciona como um neutralizador da desvalorização social que o trabalho doméstico carrega que, por sua vez, é potencializada pela condição de imigrante. Além disso, essa dinâmica também se dá no sentido de se diferenciarem de suas chefes italianas, percebidas como desleixadas e não femininas, precisamente porque as noções de feminilidade, neste caso, estão relacionadas com o esforço em se manter bonita.

It was often acknowledged that the Italian women were wealthier, had more free time and were often younger and in better physical shape. But precisely for these reasons their refusal to adhere to an ideal of effort-based beauty was morally reproachable. As one woman once complained about her employer, she dressed in ‘unsexy garments, sleeps in ugly underwear, behaves as if she was not interested to keep a man! While they need to be sexy even when going to bed.’ (Cvajner 2011, pp. 366–367).

No universo das alternes as performances de gênero aliadas às percepções sobre a sexualidade são bastante paradoxais e vemos um movimento que por vezes valoriza

Copos, corpos e afetos

certos comportamentos e outras vezes os rejeita. Ao mesmo tempo em que a hiperfeminilidade associada à hipersexualização é valorizada e funciona como promotores positivos de identidade, principalmente quando colocados em oposição às noções negativizantes sobre a mulher portuguesa, em outros momentos, essa associação pode trazer constrangimentos e vulnerabilidade a estigmas. O trecho que se segue, retirado das minhas notas de campo, ilustra esta questão.

Encontrei-me com Dora e Luana no bairro alto. Havíamos combinado de ir a um bar de música brasileira. O tempo estava bom e as meninas, assim como eu, usavam roupas casuais. Dora vestia jeans e uma camisa tipo “bata” de estampa florida e com um decote que valorizava as formas dos seios, mas não muito ousado. Luana usava um macacão longo e preto “cai-cai” e uma jaqueta jeans. Ambas calçavam sandálias sem saltos, traziam no rosto maquilhagem suave e acessórios pelo corpo, tais como anéis, braceletes, cintos e brincos. No avançar da noite, estávamos sentadas junto ao bar quando Dora falou baixinho e com ar discreto que a Mônica, uma ex-colega brasileira de um dos clubes noturnos em que elas haviam trabalhado, acabara de entrar no bar. Eu não conhecia Mônica pessoalmente mas logo associei o nome às histórias que Dora já havia me contado sobre ela. Tratava-se de uma ex-colega que havia deixado o bar onde as meninas trabalhavam depois de conflitos com outras meninas, casos até de agressão física. Uma das amigas de Dora e Luana estava envolvida na briga, o que levava a um certo desconforto entre elas e Mônica, embora elas nunca tivessem, pessoalmente, se envolvido em nenhum conflito.

Mônica então passou pelo corredor bem próximo de onde estávamos, olhando sempre em frente e ignorando nossa presença. As meninas também evitaram contatos visuais e a noite seguiu assim, como se elas não se conhecessem. Mônica, que aparenta ter entre 35 e 40 anos, é morena, tem os cabelos pretos, longos e lisos (artificialmente lisos, segundo as meninas). Ela usava um vestido colado e curto, botas longas de saltos bem altos, maquilhagem carregada e lentes de contato azuis. Ela estava acompanhada por um estrangeiro que tentava segui-la, um pouco desajeitado, nos passos sensualizados que ela desempenhava ao som da banda de samba.

Dora e Luana expressaram alívio pelo fato de Mônica tê-las ignorado, dizendo que tinham vergonha do comportamento inadequado da ex-colega. Dora: “Ainda bem que ela fingiu que não conhece a gente, imagina que vergonha, se ela viesse falar com a gente eu ia ter que ir embora!”. Eu: “Por que?”. Luana:

Copos, corpos e afetos

“Tá na cara que é puta, né amiga? Ela não faz questão nenhuma de disfarçar. Queima o filme demais!”. Dora: “Olha o jeito que ela dança... olha essas botas... meu deus, tou com vergonha por ela! Nossa, não conheço, nunca vi na vida! Não vou nem sambar que é pra ninguém perceber que eu sou brasileira! *Sou portuguesa pa! És parva ou o que?* (imitando o sotaque português em tom jocoso)”. Obviamente Dora não falava sério quando disse que não dançaria e que não queria ter sua nacionalidade reconhecida, mas ficou claro neste discurso exagerado e em tom de brincadeira que existe uma associação negativa entre a nacionalidade brasileira e atributos estereotipados que ela desejava evitar precisamente pelo risco da estigmatização. Elas não queriam nenhuma proximidade com a ex-colega na medida em que uma aproximação poderia levantar associações entre elas e “a noite”. (Notas de campo, Junho de 2012)

Este episódio demonstra que existe um processo de gerenciamento da identidade que é dinâmico e está ligado às diferentes situações em que o sujeito se encontra. Quando a pessoa estigmatizada vê uma pessoa de seu grupo se comportando de maneira que exponha traços estigmatizantes, ela sente-se repelida (cf: Goffman 1963). A partir da consciência de que sua nacionalidade, quando associada a expressões exacerbadas de sensualidade, está sujeita ao estigma da prostituição ou da mulher fácil, Dora e Luana reagiram com uma certa ansiedade em restringir falhas de comportamento que as pudessem levar a uma identificação com Mônica ou com a noite, seja pelo fato de serem também brasileiras ou pelo fato de estarem inseridas no mercado sexual, ou ambos.

Se, no ambiente dos bares, as performances hiperfeminilizadas calcadas em atributos que evocam a imagem estereotipada da brasileira funcionam como agregadores de valor nas interações, em outros universos de sociabilidade as mesmas performances são alvo de uma constante vigilância por funcionarem como mecanismos produtores de estigmatização. Por outro lado, mesmo dentro dos bares as meninas não estão livres de uma certa vigilância a respeito de seu comportamento. Os comentários que localizam esses comportamentos em categorias étnicas, apontados anteriormente, são ilustrativos destes processos.

3. Passionais ou materialistas: as noções sobre a “natureza” emocional das brasileiras

Eu estava acompanhada por João, meu principal informante, quando conheci Samanta, *stripper* e alterne russa, de 32 anos, em um bar de alterne em Cascais. Quando ela se ausentou da mesa para realizar a sua performance no varão, João comentou comigo que ela é “uma mulher muito inteligente, mas muito materialista”. Perguntei o que ele queria dizer com materialista e ele então me explicou que suas atitudes são sempre muito bem pensadas e sempre visam um objetivo – geralmente material e financeiro. Ele citou como exemplo as diversas vezes que ela o convida para jantar, com ela e outras amigas da noite, escolhendo restaurantes caros e sempre fazendo com que ele não tenha outra opção a não ser pagar a conta toda. Contou também da vez que ela pedira para que ele a levasse em casa depois de uma noite de trabalho no bar e, lá chegando, ela lhe convidara para subir ao seu apartamento lhe mostrando, diretamente após entrarem, como seu frigorífico estava vazio, no intuito de conseguir que ele lhe desse algum dinheiro.

A resposta de João à atitude de Samanta, neste último caso, também foi particularmente interessante. Ele me disse que não lhe deu dinheiro algum porque “não sou parvo”, disse. Mas, no dia seguinte, levou-a no supermercado e pagou “com prazer”, segundo ele, uma grande compra de mantimentos para sua casa. [Tal resposta também é ilustrativa das questões discutidas anteriormente sobre como os homens neste contexto tendem a localizar suas interações com as meninas na perspectiva da dádiva, da ajuda e da generosidade.]

Durante a conversa, João me disse que esse “materialismo” era comum nas meninas do Leste. “São mulheres geralmente muito bonitas, inteligentes... têm cultura, sabem conversar... mulheres que sabem estar, tás a ver? Mas são muito materialistas, é complicado.” (João). Perguntei-lhe se esse tipo de coisa não acontecia com outras amigas, como Bela e a Luciana, por exemplo – que também são consideradas por ele “amigas”, assim como Samanta, mas com a diferença de que ele conheceu Luciana fora do ambiente dos bares, antes dela começar a trabalhar como alterne. Ele respondeu que era totalmente diferente. “Eu conheço a Luciana há muitos anos e eu sempre achava piada que quando costumava chamá-la para sair comigo e com amigos, ela dizia, toda envergonhada: ‘joão, eu não tenho dinheiro, é melhor te dizer logo para que tu saibas a verdade’. E

Copos, corpos e afetos

eu: achas? Nem penses lá nisso! Se tou a convidar-te é porque podes vir sossegada!” (Notas de campo, Setembro de 2012)

É interessante notar que os clientes também fazem diferenciações entre os comportamentos das brasileiras e “as do Leste”². As últimas são vistas como mais “espertas” no que diz respeito à capacidade de gerirem suas vidas, principalmente no que toca ao dinheiro. Elas são percebidas como organizadas, materialistas, profissionais e mais frias.

A comparação dessas mulheres com as brasileiras surge com frequência nas conversas com os clientes. As brasileiras são vistas como mulheres descontroladas, que não sabem gerir o próprio dinheiro, que estão sempre em situações de dívida e se envolvem passionalmente com os clientes.

As [mulheres] do leste tem muito mais perspectivas, tem mais organização mental do que a maior parte das brasileiras. Elas são mais frias, mais equilibradas, ficam ali no seu cantinho...O povo brasileiro tem aquele tipo que encaixa na vida noturna, pela alegria, pela simpatia, pela abertura... E isso funciona bem na noite. Mas as brasileiras, não me leve a mal, me dá uma sensação de que muitas delas vêm de sítios em que pouca coisa viram... (Manuel, 44 anos).

Estes discursos são ainda reforçados pelo fato de que, geralmente, as mulheres oriundas de países do Leste europeu, falando especificamente do terreno aqui em questão, possuem diferentes bagagens educacionais da maioria das brasileiras. Apenas o fato de falarem uma terceira língua – além de falarem português, a maioria é fluente também em inglês – já as coloca numa posição de maior mobilidade. Nos bares que

2 Os clientes costumam se referir às meninas oriundas de países como Moldávia, Ucrânia, Rússia e Romênia utilizando o termo “as do leste”. É uma expressão que não só reitera a falsa ideia de um todo homogêneo como ainda insere esse todo numa alteridade subalterna e estereotipada a que estes imigrantes estão sujeitos em Portugal. O termo “do leste” é permeado por cargas estigmatizantes tais como a ideia, bastante presente no imaginário popular português, de que os/as carteiristas (pessoas que furtam carteiras, dinheiro e outros pertences de valor dos transeuntes em transportes públicos ou locais movimentados) são imigrantes oriundos, na maioria, de tais países. Por outro lado, são mulheres brancas que possuem capitais escolares mais elevados, o que as colocam numa posição privilegiada em relação a outras migrantes.

Copos, corpos e afetos

visitei em Cascais, por exemplo, a presença de brasileiras é quase nula devido ao fato de que estes bares são muito frequentados por turistas e que, portanto, falar inglês é um pré-requisito que a maioria das brasileiras nesta atividade não cumpre.

Em relação à demanda da clientela, notamos uma espécie de discriminação ou estigmatização “positiva”. A “frieza” e a postura independente vista nas migrantes de países do Leste europeu são, muitas vezes, encaradas pelos clientes como atributos que lhes confere sensualidade e, ao mesmo tempo, a abertura das brasileiras representa uma vantagem nas interações na medida em que os clientes se sentem à vontade e entretidos com facilidade. Mais do que isso, a ideia de descontrole e passionalidade funciona ainda como certo tempero nas relações, uma vez que ela vem ao encontro das expectativas em relação a uma sexualidade tropical e exotizada. São percepções baseadas em diferentes estereótipos que localizam as meninas em uma hierarquia social e cultural que não se encerra na nacionalidade.

Se, por um lado, vemos uma certa resistência nos clientes em aproximar suas identidades e práticas da dimensão da emoção e dos sentimentos, as mulheres dificilmente conseguem afastar-se dela. Seja nas falas dos clientes – que colocam a mulher brasileira como passional e sentimental, por exemplo – ou seja nas próprias reflexões que as meninas fazem sobre si, as emoções são centrais nos discursos.

Quando se fala em emoções e sentimentos é comum que eles sejam percebidos enquanto mais próximos da natureza do que da cultura (cf. Lutz 2013; Lutz, White 1986; Rosaldo 1984). A grande variedade de tipos de emoções e sentimentos que as pessoas experienciam ao longo de suas vidas são assumidas como manifestações unicamente ligadas a processos psicológicos e psicobiológicos universais. As noções mais difundidas no senso comum são as de que existe um eu interior que é a representação mais pura e verdadeira do indivíduo e que se expressa através das emoções.

Entretanto, esse suposto “eu interior” é visto como passível de ser moldado e configurado pela cultura e pelas regras sociais que, por sua vez, agem diretamente no controle racional dessas emoções. Os sentimentos são remetidos para um lugar próximo

Copos, corpos e afetos

da natureza, do selvagem, do corpo e das forças primitivas que podem e devem ser trabalhadas pela cultura e pela razão. A duas últimas, por sua vez, são percebidas como exteriores aos indivíduos e adquiridas ao longo dos processos de sociabilização evocando a ideia de civilização.

Vistas durante muito tempo como parte dos domínios da biologia e da psicologia, foi somente a partir dos anos 80 que a abordagem das emoções passou a se consolidar nas ciências sociais em sua dimensão cultural e enquanto produto e produtor das relações sociais³. Com a expansão da antropologia interpretativa nos EUA a partir dos anos 70, as noções de cultura transcenderam o terreno das tradições, dos padrões comportamentais e dos costumes para se sofisticar em termos de teias de significados que são produzidos e interpretados pelos sujeitos de determinados contextos culturais e sociais.

Na esteira desse movimento surge um interesse focado nas noções de pessoa e do eu (*self*) e, como consequência, o enfoque também no campo emotivo. A partir daí, várias etnografias se orientaram para o desenvolvimento antropológico de conceitos emotivos em diferentes sociedades dando início a construção do recente campo da antropologia das emoções (Rezende, 2002).

O trabalho de Michelle Rosaldo (1984) foi muito importante para o início de um processo de desvinculação das emoções, enquanto práticas e discursos, como exclusivas do paradigma psicológico, trazendo-as para os domínios das estruturas sociais. Através de sua etnografia sobre os povos indígenas das Filipinas, Rosaldo propõe a instigante noção de que emoções são “*embodied knowledge*”, demonstrando como os conceitos que definem emoções e sentimentos estão embebidos em práticas e conhecimentos culturais mais amplos que refletem, em suas formas ideológicas, as maneiras desses

3 No pensamento clássico, Durkheim e Simmel foram pioneiros a reconhecer o caráter sociológico das emoções, embora não tivessem se detido às suas dimensões culturais. Posteriormente, Mauss desenvolveu uma abordagem mais aprofundada no campo das emoções enquanto fato social, mas seu enfoque foi precisamente no caráter comunicativo das emoções. Contudo, nenhum dos trabalhos destes referidos autores, embora sua importância seja inegável para o desenvolvimento antropológico do campo das emoções, propôs de fato uma perspectiva cultural que pudesse deslocar as emoções dos domínios da biologia e da psicologia.

Copos, corpos e afetos

povos se relacionarem socialmente.

Foucault (2005) já havia observado a importância das confissões enquanto local privilegiado de produção de discursos que os indivíduos fazem sobre si mesmos e sobre suas posições no mundo. As confissões, que começam no ambiente religioso e, na contemporaneidade, se difundem com a psiquiatria, são centradas no campo das emoções precisamente por ser este campo considerado o assento da individualidade – que tem o coração, órgão vital, como uma representante simbólica –, ou seja: os sentimentos e as emoções são as expressões mais verdadeiras do indivíduo, são elas próprias as verdades internas do sujeito.

Neste sentido, o que se pode ou não dizer e o que deve ser dito sobre a individualidade e as emoções, o que pode ser julgado falso ou verdadeiro sobre as mesmas, são dinâmicas permeadas por relações de poder. Como observou Catherine Lutz “[...] talk about the control or management of emotion is also a narrative of the double-sided nature – both weak and dangerous – of dominated groups. Talk about emotional control in and by women, in other words, is talk about power and its exercise (Lutz 1990, p. 70).” O que estudos mais recentes sobre as emoções passam então a querer descortinar são as maneiras pelas quais os discursos sobre as emoções estabelecem, colocam em causa, reivindicam ou reforçam diferenças de poder ou status.

Rosaldo chamou atenção para a noção de que as emoções não são coisas mas processos que só podem ser bem entendidos enquanto práticas sociais organizadas e estruturadas pelos entendimentos que fazemos do mundo. A autora argumenta que esses entendimentos não se desenvolvem a partir de um interior individual que é pré-cultural e independente do mundo social, mas sim através da experiência em um mundo de significados, imagens e laços sociais nos quais todas as pessoas estão inevitavelmente envolvidas (Rosaldo 1984).

As noções de pessoa, processos afetivos e as formas de sociedade são interligadas e, nesse sentido, argumenta que os sentimentos não são menos culturais e mais privados do que as crenças, por exemplo. As emoções são cognições culturalmente informadas que estão interligadas ao corpo, ao eu e às identidades dos sujeitos.

Copos, corpos e afetos

[...] We will never learn why people feel or act the way they do until, suspending everyday assumptions about the human psyche, we fix our analytic gaze upon the symbols actors use in understanding human life – symbols that make our minds the minds of social beings (Rosaldo 1984, p. 141).

Na medida em que pessoas de um mesmo contexto social compartilham certos modelos e padrões de processos emocionais, as declarações e os discursos sobre ações e sentimentos manifestados por uma pessoa sobre a outra, ou as expressões emocionais de uma pessoa sobre a atitude ou comportamento de outra, refletem e reproduzem discursos morais que qualificam os comportamentos enquanto bons ou maus, aceitáveis ou inaceitáveis.

As emoções não são simplesmente expressas em determinadas situações sociais como uma resposta dos sujeitos a essas situações, mas são construídas pelos tipos de práticas ou relações sociais nas quais elas se localizam. Ou seja, a medida que as emoções são configuradas pelas estruturas sociais e pelas subjetividades constituídas nas relações sociais, elas não podem ser vistas como respostas a estímulos e/ou situações mas sim como produtoras de sentidos. Como afirmou Geoffrey M. White “To talk about or express emotions in context is to expect to evoke a certain type of response in both the self and the listening other” (White 1990, p. 64).

Ligadas às noções de inferioridade e insistentemente localizadas no corpo e na natureza, as emoções continuam a ser vistas como o aspecto da experiência humana menos passível (e mais carente) de controle, menos construído ou aprendido (e mais universal), menos público e mais privado e, contudo, menos qualificável como objeto de análise social. (Lutz, Abu-Lughod 1990)

Um aspecto muito importante para esta discussão é o fato do campo das emoções e dos sentimentos ser visto no ocidente como parte do território feminino. Neste sentido, todo discurso sobre emoções é inegavelmente um discurso de gênero. “As emoções, assim como as noções sobre o feminino, têm sido vistas como algo mais natural do que cultural, irracional mais do que racional, caótico mais do que ordenado, físico mais do que intelectual, ininteligível, incontrolável e perigoso (Lutz 1990, p. 69)”. Essas associações colocam as emoções em desvantagem em relação a outros processos

Copos, corpos e afetos

mais valorizados tais como o cognitivo e o pensamento racional, reproduzindo assim a noção de inferioridade da mulher (emocional) frente ao homem (racional).

E, no caso aqui estudado, essas relações de poder tomam ainda outro contorno: o da racialização. Como vimos, as articulações entre as categorias de uma nacionalidade racializada, da classe, da sexualidade e do gênero funcionam como poderoso mecanismo de inferiorização. Vimos ainda que o que podemos chamar de “novo racismo” ou novos processos de racialização não se dão necessariamente pela cor ou por outros atributos físicos, mas são constituídos através de noções de diferenças culturais que, por sua vez, passam por um processo de naturalização como se as diferenças culturais fossem resultados de características natas. À semelhança dos discursos que apontavam para diferenças biológicas, a alteridade continua sendo vista, embora camuflada pela noção de diferença cultural, como algo imutável e naturalmente intrínseco a determinados povos.

O campo das emoções é fértil para a produção de identidades racializadas uma vez que, além de serem associados à natureza mais do que à cultura e ao feminino mais do que ao masculino, os sentimentos e as formas de se lidar com as emoções são percebidos como reveladores da individualidade verdadeira dos sujeitos – o eu verdadeiro. Neste sentido, as associações entre mulheres brasileiras e as noções de “emoções a flor da pele” são associações que se complementam e se encaixam à ideia da brasilidade tropicalizada, selvagem e menos intelectualizada.

As essencializações acerca do povo brasileiro em Portugal, não coincidentemente, evocam noções sobre emoções e sentimentos. E não é coincidência também observar que o imaginário sobre o povo brasileiro em Portugal é, na maioria, feminilizado. A alegria, a sensualidade, a disponibilidade afetiva e a atitude passional são características atribuídas as mulheres brasileiras que remetem para o domínio das emoções e da natureza. E assim como o terreno da sexualidade pertence, no senso comum, ao domínio da biologia, o das emoções também. Ambos são vistos como pré-sociais e passíveis de controle e esse controle sobre as emoções e a sexualidade femininas são percebidos como sinais de civilização. Como bem observou Lutz, os discursos populares acerca do controle da sexualidade e do controle das emoções andam

Copos, corpos e afetos

lado a lado.

[...] the metaphor of control implies something that would otherwise be out of control, something wild and unruly, a threat to order. To speak about controlling emotions is to replicate the view of emotions as natural, dangerous, irrational, and phisical (Lutz 1990, p. 72).

Neste sentido, voltando às questões sobre a tendência à pragmatização das relações discutidas anteriormente, podemos dizer que a priorização das negociações entre interesses em detrimento da projeção do amor e dos sentimentos enquanto motivadores principais das relações afetivas e sexuais com os clientes acabam por funcionar como desestabilizadores de poder. A rejeição de projeções romantizadas acerca dos parceiros neste contexto parece possuir, para as meninas, um potencial emancipatório, na medida em que elas se assumem enquanto independentes emocionalmente face aos homens, ainda que as performances sejam permeadas, de forma mais ou menos arbitrária, por marcadores de gênero, classe e nacionalidade que reificam a lógica de dominação.

CAPÍTULO 5 – Patroas que são mães, amigas que são irmãs: O mundo social sob a lógica de família.

1. Quando a patroa encarna o papel de mãe: relações laborais a partir da metáfora de família.

De todos os bares visitados, contando com aqueles nos quais a observação prolongada não foi possível, apenas dois tinham mulheres nos cargos de maior responsabilidade. Num deles, o Bar da Kikas, a proprietária, conhecida como Mãe Kikas, é quem está à frente de toda a organização e administração do negócio¹, assim como está a frente também no que se refere ao trato com o pessoal, nomeadamente as mais de 40 meninas que lá vivem e trabalham. No outro, o “Bar da Tina²”, o proprietário é um homem mas a gerência está nas mãos de uma mulher, a Tina, que, como no caso da Kikas, é quem toma conta de todas as questões logísticas e de pessoal do bar.

Nos bares visitados em que os proprietários são homens e onde não há mulheres em cargos de responsabilidade pude perceber, em comparação com os dois outros, que as meninas possuem um maior grau de autonomia no exercício da atividade. Não há aconselhamento ou controle feito diretamente pelos patrões. O dono raramente está presente, aparecendo apenas no final da noite para efetuar o pagamento das comissões, quando esta função não é delegada a terceiros – normalmente a um dos empregados de mesa – como acontece algumas vezes.

Nestes bares, as/os empregadas/os de mesas e os seguranças é que orientam as novatas sobre as regras de funcionamento da casa – função muitas vezes delegada também às alternes mais antigas –, que se certificam de que as mesmas estão sendo

1 O bar de alterne é apenas um dos negócios de Kikas. Além do bar ela possui ainda um residencial – onde as meninas vivem e prestam serviços sexuais –, um restaurante, e um ginásio que é gerenciado por seu filho.

2 Os nomes do bar e da gerente são fictícios por uma questão de preservação da identidade das pessoas que lá trabalham, como foi acordado com elas.

Copos, corpos e afetos

cumpridas, que indicam meninas a sentarem-se com determinados clientes, e se ocupam de pequenos conflitos ou tensões que possam vir a ocorrer – entre colegas ou entre meninas e clientes. Mas, no geral, as intervenções são mínimas e as meninas exercem seu trabalho com relativa liberdade e autonomia.

Não obstante, as relações entre elas, o proprietário e os demais funcionários do bar são predominantemente caracterizadas pelo distanciamento profissional e pela ideia do “cada um por si”. As noções de direitos e deveres contratuais, mesmo que na maioria dos casos não sejam celebrados contratos formais, prevalecem sobre noções de solidariedade, troca de favores ou ajuda mútua, ainda que essas noções estejam muito presentes nas relações estabelecidas entre colegas que se tornam amigas próximas através da convivência diária. Numa de minhas conversas com Kikas, ela fez uma declaração interessante a respeito da diferença entre o patrão e a patroa num bar de alterne: “A diferença é que os homens tratam as meninas como máquinas, máquinas de fazer dinheiro, e aqui eu as trato como seres humanos, porque é isso que elas são, não é? A diferença é essa.”

Nos dois bares administrados por mulheres as relações entre a gerência e as meninas são mais próximas, permeadas por ajudas mútuas e obrigações, aconselhamento, e o desempenho da atividade muito mais passível de controle. Essas dinâmicas de funcionamento chamaram imediatamente a minha atenção por se aproximarem muito da ideia da “cafetina” tão presente no imaginário popular quando se fala em bordéis de outrora. Caricaturada na imagem da mulher controladora e exigente, mas, ao mesmo tempo, afetuosa e preocupada com o bem-estar de “suas meninas”, a personagem típica da dona do bordel está presente em diversas obras ficcionais que fazem alusão a uma realidade de tempos atrás³. Trata-se de personagens que evocam as ambiguidades encontradas na figura materna: ao mesmo tempo amada e temida mas, acima de tudo, respeitada enquanto autoridade inquestionável.

3 Um exemplo bastante conhecido tanto em Portugal como no Brasil é o da personagem Maria Machado, a amada e temida dona do Bataclan, o famoso bordel do romance de Jorge Amado, Gabriela cravo e canela. O romance ganhou notoriedade através da novela homônima de enorme sucesso em ambos países na década de 70 e teve uma refilmagem recentemente lançada no Brasil pela Rede Globo.

Copos, corpos e afetos

Partirei de dois exemplos etnográficos – das observações realizadas no Bar da Kikas e no Bar da Tina e das narrativas das meninas que lá trabalham sobre suas patroas – para dar continuidade ao debate a respeito do cuidado, abordado no capítulo 2, mas agora sob uma outra perspectiva: a das relações laborais que se desenvolvem através do uso da metáfora da família. São relações estruturadas em torno de noções genderizadas de cuidado e ajuda, nas quais a figura feminina da autoridade – proprietária e gerente, respectivamente, nos casos aqui apresentados – busca sua legitimação através de sua aproximação da figura da mãe, ou seja, aquela que cuida, controla e protege.

2. “Fazemos dessa casa de alterne um pequeno mundo de coração aberto”: A casa da mãe Kikas

Logo no início da minha pesquisa de Doutorado, quando vasculhava a internet em busca de qualquer informação sobre os bares de alterne em Portugal, me deparei com uma longa reportagem de TV, produzida e emitida pela SIC, sobre um conhecido bar de alterne localizado no Vale do Santarém. A reportagem, de quase 40 minutos de duração e intitulada *A casa da mãe Kikas*, trazia algumas cenas do cotidiano do bar, entrevistas com as mulheres que lá trabalham, com a proprietária e com alguns moradores da região.

A partir de então, realizei várias tentativas de contato com a Kikas mas nunca obtive resposta. Ao tentar combinar com o João, meu principal informante, de fazermos uma visita ao bar, ele me desencorajou dizendo que o estabelecimento não tinha nada a ver com os bares de alterne que eu procurava abordar e que tratava-se de um bar de prostituição “barra pesada”. Quase um ano depois do início das tentativas de contato, eu recebi, pelo Facebook, uma resposta a uma das mensagens enviadas ao perfil do bar, que tem o nome de sua proprietária, Maria da Conceição da Costa, a famosa Kikas.

Depois de algumas mensagens trocadas, nas quais eu expliquei cuidadosamente do que se tratava a minha pesquisa, consegui, finalmente, marcar uma visita ao bar e uma entrevista com Kikas.

Cheguei ao Vale de Santarém, freguesia do concelho de Santarém ao Norte de Lisboa, após aproximadamente 50 minutos de comboio da capital. A estação estava totalmente erma, assim como tudo mais à volta. Há alguns metros era possível avistar umas poucas casas que dividiam a paisagem com terrenos baldios esquecidos pelo tempo e colonizados pelo mato que crescia sem pedir licença. Tal paisagem silenciosa emanava uma impressão profunda de abandono. Eram quase 5hs de uma tarde fria e escura e um senhor de idade era a única pessoa que, além de mim, havia descido do comboio naquela estação. Me aproximei do tal senhor e perguntei-lhe se ele sabia aonde eu poderia apanhar um taxi. Ele me perguntou para onde é que eu estava indo e eu disse-lhe: vou para o Bar da Kikas (já sabendo que o bar é famoso por toda a região). O senhor mudou o semblante, abriu um enorme sorriso e se aproximou bastante, o que me deixou razoavelmente desconfortável, e disse: *“ah, o Bar da Kikas, eu conheço, já lá fui. Há muitas meninas que chegam aqui e vão trabalhar pra lá”*. Seguidamente me perguntou se eu ia trabalhar lá, acrescentando que muitas meninas brasileiras, como eu, chegam todos os dias no Vale de Santarém a fim de se dirigirem ao bar. Eu pensei que seria inútil e desnecessário dizer que não, que estava ali para um trabalho de campo de uma pesquisa antropológica, até porque eu tinha pressa em chegar ao bar. Limitei-me a consentir e perguntei-lhe novamente sobre o taxi. Ele me mostrou um número escrito à mão num pequeno pedaço de papel colado na parede da paragem do comboio. Eu liguei para o número e pedi o taxi. O senhor ficou ao meu lado, metendo conversa, até o taxi chegar, uns cinco minutos depois da ligação. Entrei no taxi e ouvi a mesma conversa: *“O Bar da Kikas? Conheço sim, muitas meninas chegam aqui para trabalharem lá.”* Ele me deu um cartão com seu número para quando eu precisasse. Mais uma vez não disse a razão da minha presença ali, deixando que ele pensasse que sim, estava ali para trabalhar no Bar da Kikas, como as muitas meninas brasileiras que ali chegam todos os dias.

Vale de Santarém me pareceu um vilarejo fantasma. Algumas casinhas, comércio quase inexistente, ninguém nas ruas. Chegamos ao bar, o carro entrou por um portão que dava para uma área de estacionamento. Despachei o taxi e liguei à Kikas. Segundos depois, um funcionário abriu a porta e, muito educadamente, me pediu que o acompanhasse. Entrei no bar. Um salão razoavelmente grande e, ao meio, um palco baixo com dois varões. Um balcão de bar atravessava todo o canto direito do salão. Alguns neons apagados, sofás brancos contornando o salão e encostados às paredes e, de frente para os sofás,

Copos, corpos e afetos

pequenas mesas. Havia ainda dois palcos mais altos encostados também às paredes que, mais tarde, vim a saber que eram palcos para diferentes espetáculos: O menor, ao canto, era para o show de espuma (a *stripper* dançava na espuma que saía por um cano e escorria por um pequeno ralo), e o outro palco, que parecia uma espécie de estábulo de madeira, para shows diversos.

Seguindo o funcionário, atravessei todo o salão e entrei por uma porta aos fundos, que fica fechada durante o horário de funcionamento do bar, e que dava para um amplo refeitório (uma cozinha e duas longas mesas coletivas) e um pequeno *hall* com sofás, uma mesa de centro e uma televisão plana fixada à parede. Kikas estava sentada no sofá e conversava com uma mulher que tinha vários papéis na mão. Do outro lado do sofá, estava um rapaz com ar entediado. Ela se levantou e veio me cumprimentar com alguma dificuldade em caminhar (havia passado recentemente por uma cirurgia na perna e estava a se recuperar). Pediu-me para que aguardasse um pouco porque ela estava a resolver uma questão e me convidou a sentar no sofá próximo a ela e aos demais.

Eles conversavam a respeito dos eventos beneficentes que são realizados no Bar. O evento em questão era a arrecadação de doações em pequenas quantias de dinheiro (1 euro) de cada cliente. Ao cliente que faz a doação é oferecida a sua terceira bebida grátis. A mulher que conversava com Kikas havia postado na página do *Facebook* do bar o valor errado das doações e isso poderia acarretar problemas contabilísticos e também problemas com a confiança dos clientes. Não consegui perceber os detalhes, mas ficou claro que Kikas estava a chamar a atenção da mulher por um erro que ela cometera.

Ela então despachou a mulher (que estava constrangida e pedia desculpas repetidamente) e mandou que o rapaz se sentasse no outro sofá para que eu pudesse me sentar perto dela. Ela perguntou o que eu queria exatamente. Disse-lhe que eu era Antropóloga e, quando ia explicar sobre o que era a minha pesquisa (normalmente as pessoas não sabem o que é Antropologia), ela me interrompeu dizendo: “*não precisa me explicar o que é Antropologia, eu trabalho com isso agora mas tirei dois títulos na Universidade!*” (Notas de campo, Novembro de 2013)

A entrevista durou quase três horas. Falamos sobre o funcionamento e a rotina do Bar, seu relacionamento com as meninas, o trabalho das mesmas, sobre o fato de ser mulher e dona de um bar de alterne, sobre sua opinião acerca da prostituição, dos

Copos, corpos e afetos

clientes, etc. O que me chamou a atenção desde o início foi a forma como Kikas intercala uma performance mais autoritária, de força e robustez enquanto mulher que está a frente de um grande e bem-sucedido empreendimento e, ao mesmo tempo, a performance afetuosa, voltada para o cuidado e a solidariedade enquanto mulher responsável por dezenas de empregadas mulheres, muitas delas oriundas de contextos marcados pela precariedade econômica e exclusão social. São duas facetas que se assentam num papel feminino facilmente reconhecido por todos: o papel de mãe, da “mãe Kikas”.

Não pense que as casas são todas iguais. A única casa que consegue ter um ambiente familiar e limpar a mente das mulheres é esta. E isso porque eu tenho aqui muito trabalho e você viu a maneira de nós trabalharmos, a maneira como eu falei com elas, ao ponto que elas me chamam “mãe”. Então é como se eu fosse o pilar delas em Portugal. É complicado, muito complicado... (Kikas)

Eu perguntei o que ela queria dizer com “limpar a mente das mulheres” e ela me explicou:

O limpar é o psicológico. Ou seja, ter o cuidado de falar com elas. Abrir-lhes a mente para esta vida que não presta. Pensarem porque estão na prostituição ou numa casa de alterne. Pra mim alterne e prostituição é a mesma coisa, porque basta o cliente ter dinheiro que elas vão atrás do dinheiro. Limpar a mente delas quer dizer abrir a cabeça delas, para não estarem nessa vida e gastarem dinheiro em coisas sem nexos. É melhor estarem nessa vida para comprar uma casinha e poderem fazer as coisinhas delas, dar um melhor futuro aos filhos para depois saírem rapidamente dessa vida (Kikas).

Quando a entrevista com Kikas chegava ao fim, uma das meninas que trabalha no bar veio perguntar-lhe algo e Kikas foi logo introduzindo-a na conversa como forma de comprovar as coisas que havia acabado de me dizer. Ana, portuguesa de 25 anos, alterne e stripper da casa, sentou-se no sofá próximo a nós com um ar muito tímido. Ela ouvia o que Kikas falava e confirmava balançando a cabeça pra cima e pra baixo.

Copos, corpos e afetos

Dizes aqui pra ela como foi que chegaste aqui e como tua vida melhorou depois que veio trabalhar pra cá. Contas pra ela que já tem até um dinheirinho guardado porque a mãe fica a controlar-te o dinheiro, contas... Ela não tinha nada, nada antes de chegar aqui, andava toda perdida na vida... Ela não tem ninguém, não tem família, e agora tem a nós aqui e tem a mim a dar-lhe nos cornos, a chatear-lhe a cabeça, mas ela sabe que tudo o que eu faço é para o bem dela, não é filha? Eu tive que entrar no íntimo dela e ajudar-lhe a juntar dinheiro, a controlar suas economias. E o álcool também eu tenho que controlar porque ela bebe muito, mas agora já está bem melhor (Ana continua concordando em silêncio e sorrindo timidamente para Kikas). E por muitas vezes consolei-a em situações em que ela estava a chorar... Ela chegou aqui toda tímida, parecia um animal assustado, mas hoje eu digo com muito orgulho que a Ana é uma das melhores *strippers* que eu tenho! (Kikas)

Neste momento Kikas se ausentou para ajudar a auxiliar de cozinha a finalizar o jantar. Kikas é quem toma conta pessoalmente do preparo do jantar, todas as noites. Mas quando ela está muito ocupada ou com convidados, como foi o caso, ela deixa o jantar nas mãos de sua auxiliar mas sempre acompanhando seu trabalho de perto. Aproveitei então para conversar um pouco com Ana que me contou um pouco sobre sua vida e sua chegada no bar da Kikas. Ela contou que está “nesta vida” desde os 17 anos, mas que se sente muito melhor no bar da Kikas e que deveria ter ido trabalhar pra lá desde sempre. Sobre os outros bares onde havia trabalhado, ela disse que já teve muitas más experiências com clientes, patrões e colegas e que nunca tinha com quem contar e que portanto sentia-se sozinha e vulnerável. Disse também que estava a beber demasiadamente.

Eu tinha que beber para trabalhar, só conseguia trabalhar assim... E bebia muito, todos os dias. E quando cheguei aqui eu ainda bebia muito, era um hábito. Mas a Kikas começou a controlar-me e eu aprendi que não preciso estar bêbada para trabalhar, que é o contrário, que é melhor estares consciente e isso eu aprendi com ela. (...) Ela é como uma mãe mesmo e aqui eu sinto-me protegida como nunca senti antes.

Ana me contou ainda que nunca havia conseguido guardar dinheiro e que

Copos, corpos e afetos

sempre gastava tudo em coisas sem importância. Mas, desde que está a trabalhar no bar da Kikas, há apenas 4 meses, já conseguiu juntar 3 mil euros. “Eu nunca tive uma quantia de dinheiro assim, nunca tinha sido capaz. É difícil, claro, mas a Kikas não me deixa gastar o dinheiro com coisas inúteis e agora eu quero guardar pra poder comprar uma casa”, diz. Ana não tem conta bancária, ela recebe suas comissões e dá uma parte à Kikas para que ela guarde o dinheiro. Elas fazem o controle manualmente, em um papel, onde anotam os valores. Kikas mantém o papel em sua posse e Ana toma notas num caderno pessoal. Obviamente não pude deixar de pensar que essa ajuda na verdade pode ser bem vantajosa para Kikas uma vez que, fazendo o papel de conta poupança das meninas, ela certamente possui maneiras de capitalizar este dinheiro.

É exigência da casa que todas as meninas estejam presentes à hora do jantar, que ocorre às 20 horas. Antes de se dirigirem às mesas, as meninas se organizam em fila para pegarem os pratos servidos por Kikas e a auxiliar de cozinha. Kikas não quis que eu ficasse na fila com o restante das meninas. A mim foi reservado um lugar na mesa, bem próximo ao dela e de seu companheiro, com quem vive há muitos anos e que a ajuda na administração dos negócios.

As meninas que manifestaram pouco apetite, pedindo menos quantidade de comida ou recusando a sopa ou algum acompanhamento, tiveram que se justificar à Kikas, que acompanha tudo atentamente. “Só vais comer isso? Tas de ressaca ou o quê? Tens de te alimentar bem. Então anda lá, comas uma fruta” são frases que ouvimos de Kikas durante todo o jantar.

O jantar era bem farto. Havia uma sopa de peixe com massa e, de prato principal, havia carne de porco, arroz, batatas e salada de folhas, tomate, cebola e cenoura ralada. Para sobremesa foi servido um bolo de chocolate. Maçãs e bananas estavam à disposição de quem quisesse. Algumas garrafas de refrigerantes e sumos foram distribuídas pelas mesas e as meninas podem servir-se a vontade delas. Durante o jantar pude falar um pouco mais com a Kikas e seu companheiro e com dois empregados do bar que sentaram-se por perto. Em relação às meninas, pude perceber que a minha presença causava diferentes reações: olhares curiosos e indagativos ou uma indiferença absoluta. Ao fim do jantar, cada um lava a louça que utilizou.

Copos, corpos e afetos

Havia duas meninas, de países do leste europeu, conversando enquanto lavavam sua louça. Eu e Kikas ainda estávamos à mesa. Kikas fez um comentário sobre as meninas que conversavam, dizendo algo como: “*essas polacas falam como uma matraca*”. Uns dois minutos depois, ela deu um grito que ecoou na sala assustando a todos: “*Tas calada, pa!*”. Creio que as meninas que conversavam só compreenderam que o grito era com elas porque a Kikas deu sequência ao grito dizendo que elas falavam muito e muito alto e que isso era falta de educação. Eu fiquei completamente surpresa e um bocado constrangida com esta cena, principalmente porque, de onde estávamos, a conversa das meninas mal chegava aos nossos ouvidos. Entretanto, compreendi imediatamente do que se tratava: parecia-me uma reiteração de sua posição de poder. Tratava-se de mais uma das mensagens que objetivava mostrar à mim e às meninas que todos os afetos e os laços criados naquele espaço não neutralizam a hierarquia e a autoridade de Kikas que deve ser respeitada, lembrada e, em último caso, temida.

Kikas, em nossas conversas e também em suas falas na referida reportagem da TV, evoca constantemente sentimentos maternos e familiares em relação as meninas, como quando disse que tem um coração grande, que respeita muito as meninas enquanto seres humanos e de que as relações entre ela, as meninas e os funcionários são como a de uma grande família. As relações sentimentais e de cuidado se sobrepõem frequentemente às relações laborais, ao mesmo tempo em que sua verticalidade também é reiterada com frequência, como ilustrou o caso do grito à mesa de jantar. Ou seja, é uma relação de poder que assenta numa noção de solidariedade obscurecendo o caráter profissional e impessoal e encontrando legitimidade e expressão na metáfora da família. Como nesta parte da entrevista:

Chegou aqui uma vez uma menina que estava doente, com um problema nos rins. Levei-a imediatamente ao hospital, ela fez os exames e tinha de ser operada. Como eu não tinha tempo de estar com ela a tempo integral no hospital, fizemos um esquema de revezamento entre nós e ela nunca esteve um minuto sequer sozinha ao hospital. As meninas iam sempre a duas e depois chegavam mais duas para substituí-las e assim sucessivamente até ela sair do hospital. (...) Agora que eu fiz essa cirurgia na perna, as meninas foram todas me visitar e telefonavam sempre,

Copos, corpos e afetos

até as meninas que já não trabalham mais comigo telefonaram para saber notícias. (...) Mas é o que eu sempre digo, se tenho tudo o que tenho hoje eu agradeço a elas. Porque trabalhamos todas juntas, apoiamo-nos umas às outras. E se vejo que algum homem, cliente, está a abusar eu sou capaz de a defender como um homem.

Ao falar do funcionamento das casas e, sobretudo, do que as meninas pagam para lá viver, Kikas lança mão de um discurso que evoca solidariedade e altruísmo ao afirmar, repetidas vezes, que o aluguel dos quartos é barato e que se trata quase de um favor ou benefício oferecido a elas. O que elas pagam para lá viver – 40 euros por dia –, segundo a Kikas, é um sistema vantajoso para elas porque elas tem o que comer e “quem cuide delas”. Ela alega ainda que o que lucro que a casa faz é mínimo em vista de todos os impostos que ela deve pagar e de todo o trabalho que tem na administração do estabelecimento, ao contrário das meninas que “não precisam se preocupar com nada”⁴.

2.1. Sobre funcionamento, serviços e relações laborais

Trabalham no bar por volta de 40 meninas – esse era o número aproximado na época da minha visita – mas há uma grande rotatividade que leva a uma oscilação constante deste número, como acontece também em outros bares visitados. A maioria é brasileira, mas há também significativa presença de mulheres portuguesas, o que não é muito comum nos bares em Lisboa. Há também bastante mulheres de países do leste europeu e uma quantidade menos expressiva de angolanas e cabo-verdianas.

Todas as meninas que chegam para trabalhar no bar pela primeira vez são imediatamente apadrinhadas por uma colega com mais experiência. Kikas é quem define quem vai ser a madrinha e cabe a esta dar todas as orientações sobre o funcionamento da casa e as regras de conduta, assim como também ajudar no que for

4 As aspas aqui indicam frases transcritas exatamente com as mesmas palavras as quais foram ditas.

Copos, corpos e afetos

preciso, dar apoio moral e emocional e integrar a nova colega junto as outras meninas da casa. São dinâmicas que reproduzem uma espécie de estrutura de parentesco e que, ao mesmo tempo em que aliviam o compromisso da Kikas nesse aspecto, atribuem funções a todas as madrinhas criando uma rede de responsabilidades que promove a coesão e a integração entre colegas.

Desta forma, o funcionamento da casa e das relações entre as colegas, e entre estas e Kikas, não se dá por meio de funções laborais definidas e hierarquizadas, mas, pelo contrário, por intermédio de identidades sociais baseadas no parentesco.

O bar abre as 5 da tarde e só fecha por volta das 5 da manhã, dependendo do fluxo de clientes. Espera-se de todas as meninas que elas estejam no salão, prontas para o trabalho, entre as 10:30 e 11 da noite, sendo facultativo o trabalho antes desse horário. Entretanto pude perceber que, antes das 10 da noite, a presença dos clientes é quase inexistente e os que aparecem normalmente estão a procura apenas de fazer programas e não de beber copos, dirigindo-se diretamente aos quartos após breves contatos com meninas que ali estão neste horário. Cláudia, uma das brasileiras com quem conversei e que trabalha na Kikas fazendo programas, me disse que gosta sempre de aparecer no salão mais cedo, entre as 5 e as 8 da noite, porque há menos meninas trabalhando e, portanto, menos concorrência. Ela disse ainda que gosta dos clientes diurnos porque eles vão direto ao ponto, o que faz o trabalho mais rápido e lucrativo.

Se a casa não estiver cheia as meninas têm relativa liberdade para se recolherem aos quartos antes do bar fechar. No entanto, se não estiver próximo do encerramento da noite, elas devem comunicar a Kikas. São pouquíssimas as meninas que não vivem nos quartos alugados no residencial da Kikas. Elas pagam uma diária de 40 euros, como foi dito, que inclui as roupas de cama, o serviço de limpeza e o jantar.

Kikas diz não interferir na escolha das meninas sobre o tipo de serviço que querem oferecer. Há as mulheres que só bebem copos, as que só dançam (*strippers*) e bebem copos e as que, além dos copos, oferecem serviços sexuais em seus quartos no residencial. Não há nenhum tipo de comissão que deve ser paga à casa no caso dos programas, e os valores são estipulados pelas próprias meninas e tratados diretamente

Copos, corpos e afetos

entre elas e os clientes – segundo Claudia, o preço varia de 35 a 50 euros por 30 minutos de programa. Nas bebidas, elas ganham 50% de seu valor, como é habitual na maioria dos bares de alterne.

As mulheres na minha casa são livres. Entram a hora que querem, bebem o que querem. Se querem ter a companhia feminina ou masculina das pessoas que as acompanham, elas têm, mas se não quiserem companhia nenhuma também, eu não tenho nada a ver com isso. Eu só alugo os quartos, o que elas lá fazem ou deixam de fazer é problema delas. (Kikas)

No entanto, testemunhei um acontecimento que acabou por apontar uma incoerência entre o discurso de Kikas e a realidade. Um cliente estrangeiro de Claudia lhe propôs de passar a noite com ele no hotel em que estava hospedado, o que lhe renderia um bom dinheiro. Ela foi conversar com Kikas para saber se ela poderia aceitar tal proposta, uma vez que isso significava sua ausência no bar pelo resto da noite. Claudia teve permissão da patroa para sair, mas, segundo o que a primeira me contou, ficou acordado entre as duas que uma porcentagem do programa seria entregue à casa, algo por volta dos 35 euros.

O residencial é composto de pequenos quartos com mobília simples – cama, aparador e, em alguns casos, uma pequena secretária com uma cadeira – e uma pequena casa de banho com sanita e chuveiro. Há um sistema de arrefecimento central que é ligado, no inverno, a partir das 11 da noite. A limpeza e a reposição de papel higiênico é feita diariamente por funcionários da casa e as roupas de cama são lavadas numa lavanderia com máquinas industriais no próprio local. Tive a oportunidade de conhecer os quartos e, em termos de higiene, eles me pareceram impecáveis. Em termos de conforto, pode-se dizer que se reduz ao estritamente necessário. Contudo, a atmosfera é a mesma de uma pensão popular à beira da estrada, com um ar de alojamento provisório, frio e impessoal.

Trata-se contudo de um empreendimento bastante lucrativo, pois, para além do consumo no bar e das bebidas superfaturadas que podem ser oferecidas às meninas em troca de sua companhia, são aproximadamente 40 mulheres a pagarem, todos os dias, 40

Copos, corpos e afetos

euros para lá se hospedarem. A vantagem para as meninas está no sentimento de segurança que a estrutura do lugar oferece, no fluxo considerável de clientes que a casa recebe todos os dias e na atmosfera familiar e de cuidado que a Kikas procura manter.

2.2. O modelo familiar enquanto normatizador dos espaços de sociabilidades

Diferente da organização predominante em boa parte das empresas modernas cujo eixo central é a divisão de tarefas e poderes que constituem a burocracia, o que garante a coerência e eficiência no bar da Kikas é a estrutura organizacional baseada em uma metáfora de família. No entanto, trata-se de um sistema que interliga aspectos como afetividade, cuidado e racionalidade econômica, ainda que aos dois primeiros seja dada uma maior ênfase simbólica e ideológica – tal como expressa o comentário de Kikas sobre o fato do patrão homem tratar as meninas como máquinas e ela como seres humanos. Neste sentido, a figura da autoridade se assemelha muito mais a uma figura materna do que a figura do patrão.

É uma lógica que, na esteira das discussões apresentadas no segundo capítulo, que tratou do cuidado transnacional, vai ao encontro das noções convencionais de gênero e do fato dos padrões e dos tipos de trabalho desempenhado pelas mulheres serem fortemente influenciado pela posição que elas ocupam na família e que lhe são culturalmente atribuídos. Para além disso, é preciso lembrar que, em termos ideais e simbólicos, a associação dos homens aos negócios e das mulheres à família continua a ser algo bastante valorizado, o que contribui para que a incorporação da linguagem da família seja naturalizada em negócios onde patroa e empregadas são mulheres.

Em uma pesquisa sobre a Polícia de Segurança Pública portuguesa, Susana Durão reflete como a ideia de família é incorporada enquanto meio de suborganização social dos grupos dentro da instituição. Ela observou que as relações interpessoais entre policiais em formação e oficiais imitam a estrutura parental de forma a permitir que laços de solidariedade sejam criados entre eles. Além disso, Durão aponta para o papel

Copos, corpos e afetos

central que o gênero assume nessas relações. A autora nota que “as mulheres, baseando-se em valores que no contexto se associam à feminilidade, são sobrevalorizadas como elementos agregadores, aspecto central na construção do sentido de 'corpo' profissional.” (Durão 2004, pp. 58–59).

O fato de Kikas se encarregar pessoalmente do preparo do jantar é bastante simbólico e adquire um significado surpreendente à medida que alimenta não somente os corpos que ali comem mas também as identidades e os sentimentos de pertença que ali se criam. O que poderia ser visto apenas como um serviço incluído no valor da hospedagem se transforma num ritual mais complexo que evoca a capacidade de nutrir (*to nourish*), elemento central nas práticas de cuidado entre mães e filhos, reificando a posição maternal de Kikas. Sobre o ato genderizado de alimentar como um ato de cuidado, Collier; Rosaldo e Yanagisako (1997, p. 77) observaram que

What is evoked by the word nurturance is a certain kind of relationship: a relationship that entails affection and love, that is based on cooperation as opposed to competition, that is enduring rather than temporary, that is a noncontingent rather than contingent upon performance, and that is governed by feeling and morality instead of law and contract.

Trata-se de um ato aparentemente corriqueiro que, colocado numa posição especial e repetido diariamente, exerce uma função mais abrangente que é a de, através da metáfora de família, reforçar o protagonismo da ideologia do cuidado sobre as formas ditas “frias” das relações entre empregados e empregadores.

A linguagem da família, do cuidado e da solidariedade é uma linguagem facilmente reconhecida por todos e que transmite uma sensação de conforto e segurança. Mesmo em instituições ou empresas modernas e de grande porte é possível identificar a promoção de valores, princípios e normas de conduta que estão associados ao ideal de família, tais como solidariedade e união.

Ao analisar grandes empresas familiares em Portugal, Antónia Pedroso de Lima observou que

A família torna-se um modelo ideal de acção, amplamente visível em múltiplas dimensões do universo dos negócios. Um conjunto de

Copos, corpos e afetos

valores que se devem seguir e que expressam uma ideia de confiança e honestidade que, por sua vez, é transposta do universo das solidariedades primárias para o mundo dos negócios (Lima 2003, p. 143).

Nos casos aqui abordados, a família como modelo de ação torna-se ainda mais evidente na medida em que trata-se de um contexto povoado por mulheres que estão, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade, exclusão e marginalidade.

Contudo, o ideal hegemônico de família, enquanto uma rede de solidariedade incondicional baseada sobretudo na afetividade e em sentimentos nobres, tais como a solidariedade, a cumplicidade, o apoio mútuo, o cuidado enquanto forma de se expressar o amor, acabam, muitas vezes, por camuflar as desigualdades e verticalidades intrínsecas ao funcionamento e coesão de uma estrutura organizacional complexa. Neste sentido, pude observar que a ideologia do cuidado e da ajuda mútua, ao reduzir as obrigações contratuais e a ênfase nos direitos e deveres do empregado e do patrão, favorece o surgimento de algumas opressões silenciosas, sobretudo no que diz respeito a legitimação da autoridade inquestionável da figura da mãe mesmo quando alguns direitos estejam em jogo.

Durante a observação e através das narrativas de Kikas e das meninas foi possível perceber algumas opressões que escapam à camuflagem proporcionada pela linguagem da afetividade parental, assim como também algumas incoerências entre discurso e realidade, como foi o caso da Cláudia com seu cliente estrangeiro ou mesmo da prática de guardar o dinheiro das meninas.

Por outro lado, foi possível perceber também que a atenção e o afeto que Kikas dirige às meninas e que a sua disponibilidade, quase a tempo integral para responder a variados anseios, parecem ter um impacto muito positivo na vida das mulheres que lá trabalham, sobretudo no que diz respeito a reconfiguração de suas identidades. São notáveis os discursos de emponderamento feminino nas interações de Kikas com as meninas, sobretudo através da promoção frequente de sua autoestima, da valorização de si e do encorajamento às escolhas pessoais. A comunicação parece ser elaborada cuidadosamente no sentido de fazer com que as meninas sintam orgulho de suas

Copos, corpos e afetos

identidades, de seu trabalho e de suas vidas.

É o que eu sempre digo às meninas, elas precisam ter amor-próprio e não devem nunca baixar a cabeça para preconceitos, não podem nem mesmo aceitar comportamentos assim de ninguém, nem pensar. As mulheres da noite devem sentir orgulho e nunca vergonha daquilo que fazem. Não devem ter vergonha porque se hoje elas estão aqui é porque a vida e a sociedade as colocaram nesse lugar. Elas não nasceram altones, elas não nasceram prostitutas, mas a vida as levou a isso. E se a vida as levou a isso, elas tem que tirar o maior proveito possível. Aquilo que elas angariaram, aquilo que elas tem é delas. O que elas buscam é ser independentes, ter uma vida melhor e poder dar uma vida melhor aos filhos e não tem nada de errado nisso (Kikas).

O processo de empoderamento não se encerra nos discursos e nas interações entre patroa e empregadas, mas engloba também práticas laborais promovidas no bar. As meninas são encorajadas em participar de forma ativa no entretenimento oferecido pela casa, elas podem sugerir festas temáticas, shows e performances, assim como participar na elaboração dos mesmos.

Além disso, há ainda uma ênfase muito importante na visão da atividade enquanto trabalho, o que favorece e amplia o sentimento de dignidade das mulheres que lá estão em relação ao que fazem.

3. Tina, *the Mama*.

Você já viu aquele filme, Chicago? Então, lembra da personagem que é a carcereira da prisão das mulheres? A *Mama*? Pois é, a Tina é a *Mama* aqui do bar “*When you're good to mama, mama's good to you*”, cantarola Jéssica, lembrando a música do filme que é o tema da tal personagem.

Interpretada pela atriz Queen Latifa no filme norte-americano *Chicago*, *Mama*

Copos, corpos e afetos

Morton é a carcereira de um presídio feminino, uma personagem de caráter ambíguo e duvidoso. Ela convertia a sua capacidade de ajudar e conseguir favores para as detentas em barganhas lucrativas. Sua ambiguidade está precisamente no fato de seu oportunismo – aproveitar-se da vulnerabilidade e necessidade de ajuda das presas fazendo o uso de sua autoridade e poder em benefício próprio – caminhar ao lado de sua disponibilidade e capacidade de cuidar das detentas. Além disso, seu poder no presídio fazia com que ela fosse muito temida e, ao mesmo tempo, respeitada e amada por todas. Talvez seja dessa sobreposição de autoridade e afeto, medo e respeito, que venha seu nome de *Mama*, por fazer uma referência à figura da mãe. Pode ser que no filme essa não seja a razão de seu nome, mas era certamente a razão da analogia que Jéssica faz entre Tina e a personagem.

Tina é uma mulher na faixa dos 50 anos, nascida em Angola e que vive em Portugal há mais de 25 anos. Ela é divorciada, tem um filho já adulto e trabalha como gerente de um bar de alterne há mais de 15 anos. Corre, entre as meninas, o boato de que ela é amante do proprietário desde muito tempo, e que ela havia se tornado gerente depois que eles começaram a se relacionar sexual e afetivamente porque ele tinha ciúmes dela a beber copos com clientes. No entanto, não se sabe muito sobre sua vida pessoal. Ela não é muito de falar de sua própria vida e não quis me dar entrevista, embora tenha tido a chance de conversar com ela algumas poucas vezes.

Todas as noites Tina abre o bar, supervisiona a limpeza, a logística das bebidas – ela é quem se encarrega do contato com os fornecedores –, supervisiona a chegada das meninas e controla seus horários – ela é rígida em relação a isso e multa as meninas que chegam em atraso, assim como chama atenção das meninas que demoram demasiadamente para se maquiar e ficar prontas –, e, por fim, é também encarregada do pagamento do cachê mínimo ao final de cada noite e do restante das comissões ao final de cada semana.

A gerente tem uma postura ambígua que transita entre o autoritarismo e a cumplicidade com as meninas do bar, como ilustra esta conversa que tive com Carol:

Carol: *Ela é brava e tem esse jeito assim meio grossa, de pavio curto, mas quando a gente precisa de alguma coisa, um adiantamento ou se está com algum problema a gente pode falar com ela numa boa, ela ajuda. Mas se ela ficar com raiva de alguma coisa, se alguma menina faz qualquer coisa que ela não gosta, sai de baixo!* Eu: *E o que ela faz quando alguém faz algo que ela não gosta?* Carol: *Ela marca a pessoa e aí é um inferno.* Eu: *Você se lembra de algum exemplo?* Carol: *Uma vez ela ficou com raiva da Marta e ficou pegando no pé dela. Ela deu multa pra ela porque ela chegou uns minutos atrasada e o pior nem foi isso... O pior é que ela mandou uma menina nova num cliente antigo dela e ela perdeu o cliente, coitada. E ela fez de propósito, certeza!* Eu: *E o que a Marta havia feito?* Carol: *ela foi umas noites trabalhar no Tesouro (outro bar concorrente), só que ela tinha falado que não veio porque tava doente, mas a Tina ficou sabendo, ela fica sabendo de tudo! Mas também tem muita fofoca, tem muita menina que fica de 'X9', contando tudo pra Tina só pra puxar saco, sabe?* Eu: *Mas ela ficou com raiva porque a Marta foi trabalhar em outro bar ou porque ela mentiu?* Carol: *As duas coisas, mas ela fica uma fera com as meninas que vão trabalhar em outros bares...* Eu: *Ela já ficou brava com você?* Carol: *Não, só coisa boba, sem importância... Uma vez ela ficou brava porque eu e a Luana saímos pra jantar com dois clientes e não viemos depois pro bar, saímos com eles pra beber e dançar e a Tina ficou sabendo... Aí quando chegamos no dia seguinte ela tava com aquela cara! E chamou a gente pra conversar e ralhou até com a gente.* Eu: *Ela não gosta que vocês saiam com clientes?* Carol: *Não, não é isso, ela não liga, ela gosta que a gente saia com clientes sim, ela até as vezes empurra algumas meninas pra sair com clientes, mas ela quer que a gente venha com os clientes pra cá depois, pra beber aqui, tá a ver?* Eu: *Ah, pros clientes gastarem aqui e darem lucro para o bar?* Carol: *Sim, então, ela não liga das meninas que saem com os clientes delas e pode até acontecer de faltar pra estar com um cliente, mas ela tem sempre que fazer o cliente aparecer no bar, tipo várias vezes no mês, nem que seja só pra beber uma garrafinha de vez em quando, mas tem que vir. Quando eu estava saindo com o Giovani, por exemplo, ele sempre queria me ver só lá fora e eu preferia também, mas ela desconfiou uma vez que ele estava em Lisboa e não apareceu no bar e eu faltei trabalho na mesma época. Eu vi*

Copos, corpos e afetos

logo que ela não tinha gostado e depois sempre pedi para ele ir lá de vez em quando, tinha que ser. Você pode reparar que os clientes fixos sempre vão, pelo menos umas duas, três vezes no mês...Tem cliente que só quer encontra lá fora, claro, e eles até oferecem de pagar nossa comissão, pra gente não ter que beber álcool e essas coisas. Mas não dá, tem que ser assim porque se não ela (a Tina) desconfia, vê que o cliente não vem mais e começa a ficar de marcação. E ela tem o telefone de vários clientes, ela conversa com eles e fica sabendo de tudo. Lembra daquela menina que trabalhava lá, uma moreninha, baixinha, com um cabelo liso, brasileira também?A Fernanda?(...) Então, teve um cliente da casa que começou a sair com ela e parou de vir no bar, e era um cliente muito bom, cheio da guita... A Tina ficou desconfiada e descobriu que a menina tava encontrando o cliente lá fora e então ela mandou a menina embora... E o pior é que depois de um tempo o cliente voltou a aparecer no bar, ou seja, a Tina deve ter dado um jeito de queimar o filme da menina, inventado alguma coisa, sei lá... Na época a gente até ficava fazendo farrá, tentando descobrir o que a Tina tinha falado com o cliente, tipo que ela era fufá (Lésbica), que ela tinha doença, que ela tava corneando ele... E a gente falava isso com ela (com a Tina), mas ela só ria e não contava pra gente... Eu: E ela já te ajudou de alguma forma? Carol: Sim, ela me deu contrato duas vezes que precisei renovar minha residência no SEF e o ultimo contrato ela me deu sabendo que eu tava grávida e que então eu não ia poder trabalhar muito mais tempo, né? Mas mesmo assim ela me deu e eu tive todos os benefícios, ainda bem porque me ajudou muito. Mas eu nunca dei problema pra ela, né?(Carol)

A propósito do maior distanciamento entre as meninas e o patrão que, as vezes, pode trazer um sentimento de limitação e vulnerabilidade, Luana me contou de um problema que ela teve no primeiro bar em que trabalhou.

Eu tive um problema com umas meninas que trabalhavam lá... Eu me sentei, numa noite lá, com um cliente que já era cliente de outra, mas eu não sabia. Eu até já tinha visto o tal cliente com a tal menina, mas não sabia que era assim cliente fixo, sabe? Eu era nova lá e não tinha ainda guardado a cara dos clientes e não

sabia quem era cliente de quem. E aí, quando eu sentei com esse cliente, ninguém me avisou que ele era cliente da outra menina. E ela tinha faltado essa noite. Acontece que essa menina era irmã da Andreia, uma das meninas que eu tinha me aproximado mais, a gente já tinha até saído juntas pra balada algumas vezes, eu considerava ela como uma amiga... e a coisa então ficou pior porque a irmã dela já tava meio enciumada da gente... Parece que ela é bem possessiva, sei lá... E ainda teve outro detalhe: essa irmã da Andreia era fufa (lésbica) e tinha um caso com a Ana, que também tinha ficado minha amiga. “Amiga” assim, né? Colega próxima, sabe? Então, sei lá, ela ficou com ciúmes... E depois ainda sento com o cliente dela, aí danou-se! (risos) Só que o tal cliente gostou muito de mim, me pagou champanhe a noite inteira e ficou no maior chamego, queria meu telefone e essas coisas... Mas aí todo mundo me viu lá com o cara, né? A fofoca correu rápido e na noite seguinte nenhuma das meninas conversava comigo, inclusive a Andreia. Eu cheguei na casa de banho pra me trocar e todas meio que viraram a cara pra mim e eu fiquei sem entender nada. Ninguém dizia nada e eu fui praticamente isolada de todo mundo. Como eu não gosto de coisa mal resolvida, na noite seguinte eu passei na casa da Andreia pra conversar com ela e tentar saber o que se passava, ela morava bem pertinho do bar. [eu pergunto se a Andreia vivia com a irmã, mas ela disse que não]. Ela foi super fria comigo, muito estranha mesmo, como se ela nem me conhecesse direito, e eu fiquei muito surpreendida porque a menina já tinha até dormido na minha casa algumas vezes e tudo. Aí ela me falou assim: “Olha Luana, você vem sempre sozinha pra cá, caminha a noite no escuro, depois se alguma coisa acontecer com você, alguém te bater, sei lá, você nem vai saber quem foi ou o porquê...” Nossa, fiquei chocada com isso e muito assustada! Porque era verdade, eu andava um caminho longo e deserto pra chegar no bar, toda noite. Eu só queria saber o que tava acontecendo e saí da casa da menina com uma ameaça dessas, imagina! Eu não tou acostumada com esse tipo de coisa não... Essa foi a última noite que eu pisei lá nesse bar... E o pior é que, nesse dia, quando eu cheguei pra trabalhar, o segurança do bar, que é um babaca covarde e que era namorado da Andreia - parece que até batia nela de vez em quando -, me chamou num canto e repetiu a mesma ameaça, falando a mesma coisa, que eu vinha sozinha pro bar e que eu tinha que tomar cuidado porque alguma coisa de mal poderia acontecer comigo. Um horror! [Eu perguntei então se ela não foi reclamar ao dono ou com alguém] Então, foi a primeira coisa que eu pensei, porque eu pensei logo que o dono tinha que saber que tinha gente me ameaçando lá, inclusive o segurança dele, né? Mas depois eu pensei e fiquei

Copos, corpos e afetos

realmente com medo porque o dono nunca aparecia por lá, ele mal sabia meu nome... ele não queria saber de nada e ele não ia querer se envolver em confusão. Lá era mesmo cada um por si, sabe? Olho por olho e dente por dente, como se diz. Eu não conhecia muita gente e fiquei com muito medo, né? E aí eu fui pro bar da Tina. [Eu pergunto se o bar da Tina era melhor, se ela se sentia mais segura lá]. Ah sim, é melhor, sem dúvida! Tem as coisas ruins, né? Claro... Mas lá são poucas meninas, a gente é mais unida e nunca que uma coisa dessas ia acontecer lá... Eu já vi a a Tina botar menina encraveira escoraçada pra fora do bar, porque ela tinha arrumado confusão, dessas coisas de competição de cliente mesmo. Botou a mulher pra fora e disse pra ela nunca mais voltar, chamando a mulher de puta e o escambal! A Tina é fogo! Ela não aceita essas confusões não, e se mete em tudo, qualquer picuína sempre chega nela e ela dá um jeito de resolver! As vezes é até chato, controla até demais... Mas é melhor assim, né? (Luana)

Durante minha observação no bar da Tina tive a impressão de que havia uma proximidade maior entre ela e o grupo de meninas da Romênia (4 meninas, dentre as quais, duas são irmãs que trabalham no bar há mais de 12 anos e as outras duas amigas de longa data). Comentei sobre essa impressão com Mariana e ela confirmou dizendo que elas são muito amigas da Tina e que são muito “puxa-saco”.

Mariana: No aniversário da Tina eu e as meninas fizemos uma vaquinha pra comprar uma prenda e elas [as romenas] não quiseram participar, eu achei até estranho. Mas foi porque elas compraram um relógio de ouro caríssimo, elas dividiram só entre elas. E a gente com a nossa prendinha de pobre (risos) mas a gente fez com a maior boa vontade, sabe? Eu: E o que vocês ofereceram a ela? Mariana: A gente deu um arranjo lindo de flores, uma t-shirt muito gira que a Viviane escolheu, e um cartão assinado por todas as meninas, inclusive demos o cartão pras romenas assinarem, mesmo que elas não contribuíram, a gente nem sabia do relógio. E no dia do aniversário, fomos todas jantar no restaurante e a Tina ficava exibindo o relógio e toda cheia de gracinha com as romenas, mas nem ligou pras nossas prendas, foi meio desagradável, sabe? Mas desculpa lá, eu não tenho dinheiro pra ficar comprando relógio de ouro pra patrão, ela ganha muito melhor do que todas nós, com certeza! Mas as romenas são assim, puxam o maior saco da Tina e são as protegidas, são “as queridinhas”. Eu: e como é que ela as

Copos, corpos e afetos

protege? Mariana: Ah, de vários jeitos... A Tina vigia os clientes delas, por exemplo. Quando elas estão viajando, por exemplo, a Tina não deixa nenhuma menina sentar com os clientes delas, ela segura eles o tempo todo no balcão, fazendo eles pagarem copos só pra ela (Tina) e nenhuma menina mais. Sabe o Zezinha, aquele doidinho? (Zezinha é um cliente regular bastante excêntrico. Ele gosta de se vestir de mulher quando está no bar e sempre gasta muito dinheiro em champanhe. Ele me pareceu ter algum tipo de distúrbio mental, mas as meninas não sabem muito bem o que se passa com ele, só sabem que ele é muito rico e que parece ser alcoólico) Então, quando a Lisa e a Rosana (as duas irmãs romenas) foram de férias e ele aparecia, a Tina mandava algumas meninas nele mas ficava de olho, vigiando pra ver se elas não estavam com muita intimidade, sabe? Eu lembro que ele até gostou muito da Jéssica e da irmã dela, e elas se sentaram com ele várias vezes enquanto as meninas estavam fora, mas da outra vez que ele voltou e elas já tinham chegado, a Tina falou pra Jéssica que não era pra ir nele nem pra cumprimentar, só era pra ela ir se ele chamasse... A Jéssica veio comentar com a gente, ela ficou até sem entender, coitada. Ele é tipo propriedade das romenas, sabe? Mas eu acho que elas ajudam a Tina a roubar dinheiro dele, a fazer ele se atrapalhar nas contas, não sei, tem alguma coisa ali que eu acho muito suspeito...

Jéssica, assim como Mariana, tem uma opinião mais crítica em relação à Tina.

Jéssica: (...)A Mariana, que também trabalhava nesse bar em Benfica, foi quem indicou o bar da Tina pra minha irmã, ela tava trabalhando lá e disse que era melhor. Eu: Por que? Ela disse que o ambiente era melhor, que era mais tranquilo, que não rolava as baixarias que acontecem em outros bares, tipo das meninas fazerem de tudo nos privados e tal... E que então os clientes eram melhores porque não estavam acostumados a essas coisas, nem privado lá tem, né? E também que dava pra ganhar mais, porque tinham muitos clientes habituais da casa. Eu: e é verdade? Olha, minha irmã falou que era mais ou menos a mesma coisa mas que de fato ela se sentia mais confortável no bar da Tina, por ser menor, menos meninas e tal. Só que ela me disse que lá no outro bar não tinha essa pegação no pé, que ela ficava dias sem nem aparecer se não quisesse e nem tinha que dar satisfação, que ela chegava, trabalhava e recebia o dinheiro todo no fim da noite e pronto. Acho que o dono nem sabia direito quem era quem, sabe? Ela ia quando quisesse.

Copos, corpos e afetos

Mas com a Tina é diferente, se a gente faltar ela enche o saco, dá multa, fica de marcação... Ainda tem esse lance de só receber as comissões no fim de cada semana, então você não pode simplesmente aparecer quando quer, sabe? Mas pra ganhar dinheiro parece que é melhor do que no outro. Eu: A Viviane e a Rosana me disseram uma vez que o bar da Tina é bem mais tranquilo de trabalhar do que nos outros porque há muito bar “baixo nível” (usando as palavras delas) por aí e que o bar da Tina tem um “ambiente mais familiar”. Jéssica: Ah, “familiar” é ótimo! (risos) Eu acho que isso é uma ilusão, sei lá... Eu só trabalhei no bar da Tina, falando de alterne, né? E num outro, mas bem pouco tempo, então não tenho muito como saber... Mas de familiar não tem nada! A Tina com essa pinta de “sou sua amiga, estamos no mesmo barco” nunca me convenceu... Ela é bacana com quem dá lucro pra ela. (...) Ela só pensa no dinheiro, claro, e tá cagando pro resto. Já vi ela mandando novata em cliente tarado e escroto porque ninguém mais queria ir, sabe? Uma vez eu vi, eu tava sentada perto do bar, tava vazio, e eu ouvi mais ou menos a conversa dela com uma menina... e ela tentando convencer a menina a ir embora com um cliente, só porque o cara é cheio da grana... Não sei se ele negociou alguma coisa com ela (com a Tina) ou se ela fez isso só porque o cara é bom cliente, não sei... Mas vi ela tentando convencer a menina, que não tava muito a fim... Depois nem sei o que rolou, achei melhor não me intrometer porque era nova lá e era uma menina que eu não conhecia. Mas depois até me arrependi de não ter trocado uma ideia com a menina porque achei isso um absurdo. Não aconteceu nada disso comigo lá porque eu tinha a minha irmã e ela conhecia a Mariana lá dentro também, mas é muito fácil ser explorada e cair na conversa, sabe? (Jéssica)

Através das observações que fiz do bar da Tina e das conversas com as meninas que lá trabalham, foi possível perceber que, diferentemente do caso da Kikas, não havia necessariamente um esforço, por parte da Tina, em evocar um discurso afetivo nas relações que estabelecia com as meninas. Porém, a questão do poder e da autoridade está sempre presente – e quanto a isso, o fato de Tina ter trabalhado como alterne no passado tem uma influência certamente significativa por tratar-se de uma mulher experiente no ramo. Sua posição é normalmente respeitada e sua autoridade não é alvo de questionamentos, ao menos diretamente a ela.

Copos, corpos e afetos

Não obstante, no que concerne aos relacionamentos entre as colegas do bar, é flagrante a incorporação de uma identidade maternal, por Tina, na administração dos conflitos, sobretudo no que diz respeito a imposição de uma certa onisciência em relação a tudo que se passa com as meninas dentro e fora do bar. Tina intervém com frequência em assuntos pessoais e íntimos, tanto entre colegas quanto entre as meninas e seus clientes, e esse “direito” não é diretamente questionado, embora eu tenha ouvido várias reclamações do caráter demasiado invasivo de tal comportamento. Como há essa noção generalizada – a exceção de Jéssica – de que o Bar da Tina oferece às meninas um ambiente mais familiar, confiável e confortável, a atitude da patroa é encarada positivamente por ser associada à atmosfera de bem-estar existente no bar.

É interessante notar ainda que muito do que as meninas percebem como ajuda e cuidado por parte de Tina não passam, na verdade, de direitos aos quais as meninas deveriam ter acesso, independentemente da boa ou má vontade da patroa. O Exemplo do contrato, dado por Carol, é ilustrativo deste quadro. Obter um contrato de trabalho formal após mais de dois anos de trabalho assíduo no bar é direito da trabalhadora e dever do empregador, no entanto, é visto como ajuda.

Algumas meninas mencionaram também o fato de poderem contar com a Tina no pedido de pequenos adiantamentos de dinheiro, quando estão a precisar e não fizeram comissões o suficiente para as despesas, ou mesmo porque não podem esperar até a data de receber. Tal flexibilidade de pagamento é vista como um ato de solidariedade quando, aos meus olhos, não passa do mínimo a ser feito para garantir alguma dignidade a mulheres que trabalham em condições de insegurança, numa atividade instável e comissionada.

Neste sentido, vemos que da mesma forma como empresas e instituições incorporam valores baseados nas relações familiares, há muitos exemplos de pessoas que esperam que as relações públicas – de trabalho, neste caso – sigam um modelo no qual o contato pessoal, o clientelismo e a patronagem estejam presentes. Em outras palavras, espera-se que essas relações se configurem dentro de uma lógica mais afetiva do que profissional, mais de ajuda mútua e de empatia do que de direitos e deveres. A identidade assumida por Tina, enquanto autoridade, e o modelo de relacionamento entre

Copos, corpos e afetos

colegas que ela impõe dentro do bar só funcionam porque existe uma certa demanda para tal. As alturnes do bar da Tina parecem sentir-se mais seguras e à vontade quando rodeadas por relações que se assemelhem às relações familiares do que por relações marcadas pelo distanciamento profissional neste contexto específico.

Rebhun (1999), a respeito dos moradores de bairros pobres de Caruaru que participaram em sua pesquisa, observa que os cidadãos caruarenses esperam atos de cuidado de seus patrões e dos políticos locais. Medidas que são responsabilidades do Estado para com o povo e atitudes de empregadores para com seus funcionários são vistos muito mais em termos de cuidado, afeto e solidariedade do que como direitos políticos ou contratuais.

In Northeast Brazil, local representatives of the state, especially mayors, public health workers, judges, and police chiefs, explicitly take on paternal roles toward their constituents, both of their own accord and in response to citizen demands. Caruarenses frequently complained to me of what they defined as a lack of love in the public arena as being the cause of persistent poverty, health problems, poor public education, and lack of paved roads, sewers, and other facilities. "If the mayors loved us, he would take care of us", one young woman complained. "But Brazil does not love the poor" (Rebhun 1999, p. 51)

Na esteira dessas observações, a autora afirma que, para aqueles acostumados com relações contratuais, personalismos paternalistas parecem opressivos. Mas para aqueles acostumados com o personalismo, as relações contratuais não parecem mais protetoras.

Roberto DaMatta, em uma de suas obras de maior expressão no Brasil, *Carnavais, Malandros e Herois*, também reflete sobre as relações sociais no espaço público que, somando-se a um conjunto de laços pessoais, são regidas por valores como a intimidade, a consideração, o favor e o respeito.

No Brasil, vivemos certamente mais a ideologia das corporações de ofício e irmandades religiosas, com sua ética de identidade e lealdade verticais, do que as éticas horizontais que chegaram com o advento do capitalismo ao mundo moderno ocidental e à nossa sociedade (DaMatta 1979, p. 195)

Copos, corpos e afetos

No entanto, em se tratando do contexto abordado nesta pesquisa, eu acrescentaria que não se trata apenas de uma questão de estar ou não estar acostumado. Muito mais do que isso, trata-se de uma questão de poder, já que estamos diante de contextos marcados por um quadro de profunda desigualdade. Pessoas em condições marginalizadas são alienadas simbólica e estruturalmente de seus plenos direitos de cidadãs e trabalhadoras, o que facilita sua entrada e permanência em quadros de opressão e exploração sem que esses quadros sejam devidamente identificados por elas.

Contudo vale ressaltar que, de fato, o estreitamento de laços entre as meninas e entre elas e as patroas tem um efeito bastante positivo na criação de redes de apoio e amizade que são importantíssimas em contextos marcados por exclusão e desigualdades. As meninas ajudam-se umas às outras e compartilham recursos materiais e sociais, o que ameniza a condição de isolamento que a migração impõe, tornando-as menos vulneráveis e emponderando-as neste aspecto.

4. “Ela era como uma irmã pra mim”: Lealdade e solidariedade como compromisso e o peso da reciprocidade entre amigas.

A dinâmica de solidariedade e reciprocidade enquanto vetores de laços sociais no trabalho também se estende ao círculo de amizades estabelecidas no universo das imigrantes albanesas. As meninas ajudam-se umas as outras partindo da ideia de que o fortalecimento dos laços entre amigas é condição necessária para a sobrevivência satisfatória num ambiente esvaziado de família e vínculos sociais mais sólidos. Vale notar, contudo, que trata-se de um universo de sociabilidade também marcado por constante conflitos gerados por fofocas, competição e intensa rotatividade de pessoas de diferentes contextos culturais e sociais.

Os capitais sociais adquiridos através dos contatos com os donos dos bares, clientes regulares, colegas e clientes-namorados são compartilhados e circulam entre os grupos de amigas de acordo com o grau de amizade e proximidade, as vezes também respeitando laços de parentescos ou proximidade adquiridos desde o contexto de origem

Copos, corpos e afetos

(primas ou vizinhas chegadas recentemente do Brasil, por exemplo). Por “capital social” não me refiro somente aos recursos obtidos através das redes, mas também à capacidade de usar estas redes e os laços para alcançar vantagens sociais (Anthias, Cederberg 2009).

São dinâmicas baseadas em noções de cuidado e solidariedade e operadas por sistemas de reciprocidade que, sem dúvida, suavizam os processos de adaptação e exclusão enfrentados pelo pertencimento a uma posição subalternizada. As noções de amizade neste contexto articulam-se muito aos ideais de fraternidade, caracterizando-se por uma semântica familialista que associa a amiga à figura da irmã ou do parente próximo.

No que diz respeito aos discursos, às práticas e performances que se enquadram nessa ideia de amizade sob uma ótica familiar, o “poder contar” com a amiga em caso de necessidade e/ou dificuldades assume um papel central. Além disso, valores como confiança, honestidade e lealdade são os pilares da amizade ideal. Ao mesmo tempo em que as amigas exercem um papel positivo na vida das meninas, trata-se de um sistema que é fonte de mecanismos de poder e controle social na medida em que os afetos coexistem com as obrigações, o que, muitas vezes, se traduz numa limitação das capacidades de ação frente a expectativas bastante rigorosas, como veremos nos dois casos a seguir.

4.1. Lealdade e fraternidade acima de tudo: a briga entre Gabi e Bela.

Durante a pesquisa de campo testemunhei um conflito entre duas amigas próximas, Bela e Gabi, que terminou no rompimento total da amizade. Bela e Luciana foram figuras-chaves no processo de adaptação de Gabi à atividade de alterne⁵. Por

5 É interessante notar que Luciana, Bela e Gabi trabalham num bar cujo o dono e patrão é um homem. O bar, local que foi palco do desentendimento que será relatado, enquadra-se na linha do “cada um

Copos, corpos e afetos

serem mais experientes, elas acolheram a nova colega em seu grupo de amigas do bar, orientaram-na em diversos assuntos relativos ao trabalho e a questões pessoais envolvendo clientes e indicaram novos clientes – tendo sido Bela, inclusive, a apresentar Carlos a Gabi, cliente considerado como a “galinha dos ovos de ouro”, como foi relatado anteriormente.

Gabi se adaptou rapidamente e, além da melhora em sua vida financeira, ela também começou a ampliar sua rede de contatos pessoais e a estreitar laços de amizades com colegas e clientes. Ela e Bela se aproximavam cada vez mais e, mesmo fora do ambiente de trabalho, se viam com frequência, trocavam confidências e frequentavam as casas uma da outra. Até que um acontecimento gerou um desentendimento entre as duas e a amizade foi desfeita. Hoje as duas não se falam mais e, por volta de um mês após o conflito, Gabi foi trabalhar em outro bar. Eu estava no bar quando deu-se o episódio que gerou a briga entre as duas.

Hoje Bela não foi trabalhar, ela ia jantar com um cliente mas depois voltaria pra casa porque deve acordar cedo para ir ao SEF amanhã de manhã. A noite não estava muito movimentada e Gabi reclamava que não havia trabalhado. Luciana estava a beber copos com um cliente. Já era tarde quando um cliente habitual da casa entrou no bar e sentou-se ao fundo, sozinho. Gabi me disse: *Olha, é o Bruno, acho que vou lá. Ele é meio metido, mas paga bem.* Bruno é um rapaz simpático que aparenta ter por volta dos 35 anos e que vai com certa frequência ao bar. Embora ele pareça gostar de variar de companhia e, as vezes, goste de ter mais de uma menina à sua mesa, Bela é quem senta-se com ele com mais frequência. Foi ela quem me apresentou ao Bruno na tentativa de conseguir que ele me cedesse uma entrevista, o que nunca aconteceu de fato. Gabi se aproximou de Bruno cumprimentando-o com os dois beijinhos habituais e sentou-se ao lado dele. Alguns minutos depois a empregada de mesa levava uma garrafa de champanhe à mesa. Gabi e Bruno pareciam se dar bem, eles conversavam muito e riam-se com frequência. Algumas meninas se aproximaram para cumprimentá-lo, muito provavelmente na esperança de conseguirem beber alguma coisa, em vista do movimento fraco da noite, mas nenhuma delas permaneceu, somente Gabi. Os dois bebiam, dançavam colados, conversavam e, a medida que a noite avançava e que mais garrafas eram trazidas à mesa, a interação parecia se intensificar. O cliente de

Luciana foi embora e ela veio se sentar ao meu lado. *Ih, a piriguete tá brincando com fogo, toda oferecida pro Bruno desse jeito. Sei de alguém que não vai gostar nada de saber disso.* Ela me disse, claramente se referindo à Bela. *Você acha que a Bela ficaria chateada?* Perguntei. *Ah, tenho certeza!* Ela exclamou. Então questionei o porquê, já que, a meu ver, o Bruno não parecia ser um cliente pessoal dela, visto que ele pagava copos pra outras meninas também. *Sim, ele paga pra outras meninas, na verdade ele é o maior galinha, mas o problema é que nenhuma dessas meninas que ele paga copos é amiga da Bela como a Gabi. E a Bela considera muito ela, então acho que ela vai ficar chateada. Ainda mais que, não sei não, mas a Gabi parece que tá se oferecendo muito pro Bruno, acho que isso vai dar confusão. Eu mesma já sentei com ele algumas vezes, mas nunca fiquei assim com muita intimidade porque ele é cliente da Bela, né?* De fato, era notável uma aproximação mais íntima entre Gabi e Bruno. Havia bastante contato corporal, ele envolvia-a em um dos braços e ela, em alguns momentos, acomodava suas pernas por cima das pernas dele, como um casal de namorados num momento de troca de intimidades. Foram 4 garrafas de champanhe e, mesmo com a noite quase no fim e o bar quase a fechar, os dois continuavam lá. Luciana foi se trocar e eu aguardei por ela porque voltariamos juntas em seu carro. Entretanto Gabi se levantou e veio, sorridente, em minha direção. Ela estava um bocado bêbada e me disse com ar de empolgação que o Bruno queria que ela fosse pra casa dele, que ele dizia sentir falta de dormir com alguém ao lado, que isso a tinha tocado e que ela pensava em aceitar. *Nossa, ele foi muito querido a noite toda, muito fofo, todo romântico...* Eu fiquei sem saber o que fazer e disse a ela que talvez fosse melhor aceitar o convite dele num outro momento porque eles já estavam sobre o efeito do álcool e que era até perigoso ela entrar no carro de alguém que vai conduzir neste estado. E completei dizendo que, caso ela fosse com ele, que era melhor fazê-lo discretamente para evitar fofocas. Ela concordou e foi ter com ele por mais um momento, perto do balcão, enquanto ele pagava a conta. Depois disso ela foi diretamente para a casa de banho se trocar. Luciana então apareceu dizendo: *Vamos embora?* Perguntei se a Gabi não iria com a gente, como era usual, e ela disse que não. No carro, eu perguntei sobre Gabi e Luciana me contou: *A Gabi tá bêbada e fazendo merda. Ela me disse que só queria se despedir do Bruno e que ele a levaria numa paragem de taxi, mas claro que eu não acreditei nisso. Despedir? Pegar um taxi? Sei...*

Copos, corpos e afetos

Luciana tinha razão em suas suspeitas de que Bela ficaria chateada com Gabi. Tendo estado lá na noite do acontecimento que gerou o conflito e sendo amiga de ambas, eu achei melhor me afastar por uma semana por medo de ser envolvida e ter minha relação com as meninas abalada de alguma forma. Mais do que isso, fiquei receosa de que me fosse cobrado um posicionamento, a escolha de um dos lados. Três dias depois da tal noite, Gabi me telefonou e, com ar bastante triste, me disse que Bela e Luciana haviam rompido a amizade com ela. Ela me explicou repetidas vezes que não imaginava que Bela ficaria tão chateada e que nunca soube que esse cliente era importante pra ela.

Ele sempre senta com outras meninas, eu mesmo já tinha sentado com ele uma outra vez que a Bela e a Luciana também estavam na mesa, elas mesmo me chamaram (...). Não entendo o que aconteceu, eu tentei conversar mas elas estão me ignorando, não sei o que fazer. Eu até liguei pro Bruno e ele também foi frio comigo, nem deu atenção, é tão estranho... To achando que deve ter rolado alguma fofoca, sei lá, to achando que foi o Bruno mesmo que deve ter falado alguma coisa...
(Gabi)

Quando me reencontrei com Luciana e Bela, mais ou menos uma semana depois, Bela me disse que havia ficado furiosa com o comportamento da Gabi. Quando eu questioneei o porque de sua reação, expressando, com cuidado, que pensava ser um bocado exagerada, ela me explicou:

Eu to cagando pro Bruno, não to nem aí pra ele, ele é só um cliente, um bom cliente, mas só um cliente. Mas achei muita falsidade da Gabi esperar o dia que eu não estou lá pra seduzir o cara, sabendo que ele é meu cliente. Não é porque ele pagou umas garrafas pra ela, to cagando pra isso. (...) Mas esse jeitinho de sonsa dela, de melhor amiga e tudo, e depois fica lá se agarrando com o cara, prometendo ir pra cama com ele, e indo, né? Porque claro que ela foi! Eu achei uma falta de respeito, uma falta de ética porque eu considerava ela como uma irmã, você sabe tudo o que eu fiz por essa menina, eu não era só uma colega de trabalho, uma daquelas putinhas do bar que só pensam no dinheiro... Porque se fosse, não passava nada, mas

Copos, corpos e afetos

não é, ela fez isso comigo... Quer dizer, eu achava que ela era minha amiga, né?

Ainda que eu tenha arriscado a fazer com que Bela reconsiderasse o rompimento da amizade, ela se manteve firme e deixou claro que não voltaria atrás.

Eu deixo passar muita coisa, muita mesmo. Mas falsidade eu não tolero. Se fosse pra ter amiga falsa eu seria amiga de todas lá do bar, porque mulher falsa lá é o que mais tem. (...) Não aceito mesmo e não tem conversa. Se vocês estão com dozinha dela, leva pra casa, fica a vontade, mas pra cima de mim não.

Apenas alguns dias após o episódio, Gabi veio me contar que Carlos, o cliente apresentado por Bela, não atendia mais suas ligações e não queria mais vê-la. Gabi desconfiava que Bela havia “feito alguma fofoca” para fazer com que Carlos se afastasse, com o intuito de prejudicá-la. Um tempo depois eu soube que as desconfianças de Gabi estavam corretas: Bela havia conversado com Carlos e contado a ele que Gabi mantinha um relacionamento com outro homem.

A atitude de Gabi em relação ao Bruno naquela noite representava, para mim, enquanto observadora e amiga de ambas, nada muito além do que um certo deslumbre jovial em ter um bom cliente, mais jovem do que a maioria dos frequentadores e também mais atraente, seduzido por ela. Todavia, para Bela, Gabi havia sido falsa e desrespeitado profundamente o laço de amizade entre as duas.

Conversando com Luciana um tempo depois, vim a saber que Bela já havia tido uma má experiência com uma menina que se dizia sua amiga mas que a envolveu numa trama de mentiras na qual ela saiu emocionalmente prejudicada e que, portanto, sua reação em romper a amizade com Gabi era uma forma de proteção.

Esse meio é muito complicado, tem muita gente falsa, muita mesmo. Eu sempre achei a Gabi meio sonsa, mas até acho que esse lance com o Bruno não foi tão grave assim, mas entendo a Bela porque ela realmente se apegou muito a Gabi, elas nem tinham tanto tempo de amizade assim mas ela considerava a menina como uma irmã mais nova, era mesmo assim. Eu até já

Copos, corpos e afetos

tinha falado que ela se preocupava demais com a Gabi e que ela era bem grandinha pra saber se cuidar... Mas a Bela se apegou porque ela também já ficou muito sozinha e sem amiga aqui. Então ela se sentiu muito traída. Ainda mais com essas coisas que ela passou, ela passou por muita coisa, coitada.

Após este episódio a exclusão social de Gabi no bar foi evidente. Todas as colegas que tinham mais contato com Bela e Luciana passaram a ignorá-la. Nos horários de espera por clientes, ela passou a se sentar num sofá mais ao fundo perto de um pequeno grupo de meninas da Romênia, ou sozinha ao balcão do bar. Bela continuou sendo a preferida de Bruno, que não mais solicitou a companhia de Gabi. Carlos, pelo que soube de Gabi, nunca mais atendeu suas ligações, o que representou para ela uma perda significativa de rendimentos. Ela passou a faltar muitos dias e, por volta de um mês depois, como era de se esperar, ela deixou definitivamente o bar.

Sob o risco de ser também excluída do contato mais próximo com Bela e Luciana, eu me vi obrigada a evitar interações mais diretas com Gabi durante o tempo que sucedeu o conflito. Este talvez tenha sido, para mim, o momento mais difícil de toda a etnografia por ter me dado conta da rigidez de certas regras sociais e comportamentais e ter de me adequar a elas, mesmo em discordância.

Acompanhei o processo de exclusão de Gabi das redes de amizade e, portanto, das redes de circulação de capitais sociais e materiais da qual ela chegou a fazer parte. Tal exclusão trouxe não só prejuízos emocionais mas também financeiros e sociais. Alguns meses depois, entretanto, consegui contactar Gabi, que foi surpreendentemente receptiva. Ela me pareceu muito bem, me contou que estava a trabalhar em outro bar de alterne, fazendo um bom dinheiro e bem integrada entre as novas colegas. Não foi possível restabelecer uma relação mais próxima com ela, visto que ela raramente atendia as minhas chamadas ou respondia as mensagens, embora sempre tenha sido muito simpática quando o fazia.

4.2. Mariana, Bárbara e o preço da reciprocidade.

Conheci Bárbara, amiga próxima de Mariana, pouco tempo antes dela ter sua vida abalada por uma tragédia familiar. Bárbara trabalhava como *stripper* e alterne no mesmo clube que Mariana: o Bar da Tina. Além disso, as duas dividiam um apartamento em Lisboa tendo tornado-se bastante íntimas. Mariana tinha, nesta época, 31 anos e vivia em Lisboa há quatro. Bárbara, uma jovem brasileira de 22 anos, nasceu em Goiânia, foi criada em Tocantins e vivia com a família em Brasília antes de migrar para Portugal, por volta de dois anos antes do acontecimento que relatarei aqui a seguir.

Bárbara estava ansiosa pelo nascimento de seus sobrinhos no Brasil. Sua irmã mais velha, de 27 anos, estava grávida de gêmeos e o nascimento dos bebês se aproximava. Atenta ao *skype*, ela recebeu finalmente a ligação de sua tia que trazia notícias. A irmã de Bárbara, vítima de uma hemorragia pós-parto, morrera ao dar a luz aos dois filhos que, embora órfãos de mãe, nasceram saudáveis. Mariana me contou que estava por perto e viu a amiga dar um grito e desmaiar logo em seguida. “Ela desabou da cadeira, a tia começou a gritar do outro lado, foi horrível”, ela me disse ao lembrar a cena.

Passado o estado de choque, as amigas próximas, junto a outras colegas do bar, começaram a se mobilizar para arrecadar contribuições para ajudar Bárbara a comprar passagem para o Brasil e levar algum dinheiro para as altas despesas dos bebês, dentre elas, o caro leite que substitui a amamentação. A dedicação das meninas em ajudar Bárbara e o clima de solidariedade que envolveu o triste acontecimento me comoveram. As colegas, além de mobilizarem toda sua rede de contatos, nomeadamente clientes importantes da casa e pessoais, ainda iam de mesa em mesa no bar explicar a situação aos clientes desconhecidos no intuito de engordar um pouco mais a “vaquinha”. Bárbara conseguiu dinheiro suficiente para a passagem e para ajudar nas despesas iniciais dos bebês e embarcou para o Brasil poucos dias depois do acontecido.

Após mais ou menos dois meses da partida de Bárbara, Mariana começou a demonstrar certa insatisfação em relação ao comportamento da amiga. Bárbara postava

Copos, corpos e afetos

fotos de festas no *Facebook*, sempre rodeada de amigos e com roupas que pareciam novas. Mariana passou a desconfiar que a amiga estava gastando o dinheiro, arrecadado às custas da solidariedade das colegas, com futilidades e, além disso, ela não demonstrava sofrimento pela morte da irmã o que representava, aos olhos de Mariana, um desrespeito pelo luto.

Bárbara começou a evitar o contato com Mariana na internet, não respondia seus e-mails e suas chamadas nos *chats* e no *skype*. Quando Bárbara regressou à Lisboa, três meses depois da partida, a amizade entre ela e Mariana estava visivelmente abalada. Bárbara trocou o bar onde trabalhava por um outro do mesmo segmento em Sintra (região na área metropolitana de Lisboa). Mariana passou a reclamar constantemente do comportamento de Bárbara no apartamento, dizendo que ela passava todo o tempo trancada no quarto com o namorado, não ajudava na limpeza das áreas comuns e não fazia questão de conversar com ela e Raquel, a outra colega que também vivia no apartamento. Ela reclamava também que o namorado de Bárbara era “folgado” porque usufruía do gás, da água e da eletricidade da casa sem contribuir nas contas. Ela me contou ainda, com ar de indignação e decepção, que Bárbara passou a ignorar as tentativas de contatos de antigos clientes e amigos do bar que contribuíram com dinheiro na época de sua ida ao Brasil.

Ela teve imensas chances de sair com homens bacanas que estavam interessados nela e que queriam ajudar... Mas ignorou as chances por causa desse chulo (se referindo ao namorado). Ela tá sendo muito infantil e irresponsável e não vê as oportunidades que está jogando no lixo. Ao invés de pensar no futuro e na família que precisa dela, ela só quer saber desse encosto. (...) E eu ainda fiquei com a cara no chão na frente das meninas e dos amigos (clientes) que ajudaram ela na época que ela precisava, porque muita gente só ajudou por minha causa, porque fui eu que pedi. Mas isso é pra eu aprender a largar de ser boba e querer ajudar todo mundo (Mariana).

Poucos meses após o início destes conflitos, Bárbara se mudou primeiramente de casa e depois de país, indo viver com o namorado nos Estados Unidos.

Não posso dizer precisamente se o distanciamento de Bárbara do grupo se deu

Copos, corpos e afetos

por um movimento de exclusão por parte de Mariana e suas colegas, ou se foi por iniciativa e interesse próprios de Bárbara, ou mesmo consequência de ambos fatores. Entretanto, não se pode negar que seu afastamento foi, entre outras coisas, resultado do peso da reciprocidade, ou seja, das assimetrias de poder intrínsecas aos processos de dar, receber e retribuir.

O comportamento de Bárbara foi visto como imaturo e egoísta na medida em que ela dava prioridade aos seus desejos e interesses pessoais relegando a responsabilidade para com a família a segundo plano. Além disso, ao dedicar seu tempo e afeto ao namoro com um jovem que não a ajudava financeiramente e ignorar as investidas de homens mais velhos, ricos e amigos de Mariana, Bárbara rompeu com a dinâmica de reciprocidade rejeitando a posição oferecida pela amiga na rede de circulação dos capitais sociais. Essa rejeição foi interpretada em termos de ingratidão.

Buscando nas reflexões filosóficas sobre as trocas não mercantis, Simmel (2004) observa que a gratidão surge como um vetor de coesão nas interações nas quais a imposição de equivalências de valores não está inscrita. Quando Mariana se mobilizou para ajudar Bárbara, ela não o fez esperando uma retribuição equivalente ao valor da ajuda prestada, até porque tal retribuição não é possível uma vez que “ajuda” não corresponde a nenhum valor específico e quantificável. Neste caso, Simmel diria que o que está em causa é precisamente o vínculo sutil e sólido que se produz através da indissolubilidade da natureza da gratidão. Em outras palavras, a gratidão mantém a dinâmica da reciprocidade através do sentimento da obrigação de retribuir, do sentimento de se estar em dívida.

Aproveitando ainda das reflexões de Simmel para se pensar nestas interações, quando a ajuda está associada ao sacrifício, o que é bastante recorrente, cresce seu valor enquanto dádiva uma vez que o sacrifício não só aumenta o valor do ato como o produz. Como defendeu Mauss (2008) acerca do dom e contra dom, o ato de dar e a reciprocidade induzida neste ato são práticas sociais profundas que, embora não sejam fundamentadas no interesse em si e se baseiem numa suposta espontaneidade, não são atos desinteressados pois só estabelecem e perpetuam relações a partir da dívida mútua (cf. Adloff, Mau 2006).

Copos, corpos e afetos

Vale ressaltar, entretanto, que a despeito das teorias da dádiva e das reflexões de diversos autores das ciências sociais sobre reciprocidade continuarem ocupando um lugar relevante nas discussões contemporâneas antropológicas sobre intercâmbios sociais e econômicos (cf. Baptista 2007; Caillé 1998b; Godbout 1998; Martins 2008; Sahlins 1990), não podemos cair na armadilha de fazer de uma perspectiva extremamente abrangente um modelo social redutor das complexidades empíricas. No caso do terreno abordado nesta pesquisa, o interesse econômico, os cálculos monetários, a instrumentalização do afeto e da solidariedade andam ao lado de sentimentos vistos como incondicionais e espontâneos e não existe uma contradição fundamental que faça oposição entre eles, pelo contrário, são elementos que se interconectam constantemente.

A triste morte da irmã de Barbara e a demanda por ajuda e dinheiro que surgiu a partir deste acontecimento criou, de certa forma, espaços de circulação de capitais sociais. Ao mobilizar seus clientes e amigos, Mariana não só pode contribuir positivamente para a situação da amiga como pode intensificar seus laços com os clientes impelindo-os a ajudar.

Além disso, Mariana pode ser reconhecida por sua capacidade de cuidar e pelos seus sentimentos de solidariedade, o que configura positivamente sua identidade e legitima sua demanda por ajuda frente aos clientes. No entanto, a partir do momento em que Bárbara não cumpriu com sua parte no círculo de reciprocidade, ignorando as investidas dos clientes que a ajudaram – através de Mariana – isso representou uma espécie de prejuízo moral e material para Mariana em sua rede de sociabilidades.

5. Trabalho e amizades segundo a metáfora de família: amarrando o debate.

Todas as discussões deste capítulo são profundamente marcadas por uma questão importantíssima para a totalidade deste trabalho: O contexto de exclusão, desigualdade e marginalidade no qual as colaboradoras desta pesquisa se inserem. Trata-se de uma questão inerente aos processos de sociabilidade das meninas, seja nas relações

Copos, corpos e afetos

estabelecidas no espaço laboral, seja nas relações pessoais familiares ou de amizade e até mesmo nas suas relações afetivas e sexuais.

Estamos diante de uma complexa equação social que, grosso modo, se dá da seguinte forma: as imigrantes brasileiras chegam em Portugal e, distantes de suas famílias e amigos, num contexto mais ou menos esvaziado de laços e vínculos sociais mais sólidos, passam a exercer uma atividade não regulamentada e marginalizada. Muitas dessas mulheres começam a trabalhar em situação irregular ou ilegal em Portugal, uma vez que dependem de contratos laborais formais para obterem a autorização de residência. Mesmo as que se encontram em situação de legalidade não estão suficientemente cientes das leis trabalhistas do país de acolhimento e muito menos de seus direitos e das formas legais de se protegerem contra quaisquer tipos de exploração.

A totalidade deste quadro favorece o sentimento de segurança sentido pelas meninas de quando se encontram em meio a relações que se estabelecem pelo viés da solidariedade, da proximidade e da ajuda. Traduzem-se, assim, as formas de sociabilidade em metáforas familiares no sentido de uma busca por segurança e conforto, frente a um mundo desconhecido e hostil. Entretanto, diante de relações marcadas por uma maior “frieza” profissional, mesmo que estas possam oferecer vantagens, como uma maior autonomia, sua preferência recai sobre o universo que lhes apresenta como mais próximo e familiar.

Podemos dizer ainda que as relações pautadas no individualismo – que é geralmente tomado na sua significação mais corrente, não enquanto uma ideologia que promove o indivíduo como unidade social, com um longo percurso na cultura do ocidente, mas simplesmente enquanto egoísmo – são rapidamente rejeitadas em favor da valorização e busca por laços de caráter reconhecidamente domésticos e privados, mesmo quando estamos a nos referir a espaços de sociabilidades que se caracterizam como público, nomeadamente o das relações de trabalho.

Entretanto é interessante notar que no caso do bar da Kikas, os espaços “casa” e “trabalho” se confundem e se permeiam, o que favorece ainda mais o desenvolvimento

Copos, corpos e afetos

de relações fortemente influenciadas pela lógica familiar. Predomina, todavia, a noção de casa e seu traço distintivo que é o de maior controle das relações sociais, o que certamente implica maior intimidade e menor distância social (cf. DaMatta 1979). Trata-se de um mundo social e público que é centralizado pela metáfora doméstica.

Vale lembrar que a dicotomia artificialmente criada entre a esfera pública e a doméstica, como vimos no segundo capítulo, ao servir ideologicamente a noção de supermacia masculina e legitimar o enclausuramento da mulher ao domínio do lar e da família, inferioriza o trabalho reprodutor e do cuidado precisamente através de sua associação ao campo das emoções, do irracional, da natureza e do feminino. Neste sentido, há aqui uma reivindicação desta ideologia na medida em que as mulheres se reconhecem neste papel.

No entanto, ao assumirem-se como indivíduos solidários e ao privilegiarem relações construídas a partir da afetividade em detrimento da racionalização fria e da ideia do “cada um por si”, são estes próprios valores e sentimentos que se tornam os motivadores morais das ações. Na medida em que a família é vista como refúgio contra a hostilidade “lá fora”, também se torna gradativamente parâmetro moral para a ação no domínio público.

Um espaço público democrático ideal, como bem colocou Young (1990), deveria fornecer mecanismos para a representação e o reconhecimento efetivo das distintas necessidades e vozes dos grupos sociais mais oprimidos e marginalizados. Como esse espaço só existe no plano ideal, o que vemos no bar da Kikas é a criação de artifícios alternativos, inspirados na lógica doméstica e familiar, para que, de um lado, uma condição mínima de dignidade seja garantida às meninas e, de outro, a coesão e o bom funcionamento do negócio sejam mantidos.

Não fossem as situações de opressão e exploração silenciosas que surgem destas dinâmicas, o trabalho realizado por Kikas poderia servir, pelo menos a nível ideal, como um exemplo bem sucedido do que Nancy Fraser (2002) chamou de dimensão bidimensional do gênero – a dimensão da distribuição e a dimensão do reconhecimento – que constitui a condição mínima para uma realidade mais igualitária entre gêneros. A

Copos, corpos e afetos

primeira, a dimensão da distribuição, diz respeito a distribuição de recursos que assegure a independência e voz às mulheres. A segunda, a do reconhecimento, é intersubjetiva e está ligada à valorização e o reconhecimento identitário e à garantia das oportunidades para se alcançar a estima social.

Não se pode deixar de considerar que uma suposta substituição dos direitos e deveres contratuais pela ideologia do cuidado e da solidariedade informais, embora tenham o seu lado positivo, como vimos, pode trazer obstáculos para o caminho da emancipação política das meninas. Afinal, é precisamente através da conquista progressiva da cidadania e do abandono de uma condição associada à natureza, à reprodução e à maternidade que as mulheres têm adquirido maiores direitos ao longo dos últimos séculos.

Não são apenas as relações de trabalho que são afetadas por este quadro estrutural e subjetivo. As relações de amizade neste contexto, como pude observar, são também construídas a partir de noções de fraternidade e irmandade, até porque os laços de amizade são eles próprios parte e resultado deste contexto de proximidade entre as meninas no bar.

Vale notar que há um sentimento, comum a todas as colaboradoras desta pesquisa, de que o ambiente prostitucional, no geral, é um ambiente propício a “falsas amizades”, oportunismo, egoísmo, interesse e competição, como vimos no caso de Bela e Gabi. Neste sentido, os laços que se estreitam, a despeito de tal cenário visto como inóspito, são vistos como verdadeiros e preciosos e são logo circunscritos ao universo familiar, conhecido e habitual. Muitas amigas próximas ganham o status de irmãs. É interessante observar, entretanto, que todos os espaços onde há uma presença expressiva de mulheres que trabalham ou permanecem juntas por tempo prolongado são comumente vistos como espaços de forte competição e conflitos.

Retomando o caso de Bárbara, ficou claro que seu afastamento do grupo foi acompanhado pela sensação, por parte de Mariana, de que ela não correspondera às expectativas não só a respeito de como uma amiga/irmã supostamente deveria agir, mas também enquanto mulher responsável pelo bem estar de sua família. Em ambos os casos

Copos, corpos e afetos

relatados vemos que, na medida em que o espaço familiar é percebido como sinônimo de segurança, intimidade e, sobretudo, compromisso com a reciprocidade, o olhar sobre a amiga como uma irmã é um processo voltado para a assimilação do outro que acarreta uma supressão das singularidades. Pode-se dizer que o quadro se complica ainda mais quando as amigas são também colegas de trabalho num ambiente competitivo. O imaginário fraternal da amizade dificulta o estabelecimento de relações de configuração mais democrática que extrapolem a noção de fraternização e lealdade para que as diferenças e liberdades possam ter um espaço pleno de negociação (cf. Ortega 2000).

Vale lembrar mais uma vez que o estreitamento de laços de amizade, além de ser exercer um papel importante em suas vidas, por ser obviamente algo importante na vida de todos os seres humanos, propicia a criação de redes de apoio e que são fundamentais em contextos marcados por exclusão e desigualdades. As meninas ajudam-se umas às outras e compartilham recursos materiais e sociais produzindo vínculos de solidariedade que favorecem a transformação positiva de sua realidade social ampliando sua condição de bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de escrita desta tese, um dos maiores desafios enfrentados foi o de encontrar um fio condutor capaz de atravessar um grande emaranhado de narrativas, práticas, discursos, observações e vivências de forma que cada dimensão abordada pudesse fazer sentido como um todo. Na medida em que o campo vai nos apresentando novas temáticas antes impensadas ao mesmo tempo em que nos leva a abandonar questões previstas no projeto de pesquisa, a flexibilidade que se impõe sobre o fazer etnográfico acaba por desencadear um olhar fragmentado sobre sua produção. Ao fim do trabalho de campo eu me deparava com um imenso quebra cabeças cuja montagem não dependia apenas das peças fornecidas pelo terreno.

Após anos debruçada sobre um universo específico e imaginando, à maneira de Strathern (1988, p. 13), cada indivíduo como um microcosmo social, compreendi que deveria alargar o meu olhar sobre o terreno, de forma que ele não se isolasse em suas especificidades mas pudesse, pelo contrário, servir como um contributo para pensarmos em questões atuais mais globais que afetam não somente a vida dos sujeitos de minha pesquisa mas de todas as outras pessoas com as quais partilhamos esse mundo. Afinal, esse é o grande desafio da Antropologia, como brilhantemente resumiram Sarró e Lima (2006, p. 32)

O antropólogo não leva o farol da civilização (se bem que à disciplina não tenham faltado críticas de colaboracionismo imperialista). O antropólogo leva, simplesmente, uma tocha, com a qual, como o filósofo Diógenes, arroja uma tênue luz sobre lugares obscuros para buscar algo tao simples e inalcançável como os seres humanos, seres com quem dialogar para, entre todos, conhecer melhor o mundo que habitamos e partilhamos.

Nesse sentido, chegando agora ao fim deste longo trabalho, posso afirmar que a principal contribuição do mesmo, num âmbito mais global, é no que diz respeito ao gênero e à sexualidade, mais precisamente sobre as construções e as vivências acerca da sexualidade feminina. Durante as várias etapas da escrita da tese foi possível perceber

Copos, corpos e afetos

como as vivências das colaboradoras constituíam exemplos bastante representativos de como as construções acerca da sexualidade são centrais na configuração das diversas identidades assumidas pelas mulheres ao longo de suas vidas. Em efeito, este trabalho demandou um exercício constante de identificação e desconstrução das normatividades hegemônicas a respeito da sexualidade e do gênero para que as análises fossem possíveis.

Todos os capítulos, mesmo que por vieses diferentes, passam necessariamente por esta questão. Desde os estereótipos sobre a mulher brasileira calcados numa alteridade racializada e tropicalizada à valorização eloquente da maternidade e do cuidado para com a família, os dilemas aqui analisados estiveram sempre relacionados com as formas com que a sexualidade da mulher é produzida, percebida e vivida no ocidente contemporâneo. Tratei aqui dos principais domínios para os quais a sexualidade das colaboradoras é remetida: a sexualidade em relação à identidade; às emoções; à sua instrumentalização; e à reprodução.

Os esforços das colaboradoras dessa pesquisa, nem sempre bens sucedidos, na corrida por uma vida melhor em termos de acesso a bens de consumo e capitais sociais coexiste todo o tempo com a criação de mecanismos que possam proteger suas identidades da desvalorização social. Tal desvalorização é reificada em estigmas diversos, todos eles ligados a uma normatividade que é imposta sobre as formas com que as mulheres fazem uso de sua sexualidade.

Trata-se de estigmas criados a partir do contexto de desigualdade entre gêneros, que se intersectam com as categorias da nacionalidade e da classe, e que pretendem classificar e categorizar as mulheres de acordo com suas práticas sexuais e íntimas. Eles contém em si os discursos sobre o que é certo e o que é errado, e sobre o que as mulheres podem ou não fazer em relação aos seus próprios corpos. Em outras palavras, são estigmas que exercem uma função normativa, quase invisível mas eficaz, sobre o comportamento feminino.

Sobre a desvalorização social a que as colaboradoras dessa pesquisa estão subordinadas podemos dizer, grosso modo, que: suas afetividades são reduzidas ao

Copos, corpos e afetos

interesse; sua sexualidade a um serviço em benefício de terceiros; sua atividade laboral é invisibilizada pelos consumidores de seus serviços; suas personalidades e identidades são aprisionadas no campo da emoção, da natureza e da reprodução e, assim, sua cultura, razão e humanidade lhe são sutilmente negadas. E suas escolhas, quando não são vistas pela ótica do desvio, elas o são pela ótica da vitimização.

Neste sentido, incorporar as categorias ideológicas que imperam no sistema normativo vigente – sobretudo no que diz respeito a noção de mulher como boa mãe e/ou como aquela que cuida da família e a prioriza acima de tudo, inclusive de seus interesses pessoais – torna-se uma parte do processo de se reconstituir como pessoa no contexto migratório. Em outras palavras, os esforços em aproximarem-se de standards de feminilidade, especialmente o da cuidadora, são também uma forma de agregar valor a si e comunicá-lo aos outros, ou seja, falar de seu amor aos familiares e colocar este amor como incondicional é também uma maneira de falar de si própria.

Voltando a questão inicial de enquadrar as experiências dos sujeitos desta pesquisa num quadro social mais global, é interessante notar que todos esses dilemas sobre os quais este trabalho se debruçou – vulnerabilidade a estigmas ligados aos usos que se faz do corpo; envolvimento entre amor, afeto e interesse; instrumentalização do sexo e do afeto; maternidade; cuidado; dependência; opressão; exclusão e poder – são dilemas comumente partilhados, não apenas pelas colaboradoras desta pesquisa, mas por todas as mulheres, ainda que em níveis muito diferentes.

Todo este quadro representa quase uma alegoria das diversas subordinações a que as mulheres são submetidas diariamente não apenas no contexto do mercado sexual e tampouco apenas no contexto migratório. O posicionamento da mulher nas hierarquias sociais – se ela é imigrante ou não, europeia ou oriunda de ex-colônias, branca ou negra, pobre ou rica, entre outras categorias indicativas de maior ou menor acesso a privilégios – é que vai afastá-la ou aproximá-la dessas alegorias, ou mesmo empurrá-la para situações mais extremas do que as aqui abordadas.

1. Sexualidade e identidade: ser brasileira em Portugal

Num primeiro momento vimos que a percepção da mulher brasileira no imaginário popular português está profundamente arraigada em concepções colonialistas. Em efeito, não podemos separar as categorias aqui analisadas das categorias do gênero (mulher) e da nacionalidade (brasileira) já que neste caso específico a própria percepção da feminilidade passa necessariamente pela identidade nacional, ao mesmo tempo em que a percepção da nacionalidade também se dá pelo viés do gênero. Não porque a identidade sobrepõe duas categorias (mulher e brasileira), mas porque ela é configurada pela fusão inextricável das duas. Além disso, a identidade nacional da brasileira está, neste contexto, imbricada com a categoria de classe, já que as noções acerca do Brasil evocam a ideia de terceiro mundo e de subalternidade.

Vimos ainda que a articulação de diferentes tipos de marcadores de alteridade – gênero, nacionalidade, sexualidade e classe – cria iniquidades que estruturam as posições que as colaboradoras dessa pesquisa ocupam na sociedade, resultando na produção de estereótipos sexualizantes e inferiorizantes e fazendo com que seu valor e credibilidade enquanto indivíduos e cidadãs sejam reduzidos. Todavia, embora os estereótipos e classificações que as meninas estão sujeitas sejam eficazes mecanismos de exclusão, eles não constituem os produtores das desigualdades, mas apenas efeitos cristalizados de complexas correlações de forças.

A desigualdade que se impõem sobre as colaboradoras desta pesquisa no acesso a recursos comuns – acesso limitado às vagas de trabalho, sobretudo às posições mais bem pagas e qualificadas; salários desiguais; problemas com documentação; redes de contatos e sociabilidades incipientes, entre outros – favorece a busca por meios alternativos de sustento dentre os quais “ganhar dinheiro bebendo copos” se apresenta como uma opção vantajosa.

2. Sexualidade e feminilidade: beber copos e agradar os homens

Desde o início da pesquisa percebi que, embora no senso comum, nos médias e na academia os bares de alterne sejam vistos como sinônimo de bares de prostituição, nas narrativas das meninas as fronteiras entre uma atividade e outra são claras e constantemente reiteradas. O trabalho de alterne é percebido como mais próximo ao do trabalho emocional do que sexual. Ainda que as interações sejam assumidamente pautadas pelo erotismo e pela excitação sexual, há uma grande demanda, por parte dos clientes, por amizade, suporte emocional, afetividade e aconselhamento.

Por parte das meninas, há uma recusa do intercâmbio direto e pré-determinado entre serviço sexual e remuneração. Quando há sexo entre clientes e alternes ele acontece, na maioria dos casos, quando as relações se estendem para fora dos bares. A maioria das colaboradoras desta pesquisa preferem manter sua atividade e seus relacionamentos com os clientes habituais numa atmosfera de dependência onde a inserção do afeto, da amizade, do desejo e do cuidado divide espaço com a instrumentalização do sexo e da intimidade e obscurece o caráter comercial da relação. Por outro lado, o exemplo de Jéssica que, diferentemente das outras meninas, passou a optar por fazer programas justamente por rejeitar essa condição de dependência, demonstrou como o posicionamento dos homens como centro das possibilidades de mobilidade social das mulheres varia de acordo com o capital social e escolar e o acesso a recursos que cada uma possui.

Enquanto as meninas percebem a atividade que desempenham como um serviço que supre uma demanda masculina por suporte emocional, sedução e estímulo erótico, por outro lado, os discursos dos homens que frequentam esses clubes é silenciador de suas especificidades e é construído num esforço de invisibilizar a busca pela companhia feminina que não seja exclusivamente para fins sexuais. Como os discursos masculinos predominam nos meios de informação e são largamente mais valorizados em todas as esferas da sociedade, sua desconstrução revela as dinâmicas de dominação por trás dos silêncios sobre a atividade da alterne.

Copos, corpos e afetos

Quando questionados sobre as motivações que os levam a frequentar este tipo de clube, os homens tendem a dar respostas evasivas do tipo: “Vai-se para beber um copo, para relaxar um bocado”; “Já conheço o lugar, vou lá há muito tempo”; “Sou amigo do dono”; “É um bom lugar para ir com clientes e colegas [do trabalho] nos dias de semana”; “Um gajo precisa se divertir, descomprimir e é um lugar onde se pode estar na conversa, rir um bocado”. Ou seja, trata-se de declarações que nunca estão relacionadas à busca por companhia feminina e que, por sua vez, destoam radicalmente tanto das narrativas das meninas quanto do que pude observar nos bares. Os discursos masculinos a respeito dos bares descentraliza a atividade da alterne promovendo a ideia de que se trata de um campo de sociabilidades e comensalidade masculinas em que a presença das meninas é bem-vinda, porém, não é fundamental.

A prática de se pagar um copo é, entretanto, colocada em termos de ajuda e generosidade. Paga-se um copo porque “a menina precisa, não custa nada ajudar”. Os discursos de ajuda e generosidade aproximam os homens de descritores de masculinidade desejados e reconhecíveis por eles – sobretudo a ideia do homem provedor – ao mesmo tempo em que neutralizam as possibilidades das mulheres serem vistas como prestadoras de um serviço e, conseqüentemente, como sujeitos da interação.

Vimos ainda que as maneiras de se agradar o cliente giram em torno de técnicas de comportamento tais como: escutar, rir das piadas (mesmo quando elas não são engraçadas), tocar, insinuar desejo e disponibilidade sexual, ser carinhosa e atenciosa, entre outros. Trata-se de performances baseadas em standards de feminilidade presentes nos imaginários femininos e masculinos e que operam como normas a respeito do comportamento das mulheres, especialmente quando o intuito é de agradar aos homens ou ser desejada por eles.

No entanto, se refletirmos sobre esta questão dos ideais de feminilidade transcendendo-a para fora do contexto dos bares, chegaremos a conclusão de que toda a noção de feminilidade é, em si, construída em relação a expectativas masculinas, sobretudo a noção tropicalizada de feminilidade. E é por isso que torna-se problemático falarmos em ideais hegemônicos de feminilidade, já que o pensamento hegemônico a partir do qual estes ideais são produzidos é fundamentalmente masculino. Neste sentido,

Copos, corpos e afetos

a feminilidade é, ao fim e ao cabo, esvaziada de feminilidade.

3. Sexualidade, afetividade e interesse: os clientes-namorados

Os relacionamentos que se estendem para fora dos bares seguem mais ou menos a mesma lógica das dinâmicas interacionais nos bares. Em vista das assimetrias de poder e acesso a recursos entre homens e mulheres deste contexto, a ajuda oferecida pelos clientes-namorados em troca da disponibilidade afetiva e sexual das meninas revela a sua lógica de dominação por trás da ideia de reciprocidade na medida em que recompensa e valoriza uma sexualidade solicitada e imposta como um serviço.

Ao contrário do que acontece numa troca mercantil, a obrigatoriedade da retribuição é dissimulada numa suposta liberdade de retribuição espontânea onde não há uma equivalência rígida de valores preestabelecida. Trata-se de condições estruturais que atingem o plano individual e, portanto, instituem o intercâmbio econômico sexual como forma generalizada das relações entre alturnes brasileiras e clientes.

No entanto, foi muito importante perceber como as mulheres otimizam os ganhos com a relação na medida em que alimentam as demandas masculinas que giram em torno da ideia do homem generoso, provedor e proprietário de recursos. Conscientes da atração que sua posição desprivilegiada exerce nos homens, além de performarem estilos de feminilidade que correspondem às noções tropicalizadas sobre a mulher brasileira, as meninas fazem uso de mecanismos que reforçam a ideia de superioridade desses homens, deixando-os não só confortavelmente situados numa posição privilegiada como também impelidos a ajudá-las.

Trata-se de uma dinâmica que é endossada pelo fato da sexualidade feminina ser construída numa linha de troca, algo que não é exclusividade deste contexto específico mas, pelo contrário, comum a diversos estratos sociais, culturais e econômicos. Embora haja uma forte imposição cultural e moral que oponha radicalmente a intimidade/afetividade ao interesse material, nós mulheres somos socializadas com a

Copos, corpos e afetos

ideia de que nossa sexualidade é algo valioso e que não deve ser “entregue a qualquer um”, ainda que seu uso deva respeitar certas normas externas a nossas próprias vontades e decisões pessoais.

Assim, mesmo que o intercâmbio econômico-sexual se transforme na forma das relações e na própria estrutura da sexualidade em si, no caso das alternes, a escolha e o gerenciamento autônomo das interações são resultados de suas capacidades de agência frente a um contexto de desigualdades. Ou seja, as meninas mobilizam as desigualdades transformando-as em recursos que desestabilizam os focos de poder e que abrem brechas para negociações e possibilidades de ação.

Nas conversas que tive com as meninas sobre seus clientes-namorados, percebi que, embora o uso de discursos que evocam afeto, amizade e cumplicidade estejam sempre presentes, curiosamente, existe um esforço reflexivo muito maior no sentido de recusa do amor enquanto legitimador e motivador principal de uma relação. Os discursos que apontam para uma racionalização da escolha do parceiro afetivo-sexual, no sentido dos benefícios materiais e sociais que tal escolha possa oferecer, parecem prevalecer ao discurso da busca mais hedonista por satisfação pessoal através da realização amorosa e emocional.

A ideia de que “o conto de fadas acabou”, muito presente nas reflexões que as meninas fazem de si próprias a respeito de suas aspirações para o futuro e dos relacionamentos que mantêm com os clientes-namorados, nos mostra uma visão pragmática acerca das relações afetivas e sexuais que não corresponde nem ao ideal do amor romântico e tampouco à comercialização da intimidade.

Como os homens estão, na maioria dos casos aqui abordados, no centro das possibilidades de ascensão social das meninas, relacionar-se por amor e paixão com alguém que não possa ou queira oferecer benefícios financeiros ou sociais é visto como um obstáculo a seus projetos pessoais e familiares de mobilidade. Por outro lado, manter relacionamento com homens mais velhos e economicamente estáveis que estão dispostos e desejosos em “ajudar” é sinal de maturidade e responsabilidade, mesmo que interesses outros que não afetivos assumam centralidade na relação.

Copos, corpos e afetos

Além disso, considerando a responsabilidade das mulheres para com o sustento de familiares que permaneceram no Brasil, deixar-se viver um romance que não traz benefícios financeiros e sociais significa relegar ao segundo plano as possibilidades de um futuro melhor e de ampliação do acesso ao consumo para si e para os familiares em prol da satisfação de desejos vistos como imediatos, individualistas e infantis.

Mas isso não quer dizer que os relacionamentos entre as meninas e os clientes-namorados sejam desprovidas de afeto e de sentimentos. Pelo contrário, trata-se de relações relativamente estáveis, muitas vezes duradouras, em que a presença de interesses diversos coexistem com sentimentos de cumplicidade, amizade e amor. As mulheres envolvidas nessas relações descrevem seus parceiros com palavras que evocam admiração e reconhecimento pelos mesmos.

E todo este processo de reconfiguração a respeito dos ideais de relacionamento – seu deslocamento do modelo romântico e a produção de modelos alternativos – abriga em si um potencial emancipador na medida em que as meninas rompem com a prerrogativa da realização pessoal feminina atrelada ao amor e ao relacionamento romântico, e se reconhecem enquanto seres autônomos, dotados de capacidade de agência e não à mercê das emoções.

No entanto, vimos também que embora a tendência pragmática em se encarar a relação amorosa exista também fora deste contexto específico, os sentimentos e uma suposta irracionalidade é o que continua legitimando a escolha do parceiro – embora ela envolva inegavelmente questões de status, prestígio, mobilidade e reprodução social – e empurrando para as margens, para o estigma e para o campo do desvio, as escolhas baseadas em interesses outros que não puramente afetivos, sobretudo em campos marcados por desigualdades de classes e de raça. É, inclusive, notável que haja uma relativa aceitação da desvinculação entre sexo e sentimentos quando ele ocorre entre mulheres de classes mais favorecidas – como podemos ver na exaltação que certas revistas femininas fazem a respeito do sexo casual, por exemplo –, enquanto que, entre mulheres de classes inferiores, os rótulos de puta e interesseira lhes são atribuídos com mais facilidade.

4. Sexualidade e reprodução: as mulheres como cuidadoras

O contexto de transnacionalidade no qual as meninas se inserem intensifica a importância atribuída às relações de parentalidade, uma vez que as várias maneiras de se expressar afetividade e cuidado para com os familiares, sobretudo através do envio de dinheiro e presentes, funcionam como poderosos indicadores não só de pertença mas também de prestígio em ambos os contextos – origem e destino.

O cuidado para com a família é central na vida de todas as colaboradoras dessa pesquisa. No momento em que se assumem como seres solidários e responsáveis para com os membros familiares, não só se afirmam no papel reconhecidamente feminino ao qual estão inscritas, como reivindicam sua capacidade de amar, de cuidar e de partilhar. Tais capacidades, quando exaltadas, influenciam positivamente as subjetivações acerca de suas identidades desestabilizando as relações de poder nas quais os estigmas são produzidos.

Reconstruindo-se e reconhecendo-se nos papéis de cuidadoras e responsáveis por parte do sustento da família, as meninas reapropriam-se da ideologia do cuidado encarando-o como uma virtude, uma ética que envolve sentimentos de caráter nobre, tais como a solidariedade, a responsabilidade e a empatia.

As práticas de cuidado a distância possibilitam não somente a manutenção dos laços com a família no Brasil mas também a contribuição para seu sustento financeiro, parte integrante e importante do projeto migratório. Além disso, a priorização do cuidado com a família permite uma reconfiguração positiva de identidades comprometidas pelo estigma associado ao abandono da família e ao exercício de atividades prostitucionais.

Vimos ainda que a intensa marginalização e exclusão que se impõe às trabalhadoras sexuais acaba por promover o uso de justificativas buscadas na própria lógica de dominação, justamente por serem justificativas acessíveis e reconhecidas pelas trabalhadoras sexuais e por todos. Para protegerem-se do estigma as meninas buscam associar suas identidades a elementos vistos como positivos e valorizantes da

Copos, corpos e afetos

feminilidade. Neste sentido, nada mais eficaz do que buscá-los numa das principais fontes do aprisionamento estrutural da sexualidade feminina: a reprodução compulsória – não apenas na forma da maternidade em si, mas também através da imposição da cultura do cuidado parental. Neste sentido, a exaltação do amor para com a família pode ser lida também como um falar de si que, usando a linguagem da dominação, serve como um mecanismo que busca garantir a capacidade de agência, a escolha pessoal e a proteção contra as ameaças do estigma.

Como foi demonstrado, na medida em que a família é vista como um lugar de exercício de solidariedade, cuidado e como refúgio contra a hostilidade “lá fora”, ela também se torna gradativamente o parâmetro moral para a ação no domínio público. O exemplo do bar da Kikas demonstra a existência da criação de artifícios alternativos, inspirados na lógica doméstica e familiar, para que, de um lado, uma condição mínima de dignidade seja garantida às meninas e, de outro, a coesão e o bom funcionamento do negócio sejam mantidos.

Além disso, o universo dos bares, no geral, é visto por todas as meninas com quem conversei como um ambiente propício a “falsas amizades”, oportunismo, egoísmo, interesse e competição. Neste sentido, criar e reforçar laços de amizades neste contexto é algo encarado como quase impossível e, quando acontece, as amigas passam a serem vistas como irmãs. É interessante observar, entretanto, que todos os espaços onde há uma presença expressiva de mulheres que trabalham ou permanecem juntas por tempo prolongado são comumente vistos como espaços de forte competição e conflitos.

Trata-se de uma visão resultante de noções genderizadas que tentam descredibilizar as capacidades sociais das mulheres, colocando-as como irracionais, e naturalmente ciumentas, invejosas e desonestas. São noções socialmente construídas e arraigadas que se reproduzem nos processos de socialização de meninas naturalizando certos comportamentos. Neste sentido, as próprias mulheres se percebem naturalmente como rivais, sobretudo quando o objeto de competição é a atenção masculina. E, neste ponto, pude observar que, no bar da Kikas, o estereótipo de competição desleal entre mulheres é colocado diariamente em causa pela forma com que Kikas estrutura e conduz as relações em seu bar. Ao mesmo tempo em que ela tenta propiciar um

Copos, corpos e afetos

ambiente de amizade e apoios mútuos entre as meninas, ela mantém um discurso de que o homem é apenas um meio de se fazer dinheiro, reforçando a cumplicidade entre as colegas e desmotivando competições.

Todavia, o problema de cunho estrutural – a condição subalternizada de mulheres imigrantes junto ao fato do exercício da prostituição e do alterne ser estigmatizado e não como atividade laboral e toda a exclusão que isso acarreta – articulado à configuração das relações no espaço de trabalho guiada pela lógica de família – e da visão hegemônica da família como um espaço seguro, solidário e livre de injustiças – acaba por impor contornos cinzentos a uma paisagem que pretende ser harmoniosa, igualitária e justa.

A esfera doméstica se transforma num espaço onde as relações de desigualdade não só são possíveis como são vistas como naturais. E, como vimos, isso acontece não somente no contexto laboral mas também dentro das próprias dinâmicas familiares em que as meninas sentem-se sobrecarregadas com o cuidado para com a família. Das mulheres migrantes se espera um esforço e uma frequência muito maiores em demonstrar afeto aos seus familiares, sobretudo aos filhos, através de constantes performances e atos de cuidado.

Não se pode deixar de considerar que a ideologia do cuidado, embora tenha o seu lado positivo, como vimos, pode trazer obstáculos para o caminho do desenvolvimento pleno da autonomia das mulheres. Afinal, é precisamente através da conquista progressiva da cidadania e do abandono de uma condição associada à natureza, à reprodução e à maternidade que as mulheres têm adquirido maiores direitos ao longo dos últimos séculos.

Acredito que as questões da agência são, sem dúvida, centrais nos estudos sobre o mercado sexual e existe um esforço, por parte dos cientistas sociais que trabalham com este terreno, em não aprisionarem seus sujeitos de análise em estruturas rígidas de poder. No entanto, é preciso evitar uma certa confusão entre capacidade de agência e poder que acaba por se sintetizar, muitas vezes equivocadamente, na ideia de resistência. As estratégias usadas pelas mulheres que emergem destas interações, muito

Copos, corpos e afetos

antes de funcionarem como subversões das normas, estão inscritas numa dinâmica de dispositivos que indicam que as próprias concepções sobre as diferenças entre cliente e trabalhadora sexual; homem e mulher; brasileira e europeia; prostituta e não prostituta, entre outras dicotomias, são, em si, uma forma de poder.

E, por fim, vimos como a construção da sexualidade feminina permanece profundamente calcada na lógica de dominação masculina, ainda que haja amplos espaços de agência e de contestação desta lógica. Trata-se de um sistema que aloca a sexualidade em domínios diversos de forma a desapropriar o controle das mulheres sobre os usos que fazem de seu próprio corpo e das subjetividades envolvidas nestes usos.

Neste sentido, podemos dizer que tão violento quanto os condicionantes estruturais que levam muitas mulheres a se prostituírem é a construção da sexualidade feminina como algo que não pertence a própria mulher, sendo ela prostituta ou não. E, mais violento ainda, é a marginalização e exclusão social da mulher que escolhe livremente lançar mão da instrumentalização do sexo e do afeto.

Contudo, é preciso ressaltar não só a capacidade de mobilização de meios que propiciam uma vida melhor aos membros familiares, mas sobretudo o potencial emancipatório que emerge das maneiras com que as meninas lidam com sua vulnerabilidade ao estigma e sua condição de exclusão. Principalmente no que diz respeito à capacidade de agência, as mulheres mobilizam as desigualdades transformando-as em recursos que abrem brechas para possibilidades de ação e desestabilização do poder.

BIBLIOGRAFIA

ABOIM, Sofia, 2006a, Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social*. 2006. Vol. XLI, no. 180, p. 801–825.

ABOIM, Sofia, 2006b, *Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa: Impr. de Ciências Sociais.

ABOIM, Sofia, 2012, Do público e do privado: uma perspectiva de género sobre uma dicotomia moderna. *ref Revista Estudos Feministas*. 2012. Vol. 20, no. 1, p. 95–117.

ACKERS, Louise, 1998, Cuidar à distância : mulheres, mobilidade e autonomia na União Europeia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 1998. No. 50, p. 121–151.

ADLOFF, Frank and MAU, Steffen, 2006, Giving Social Ties, Reciprocity in Modern Society. *European Journal of Sociology / Archives Européennes de Sociologie*. 2006. Vol. 47, no. 01, p. 93–123.

AGUSTÍN, Laura María, 2007, *Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry*. London; New York; New York: Zed Books ; Distributed in the USA by Palgrave Macmillan.

AGUSTIN, Laura María, 2001, Sex Workers and Violence Against Women: Utopic visions or battle of the sexes? *Development*. 2001. Vol. 44, no. 3, p. 107–110.

ALLISON, Anne, 1994, *Nightwork: sexuality, pleasure, and corporate masculinity in a Tokyo hostess club*. Chicago: University of Chicago Press.

ALVIM, Filipa and BORDONARO, Lorenzo, 2012, “The greatest crime in The world’s History”: Uma análise arqueológica do discurso sobre tráfico de mulheres. [online]. 2012. No. 1. [Accessed 23 April 2013]. Available from: http://www.academia.edu/3075476/The_greatest_crime_in_The_worlds_History_Uma_analise_arqueologica_do_discurso_sobre_trafico_de_mulheres_in_Revista_In_Visivel_-1_-Escravidao

ALVIM, Filipa and TOGNI, Paula, 2010, Sob o véu dos Direitos Humanos: tráfico,

Copos, corpos e afetos

tráfego e políticas públicas para a imigração. Um estudo de caso sobre as mulheres brasileiras em Portugal. In: *Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Santa Catarina. 2010.

ALVIM, Filipa, 2009, «Tráfico, Sexo e Imigração-breve reflexão sobre um problema social». *Working Papers - ISCTE* [online]. 2009. [Accessed 23 April 2013]. Available from: http://www.academia.edu/1900727/Trafico_Sexo_e_Imigracao-breve_reflexao_sobre_um_problema_social

ANDERSON, Benedict, 2005, *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Ed. 70.

ANTHIAS, Floya and CEDERBERG, Maja, 2009, Using Ethnic Bonds in Self-Employment and the Issue of Social Capital. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 2009. Vol. 35, no. 6, p. 901–917.

ANTHONY GIDDENS, 1992, *The transformation of intimacy : sexuality, love, and eroticism in modern societies*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.

APPADURAI, Arjun, 2010, Introdução: Mercadorias e a política de valor. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF. p. 15–87.

BALDASSAR, Loretta, KILKEY, Majella, MERLA, Laura and WILDING, Raelene, 2014, Transnational families: Introduction and the mobility turn. In: *The Wiley Blackwell companion to the sociology of families*. Chichester: West Sussex John Wiley & Sons Inc.

BALDASSAR, Loretta and MERLA, Laura, 2014, *Transnational families, migration and the circulation of care: understanding mobility and absence in family life*. New York: Routledge.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho, 2007, Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. *Mana*. April 2007. Vol. 13, no. 1, p. 7–40.

BERNSTEIN, Elizabeth, 2007, *Temporarily yours : intimacy, authenticity, and the commerce of sex*. Chicago: University of Chicago Press.

BOURDIEU, Pierre, 1977, *Outline of a theory of practice*. Cambridge, U.K.; New York : Cambridge University Press.

Copos, corpos e afetos

BOURDIEU, Pierre, 1999, *A dominação masculina*. Oeiras, Portugal: Celta.

BOURDIEU, Pierre, 2001, *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre, 2008, *A distinção crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre: EDUSP Zouk.

BRAH, Avtar and PHOENIX, Ann, 2004, Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal of International Women's Studies*. 2004. Vol. 5, no. 3, p. 75–86.

BRAH, Avtar, 2006, Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*. Junho 2006. No. 26, p. 329–376.

BRANDÃO, Ana Maria, 2007, Entre a vida vivida e a vida contada : a história de vida como material primário de investigação sociológica. Universidade do Minho. Centro de Investigação em Ciências Sociais.[online]. 2007. [Accessed 11 August 2014]. Available from: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9630>

BUTLER, Judith, 1990, *Gender trouble : feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.

BUTLER, Judith, 1993, *Bodies that matter : on the discursive limits of “sex.”* New York : Routledge.

CAILLÉ, Alain, 1998a, Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Outubro 1998. Vol. 13, no. 38, p. 5–38.

CHAPKIS, W, 1997, *Live sex acts : women performing erotic labor*. New York: Routledge.

CHO, Sumi, CRENSHAW, Kimberlé Williams and MCCALL, Leslie, 2013, Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis. *Signs*. June 2013. Vol. 38, no. 4, p. 785–810.

CHOW, Esther Ngan-ling, 1996, Introduction: Transforming knowledgment: Race, Class, and Gender. In: *Race, class, & gender: common bonds, different voices*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications. p. ix–xxvi.

COELHO, Bernardo, 2009a, Olhar os quadros que nos enquadram a visão: perspectivas teóricas sobre a prostituição e as prostitutas. *CIES e-WORKING PAPER*. 2009. No. 66.

Copos, corpos e afetos

COELHO, Bernardo, 2009b, *Corpo Adentro: prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si*. Lisboa: Difel.

COLLIER, Jane Fishburne, ROSALDO, Michelle Zimbalist and YANAGISAKO, Sylvia Junko, 1997, Is there a family?: new anthropological views. *Gender / sexuality reader: culture, history, political economy*. N. 71

CONNELL, Raewyn, 1987, *Gender and power: society, the person, and sexual politics*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.

CONNELL, Raewyn, 1995, *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.

CONNELL, R. W. and MESSERSCHMIDT, James W., 2005, Hegemonic Masculinity Rethinking the Concept. *Gender & Society*. 12 January 2005. Vol. 19, no. 6, p. 829–859.

CONSTABLE, Nicole, 2009, The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex, and Reproductive Labor. *Annual review of anthropology*, October 2009/49 [online]. [Accessed 31 October 2012]. Available from: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1597570

CORRÊA, Mariza, 1996, Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu*. 1996. No. 6-7, p. 35–50.

CVAJNER, Martina, 2011, Hyper-femininity as decency: Beauty, womanhood and respect in emigration. *Ethnography*. 9 January 2011. Vol. 12, no. 3, p. 356–374.

DAMATTA, Roberto, 1979, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

DESHOTELS, Tina and FORSYTH, Craig J., 2006, Strategic Flirting and the Emotional Tab of Exotic Dancing. *Deviant Behavior*. 2006. Vol. 27, no. 2, p. 223–241.

DOEZEMA, J, 2000, Loose women or lost women? The re-emergence of the myth of white slavery in contemporary discourses of trafficking in women. *Gender issues*. 2000. Vol. 18, no. 1, p. 23–50.

DOLABELLA, Lira, 2010, *Namoradinhos do Brasil “na noite” Lisboaeta: homens portugueses e mulheres brasileiras no contexto das Casas de Alterne*. Lisboa: ICS - Universidade de Lisboa.

DURÃO, Susana, 2004, Quando as mulheres concorrem e entram na polícia: a óptica etnográfica. *Etnográfica*. 2004. Vol. VIII, no. 1, p. 57–78.

Copos, corpos e afetos

FAIER, Lieba, 2007, Filipina migrants in rural Japan and their professions of love. *American Ethnologist*. 2007. Vol. 34, no. 1, p. 148–162.

FELDMAN-BIANCO, Bela, 2004, Brazilians in Portugal Portuguese in Brazil: Constructions of Sameness and Difference. *Vibrant: Brazilian Virtual Anthropology*. 2004. Vol. 1, p. 1–56.

FERNANDES, Gleiciani, 2008, *Viver Além-Mar: Estrutura e Experiência de Brasileiras Imigrantes na Região metropolitana de Lisboa*. Lisboa: ICS - Universidade de Lisboa.

FONSECA, Claudia, 2004, A morte de um gigolô: Fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitaria. p. 257–282.

FOUCAULT, Michel, 1990, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FOUCAULT, Michel, 2005, *História da sexualidade, 1 a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

FRANÇA, Thais, 2010, Alternando entre o trabalho e o prazer: Considerações de uma doutoranda brasileira. *Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutorado do CES/ FEUC/ FLUC*. 2010. No. 4.

FRASER, Nancy, 2002, Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero. In: *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo, SP, Brasil: Fundação Carlos Chagas: Editora 34.

FRY, Peter, 2005, *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GIACOMINI, Sonia Maria, 2006, Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. *Revista Estudos Feministas*. April 2006. Vol. 14, no. 1, p. 85–101.

GIDDENS, Anthony, 1979, *Central problems in social theory: action, structure, and contradiction in social analysis*. Berkeley: University of California Press.

GIDDENS, Anthony, 2005, *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed.

GILLIGAN, Carol, 1982, *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

GILLIGAN, Carol, 1997, In a different voice: women's conceptions of self and morality. *Feminist social thought: a reader*. Cambridge, Mass.: Harvard University

Copos, corpos e afetos

Press.

GIRONA, Jordi Roca, 2007, Migrantes por amor: La búsqueda y formación de parejas transnacionales. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*. 2007. Vol. 2, no. 003, p. 430–458.

GLAUCIA DE OLIVEIRA, Assis, OLIVAR, José Miguel Neto and PISCITELLI, Adriana (eds.), 2011, *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Unicamp. Campinas: Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero.

GLENN, Evelyn Nakano, 1994, Social constructions of mothering. In: *Mothering: ideology, experience, and agency*. New York: Routledge. p. 1–29.

GODBOUT, J. T., 1998, Introdução à dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Outubro 1998. Vol. 13, no. 38, p. 39–52.

GOFFMAN, Erving, 1963, *Stigma; notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.

GOMES, Mariana Selister, 2013, O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. *Dados*. 2013. Vol. 56, no. 4, p. 867–900.

HEILBORN, Maria Luiza, 2006, Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Rev. Estud. Fem. Revista Estudos Feministas*. 2006. Vol. 14, no. 1, p. 43–59.

HOCHSCHILD, Arlie Russell, 1983, *The managed heart: commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California Press.

HOCHSCHILD, Arlie Russell, 2003, *The commercialization of intimate life : notes from home and work*. Berkeley: University of California Press.

HOLMES, Mary, 2010, Intimacy, Distance Relationships and Emotional Care. *Recherches sociologiques et anthropologiques*. 15 June 2010. No. 41-1, p. 105–123.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette and AVILA, Ernestine, 1997, “I’m Here, but I’m There”: The Meanings of Latina Transnational Motherhood. *Gender and Society*. 1 October 1997. Vol. 11, no. 5, p. 548–571.

HUNTER, Mark, 2002, The Materiality of Everyday Sex: Thinking beyond “prostitution.” *African Studies*. 2002. Vol. 61, no. 1, p. 99–120.

ILLOUZ, Eva, 1997, *Consuming the romantic utopia love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley: University of California Press.

Copos, corpos e afetos

KAPUR, R, 2001, Post-Colonial Economies of Desire: Legal Representations of the Sexual Subaltern. *DENVER UNIVERSITY LAW REVIEW*. 2001. Vol. 78, p. 855–886.

KEMPADOO, Kamala and DOEZEMA, Jo, 1998, *Global sex workers: rights, resistance, and redefinition*. New York: Routledge.

KEMPADOO, Kamala, 2004, *Sexing the Caribbean gender, race, and sexual labor*. New York, N.Y.: Routledge.

KEMPADOO, Kamala, 2005, Shifting the debate on the traffic of women. *Cadernos Pagu*. Dezembro 2005. No. 25, p. 55–78.

LECHNER, Elsa, 2009, Introdução: O olhar biográfico. In: *Histórias de vida: olhares interdisciplinares*. Porto: Edições Afrontamento.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1976, *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis; São Paulo: Editora Vozes; Editora da Universidade de São Paulo.

LIMA, Antónia Pedroso and SARRÓ, Ramon (eds.), 2006, Já Dizia Malinowski: Sobre as Condições da Possibilidade da Produção Etnográfica. In: *Terrenos Metropolitanos. Ensaio Sobre Produção Etnográfica*. Lisboa: Impr. de Ciências Sociais. p. 14–34. [online] [Accessed 4 August 2015]. Available from: <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=1159>

LIMA, Antónia Pedroso, 2003, *Grandes famílias grandes empresas: ensaio antropológico sobre uma elite de Lisboa*. Lisboa: Publicações Dom quixote.

LIMA, Antónia, 2014, Cuidar, ser cuidado e viver em contexto de crise: Aspectos económicos das relações interpessoais. *Working Papers - CRIA* [online]. 2014. No. 11. Available from: http://cria.org.pt/site/images/ficheiros_imagens/working_papers/wp_cuidar_ser_cuidado_antonia_pedroso_lima.pdf

LUTZ, Catherine and ABU-LUGHOD, Lila, 1990, *Language and the politics of emotion*. Cambridge [England]; New York; Paris: Cambridge University Press ; Editions de la maison des sciences de l’homme.

LUTZ, Catherine, 1990, Engendered emotion: gender, power, and the rethoric of emotional control in American discourse. In: *Language and the politics of emotion*. Cambridge [England]; New York; Paris: Cambridge University Press; Editions de la maison des sciences de l’homme.

Copos, corpos e afetos

LUTZ, Catherine, 2013, Emotion, Thought, and Estrangement: Emotion as a Cultural Category. *Cultural Anthropology*. 22 March 2013. Vol. 1, no. 3, p. 287–309.

LUTZ, C and WHITE, G M, 1986, The Anthropology of Emotions. *Annual Review of Anthropology*. 1986. Vol. 15, no. 1, p. 405–436.

MACHADO, 2006, Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*. August 2006. Vol. 20, no. 57, p. 119–135.

MACHADO, 2009, *Cárcere público : processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: ICS.

MACKINNON, Catharine A., 2013, Intersectionality as Method: A Note. *Signs*. June 2013. Vol. 38, no. 4, p. 1019–1030.

MAHMOOD, Saba, 2005, *Politics of piety: the Islamic revival and the feminist subject*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.

MAIA, Suzana, 2012, *Transnational desires Brazilian erotic dancers in New York*. Nashville, Tenn.: Vanderbilt University Press.

MALHEIROS, Jorge Macaísta, 2007a, Os brasileiros em Portugal: a síntese do que sabemos. In: *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI. Coleção comunidades.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (ed.), 2007b, *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI. Coleção comunidades.

MALINOWSKI, Bronislaw, 1962, *The sexual life of savages in north-western Melanesia; an ethnographic account of courtship, marriage, and family life among the natives of the Trobriand Islands, British New Guinea*. New York: Harcourt, Brace & World.

MARTINS, Paulo Henrique, 2008, De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. - Movimento antiutilitarista nas ciências sociais: itinerários do dom. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. February 2008. Vol. 23, no. 66, p. 105–130.

MAUSS, Marcel, 1967, *The gift: forms and functions of exchange in archaic societies*. New York: Norton.

MAUSS, Marcel, 2008, *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.

MIRANDA, Joana, 2009, *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*. ACIDI.

Copos, corpos e afetos

MOUTINHO, Laura, 2004, “Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. *Cadernos Pagu*. Dezembro 2004. No. 23, p. 55–88.

NICHOLSON, Linda, 2000, Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. 2000. Vol. 8, no. 2, p. 9.

OKIN, Susan Moller, 2008, Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*. 2008. Vol. 16, no. 2, p. 305–332.

OLIVEIRA, Alexandra, 2004, *As vendedoras de ilusões: estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Lisboa: Editorial Notícias.

OLIVEIRA, Alexandra, 2011, *Andar na vida: prostituição de rua e reacção social*. Coimbra: Almedina.

ORTEGA, Francisco, 2000, *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PADILLA, Beatriz, 2005, Integration of Brazilian immigrants in Portuguese Society: Problems and Possibilities. [online]. 2005. [Accessed 12 March 2014]. Available from: <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1999> Paper delivered at the 9th International Metropolis Conference “Co-operative Migration Management”, September 27 - October 1, 2004. Geneva, Switzerland

PADILLA, Beatriz, 2007, A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI. Coleção comunidades.

PAIS, José Machado and BORGES, Genoveva Calvão, 1999, *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

PAIS, José Machado, 1996, Vivências sexuais: modos e diversidades. In: *Actas do III Congresso de Sociologia* [online]. Lisboa: Celta Editora. 1996. Available from: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR492ede2664249_1.pdf

PAIS, 2010, “Mães de Bragança” e feitiços: Enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade. *Revista de Ciências Sociais*. 2010. Vol. 41, no. 2.

PARREÑAS, Rhacel, 2013, Transnational Mothering: A Source of Gender Conflict in the Family. In: *Migration, Familie und soziale Lage* [online]. VS Verlag für

Copos, corpos e afetos

Sozialwissenschaften. p. 169–194. [Accessed 14 March 2015]. Available from: http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-531-94127-1_9

PEDONE, Claudia, 2010, “Varones aventureros” vs. “madres que abandonan”: reconstrucción de las relaciones familiares a partir de la migración ecuatoriana. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* [online]. 28 September 2010. Vol. 16, no. 30. [Accessed 27 February 2015]. Available from: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/76>

PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena and CARRARA, Sérgio, 2004, *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Garamond Universitaria. 2004.

PISCITELLI, Adriana, 1996, “Sexo tropical - Comentários sobre gênero e ‘raça’ em alguns textos da mídia brasileira.” *Cadernos Pagu*. 1996. Vol. 6/7, p. 9–34.

PISCITELLI, Adriana, 2002, Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. *Cadernos Pagu*. 2002. No. 19, p. 195–231.

PISCITELLI, Adriana, 2007a, Prostituição e Trabalho. In: *Transformando as relações trabalho e cidadania, produção, reprodução e sexualidade*. UFBA/FFCH/CUT. Salvador. p. 183–195.

PISCITELLI, Adriana, 2007b, Shifting Boundaries: Sex and Money in the North-East of Brazil. *Sexualities*. 10 January 2007. Vol. 10, no. 4, p. 489–500.

PISCITELLI, Adriana, 2007c, Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. June 2007. Vol. 22, no. 64, p. 17–32.

PISCITELLI, Adriana, 2008a, Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura* [online]. 18 December 2008. Vol. 11, no. 2. [Accessed 11 June 2013]. Available from: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5247>

PISCITELLI, Adriana, 2008b, Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. *Cadernos Pagu*. December 2008. No. 31, p. 29–63.

PISCITELLI, Adriana, 2011, Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Unicamp. Campinas: Pagu / Núcleo de Estudos de

Copos, corpos e afetos

Gênero. p. 537–582.

PONTES, Luciana, 2004, Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*. December 2004. No. 23, p. 229–256.

REBHUN, Linda-Anne, 1999, *The heart is unknown country: love in the changing economy of northeast Brazil*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.

REBHUN, Linda-Anne, 2007, The strange marriage of love and interest: Economic change and emotional intimacy in Northeast Brazil, private and public. In: *Love and globalization: transformations of intimacy in the contemporary world*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press.

REZENDE, Claudia Barcellos, 2002, Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*. October 2002. Vol. 8, no. 2, p. 69–89.

RIBEIRO, Manuela, SILVA, Manuel Carlos, RIBEIRO, Fernando B., SACRAMENTO, Octávio and SCHOUTEN, Johana, 2008, *Vidas na raia : prostituição feminina em regiões de fronteira*. Porto: Afrontamento. Biblioteca das Ciências Sociais: Sociologia/Epistemologia.

RIBEIRO, Manuela, 2004, As prostitutas também são mães: Contornos e conteúdos de uma condição (quase sempre) extrema. In : *Actas do V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção*. Braga: Universidade do Minho. 2004. p. 27–38.

ROBBINS, Joel, 2009, Value, structure, and the range of possibilities: a response to Zigon. *Ethnos*. 2009. Vol. 74, no. 2, p. 277–285.

ROSALDO, Michelle Z., 1984, Toward an anthropology of self and feeling. In: *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge [Cambridgeshire]; New York : Cambridge University Press.

RUBIN, Gayle, 1975, The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. *Toward an anthropology of women Second wave : a reader in feminist theory*. 1975.

RYAN, Louise, 2007, Migrant Women, Social Networks and Motherhood: The Experiences of Irish Nurses in Britain. *Sociology*. 4 January 2007. Vol. 41, no. 2, p. 295–312.

SACRAMENTO, Octávio, 2006, Amor contrafeito: a emoção e a sua instrumentalização no meio prostitucional. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*.

Copos, corpos e afetos

2006. Vol. 5, no. 14/15, p. 147–169.

SAHLINS, Marshall, 1990, *Ilhas de historia*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

SAHLINS, Marshall, 2011, What kinship is (part one) = Ce qu'est la parenté (première partie). *Journal of the Royal Anthropological Institute*. 2011. Vol. 17, no. 1, p. 1–19.

SANTOS, Boaventura de Sousa, GOMES, Conceição, DUARTE, Madalena and BAGANHA, Maria Ioannis, 2008, *Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

SCOULAR, Jane, 2004, The “subject” of prostitution: Interpreting the discursive, symbolic and material position of sex/work in feminist theory. *Feminist Theory*. 2004. Vol. 5, no. 3, p. 343–355.

SILVA, Ana Paula da, BLANCHETTE, Thaddeus, PINHO, Anna Marina Madureira de, PINHEIRO, Bárbara and LEITE, Gabriela Silva, 2005, Prostitutas, “traficadas” e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos.” *Cadernos Pagu*. Dezembro 2005. No. 25, p. 153–184.

SILVA, Manuel Carlos and BESSA RIBEIRO, Fernando, 2010, *Mulheres da vida, mulheres com vida: prostituição, estado e políticas*. Ribeirão: Húmus.

SILVÉRIO, Maria, 2014, Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. 1 October 2014. No. vol. 18 (3), p. 551–574.

SIMMEL, Georg, 2004, *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio d'água.

STRATHERN, Marilyn, 1988, *The gender of the gift problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press.

TABET, Paola, 2004, *La grande arnaque: sexualité des femmes et échange économique-sexuel*. Paris: Harmattan.

TOGNI, Paula, 2011, Que “brasileiras/os” Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo. In: *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Unicamp. Campinas: Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero. p. 537–582.

TOGNI, Paula, 2014, *A Europa é o Cacém: mobilidades, gênero e sexualidade nos*

Copos, corpos e afetos

deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal [online]. Lisboa: ISCTE-IUL. [Accessed 12 May 2015]. Available from: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8679>

TORRES, Anália Cardoso, 1996, *Divórcio em Portugal, ditos e interditos: uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora.

TORRES, Anália Cardoso, 2002, *Casamento em Portugal: uma análise sociológica*. Oeiras: Celta.

TRONTO, Joan C, 1993, *Moral boundaries: a political argument for an ethic of care*. New York: Routledge.

VALE DE ALMEIDA, Miguel, 2000a, *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

VALE DE ALMEIDA, Miguel, 2000b, *Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta.

VALE DE ALMEIDA, Miguel, 2004, *Outros destinos: ensaios de antropologia e cidadania*. Porto: Campo das Letras.

WADE, Peter, 1997, *Race and ethnicity in Latin America*. Chicago, Ill.: Pluto Press.

WALL, Karin, 2005, *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*. Lisboa: ICS, Impr. de Ciências Sociais.

WEBER, Max, 1991, *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: UnB.

WHITE, Geoffrey M., 1990, Moral discourse and the rethoric of emotions. In: *Language and the politics of emotion*. Cambridge [England]; New York; Paris: Cambridge University Press; Editions de la maison des sciences de l'homme.

YOUNG, Iris Marion, 1990, *Justice and the politics of difference*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.

ZELIZER, Viviana A. Rotman, 2005, *The purchase of intimacy*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.

ZIGON, Jarrett, 2007, Moral breakdown and the ethical demand A theoretical framework for an anthropology of moralities. *Anthropological Theory*. 6 January 2007. Vol. 7, no. 2, p. 131–150.

ZIGON, Jarrett, 2008, *Morality: an anthropological perspective*. Oxford; New York:

Copos, corpos e afetos

Berg.

ZIGON, Jarrett, 2009a, Phenomenological Anthropology and Morality: A Reply to Robbins. *Ethnos*. 2009. Vol. 74, no. 2, p. 286–288.

ZIGON, Jarrett, 2009b, Within a Range of Possibilities: Morality and Ethics in Social Life. *Ethnos*. 2009. Vol. 74, no. 2, p. 251–276.